SURF NO URUGUAI

TECO PADARATZ

TRIP

SURF NA NEVE

SURF NA PEDRA

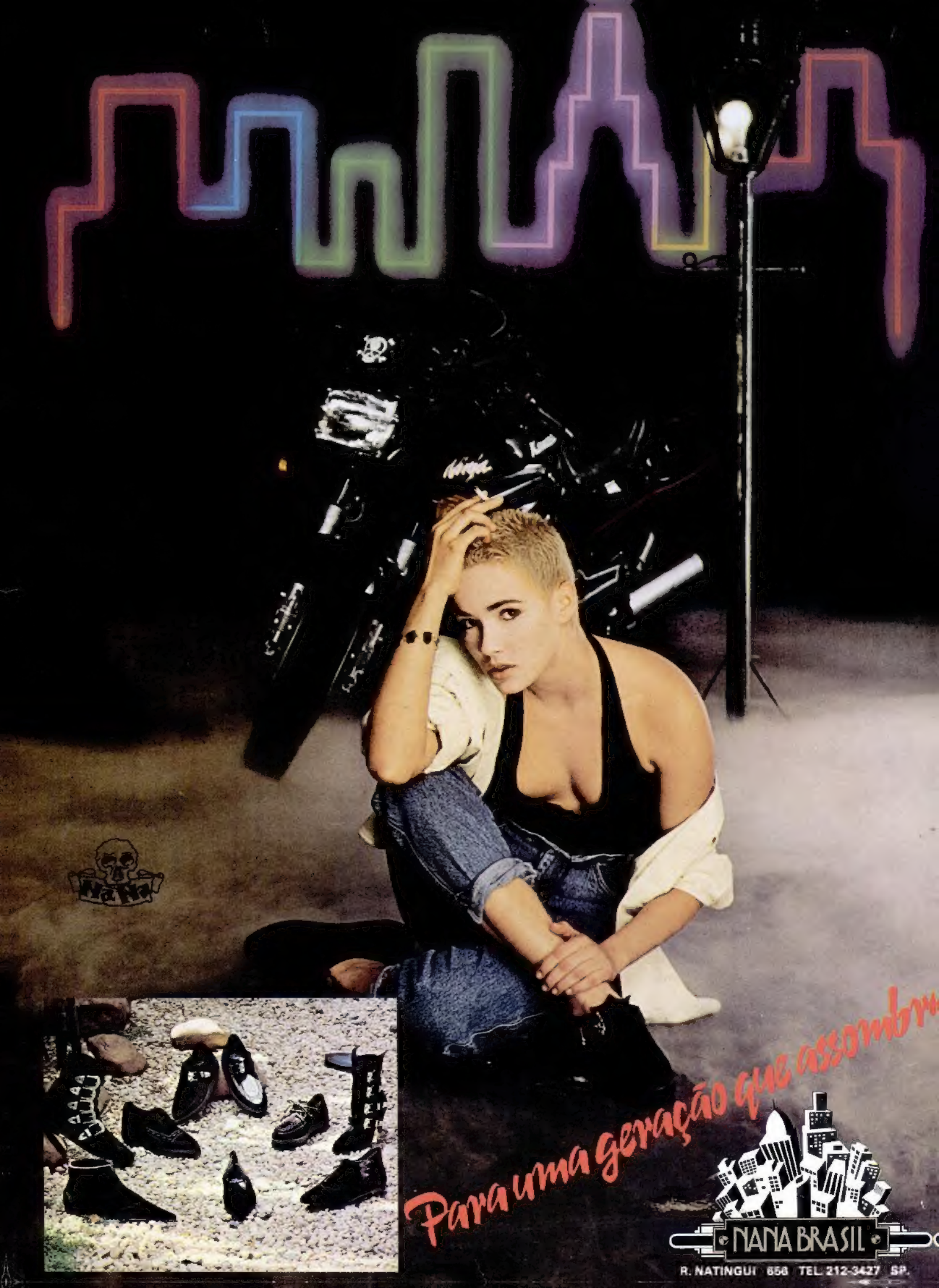
EQUILÍBRIO

MODA

CUBATÃO

HERMETO PASCOAL

This One
8Z4W-CX8-YXU2
Materiał chroniony prawem autorskim


Na Na
Para uma geração que assombra
NANA BRASIL
R. NATINGUI 658 TEL. 212-3427 SP.

Um Ano

átila sbruzzi/fiki

ÁTILA SBRUZZI

DAVID HUZADEL

E

FERNANDO DE SOUZA

entrevistam

TECO PADARATZ

Materiał chroniony prawem autorskim

Na Califórnia, onde já garantiu dois campeonatos, ele é conhecido como Flávio. No Brasil, ele é o Teco de Camboriú. Mas, o que importa mesmo é a determinação desse surfista pra se tornar o melhor do mundo. Mais um sonhador? Basta conhecê-lo melhor, ver o seu surf, pra concordar que não.

TRIP Por que na Califórnia?
TECO Senti chegar a hora de sair à luta por certos lances que não estavam mais acontecendo no Brasil. Decidi então, com apoio dos meus pais, viver na Califórnia por um certo tempo. O suficiente pra aprender inglês e me comunicar com a galera em campeonatos no exterior, e assim absorver com mais facilidade a evolução do surf mundial dentro e fora d'água. Também pra começar a me virar sozinho fora de casa, cuidar das minhas próprias coisas e me relacionar com maior independência.

TRIP Nestes dois primeiros meses, o que mudou na tua vida?
TECO No Brasil eu era um cara muito preguiçoso, acomodado. Casa da mamãe... e tal. Aqui é totalmente diferente. Tenho dezesseis anos, moro em Ocean Beach a duas quadras da praia, num apartamento alugado e dividido com outros cinco brasileiros (por enquanto). Tem o lado do surf que é chocante. Sempre saem "barcas" pro México ou para points famosos como Trestles, Oceanside, Cardiff by the Sea e uma porrada de outros, também alucinantes. Ou então, sempre tem uma ondinha aqui na frente de casa mesmo, como em Camboriú. Agora, tem aquela hora do rango que a mãe não tá, e tenho que me virar sozinho. Não é fácil, porque eu como, e não é pouco. Mas tudo bem, acredito que são nestas coisas simples que se aprende muito. Acho que assim tô desenvolvendo a minha personalidade aqui.

TRIP E como foi na chegada?
TECO Foi o que esperava. No começo, muito fácil. O Avelino tava aqui me esperando no aeroporto e arrumou tudo pra mim.

TRIP Você teve dificuldades pra sair do Brasil?
TECO Não teve uma única pessoa que dissesse que eu não deveria vir. Todos me deram apoio, principalmente meus pais.

TRIP Quando você chegou e quanto tempo pretende ficar na Califa?
TECO Cheguei em abril e quero ficar até encontrar o que vim buscar aqui, que é atingir o estágio que pretendo no surf.

TRIP Como o surf entrou na tua vida?
TECO Como uma brincadeira.

TRIP E quando deixou de ser brincadeira?
TECO Eu já tinha vontade de competir, mas tinha medo. Me sentia pequeno, inseguro. Aí chegou o Avelino com um lance diferente: foi na minha casa, e como quem pede a mão da filha de alguém em casamento, convenceu meus pais que eu deveria encarar o surf com mais seriedade. Não sei ao certo o que ele viu, mas sei que deu certo...está dando certo. No começo ele me pegava pelo braço e me levava nos campeonatos. Foi a partir daí que escolhi meu caminho e decidi seguir o surf.

TRIP Teus pais, como eles encaram?
TECO Minha mãe sempre me deu força. Hoje, ela funciona como um termômetro. Me dá apoio psicológico. Quando estou me sentindo muito por cima ou fico de baixo astral, ela me equilibra. Me deixa no nível certo. Ela sempre me acompanhou, em casa e na praia. O meu pai, por outro lado,

átila sbruzzi/iki

não chegou a dizer pra eu parar de pegar onda, mas abriu meus olhos mostrando que o surf, naquela época, estava fora dos padrões da sociedade brasileira. O surf mudou, e a visão dele também. E vou dizer porquê. Em Camboriú, cidade em que morei até pouco antes de vir pra Califa e onde meu pai mora até hoje, deixei de ser o Flávio, filho do Percy Padaratz, e ele passou a ser o pai do Teco, entende...

TRIP E a escola?
TECO Pode até parecer conto de fadas, mas lá em casa fui "aconselhado" a não largar os estudos. Se parasse, não ia pra rua não. Só que fui educado pra saber o que é melhor pra mim. E depois, o clima em casa nunca fica legal quando se pára de estudar. Acho que o melhor a fazer é dividir os dois. E dá pra dividir na boa. No meu caso, de uns tempos pra cá ficou toda. Começaram a rolar viagens seguidas, e este ano tive que trancar minha matrícula na escola pra poder estar aqui. Por outro lado, nunca é tarde pra estudar, enquanto que o surf...

TRIP Você viaja, vai aos campeonatos e aí volta pra casa. O que muda no teu relacionamento com as pessoas?
TECO É aquela história... tem horas que sou o Teco, em outras tenho que ser o Flávio Padaratz.

TRIP Explique melhor.
TECO Quando chego em casa e vou abraçar minha mãe e meus irmãos, sou o Teco. O Teco da galera (de Camboriú), o de sempre, que nunca quero esquecer de ser. A partir do momento que vou pra um campeonato é diferente. Não dá pra se sentir à vontade. Só pela pressão de neguinho que fica olhando. Aí entra o relacionamento, ter uma vibração legal com as pessoas pra segurar a onda numa boa.

TRIP Onde você encontra este relacionamento?
TECO Dentro da equipe Tropical Brasil e dos amigos que tenho. As revistas, o público, sinto que tudo gira em torno de um lance a meu favor. Valorizo muito isso e tento retribuir dentro d'água,

surfando, todos os que acreditam em mim e me fizeram ser a pessoa que sou hoje.

TRIP Como você encara a rivalidade no surf?

TECO É um lance que rola com todo competidor, principalmente com os que estão nas cabeças. Tem que se sujeitar a isso. Eu particularmente encaro com naturalidade. Entro numa bateria pra pegar onda e quando tô nela só penso numa coisa: pegar mais que o outro.

TRIP Na tua opinião, quem é o melhor amador do Brasil atualmente?

TECO Considero Zé Paulo o amador mais completo.

TRIP Qual é a tua posição? Você se considera melhor ou pior que o Zé Paulo?

TECO É, prefiro deixar isso a gosto de cada um. É uma questão de estilo e de colocações. Sou um surfista constante nos campeonatos, chego sempre ao top. O Zé Paulo é um cara que vem conseguindo isso também. Só ganhei um brasileiro até hoje, mas prometo que chegarei lá mais vezes.

TRIP Qual é o gosto do segundo lugar?

TECO É o mais amargo de todos. Não perco muito. Só troféu de primeiro e a passagem para um lugar melhor. O que eu ganho é raiva. Raiva pra no próximo campeonato estar com aquilo engasgado na garganta.

> "O meu pai não chegou a dizer pra eu parar de pegar onda, mas abriu meus olhos mostrando que o surf, naquela época, estava fora dos padrões da sociedade brasileira. O surf mudou e a visão dele também."

TRIP E a tua relação com as mulheres? Namoradas, sexo... como você encara, sendo tão conhecido e tendo apenas dezesseis anos?

TECO He... como todo homem que se preza, acho mulher alucinante. Mas é o seguinte: tenho uma namorada e gosto dela pra caramba (e espero que ela goste de mim também). É um lance aberto, onde não rola essa de um dia ficar com outra garota só pra sacanear. Ficaria com outra só pra satisfazer uma necessidade que todo jovem na minha idade tem. (Risos)... é sério... hi, sujão... 100 dólares pela fita.

TRIP Como as mulheres te olham, sendo você um ídolo esportivo? De que maneira você encara ir pra um campeonato onde muitas pessoas, tanto masculinas como femininas, te olham. Umas com bons olhos, outras com os dois cotovelos?

TECO A inveja rola sempre. Tá ali, no ar. Tudo bem, faz parte. Quanto às garotas, primeiro a minha namorada. Ela me olha como Teco. Faz parte do que gira à minha volta. Depois tem outras que me sentem como Teco também. Agora, tem muita garota que me vê diferente. E elas dão em cima pra caramba.

TRIP Teve alguma que já escancarou?

TECO Teve.

TRIP E o que você fez?

TECO Fui, né. Aconteceu... aprendi muito. E acho que ela também aprendeu.

TRIP O profissionalismo, pra quando é ?

TECO Não tem data certa, mas garanto que antes do mundial em Porto Rico não é.

TRIP Depois de correr o Mundial de Amadores e se tornar profissional, até onde você quer chegar?

TECO Eu penso em um dia ser o melhor surfista do mundo. Se conseguir chegar lá, o que vem depois disso, decido na hora.

TRIP O que tá faltando pra você se tornar um campeão mundial?

TECO Experiência. Estarei pronto pra ser um campeão no dia em que superar qualquer coisa

átila sbruzzi/fiki

Teco Padaratz utiliza as mais diversas técnicas para aprimorar seu estilo. Seja fazendo ondas no lençol ou surfistas imaginários com caixas de fósforo, seja treinando a base no skate. O resultado é imediato: precisão.

marcelo laxe

marcelo laxe

Inspirando-se no surf de Tom Carrol, Teco tem conseguido manobras de efeito nas condições mais diversas. Aqui, fotografado em seqüência num tubo em Imperial Beach, Califórnia.

que me abale dentro e fora do surf.

TRIP o que te abala?

TECO Mulher, por exemplo.

TRIP Se você ficar três meses sem mulher, não vai ter nada que te abale?

TECO Continua tendo. O crowd, o ti-ti-ti da galera.

TRIP Mas, aqui na Califórnia, onde você ainda não é tão conhecido, não tem o ti-ti-ti. O que te abalou nos campeonatos dos quais já participou?

TECO O nível do surfista é mais alto. Se neguinho tá conscientizado duma coisa, ele vai e faz. E quero aprender a ser assim.

TRIP Peru, Inglaterra e agora os Estados Unidos já estão incluídos no teu currículo. Como é o surf brasileiro visto de fora? Na tua opinião, o que está errado e o que você mudaria?

TECO Hoje em dia, tem uma minoria de surfista que está se dando bem em campeonatos e vai surfar em outros países. Não fazem um mau papel. Se portam dentro de uma linha de quem vai se dar bem. Esse número tá subindo. Mas a maioria ainda tá naquela de ser ratão e querer se dar bem em cima dos outros. Provar pra todo mundo que é o bom. Esse lance prejudica a imagem de caras como eu, que levam a sério e se dedicam com responsabilidade ao surf.

TRIP Então você não mexeria no surf e sim nos surfistas?

TECO É. E em tudo que possa elevar o nome do esporte que eu amo. Que é fazer aquela porra ali, entrar na água e pegar uma onda. É do meu interesse. Crescendo o surf, cresço eu também.

TRIP Por que os brasileiros não se deram bem em competições internacionais ainda?

TECO Acho que pelo fato dos brasileiros não participarem de competições com os gringos desde cedo. Não estão acostumados. Quando entram num campeonato já estão submetidos a uma condição inferior.

"A maioria dos surfistas ainda está naquela de ser ratão e querer se dar bem em cima dos outros."

TRIP Qual é a solução?

TECO É o que vou tentar descobrir. Quero provar pra mim mesmo que participando do dia-a-dia com moleques que estão pegando bem hoje, nos mesmos campeonatos, quando eu for disputar o mundial com eles, vou ter mais moral no pico.

TRIP Quantos campeonatos você já ganhou?

TECO Em Camboriú ganhei quase todos que participei. Uma porrada deles em Santa Catarina, o brasileiro de Ubatuba (Sundek) e, até agora, dois na Califórnia.

TRIP Você deve ter muitos troféus então...

TECO A parede do meu quarto é cheia.

TRIP Qual é a fórmula pra vencer um campeonato?

TECO Essa tá difícil... mas desde a primeira bateria você deve deixar claro pro público, pros juízes e pra você mesmo que tá ali pra ganhar. Se acha que pode, tem que estar convicto. Humildade é bom, mas ser audacioso ajuda. Outro lance é se dedicar ao campeonato e fazer tudo em função dele, não se deixar levar por outras coisas.

TRIP Qual é a tua manobra preferida?

TECO A que eu mais gosto de fazer é também a mais expressiva. O Slash-back de front-side, que é aquela rasgada no lip que pode ser finalizada de duas maneiras: projetando a prancha pra frente da onda, ou então, com uma puxada pra dentro voltando pertinho da espuma e empurrando a rabeta pra ganhar outra sessão.

TRIP Defina o teu estilo.

TECO Meu surf, de repente, se parece mais com o do Carrol. A linha de surfar a onda, a maneira de

marcelo laxe

O irmão mais novo de Teco chama-se Neco. E acreditem ou não, ele surfa muito. Avelino Bastos (à direita) deve ser meio técnico, meio engenheiro genético.

arquivo pessoal

Uma das primeiras fotos de Teco no surf, já competindo em Camboriú.

atila sbruzzi/tiki

Fixando o próximo ponto, Teco prepara a explosão.

atila sbruzzi/tiki

Exibindo o troféu de campeão de uma das etapas do campeonato amador da CSA e vestindo a camiseta da sorte. Camiseta velha, mas que não perde o efeito.

Com forte treinamento diário, Teco tem mais domínio sobre cada milímetro da prancha e da onda. E o que é principal: conhece o frágil limite que separa uma manobra precisa de uma derrapagem e de um tombo. Acima Teco checando a recém descoberta Ilha de Todos os Santos. Abaixo, Scripps Pier visto de dentro.

átila sbruzzi/tiki

átila sbruzzi/tiki

usar as pernas. Não sei se tenho o direito de comparar, mas quero misturar tudo. Chegar ao ponto de usar a força do Tom Carrol, o repertório de manobras do Curren e a fluidez do Barton Lynch. Traçar uma linha onde cada manobra seja seqüência automática da outra. Não vai ser nada fácil, mas só vou conseguir se tentar, certo?

TRIP No teu círculo de amizades a maioria das pessoas tem mais idade que você. Como é ser sempre o mais novo?

TECO Pra mim é normal, porque desde que comecei a ter amizades sempre fui muito ligado ao Charles, meu irmão mais velho. Temos quase que os mesmos amigos.

TRIP E as drogas, como elas aparecem neste meio?

TECO Não uso. Tomo vinho de vez em quando e olhe lá. Já fico doidão. Nem cerveja eu bebo... Não uso drogas porque não gosto. Sei que não é bom pra mim. Tem muita droga que eu poderia até gostar, mas pra chegar onde quero não vai ser bom.

TRIP Que tipo de droga?

TECO Cocaína, maconha e o diabo.

TRIP Como é recusar numa roda de amigos, quando chega a tua vez?

TECO Quando alguém me oferece alguma coisa, dá uma volta tão grande na minha cabeça, que sempre acaba no lance de um dia eu querer ser campeão do mundo. Podia até ser assim, mas eu não quero. Se eu for um dos poucos que chegaram lá sem usar drogas, vou dar muito valor a isso.

TRIP Te dá vontade, te incomoda?

TECO Me dá curiosidade de saber qual é, lógico. Mas não quero nem chegar a esse ponto. Posso acabar gostando, ser fraco e botar tudo a perder. Não vai valer a pena.

TRIP Você acha que a droga prejudica?

TECO Depende da pessoa. Tem gente que não vê muita diferença, mas tem o lado do preparo físico que fica meio esquecido.

"Não uso drogas porque não gosto. Sei que não faz bem pra mim. Tem muita droga que eu poderia até gostar, mas pra chegar onde quero não vai ser bom."

TRIP O Teco é religioso?

TECO Tenho o meu Deus. Ele inclusive faz parte do meu surf. Toda vez, antes de entrar na água, eu rezo e agradeço aos amigos que tenho, as ondas e ao mar, que respeito muito.

TRIP Tem algum amuleto?

TECO Tem aquele lance da camiseta Tropical Brasil, meio lilás, meio rosa, com a logomarca na vertical. Sempre que vou lá no pódium, tô com ela. No começo foi pura coincidência, agora uso pra ter uma brincadeira na história.

TRIP Então você não acredita na sorte?

TECO Um pouquinho até rola. Não vou deixar de usar, não tenho nada a perder.

TRIP Você já tem noção do que vai encontrar em Porto Rico?

TECO É mais ou menos o que estou vendo aqui nas associações da Califórnia. São os caras que correm na NSSA e os australianos, esses talvez um pouco mais radicais. O nível da categoria Open vai ser uma barra, mas na Júnior eu posso até me dar bem.

TRIP O que muda em relação à Inglaterra?

TECO Nos últimos anos, o surf atingiu um grau de expressão muito grande e pouco mudou do ano passado pra cá.

TRIP E o surf do Teco, mudou?

TECO Meu surf evoluiu bastante, pelo simples

átila sbruzzi/tiki

fato de eu ter saído do Brasil e estar participando de competições gringas agora. Aqui, eles competem da mesma forma há um tempão. Pra eles não mudou nada, enquanto eu tô lutando pra alcançar um lance maior.

TRIP Como você está se preparando técnica e fisicamente pro mundial?

TECO Nada de especial. Tecnicamente eu tento acompanhar a evolução de manobras em filmes e revistas, ou ao vivo quando tenho a oportunidade de ver um cara bom pegando. Outro lance que estou tentando desenvolver é criar uma linha que me dê o máximo de aproveitamento na onda, pra conseguir ganhar as maiores notas. Fisicamente tô seguindo meu programa diário de alongamentos. De preparo físico brutal não faço nada não, só aproveito meus recreios para treinar o surf fora d'água. Se estou andando de skate, faço de uma forma que vá forçar bastante. O mesmo com a bicicleta. É bom pras pernas. Fora isso, venho tentando fazer um controle de alimentação, que aqui é um lance muito mais equilibrado e nutritivo.

TRIP Mudou alguma coisa na água?

TECO Tenho me sentido mais forte, fico mais tempo pegando onda com maior disposição. No geral, os treinos de surf aqui têm sido mais compensadores.

TRIP Recentemente, você teve a oportunidade de assistir a duas etapas do Circuito Mundial de Surf. O Stubbies e o OP-pro, realizados na Califórnia. Dos novos valores, quem te chamou mais a atenção?

TECO Principalmente John Shimooka e Sunny

otila sbruzzi/tiki

O encontro das ondas com um pier dá quase sempre a chance de um surf imprevisível. Na Califórnia, La Jolla Shores, Scripps Pier, Teco Padaratz exercita seus conhecimentos na água e, agora, estende suas manobras também nos estudos: ele ganhou cadeira cativa numa high school, ao mesmo tempo em que fixa residência na casa de um surfista americano. Isso quer dizer que Teco terá poucas despesas enquanto permanecer nos Estados Unidos. E que tudo, daqui em diante, será imprevisível como na água.

"Quero provar pra mim mesmo que participando do dia-a-dia com moleques que estão pegando bem hoje, nos mesmos campeonatos, quando eu for disputar o mundial com eles vou ter mais moral no pico."

Garcia. Os dois havaianos quebraram as ondas.

TRIP O Shimooka correu na Inglaterra e o Sunny é da mesma safra de novos valores no surf profissional. O que mudou neles?

TECO A consciência durante os vinte minutos de bateria e a escolha das ondas. Parecem mais calmos e demonstram saber o que estão fazendo ali. Agora eles são pro.

TRIP Algo de novo nas manobras?

TECO Jeff Both, Nick Wood e o campeão Mark Sainsbury também estão aí, e todos participaram do Mundial da Inglaterra. Notei que a linha deles surfarem mudou um pouco. Estão usando mais os extremos da onda. Executando manobras bem definidas e com maior segurança. A expressão de moleque é a mesma, só que sai muito mais água na hora da manobra.

TRIP Você espera participar destes campeonatos já no ano que vem?

TECO Espero que sim, mas depende de Porto Rico.

TRIP Como assim?

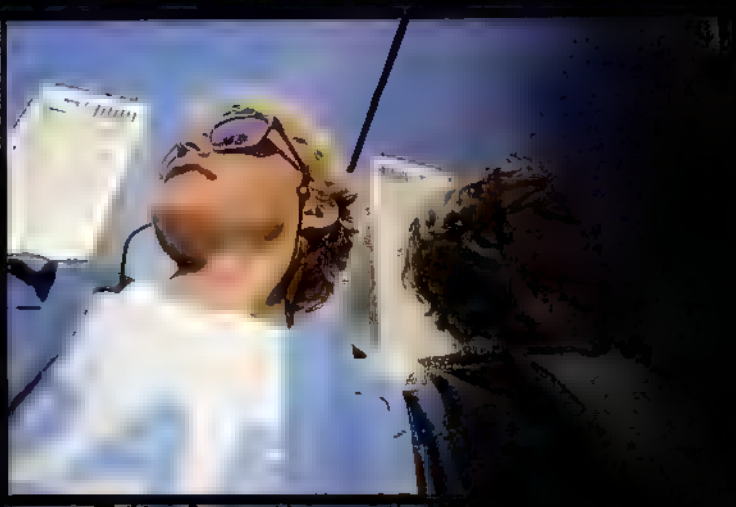
TECO Depende das colocações que alcançar nas duas categorias, de um bom patrô e da repercussão do meu surf. Se me der bem, vontade é que não falta.

TRIP Que colocação você está esperando?

TECO Ficar entre os primeiros nas duas categorias.

TRIP Sétimo tá bom?

TECO Isola... (toc-toc-toc).



ghilo sbruzzi/kki

Bicampeão catarinense na categoria mirim (84/85). Campeão Júnior por antecipação (86). Vice no Op Pro (85) (foto) e Campeão do Sundek (86), sempre como amador. Flávio Padaratz, 16 anos, cinco de surf, goofy do balneário de Camboriú, Santa Catarina. Surfistas prediletos: David Huzadel e Tom Carrol. Objetivo: a profissionalização e a conquista de um lugar entre os 16 primeiros do ranking mundial. Anote aí: Teco Padaratz.

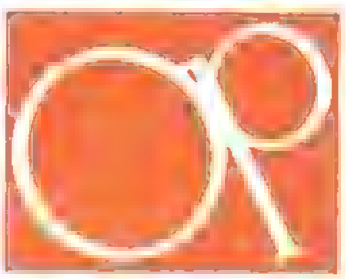
Apoio Cultural

CLARK FOAM®
SUPERLIGHT

andré reichmann/rash

T-SHIRTS Oceanpacific

David Huzadel. Foto: Bruno C. Alves.



OCEAN PACIFIC T-SHIRTS • CASUAL AFTER SURF

CAPA: Roberto Price capturou a verdadeira base do surf

NA PAGINA 3, em cima, Shoiti Hori documenta os novos talentos do surf. Embaixo, foto de Geraldo Celentano.

EDITOR Paulo Ana Lima
DIRETOR ADMINISTRATIVO Carlos G. Sarli
CONSULTORIA DE MARKETING Wanderley Pedreschi
EDITOR DE ARTE Rafic Jorge Farah
EDITOR CONTRIBUINTE Eduardo Bergerth
DIRETOR DE REDAÇÃO Otávio Rodrigues
PROJETO GRAFICO Rafic, o embalsamador

ARTE
DIREÇÃO: Raynaldo Zep
ASSISTENTE: W. Pirozzini
TRÁFEGO: Rosana Vianna
ESTAGIARIO: Paulo Keiko
RELAÇÕES PUBLICAS: Fernando Vieira de Carvalho

REDAÇÃO
PRODUÇÃO: Juliana Cristina de Souza
REPORTAGENS ESPECIAIS: Arthur Verbisino
MARKETING EDITORIAL: Fernando José da Costa Netto
FOTOGRAFIA: Ernesto Baldon
FOTO STAFF: André Bechmann, Atila Stinzzi, Dennis Magalhães, Mickey Hoffmann, Paulo Filgueiras, Shoiti Hori

COLABORADORES
FOTO-ESPORTES: Alexandre Fonseca, Angelo Palombo, Araquém Alcântara, Carlos Eduardo de Campos Luiz, Claudia Maranhão, Daniel Bourgui, Edson Neves, Fouza Mehlen, Gilberto Fernandes, Klaus Mitteldorf, Jair Borelli, Lary Cruz Pavo, Marcelo Buch, Marcelo Lima, Marcos Prado, Mário Castelo (Nagu), Mateury, Paulo Galvão, Petrônio Vieira, Ricardo Barbera, Roberto Price, Sidney dos Santos José, Tico Ohara. ESTUDIO: Alvaro Elias, Armando Prado, Bob Wolfenson, Charlie San Juan, Elisabetsky, Fernando Franchini, J. R. Duran, Paulo Vainer, Vitor Amotti
TEXTO-ESPORTES: Eduardo Farro, Fábio Baiato, Giovanni Marcuzo, Dr. José Ângelo Gaiarsa, José Fucs, Luiz "Feio" Soto, Luiz Roberto "Formiga" de Moraes, Marco Bueno, Rosaldo Cavalcanti, Sidão Tenaca, Simone Gontier
MUSICA: Alvinio Lazarda, André Christovam, Fernando Naporano, Kid Vinil, Lo Gomes, Pepe Escobar
CONSULTORIA DE MODA: Hermano Vianna, Ernesto Baldon

CORRESPONDENTES
USA: Havaí – Bill Barnfield; California – Anibal Nato e Adrian Kaye; Detroit – Jorbas Bezerra; ITALIA: Milão – Pepe Escobar; FRANÇA: Jean Michel Potier e Frédéric Pavarel; PORTO RICO: Norman Grossbreutz; EUROPA: Paulo Pragida

DEPARTAMENTO FINANCEIRO
GERÊNCIA: Shoiti Hori
ASSISTENTE: Adriana Lúcia de Souza

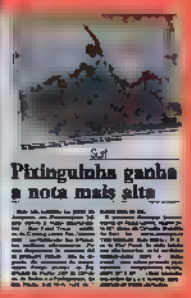
DEPARTAMENTO COMERCIAL
DIREÇÃO: Marco Aurélio dos Reis / Rua Carro Corá, 1.646, CEP: 05061 São Paulo (SP), fone: (011) 260-2964

REPRESENTANTES
SAO PAULO: Paulo Maciel, Selma Pino, fone: (011) 260-2964
RIO DE JANEIRO: Gerência – Paulo D'Orsi / André Ruffier, Edson Vieira Jr., Paulo Filgueiras, fone: (021) 226-7648
SANTA CATARINA: Valeria Arruda (0482) 23-2116
RIO GRANDE DO SUL: Dennis Magalhães (0512) 31-6619
NORDESTE: Claude Moette, Bip: (085) 224-6666 833
ASSESSORIA JURIDICA: Matheus Martins da Costa, Silvio G. Shützer, J.C. Gorabos, Hélio Dias de Moura
MARKETING DIRETO: Golf P & P – Adhemar Freitas Filho (SP – 011 – 260-2964)
ASSESSORIA DE IMPRENSA: Art Press (SP – 011 – 853-0418)
IMAGEM: São Paulo Criação

SERVIÇOS GRÁFICOS
FOTOLITOS: Linoart, Colortek, Morprint
COMPOSIÇÃO: Lidio Ferreira
IMPRESSAO E ACABAMENTO: Divisão Gráfica da Editora Abril S.A.
DISTRIBUIÇÃO: Fernando Chinaglia S.A. – Rua Teodoro da Silva, 907, Rio de Janeiro (RJ).
EXTERIOR: Distribuidora Jardim de Publicações Ltda. – Quinta Pau Varais Azinhaga dos Felais – Carnaxide – Lisboa

Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião da revista. TRIP não publica matérias redacionais pagas e é uma publicação bimestral da TRIP Editora e Propaganda Ltda. Administração, redação e publicidade à alameda Ribeirão Preto, 548, São Paulo (SP), CEP 01331. Fones (011) 283-3804 e 288-6912. Escritório no Rio de Janeiro: rua Dona Mariana, 225, fone: (021) 226-7648.

EDITORIAL



Surf
Pixinguinha ganha a nota mais alta

Enquanto Alfredo da Rocha Viana Jr., o saudoso Pixinguinha, remexia-se no caixão, o surfista Tinguinha esperneava de desgosto: um dos maiores jornais do País conseguiu tratar o surf como um grande equívoco, graças à "colaboração" de um jornalista mal informado. Não chega a incomodar, um foco isolado de ignorância esportiva.

O surf, como acontece com outros esportes de ação, está merecendo respeito de pelo menos 90% da grande imprensa. Nada à toa, depois de tantos anos de luta. Em outros países, os esportes de ação já foram bem mais longe...

Esporte, sexo, música, moda, jornalismo, artes plásticas, culinária, ecologia e todos os demais etecéteras não devem ser analisados como compartimentos distintos, mas sim como parte de um conjunto de atividades que fazem a vida interessante. E o exército de Brancaleone da *TRIP*, que há pouco mais de um ano resolveu empunhar essa bandeira, agora tem motivos de sobra pra festejar.

Primeiro porque vem conseguindo, às custas de muito esforço, manter a qualidade técnica e a linha editorial a que se propõe. E isso durante um período que alguns dos nomes mais importantes da comunicação apontam como o pior na história da publicidade no Brasil.

Segundo, porque a mesma bandeira começa a ser hasteada em várias partes do mundo. Basta olhar para algumas das principais publicações de esportes, moda, música, estilo e comportamento... As páginas já se confundem entre si, espelhando o universo ilimitado de um público imenso e cada vez mais interessado em propostas variadas e inteligentes.

O que dá ânimo pra continuar, o que reforça a sinergia de nossa equipe, é que o mundo inteiro está descobrindo o que nos parecia claro há bem mais de um ano...

A vida é uma grande *TRIP*.

PAULO LIMA

TECO PADARATZ
Um garoto projetado para ser campeão — 4

SURF TRIP
Peru. Uma viagem pela América do Surf — 18

URUGUAI
Exclusivo:
O Brasil invade a área — 22

SURF NA PEDRA
Tudo que sobe, desce. Mas nem tudo sobrevive — 34

SURF NA NEVE
Dropando abaixo de zero — 40

HERMETO
Dois loucos sentem e se entendem. Clodovil e Hermeto — 46

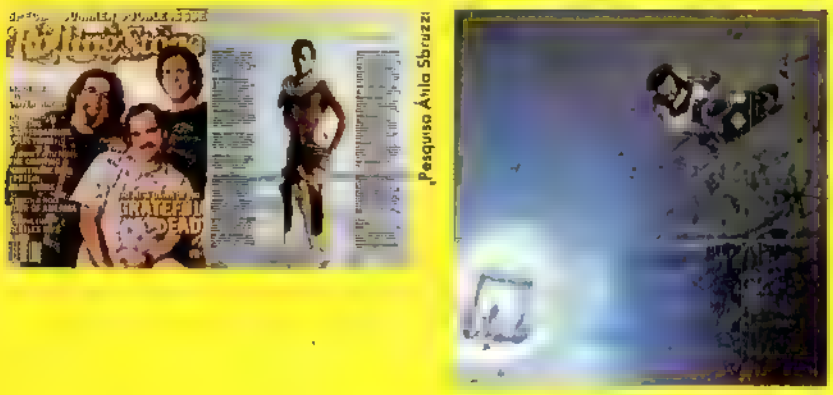
CUBATÃO
Como entubar no esgoto — 57

MODA!
O mar da de dez — 74

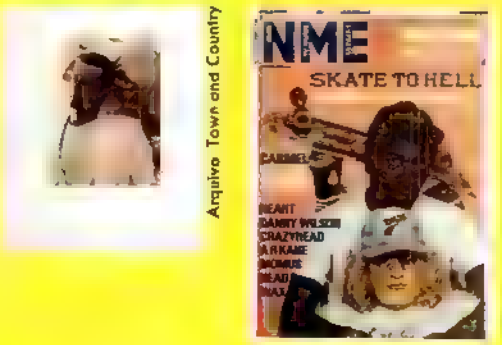
EQUILÍBRIO
Novas técnicas de aproveitamento das ondas — 84

SALADA
Tudo que é notícia — 94

Um dos manuais internacionais de estilo (assim se auto denominam) chama-se *The Face*. Editada em Londres, traz em sua edição de setembro o campeão mundial de box peso-pena Hector Camacho, e publica uma extensa matéria sobre o estilo de vida do surf através dos tempos com o sugestivo nome de *"Back to the beach"*.


Pesquisa Ávila Sbruzzi

A tradicionalíssima revista norte-americana de música *Rolling Stone*, em sua edição de 30 de julho, mostra uma matéria de quatro páginas sobre o skate como gerador de comportamento, e como se não bastasse publica uma foto com destaque focalizando o skater pro Steve Alba exibindo orgulhoso um adesivo da *TRIP* no shape de seu skate.



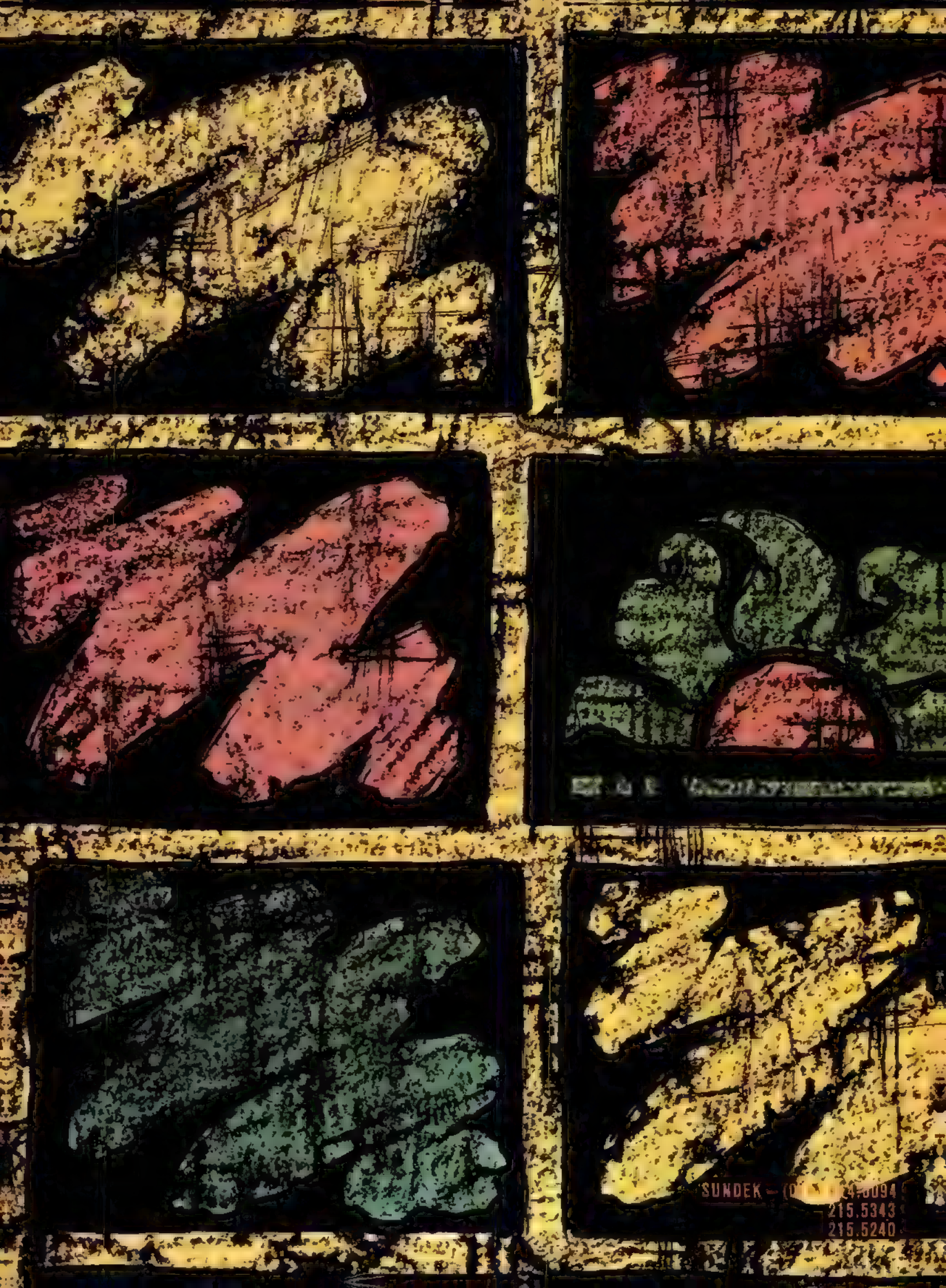
Arquivo Town and Country

A *GQ*, uma das revistas mais respeitadas no mundo da moda, veiculou este ano uma extensa campanha da marca Calvin Klein, cujo modelo era o top surfer Shaun Tomson. Já o jornal londrino *New Musical Express*, um dos mais respeitados veículos de música pop do mundo, traz na capa skate music.

O guia de comportamento moderno norte-americano *Interview*, abriu em sua edição de julho matéria de quatro páginas intitulada *"Boys of the North Shore"* utilizando alguns dos principais surfistas do mundo como modelos, além de anúncios e fotos editoriais com surf e skate.

arquivo Print Rip

Um dos veículos mais copiados pelos confeccionistas do mundo inteiro, a revista *Sportswear International*, tem cada vez mais páginas publicitárias de empresas ligadas aos esportes de ação e traz vários editoriais e fotos utilizando climas de surf, skate e outros esportes.

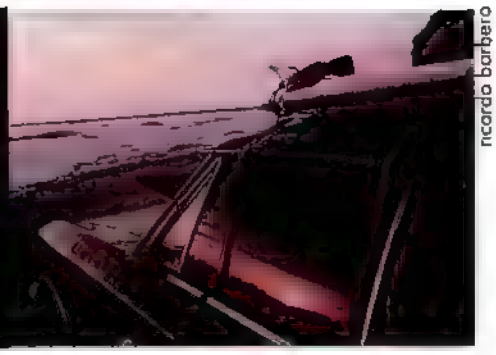

SUNDEK
215.5343
215.5240

SURF TRIP

PERU

motaury

O surfista Cebola, 3.º lugar no Sundek 87, mandando forte nas ondas de Punta Hermosa.



ricardo barbero

Punta Hermosa, praia de Señoritas.

Por Simone Gontier

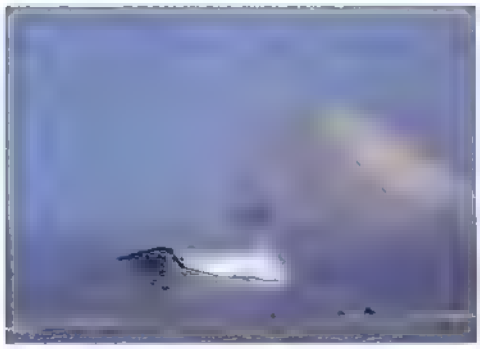
COMO IR: O trem da Rede Ferroviária Federal (RFFSA), que faz a travessia do Pantanal matogrossense, parte diariamente de Bauru (SP) às 16h15, com passagens entre 120 e 697 cruzados para uma viagem de 27 horas até Corumbá (MS). Nessa cidade, é preciso obter o visto de saída no passaporte, que pode ser conseguido na própria ferroviária. A etapa seguinte será atravessar a fronteira até a cidade boliviana mais próxima, Quijarro, percurso de onze quilômetros feito por ônibus urbanos, e depois até Santa Cruz de La Sierra. Haverá ainda duas etapas para se chegar ao território peruano: um ônibus até Cochabamba e daí para frente um outro ônibus ou trem até Lima. De avião, uma passagem São Paulo-Lima-São Paulo, para uso de até 30 dias, custa cerca de 545 dólares. A mesma viagem pode custar 1.076 dólares, caso a estadia seja prolongada por um ano. A Zogbi Turismo, em São Paulo, possui planos especiais para viagens ao Peru.

TRANSPORTE LOCAL: De Lima paras as praias, tudo pode ser feito de ônibus, táxi ou carro alugado. Os preços são acessíveis.

ONDE FICAR: O esquema na vila de Punta Hermosa é a casa de Rufino Bermudez, que há longo tempo hospeda a rapaziada do surf. Em Chicama, o regime é mais espartano, mas dá pra levar: Hotel Sony ou no El Hombre, tipo de hospedaria e buteco. Em Lima, Hotel Torre Blanca.

MELHORES PICOS: Punta Rocas, uma direita longa e forte, com grande área para manobras, palco de inúmeros campeonatos. Señoritas, point de linhas longas, onde para entrar e sair do mar é necessário muito cuidado, pois o fundo é todo de pedras. Caballeros, ao lado de Señoritas, possui longas direitas, que ganham novas forças no inside, proporcionando bons tubos. Pico Alto, lugar famoso, quase lendário, que não pode ser esquecido na agenda de quem vai ao Peru. Chicama, linhas perfeitas e rápidas, considerada pela revista SURFER como uma das dez melhores ondas do mundo, com fundo de pedras e forte correnteza, uma rampa de água quilométrica, ondas de 3 a 8 pés. Cerro Azul, a caminho de Chicama, esquerdas perfeitas e extensas, 3 a 7 pés. Cabo Blanco, próximo à cidade de Trujillo, uma das mais procuradas ondas do Peru. Máncora, com o fundo alterado por chuvas fortes provocadas pela corrente El Niño, este pico agora parece desativado para o surf. Outros points que merecem destaque são Sentinela, Herradura, La Pampilla, Kon Tiki, Santa Rosa, Guaico, Peñascal e Puerto Viejo.

mickey hoffmann



motaury

A dura viagem nos trens que ligam Cuzco a Macchu Picchu.

motaury

EQUIPAMENTOS: No início dos anos 70, era comum ver no Brasil pranchas de fabricação peruana (La Bruja, Tato Rubens), mas hoje são as pranchas brasileiras que estão invadindo o Peru. Praticamente, não existe por lá o que se conhece por surfshop, portanto seu equipamento (quiver) pode servir de rolo para a viagem de volta. Uma dica: em Lima, no bairro de Miraflores, há o Gordo Barreda, um representante da Rip Curl, de roupas de neoprene.

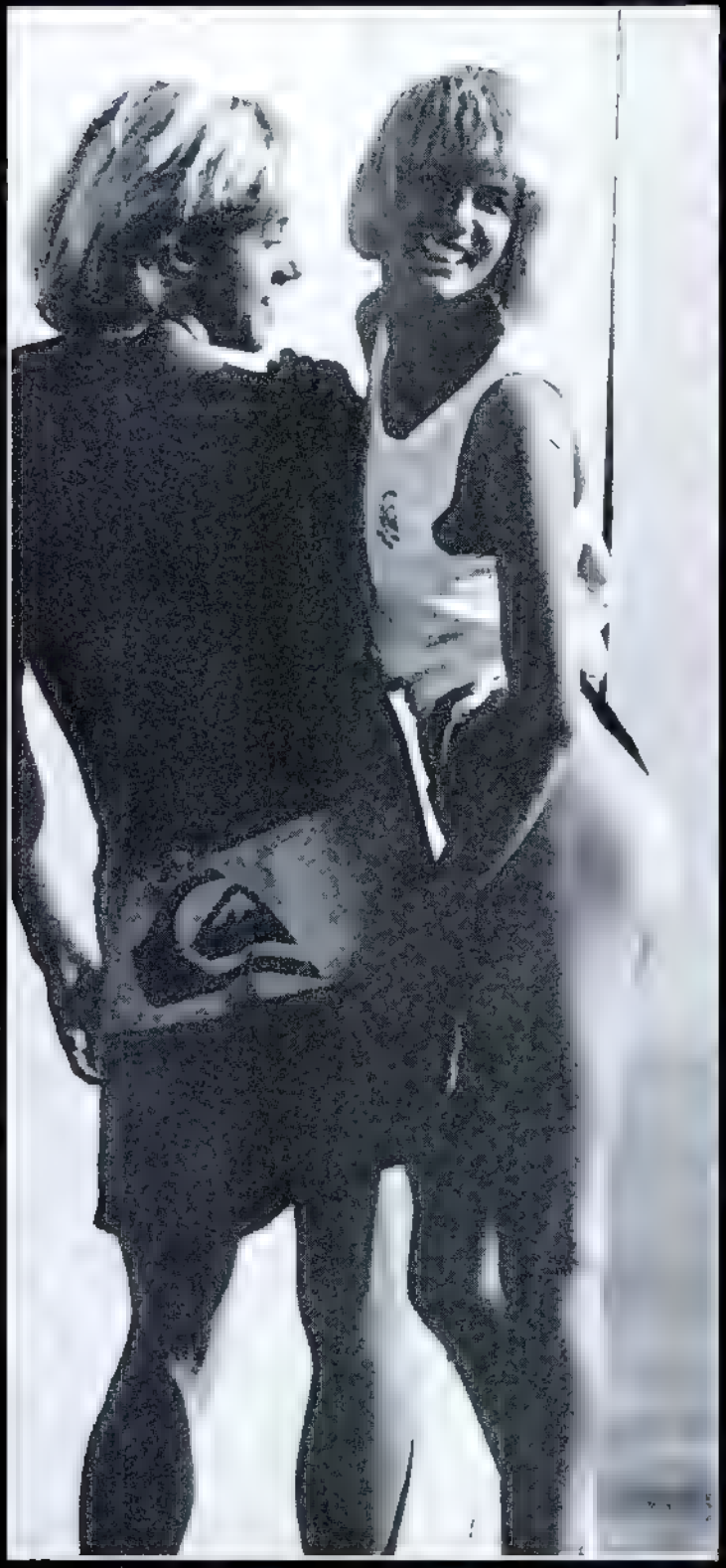
OUTROS TOQUES: * Para alugar um carro no Peru é necessário ter vinte e cinco anos e possuir Carteira de Habilitação Internacional. * Não beber água de torneira em hipótese alguma: somente mineral ou refrigerantes. * De Santa Cruz de La Sierra até Cochabamba, o percurso pode ser feito de caminhão. * Os peruanos praticamente não trabalham com cruzados, é preciso algum cuidado para não ficar sem a moeda corrente do país. * A bagagem, sobretudo, deve ser prática (poucas roupas e prancha) já que o entra-e-sai de trens e ônibus será intenso. * É aconselhável não desviar a atenção de passaportes, mochila, dinheiro, pranchas e material fotográfico: os trombadinhas andinos são sutis, rápidos e rasteiros. * Aproveite a temporada e conheça Macchu Picchu, próximo a Cuzco. Um lugar inacreditável.

MELHOR ÉPOCA: Março, abril e maio são a temporada de ondas grandes no Peru. Os brasileiros, entretanto, costumam ir para lá no verão, quando a agenda por aqui está mais folgada.

Apoio Cultural

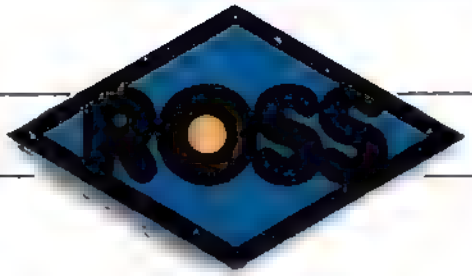
ZOGBI TURISMO E VIAGENS LTDA.

TEL (011) 885.5000



DOUG SILVA, HAWAII '87.

QUIKSILVER
(011) 531.4266



VERÃO

(011) 210.4966

PAULO SIQUEIRA

Cangas Atoll
pra lavar
baianas e
tahitianas
sambarem de
inveja
Rua Harval, 964 - CEP.
Tel.:
92-4538
9.6413 - São Paulo - SP

REVANCHE

Em 1950, o atacante Ghiggia derrubava o sonho dos brasileiros com uma inesperada bola na rede. O Uruguai era campeão do mundo, fazendo surpresa na final. Hoje, 37 anos depois, revelamos o jogo desse país: nada de bola, nada de redes, cabeçadas ou pênaltis, mas apenas uma segura linha de frente, quebrando em toda a costa.

Delírio na geral.

URUGUAIOS, CA

O URUGUAI

Por Otávio Rodrigues

Reportagem Giovanni

Fotos Dennis Maga

6 DO MUNDO!

A GAZETA ESPORTIVA ILUSTRADA

99

16 de julho de 1950. O Brasil em campo, pronto pra atropelar o Uruguai e faturar um primeiro campeonato mundial de futebol. Tudo ótimo pra isso: jogo em casa, um técnico premiado, os jogadores tratados à mineira, concentrados no bem bom em Araxá, a torcida empurrando, o Maracanã novinho. E o Brasa galante, viril, cumprindo todas as cerimônias para perder a virgindade na história do futebol. O empate já servia.

Final do primeiro tempo, zero a zero. Tudo bem, não precisa afogar ninguém com a bola, é só segurar o empate, arrumar o topete e correr pra taça. Imagine aquelas 200 mil pessoas pulando, gritando eufóricas no maior estádio do mundo, aplaudindo você e seus companheiros como campeões. Meu Deus, a taça! No meio daquele mar de braços, com lágrimas e suores escorrendo nela... Tinha que dar, era só segurar. E começa o segundo tempo. Brasil, gol de Friaça, aos dois primeiros minutinhos. O Maracanã experimenta seu primeiro orgasmo. Francamente, mais 43 minutos só é pronto. E lá vem a Celeste.

Lá vem a Celeste e com ela três atletas que são três cavalos: Ghiggia, Julio Perez e Obdulio Varella. Gol do Uruguai. Calma, calma, que é isso?, o empate é nosso e tal. Mas lá vem o Ghiggia e a bola, invadindo a área brasileira, batendo o Bigode, o goleiro Barbosa, as 200 mil pessoas que estavam ali. Bem mais, milhões de brasileiros naquele instante revivendo a perdida sensação de criança vendo balão de gás estourar na mão. É aquele bum, aquele silêncio que não disfarça o susto, a surpresa absoluta. Uruguai dois, Brasil um.

URUGUAI INVADIDO

Que esse jogo está atravessado aqui, está. Tanto que até hoje, Brasil e Uruguai entregam-se a verdadeiros maculelês de canelas quando se enfrentam no gramado. Coisa dolorosa, tanto quanto assistir o replay desse jogo toda vez que o assunto é futebol e Uruguai. E a repetição não pára aí. Uruguai? Ah, cassinos. Sim, sim, Punta del Este, gado, fazendas de Brizola. Não muda, é como ir pra Europa e topar a barra de assumir ser brasileiro, saco, terra de Pelé e Carnaval! Não muda?

Em Porto Alegre, no final do último verão, Dennis Magalhães, Giovanni Mancuzo, Roberto Wolf, Alemão Cao, Carlos Gianotti e Paulo Afonso tocaram as trombetas e lançaram-se à tarefa de "descobrir" as ondas do Uruguai. As referências eram poucas, às vezes nada. Uma informação segura aqui, uma lenda ali, um cara que foi, outro que só passou... Mas pra quem é dependente de surf, a incerteza, a invasão do desconhecido, tudo é quantidade numa viagem.

Na saída de Porto Alegre, o choque de encarar o trevo, as placas indicativas, e seguir aquela que dizia Bagé. Todo gaúcho sabe decór cada curva da estrada que vai até Garopaba, mas nem imagina o que existe ao sul da ponte do Guaíba. Até a fronteira com o Uruguai, são mais ou menos 500 quilômetros. Os primeiros duzentos de puro tédio. O restante é transformação: o sol já não resolve aquele vento frio, as calças vão virando bombachas a cada paragem, o espírito dos pampas incorpora as imagens, os cheiros e os sons.

Entre as cidades de Rio Grande e Santa Vitória do Palmar, uma estrada sem curvas, uma reta honesta de quase 200 quilômetros. Só suportáveis porque a reserva ecológica do Taim margeia o asfalto. Antas, emas, cervos, aves anônimas de todas as cores possíveis. 200 quilômetros de reta, bichos e plantações de arroz, nenhum posto de gasolina, nem um botequinho sequer.

Uns 3 quilômetros antes de chegar no Chuí, extremo sul do Brasil, surge a aduana verde-amarela. O astral manda, não há problemas, é só declarar os equipamentos. Quando não manda, contam que a paciência dos homens torna-se admirável: até desmanchar o carro eles fazem. Mas, a impressão é boa, as lâmpadas são fluorescentes, as camisas dos rapazes estão limpas, e passadas. Além do Chuí um quilômetro, é a vez da aduana uruguaia: um prédio antigo, de paredes tristes, com porcos e galinhas de lá pra cá no lado de fora. Os inspetores cavernosos, barriga e bigode gordos, assustadores mesmo. Pode se prever fácil alguma encrenca.

Sem impedimento, Uruguai invadido. Na pequena área, goleiro no chão e gol aberto.

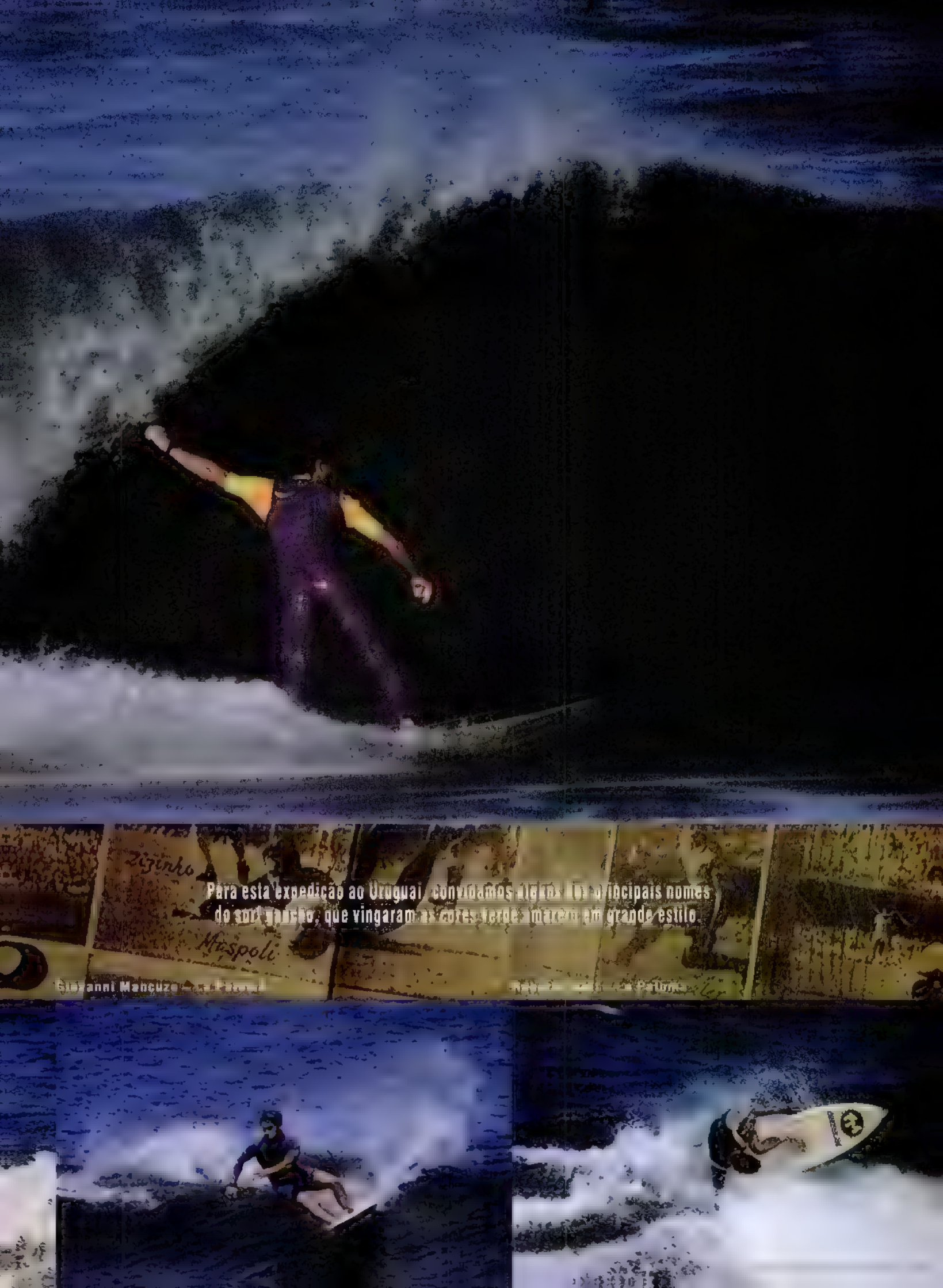
SESSÃO DA TARDE

Crachá de brasileiro no Uruguai é Cédula de Identidade. Pra dirigir, Carteira Nacional de Habilitação. O rumo, a partir do Chuí, é o Parque Santa Tereza, distante 30 quilômetros. A paisagem no percurso é gado, fazendas enormes naquelas planícies de pasto e mais pasto. Na entrada, um forte gigante, com ruelas asfaltadas que vão dar nas praias. Espanhóis, portugueses, brasileiros e argentinos, entre 1624 e 1828, cuidaram de dar utilidade a esse e outros fortes no Uruguai, revezando-se na disputa de toda aquela região.

O objetivo da tropa agora era outro. Não se pretendia a conquista da terra, mas apenas o usufruto de algum bom pedaço do Oceano Atlântico. La Moza: um surf alucinante, uma direita com três sessões bem definidas. A primeira bem em pé, perfeita para batidas verticais, e a segunda bem tubular, onde a onda encontra uma laje de pedra no fundo. A parede vai diminuindo, é a terceira sessão, para se explorar todo tipo de manobra. Um aproveitamento razoável, do início até o fim da onda, garante um curso de até 150 metros.

Um país com quase quatro milhões de habitantes e aquela praia vazia, um ou outro casal de velhos, uma terra de ninguém. Na água, atônito com o repentino desembarque da brigada brasileira, um grupo de surfistas locais. Eles ficam distante do pico, têm medo das pedras. Mas sabem saudar o ímpeto corajoso dos forasteiros com um silêncio de respeito.

O coração do lugar é La Paloma, um balneário que se apaga completamente fora da temporada de férias. Cerca de quinze surfistas ali, todos uruguaíssimos, cabelo e bigode bem pretos, no melhor estilo. A amizade é fácil, o não-reparar é difícil. Jeans surrados, tênis hiroxímicos, camisetas com airbrippie, um acidozinho sempre à mão, *tutti buona gente*. Quem fez escola na *Sessão da Tarde* já conhece todo o enredo. Fica inevitável concluir que se está assistindo ao começo do surf no Uruguai. Ainda mais louco: que se está interferindo, de alguma forma, nesse evolução. Os olhos e ouvidos daqueles surfistas uruguaios, sempre abertos, confirmam essa impressão.



Para esta expedição ao Uruguai, convidamos alguns dos principais nomes do surf gaúcho, que vingaram as cores verde-marela em grande estilo.

Giovanni Mancuzo – Pavaiá

Rafael – Praia da Pitinga

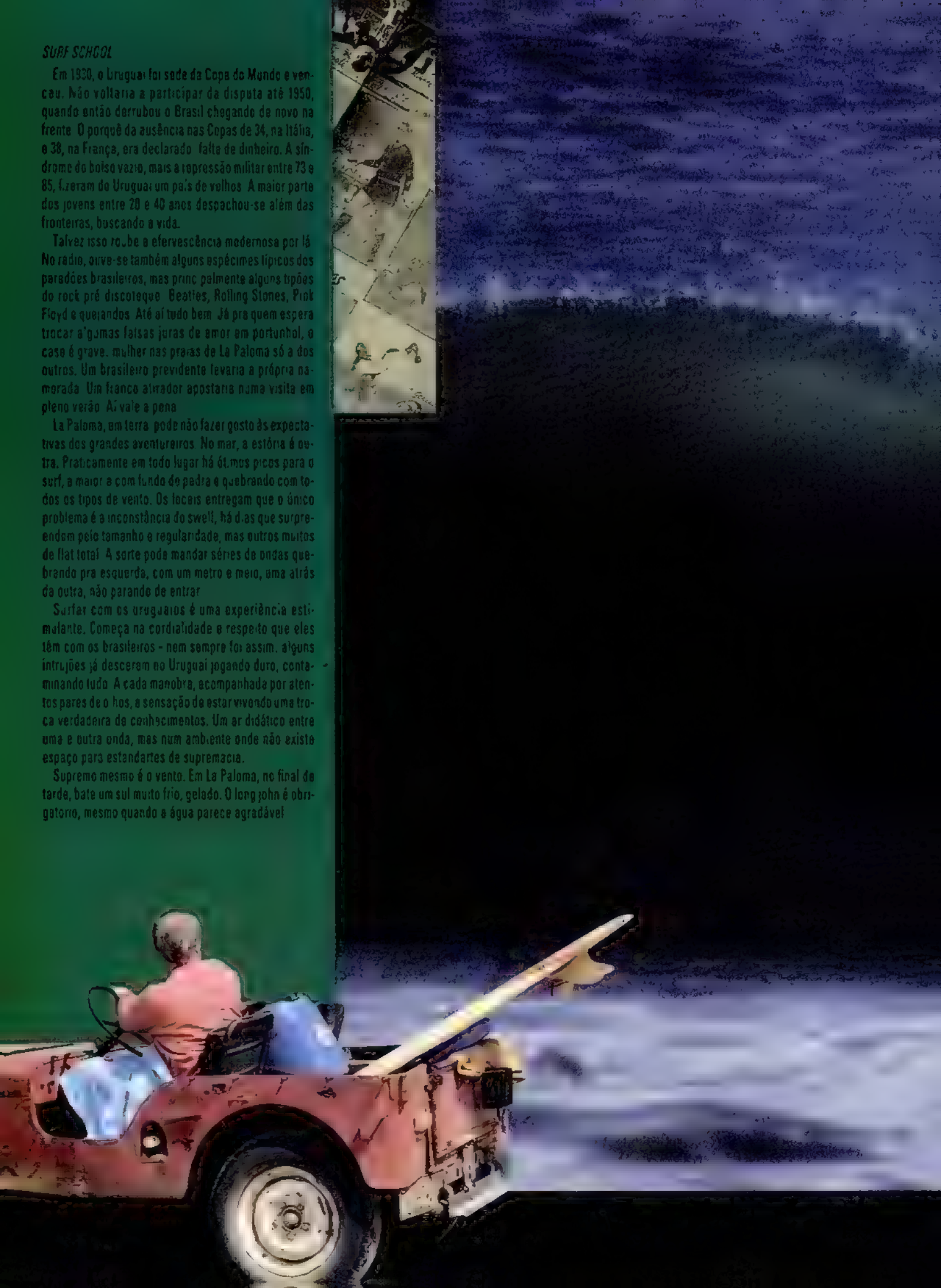
Em 1930, o Uruguai foi sede da Copa do Mundo e venceu. Não voltaria a participar da disputa até 1950, quando então derrubou o Brasil chegando de novo na frente. O porquê da ausência nas Copas de 34, na Itália, e 38, na França, era declarado: falta de dinheiro. A síndrome do bolso vazio, mais a repressão militar entre 73 e 85, fizeram do Uruguai um país de velhos. A maior parte dos jovens entre 20 e 40 anos despachou-se além das fronteiras, buscando a vida.

Talvez isso roube a efervescência modernosa por lá. No rádio, ouve-se também alguns espécimes típicos dos paradões brasileiros, mas principalmente alguns tipões do rock pré discoteque: Beatles, Rolling Stones, Pink Floyd e queriandos. Até aí tudo bem. Já pra quem espera trocar algumas falsas juras de amor em portunhol, o caso é grave: mulher nas praias de La Paloma só a dos outros. Um brasileiro previdente levaria a própria namorada. Um franco atirador apostaria numa visita em pleno verão. Aí vale a pena.

La Paloma, em terra, pode não fazer gosto às expectativas dos grandes aventureiros. No mar, a estória é outra. Praticamente em todo lugar há ótimos picos para o surf, a maior a com fundo de pedra e quebrando com todos os tipos de vento. Os locais entregam que o único problema é a inconstância do swell, há dias que surpreendem pelo tamanho e regularidade, mas outros muitos de flat total. A sorte pode mandar séries de ondas quebrando pra esquerda, com um metro e meio, uma atrás da outra, não parando de entrar.

Surfar com os uruguaios é uma experiência estimulante. Começa na cordialidade e respeito que eles têm com os brasileiros - nem sempre foi assim, alguns intrujões já desceram no Uruguai jogando duro, contaminando tudo. A cada manobra, acompanhada por atentos pares de olhos, a sensação de estar vivendo uma troca verdadeira de conhecimentos. Um ar didático entre uma e outra onda, mas num ambiente onde não existe espaço para estandartes de supremacia.

Supremo mesmo é o vento. Em La Paloma, no final da tarde, bate um sul muito frio, gelado. O long john é obrigatório, mesmo quando a água parece agradável.

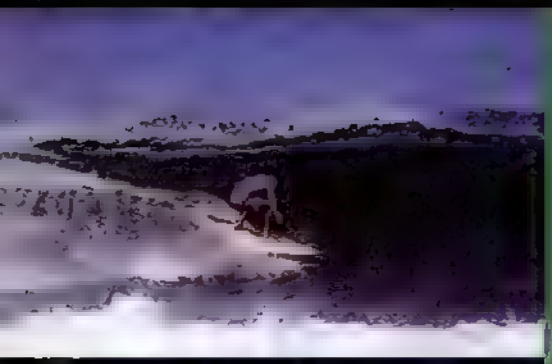


Nesta foto e na maior, Ariosto frito em sedenteria no porto de La Aguada

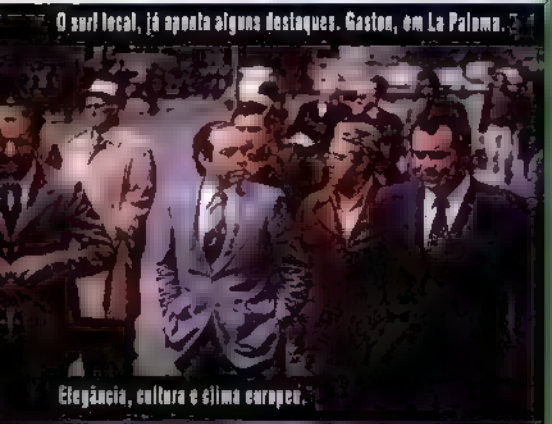
O escrete canarinho encontrou o campo perfeito para a revanche. Ondas de sonho, ocas, verdes e perfeitas, num país fortemente marcado pela influência européia.

Ondas perfeitas como essa estão a muito menos quilômetros e dólares do que se podia imaginar.

Duda em La Aguada.

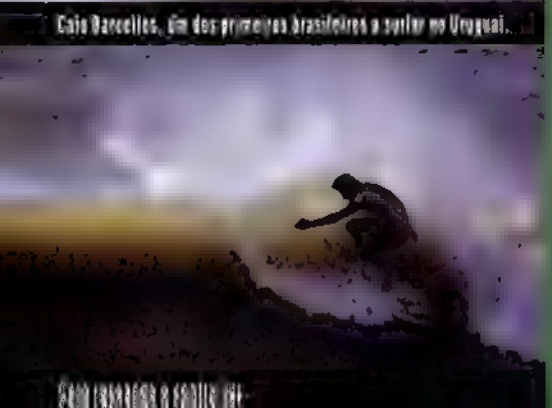


O surf local, já aponta alguns destaques. Gaston, em La Paloma.



Elegância, cultura e clima europeu.

Caio Barcellos, um dos primeiros brasileiros a surfar no Uruguai.



JOGO INTELIGENTE

Ao contrário de outros países sul-americanos, o Uruguai fortaleceu a cultura de seu povo. Uma política generosa na área da educação permitiu que as escolas, inclusive as de nível superior, tivessem cursos gratuitos, acessíveis a praticamente todos os jovens. Isso fica transparente nas atitudes da maioria, vê-se ráp do que todos sabem bem o que querem, o que estão fazendo ali e pra onde vão no futuro

Durante boa parte deste século, o Uruguai foi chamado de "A Suíça Americana". Em parte, pela sofisticação cultural de seu povo, em parte pela influência européia em diversos terrenos, da arquitetura aos hábitos alimentares. O turismo engorda o produto interno bruto, mas a criação de bovinos e ovelhas, mais toda a carne, lã e couro que deles se pode tirar, segura firme a liderança da riqueza do país. O trigo, o milho e o arroz completam a receita, através de um comércio intenso com o Brasil, Estados Unidos, Japão, Nigéria, Alemanha Ocidental, Argentina, Itália e União Soviética.

Os cassinos estão em toda parte, movimentando grana pesada e roubando a saúde dos azarados. Quase sempre, esse é o primeiro lugar de visita dos brasileiros. É comum também ser o último. Jogo mais seguro está no mar. Uma boa aposta é seguir para Punta del Este, o mais conhecido balneário do Uruguai, e onde quebram alguns picos consistentes.

Em Punta del Este a sintonia é diferente. Apesar de viver primordialmente de e para o turismo, a cidade tem uma alma própria, que a deixa longe do clima fantasma de La Paloma. La Olla, Manantiales, La Virgem e La Barra são os lugares das melhores ondas. O surf aqui depende bastante do vento. Para alcançar Punta del Este, a partir de La Paloma, são pouco mais de 130 quilômetros. Com o preço do combustível, desgaste do carro e do motorista no papel, quem quer surfar tudo que pode faz boa opção ficando em Punta del Diablo. Esse lugar oferece acomodações baratas e fica a mais ou menos 20 quilômetros de La Moza, que é sem dúvida o ponto mais atraente do país. Desse quarter-general, pode-se chegar com facilidade até Las Achiras, Pra a Grande e Praia do Barco, todas vizinhas de La Moza no Parque Santa Tereza.

EVOLUÇÃO, BICHO...

Pânico. Imagine-se atravessando uma série e, repentinamente, todo mundo remando desesperado em direção à areia. Tubarão? Orca? Os japoneses? A resposta pode estar no drop seguinte, caso o pavor não tenha sido suficiente para fazê-lo bater em retirada também.

A princípio, apenas uma cabeça monstruosa rompendo a superfície. Não será preciso recordar as cartilhas de zoologia para concluir que não é uma foca. No segundo lance, o bicho vira o corpo e lá se vai o palpite de que é um leão marinho - que é grande, mas não tanto. A descoberta pode vir um pouco tarde: um elefante marinho. Jamais menospreze a analogia 'elefante' que puseram diante desse 'marinho'. A enganosa descontração pode colocá-lo montado num animal aterrador: 6 a 8 metros de um bolo de carne pouco afeito a novas amizades. Peça arrego, numa boa.

A imensa tada variedade da fauna no Uruguai já atraiu pesquisadores de todo o mundo. Em 1833, um tal de Charles Darwin, pai da teoria da evolução das espécies, sentou praça nas regiões de Minas e Potanco, buscando conhecimento para seus trabalhos científicos. Mais do que simplesmente de tar os olhos nos animais, Darwin soube criar relatos sensíveis sobre o lugar e seu povo, um trabalho de inestimável aproveitamento histórico.

Se a verve ilimitada de vovô Darwin pudesse hoje estar presente no Uruguai, estaríamos todos bem amparados. Ele, com certeza, não deixaria de observar a incrível capacidade que alguns assimilaram: deslizar sobre as ondas com uma prancha sob os pés. Confirmando suas descobertas sobre a evolução, um exemplo valente da adaptação do homem em seu meio natural (quem sabe Atlântida vem mesmo aí).

Agora... aquele jogo, aqueles dois a um pro Uruguai, nem Darwin, nem Freud, nem santo explica. E era só segurar o empate...

Apoio Cultural

pakalolo HAWAII

PHILIPS

Mais uma vez a Philips ultrapassa os limites: está no ar o Double Sound Machine, a mais nova máquina de emocionar, que você leva aonde estiver a fim. O lance do Double Sound Machine é transformar. Música em emoção. Realidade em ficção.
Double Sound Machine, o Micro-System portátil que promete no design e cumpre no desempenho. Confira:

- **Double Deck com High Speed Copy.** Para você copiar de fita para fita em alta velocidade.
- **Continuous Play.** Para tocar você, tocando até duas fitas direto, sem intervalo comercial.
- **Equalizador gráfico.** Super-recurso Tem logo 5 bandas de controle para você transar os graves, médios e agudos do jeitão que você gosta.
- **Tuner 4 faixas.** Cheio de onda, esse tuner pega bem em FM, OM e mais duas faixas de ondas curtas.
- **Caixas destacáveis.** Juntinhas ou separadas, o som é massa.

SEA CLUB ON THE ROAD.

FG

Surfast? Surfree? Surfwear! Sea Club.
Você vai até onde a cabeça manobra.

SEA® CLUB
SURFWEAR

Cheyne Horan

Mormaii International Surf Team

Foto: Edson Neves

A sua marca na água.

MORMAII IND. COM. IMP. E EXP. DE ARTIGOS ESPORTIVOS LTDA.
Rodovia BR 434 Km 3 - CEP 88419 - Pontalzinho - Garopaba - Santa Catarina
(0482) 54218/54112

Criação: MARCO ANGAD

Show Room – Rua Madalena, 170/178 – tel (011) 210-5627
Breve Loja Alameda Itú, 1552 – SP

SURF NA PEDRA

LIKE A RO

Pedras que rolam não criam limo... No Rio de Janeiro, alguns kamikazes urbanos deram um jeito para levar o provérbio ao pé da letra, fazendo nascer um esporte que nem Fred Flintstone conhecia.

LLING STONE

Por

Sidão Tenucci

Fotos

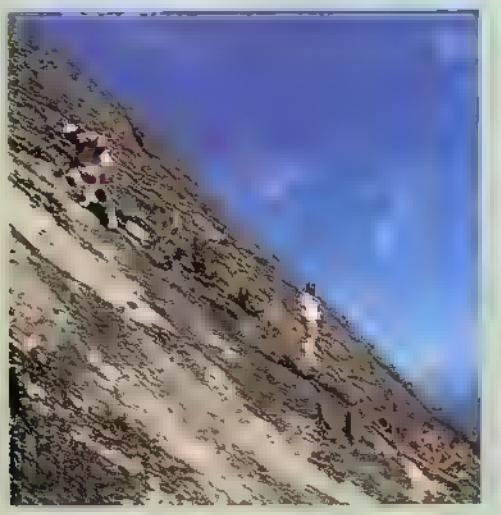
Roberta Price

Lay back, cut back e outras manobras do surf estão acontecendo no costão que separa Itacoatiara e Itaipuaçu, em Niterói. A pista é pedra, a prancha é tênis. Serjão Bicho-Solto é o Barton Lynch das montanhas.

nawem autorskim

Quase todos já sonharam, alguma vez, que estão despencando de um precipício, as pedras lá embaixo cada vez mais próximas, aquela vontade de mijar e o desespero das mãos crispadas tentando segurar alguma coisa, qualquer coisa. Acordamos suados, os lençóis embrulhados e o olhão assustado tateando a penumbra, procurando nossa identidade e o nosso auto controle perdidos em algum canto do quarto e do tempo.

Pois estas são apenas algumas das sensações que os surfistas da montanha, na sua vertigem, encontram. O esporte deles é deslizar montanha abaixo, ora correndo, ora pulando. Arrepiam os cabelos da torcida a cada salto, contando somente com os pés, joelhos, músculos da perna e cabeça-gelada: "Cada descida custa pelo menos 820 cruzados, o preço do tênis que aguenta só uma despencada", diz um deles. Muita loucura e agilidade reunidas pra chegar ao pé-da-montanha inteiro: "Se cair vira almôndega à bolonheza", avisam.



Seria um mal-de-fim-de-século? Uma paranóia suicida desenvolvida após a marca dos 5 bilhões de habitantes do planeta? Uma espécie de síndrome de lemingues?, roedores que se atiram às centenas ao mar quando sua população chega a níveis insuportáveis, rompendo o equilíbrio Número de Bocas X Número de Alimentos Disponíveis? Seria, quem sabe, um delírio exibicionista? Loucos procurando um lugar ao sol ameaçando a torcida com sangue fresco? Ecologistas que, soltando fogos de artifício antes de cada desafio ("caros telespectadores") jogam suas vidas para tentar salvar as plantas e animais da região?

Uma equipe de televisão japonesa parecia acreditar que a coisa é, no mínimo, digna de ser mostrada aos seus atarefados conterrâneos, exibindo talvez a maluquice terceiro-mundista confrontada com a sua racionalidade oriental. Não importa, o certo é que eles foram atrás com suas calças compridas e camisas de manga-longa num sol fluminense de pelo menos 42 graus, suando, mas aguentando estoicamente, com aquela valentia silenciosa dos filmes de samurai. Bicho-Solto de casa não faz milagre?: "Eu desço a montanha de 200 metros em 40 segundos, meta que os gringos só esperavam alcançar no século XXI", afirma um dos surfistas-montanheses.

São quase 70 graus de inclinação, uma pirambeira, um verdadeiro fundo de pedra. E Serjão sabe bem pra onde devem rumar seus vôos: chamar atenção e preservar a ecologia do lugar. Toda loucura deve ser útil.

O preço de cada descida é o preço de um tênis: 820 cruzados. O que não tem valor estimável é a coragem de se atirar.

BICHO SOLTO

O Costão que separa as praias de Itacoatiara e Itaipuaçu é o palco do delírio. Encravada quase no topo dos seus 250 metros, a aproximadamente 200 metros do solo, está a Toca do Camaleão Alado, templo erigido e consagrado como ponto de "decolagem" por Sérgio Coelho, aliás Serjão Bicho-Solto, 29 anos, e seus companheiros.

Além das orquídeas, bromélias e gravatás espalhados pelo paredão, coqueiros, mangueiras, maracujá, abacaxi, troncos, pedras e etc. foram carregados morro acima num verdadeiro trabalho de formiga para formar o deck, o mirante de pedras que compõem a Toca.

"Eu subia a montanha como um camaleão e o pessoal apelidou. Aí eu disse: Que nada, eu vôo, sou um camaleão alado". A Toca é ainda palco do "sexo-nativo" (ou "sexo-alado"), delirante e fora do alcance da civilização castradora: "O pessoal do Ultraje a Rigor subiu lá", conta Serjão, "ligados na loucura, no sexo-nativo, no lugar afrodisíaco, mágico"; feito como uma espécie de santuário à improbabilidade humana, ao desafio de seu destino, à liberdade do homem no seu habitat primitivo: "A Toca é o diamante lapidado, o lugar sagrado, adornado por orquídeas que resgatei de desmatamentos", completa o Bicho-Solto. "As rochas aqui são ideais, o Costão é a melhor montanha do mundo para o esporte, reúne a inclinação, a consistência e superfície ideais", analisa. São quase 70 graus de inclinação, pirambeira braba. Pedra pura, flat. "A pedra é uma puta onda, dá pra dar lay back, cut back, tudo", entusiasma-se Serjão. "Medo, nunca tive. Quando eu me jogo dá a sensação de estar me atirando num pântano cheio de jacarés".

O preparo físico é transcendental: "O surf dá braço forte e perna fraca. O surf na montanha compensa", compara ele, "tem que segurar a barra na articulação dos joelhos. É um esporte perigoso, claro, mas não tão perigoso quanto surfar em Itacoatiara ou atravessar a rua ou andar de moto", defende Serjão enquanto mostra os 30 pontos que levou na perna quando foi atropelado por um coroa. A História não confirma a versão: dois americanos, dentre os muitos que, segundo Serjão, vieram aprender o novo esporte; logo após terem se instruído a respeito voltaram para sua terra, em Half Moon Bay, ao sul de São Francisco, e ao tentarem saltar de um pico local morreram na queda. É mole? Nosso fotógrafo Roberto Price sentiu a barra quando quase dançou na subida, enquanto o "Cabrito" Serjão, como é conhecido por alguns, escalava tranqüilamente com duas mochilas, uma câmera de vídeo U-matic e seu respectivo tripé. "Da minha turma ninguém rolou a montanha. Se eu te ensinar, em 3 semanas você vira expert", desafia. Alguém aí na platéia se habilita?

FAMA ECOLÓGICA

Na verdade existe o lado "utilidade pública", como quando Serjão alega salvar vidas de alpinistas onde bombeiros levam 12 horas para chegar e ele mata o lance em desprezíveis 15 minutos. Ou quando salva alguém que se afoga perto do Costão por conseguir chegar mais rápido que qualquer outro tipo de socorro. Faz o esporte há 16 anos e existem pelo menos 50 pessoas que o praticam, sendo que os interessados se inscrevem na Associação de Surf de Niterói (sem telefone).

"Meu interesse é salvar vidas. Na competição as pessoas dançam. Não interessa superar o seu companheiro, mas sim fazer melhor que a geração anterior. Quando você tenta chegar mais rápido, a paranóia da competição te distrai e aí pode ser fatal. Não se pode perder a concentração com nada; nem com as gatinhas na praia, nem com as orquídeas ou com os passarinhos".

Bicho-Solto explica Bicho-Solto: "Chegavam as máquinas e eu soltava o bicho. Tinha bicho preso eu chegava e dizia: solta o bicho. Tinha passarinho preso, eu soltava; macaco; arara, qualquer coisa, daí..."

Serjão pretende fazer ainda mais sucesso com seu surf na montanha, aproveitar que está ficando famoso (saiu até no *Jornal do Brasil*) e chamar a atenção das autoridades para as ações predatórias de algumas pessoas contra a ecologia do lugar.

Quem são esses caras afinal? Serão heróis brasileiros ou apenas loucos "de pedra"? Saltar lá de cima, correr pela pedra, dar saltos e concretizar manobras similares ao surf até chegar em baixo: cut backs, batidas seguidas de aerial, oitos seguidos de 360 tipo um looping, drops irados (a pedra forma um half-pipe natural – olha aí a analogia skate), escorregadas tipo lay back, evoluções nos pequenos relevos da pedra; tudo isso vai pra frente como esporte ou é apenas moda? Moda?, diria o editorial da *TRIP*.

"Deixar fluir para poder extrapolar", recomenda o Bicho, "fluir e compensar a velocidade".

O perfume das flores é o fundo musical olfativo para a piração (ou a conscientização?), o negócio é deslizar montanha abaixo no veículo "instinto". Deixar a imaginação rolar ao ritmo de uma queda ou rolar ao ritmo de uma onda? Skate, corrida, alpinismo, surf. A descida em zig-zag é um pouco de tudo.

Enquanto os surfistas da montanha explodem fogos de artifício, anunciando sua descida alucinada munidos de luva, capacete, camisa de manga longa, calça reforçada, joelheira, cotoveleira e tênis, mais algumas coisas explodem pela vida afora. Os homens lutam para sobreviver e para se matar, e Serjão não está nem aí: "Eu não ando, não corro, não pulo: eu vôo".

Atitudes Paralelas

Para quem pretende tomar uma atitude no esporte, o melhor é ACE.

Para quem pretende tomar uma atitude na moda esportiva, o melhor é ACE.

Enfim, qualquer que seja sua atitude, paralela, assimétrica, fixa, a melhor moda esportiva é ACE.

ACE®

Exclusividade C&A

SHE'S SO C

Por Adrian Kojin

thomas hsieh jr.

bob schwartz

No snowboard, além da velocidade, a emoção de experimentar descidas de até uma hora e meia! Assunto pra muita perna.

Materiał chroniony prawem autorskim

OLD . . . .
SURF
NA
NEVE
É mais um esporte de
ponta que nasce na
Califórnia. A ausência de
boas ondas no mar,
levando surfistas a
buscarem emoções nas
encostas de neve:
temperatura abaixo de
zero, batimentos
cardíacos acima de mil.
Ninguém resiste a uma
branquinha.
24

Imagine. É manhã cedo. Primavera na Califórnia. Você abre a janela, o sol entra ofuscando, e com ele uma brisa do mar. Na sua cabeça apenas uma certeza: hoje eu tenho que surfar. Animado, você vai até a praia checar as ondas. Flat. Nada. O que fazer agora? Sentar na areia e olhar as americanas passarem com aqueles biquínis horríveis? Ir até o pier ouvir Mr. Glen contar suas visões do apocalipse? Voltar para casa, ligar MTV e passar o dia qual um zumbi?

No meio de tanto desconsolo, acontece de você virar para o leste e olhar, atrás da cidade envidraçada, os picos de neve cobrindo as montanhas. É isso, vou surfar na neve! Com a snowboard (prancha especial para surfar na neve) presa no rack, a mochila cheia de casacos, em vez de roupas de borracha, e um par de botas quentes, está tudo pronto. Falta vencer o emaranhado de freeways de Los Angeles, e umas duas horas de estrada.

bob schwartz

Manobras indecifráveis, conseguidas no limite...

Já no alto da montanha, depois do visual da subida pelo teleférico, chegou o momento do primeiro drop. Você checa a posição das botas no encaixe da prancha, ajusta os óculos escuros, olha lá para baixo, e a vista é maravilhosa: os pinheiros pontilhando aquela onda branca que parece interminável. Respire fundo e jogue o corpo lá para baixo. Nos próximos vinte minutos ou mais, você estará surfando, dando cavadas, cut backs com spray de neve; procurando os montes de neve certos para off the lip, snap backs e fantásticos aéreos!

Tudo como você queria, o seu desejo matinal saciado. Você achou o que estava procurando, a natureza ao redor, as árvores passando rapidamente. E a adrenalina total!

ONDAS DE NEVE

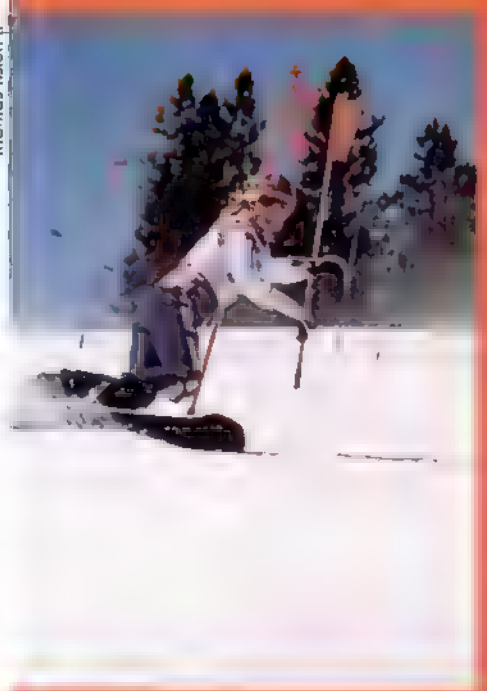
O surf na neve, ou snowboard, é um esporte novo, na sua infância ainda, mas que está crescendo com muita força e se firmando como um dos mais fascinantes esportes de neve e ação. Nascido na costa leste dos Estados Unidos, ele hoje se espalha pelo país inteiro e penetra em outros continentes. Já existem muitos surfistas de neve na Europa, Japão, Austrália e Canadá. Ainda em 1987, está prevista uma expedição da revista *International Snowboard Magazine* para a América do Sul, com o objetivo de surfar picos no Chile e Argentina.

thomas hsieh jr

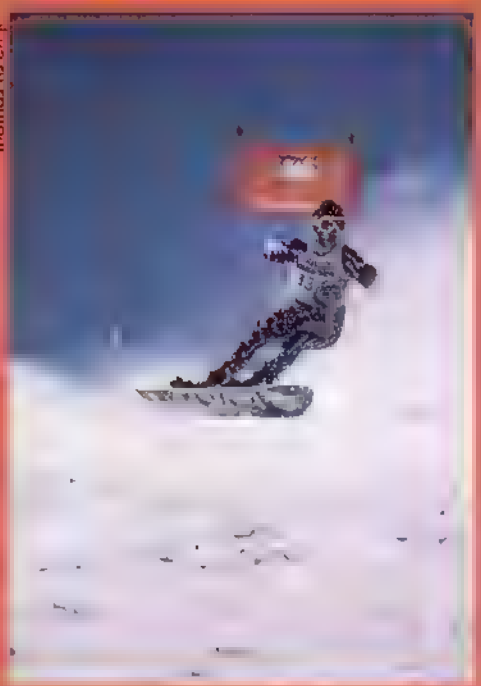
nuedi matter

No downhill, no slalom ou no freestyle, os iniciados do snowboard dividem o privilégio nada abominável de se sentirem homens da neve.

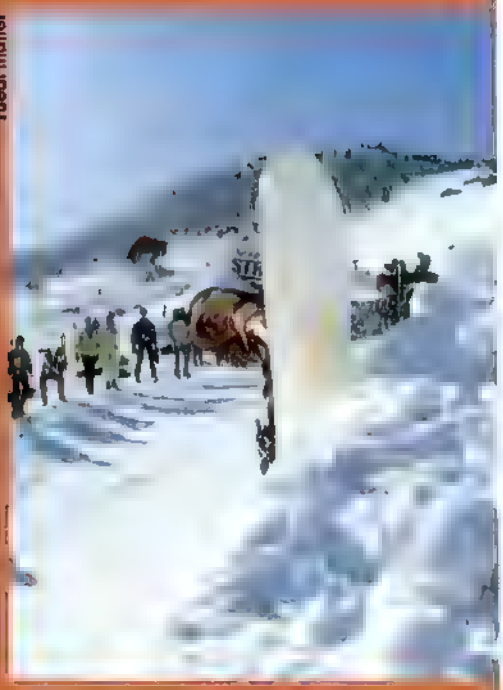
thomas hsieh jr



thomas hsieh jr

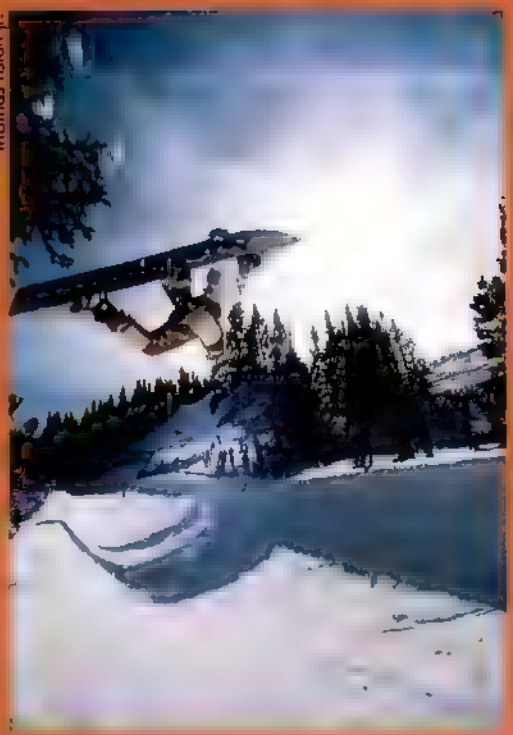


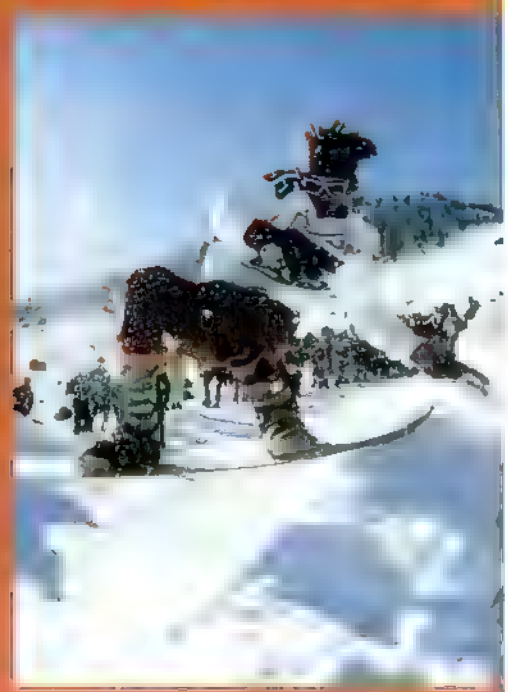
ruedi matter



Pista branca, paisagem verde, teto azul, tudo passando rápido, às vezes perto de 100 km por hora. Deslizar, seja no mar, no cimento ou na neve, acaba como prática escolada nas mesmas cartilhas: batidas, aéreos, snap backs...

thomas hsieh jr.





Apesar de novo, o esporte já tem uma estrutura bem organizada, promovendo campeonatos nacionais e internacionais durante toda a temporada de inverno e primavera. Com prêmios, nos campeonatos profissionais, de 250 a 1.500 dólares. O que já permite a existência, ainda pequena, de profissionais que vivem do esporte. Importante vitória desta organização, foi a abertura, nos Estados Unidos, de 190 pistas de esqui entre as 400 existentes à prática de snowboard. Se antes os esquiadores olhavam o esporte com suspeita, hoje olham com inveja; e pistas antes fechadas aos snowboarders, hoje estão abertas e outras devem seguir o mesmo caminho.

Baseado no surf e skate, e usando o habitat do esqui, o snowboard combina elementos dos três esportes, para criar um quarto com características e personalidade própria. Não é coincidência que a maioria dos praticantes seja de surfistas,

bob schwartz

O vôo pode ser previsível. Ou não. Basta manter os reflexos em dia.

skatistas e esquiadores. O esporte é dividido em três modalidades básicas. A primeira é a downhill, onde se desce a montanha reto, procurando atingir a maior velocidade possível (já foram registradas velocidades de mais de 90 Km/h). A segunda é o slalom, muito similar à prática de esqui, no qual a emoção está no zig-zag em grande velocidade entre bandeirinhas ou, mais perigosamente, árvores colina abaixo. A última, e talvez mais interessante, é a freestyle, com manobras de grande beleza plástica, executadas em half-pipes naturais ou, na maioria dos casos, construídos por tratores especiais, na neve. Entre as manobras mais adrenalina, esta o off the lip e especialmente o aéreo. Mas, as de maior emoção para muitos, são as quedas livres. Quando, descendo a montanha, o snowboarder encontra um barranco e se lança no ar, a uma velocidade incrível, descendo, às vezes, alturas de quinze metros antes de tocar a neve de novo.

Assim como surfistas, snowboarders também mantêm uma relação íntima com a natureza, procurando preservá-la e se harmonizando com ela. A espera pelas ondas é transferida pela espera da neve. As viagens à procura de picos secretos são comuns, e muitos snowboarders escalam montanhas diferentes e isoladas para depois descê-las em corridas que chegam a demorar hora e meia ou mais, sem parar.

Dizem os praticantes que basta tentar uma vez e você estará convertido. A emoção de surfar a neve, com a beleza das montanhas ao redor, é muito forte e não lhe largará fácil.

ANDRÉ SADER

SAPATOS

A CORDO SURF

FERNANDO BITTENCOURT

TICO CAVALCANTI

FRED D'OREY

S U R F E R S B Y T I C O

RIO (021) 399 3722 • SP (011) 280 4385 • PR (041) 223 8932 • SC (0482) 22 3511 • MG (031) 223 1999 • ES (027) 223 1986 • BA (071) 240 0093 • RN (084) 222 136 • C (0.5) 224 68.4

Tudo

A música de Hermeto Pascoal lembra um surfista na onda. Ele descobre nele mesmo a freqüência dos ambientes que lhe surgem pela frente e transforma cada situação num acorde mais radical. Faz sinfonia num chiqueiro, rege orquestra de cordas, toca com Miles Davis, encara todas. Nesta entrevista dos Sons, ecoa da ilha com a Rei da Tesoura Clodovil Hernandes. Uma conversa de muitas notas.

Overdose

CLODOVIL Diga lá, alagoano, onde é Arapicara?

HERMETO Arapicara fica em Arapiraca...

CLODOVIL Arapiraca? (Risos)

HERMETO... Lagoa da Canoa, pertinho, bem pertinho de Maceió.

CLODOVIL E? Você tá fazendo ironia porque eu falei errada?

HERMETO Não, eu achei legal.

CLODOVIL Como é que é...

HERMETO Bom, a Arapiraca mesmo...

CLODOVIL É Arapiraca.

HERMETO... mas Arapiraca lembra [illegible]

CLODOVIL Você acha que um músico, como você, da importância que você tem, ele é uma pessoa conhecida do público e as pessoas sabem realmente dele?

HERMETO Bom, as pessoas que vão me ver sabem...

CLODOVIL Não, eu não tô dizendo do espetáculo...

HERMETO Certo.

CLODOVIL Você é homem público, você acha que se sabe algumas coisas de Hermeto Pascoal?

HERMETO Mas vocês vão [illegible] ver com [illegible]?

CLODOVIL [illegible] Por exemplo, eu acabei de fazer o maior gaio [illegible] repente eu não sei que você é de Arapiraca e aí aqui tá escrito Arapicara e [illegible] essa coisa dessa questão etnica, [illegible] Mas a gente não sabe [illegible] direito.

HERMETO Pois é.

CLODOVIL Você acha que [illegible] é respeitado realmente?

HERMETO Eu acho que quem tinha que dizer isso, sabe, é o Ezequiel.

CLODOVIL Por que, hein?

HERMETO Porque eu me alisterta.

CLODOVIL Quantos anos você tem Hermeto?

HERMETO Eu tenho 50 por enquanto, e vou fazer 51 no dia 22 de junho.

CLODOVIL Temos a mesma idade, né?

HERMETO É.

CLODOVIL Você é de gêmeos também?

HERMETO Sou de câncer.

CLODOVIL 21 de câncer.

HERMETO 22, 22 de junho.

CLODOVIL E aí? Você tá feliz com esse país onde nasceu?

HERMETO Tô e não tem nenhum país... nada... tudo é lindo no mundo, por que no mundo Deus não separou nada, sabe, o mundo é o universo nosso. Mas... onde a gente nasceu é a coisa mais linda do mundo, é o Brasil.

CLODOVIL Pra você fica mais fácil, porque você fala uma língua universal através da música. Porque pra todo mundo tem essa coisa das línguas, que são, que isso é uma barreira realmente, né? Pra você não é mais fácil?

HERMETO Pra mim é quando eu estou tocando, quando não estou, aí eu fico com zero.

CLODOVIL Mas você não é respeitado no mundo inteiro?

HERMETO Modéstia à parte sou.

CLODOVIL Isso começou com Miles Davis, não é isso? Como é que você chegou aí?

HERMETO Eu fui fazer um trabalho lá como convidado, como arranjador com Airto e Flora e... conheci o Miles Davis lá. Quer dizer, o Miles me viu assim, e já houve assim um tipo de comunicação muito bonita. Que ele é um cara meio assim, meio doidinho... [illegible] que [illegible] Os doidos, os [illegible] que é doido. [illegible]

CLODOVIL [illegible] do, né?

HERMETO Eu não [illegible]

CLODOVIL Agora, você [illegible] ou é doida porque você é doido?

HERMETO Eu endoido.

CLODOVIL Ah, endoido?

HERMETO Endoido, [illegible] endoido, [illegible] porque eu tô achando você doida também, sabe.

CLODOVIL Ah, mas eu sou mesmo, graças a Deus.

HERMETO Então, nós [illegible] Tá muito bom.

CLODOVIL Mas eu [illegible]

HERMETO Ah, pois é, [illegible] nasci vivo. As pessoas perguntam: Hermeto, quantos anos [illegible] porque todo mundo tem [illegible] anos [illegible] Eu só comemoro [illegible] Se eu tivesse que contar [illegible]

CLODOVIL [illegible]

HERMETO [illegible] quando [illegible]

CLODOVIL Você gosta mesmo do trabalho que você faz, você [illegible] Ela Regina, por exemplo, não gostava do seu trabalho. Você gosta do resultado do seu trabalho?

HERMETO Eu adoro [illegible] Acho que eu não vou fazer outra coisa e não sei [illegible]

CLODOVIL Você acha que o público brasileiro sabe direito o que que você tá fazendo?

HERMETO Sabe. Pra isso você vê... Por nos encontrarmos tão poucas vezes, eles me entendem. Eu não toco num teatro vazio. Tá sempre cheio onde eu estou.

CLODOVIL Isso eu sei, mas você acha que o grande público sabe exatamente o que... esse som é Hermeto Pascoal?

HERMETO Sabe, porque eu já estive, por exemplo, nas gravadoras grandes, multinacionais. Por exemplo, sabe o que eles faziam? Eles tocavam, me tratavam com os músicos, os pessoal que tocam a chamada música de [illegible] imediato, então eu tô tocar junto, né? E eles iam fazer como se fosse uma experiência, se que eles não me falavam, mas eu sentia. Aí na hora, com

shoil hori/sum

Fotos Paulo Vainer
RODOLFO CARBONI

HERMETO Eu sou. A minha religião é a música. Certo? Mas tem os astros, tem todas as energias que nos recebemos, e as comunicações todas que nós recebemos, que a gente tem só que descontrair a mente da gente e criar e receber as intuições e fazer.

CLODOVIL Isso é uma coisa que você conversa em casa?

HERMETO Converso comigo...

CLODOVIL Com quem você conversa, tua mulher?

HERMETO Eu converso, eu me deito e fico meditando, fico conversando e não sei o nome de quem eu estou conversando, sei que estou conversando com muita gente, sabe? Eu converso muito e vejo muito. E consigo ver o que quero.

CLODOVIL Você vê com o terceiro olho, que é o olho que a gente tem na testa ou você vê com os olhos que a gente tem, os comuns?

HERMETO Eu vejo, eu vejo com o terceiro olho, é aquilo que vem de dentro pra fora, e você vê esse sinalzinho aqui...?, tem muito a ver com isso. Desde criança que eu, a minha cabeça é sempre assim e eu mexo muito com isso aqui.

CLODOVIL Sabe que eu tô com vontade de te perguntar uma coisa que me ocorreu agora. Você se sente assim... você é albino, né?

HERMETO Você viu que coisa linda, você sentiu agora? Tá recebendo comunicação ainda.

CLODOVIL Por é... o que você acha do albino? O albino é são marginalizado [illegible] albino, e agora [illegible] preto? Como é [illegible]

de porque a negra tá, não, a negra tá marginalizada porque ele é criado, sabe, ele é criado preso. A mãe já cria igual a porco. Diz assim: ô bicho, não vá lá não, que ali, só tem branco. Eu fui criado no meio deles, que eu gosto de todos eles, mas eu via, eu mesmo que tirava: não vá na onda de sua mãe não, sua mãe tá mentindo, é mentira. Vá lá que todos são iguais. O preconceito não é só dos pretos. O preconceito vem da... ele, eles mesmos têm preconceito dos brancos. Então existe uma zorra aí, uma coisa, sabe como é... que tem que se falar direito. Eu viajando de ônibus, eu cansava de ver quando um crioulo via um crioulo com uma branca, o próprio crioulo chegava pra cara e dizia: escuta ô bicho, qual é a tua? Você não é preto não? Tá vendo? Como se disses-se: ô preto, que é isso, você tá com uma branca por quê?

CLODOVIL Você falou em ônibus agora e... como é que é sua vida agora? Você anda de carro com motorista, como é que você tá?

HERMETO Bicho, eu ando... eu pra mim, eu quero é andar. Só que tem o meu filho que dirige, né ele até fica botando banca, o Fábio, e até ele vai ver esse programa e ele vai tirar um sarro comigo. Às vezes eu quero ir atrás no carro, com ele na frente, ele não quer não: pai venha cá, não quero dar uma de motorista aqui não, pai.

sa pra frente. Aí ele tá com uma namorada na frente e bota o pai atrás. Não bicho, então bota a tua namorada atrás comigo aí. Ele: não, não senhor, não senhor. (Risos) Mas eu ando de qualquer coisa, sabe, eu ando de qualquer coisa.

CLODOVIL Hermeto é uma pena, tem tanta coisa pra você me contar. Você tá de disco novo, como é que você tá? Você tá fazendo algum trabalho?

HERMETO Tô muito feliz de estar aqui contigo e tô com um disco muito lindo aí, e eu quero avisar pros caras... os... os jornalistas aí que não pensem que eu estou repetindo as coisas não, viu? Porque agora já vem mais um bichinho aí, vem um jumento aí no disco, mas vocês olhem bem que eu não botei jumento ainda, é a primeira vez. Não confundam jumento com porco e nem com papagaio, por favor viu?

CLODOVIL Ainda bem que eles vão ouvir o jumento, mas não vão ver o jumento, porque senão eles assustam, de repente, né?

HERMETO O jumento foi gravado lá em Campinas e... e com as abelhas. É um trio. Jumento, abelha e ronco. Tá muito linda essa faixa.

CLODOVIL Mas que animal é esse, o ronco?

HERMETO O ronco é um cara lá que... o... o assistente do técnico, chama-se Zé Luiz. Ele tava dormindo, rapaz, mas ninguém conseguia acordar o cara. Então mandei aumentar, ele com o fone de ouvido, com o fone no ouvido, pedi pra aumentar. Nós aumentamos o volume, ainda tui, toquei o piano, pois o cara não acordou. Aí eu fui analisar o ronco dele lá na técnica e ele ronca em si bemol. (Risos) Pô, o cara ronca em si bemol, aproveitei e juntei com os acordes da própria música, né? E ficou junto: quer dizer, ora o jumento rincha prum lado, ele ronca pro outro e as abelhas começam a brincar do outro lado. (Risos)

CLODOVIL Então tá bom. Hermeto me diz uma coisa, olha naquela lente ali, que é a lente da verdade. Primeiro, obrigado por ter vindo. É uma grande honra. Agora, me respondo naquela lente ali: você, sendo um músico respeitado lá fora, você, sendo realmente, enfim... acontece com você lá fora o que não acontece aqui. Eu sinto que não acontece. Por que é que você continua no Brasil?

HERMETO Eu continuo no Brasil, porque eu confesso pra você que eu já tentei, sabe, já tentei ficar lá fora, mas acontece que tudo de lindo que eu faço lá fora, é inspirado no Brasil, com saudades do Brasil. É por isso que eu não consigo ficar em lugar nenhum do mundo, jamais eu consigo ficar muito tempo. Porque eu faço coisas tão bonitas que de repente eu, no Brasil, não faria. Porque eu vejo o Brasil de longe, como Deus vê do céu o Terra.

CLODOVIL Ai que bonito... e você sabe que eu tava olhando pro você agora, você de camisa amarela, com esse cabelo branco, meio amarelado, eu vi você da cor do Brasil: verde e amarelo. Obrigado por ter vindo.

HERMETO Obrigado a você também.

shoiti hori/sundek

Produção Ana Alvarez
Agradecimentos gravadora Som da Gente / Carla Pappovic; Mauricio Kubrusly / Somtrês

Esta entrevista aconteceu no programa CLÔ, PARA OS ÍNTIMOS, da TV Manchete, em 17 de junho de 87

T O C A N D O A V I D A

Free Jazz Festival, domingo, epílogo de uma maratona de muitos ritmos, muitos acordes. Backstage, acesso livre para uma inspirada palavra de King Sunny Adé:

— Não, não, a música não vai salvar o mundo. Ela já está salvando o mundo. Experimente parar tudo...!

A primeira baixa pintaria, com certeza, no Jabour, subúrbio do Rio. Nesse bairro mora Hermeto Pascoal, uma música de óculos e que fala. São 51 anos de idade, 51 anos de música (pra ele a música veio com o primeiro som, o parto). Quando tinha seis anos, Hermeto soprou uma flauta de caule de mamona. Depois saiu musicando feiras, festas, boates, calçadas, São Paulo, Estados Unidos, transformou os ouvidos em aspiradores, o cérebro numa centrífuga, o coração num forno. Bacia virou pandeiro, máquina de costura virou bateria, leitão deu em trompete.

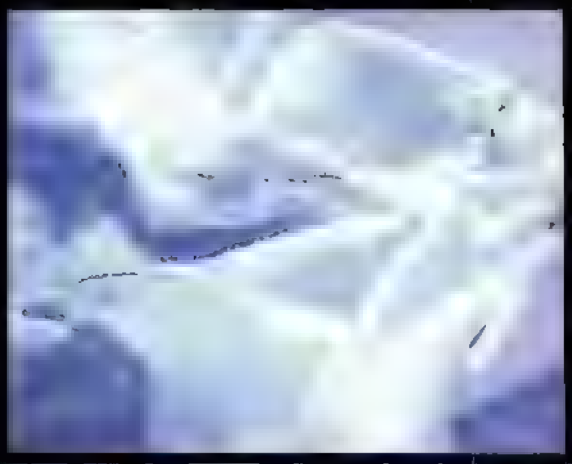
Não existe ainda um rótulo para a música de Hermeto Pascoal. Xote, baião, samba, rock, jazz, valsa, há de tudo um pouco nos mais de dez LPs que o homem p[illegible] ao mundo. Alguns foram lançado[illegible] lá fora — por incrível que seja, é [illegible] das Canárias que Hermeto consegue sucesso mais consistente. No Brasil, sua música tem ares de **hors concours**, *já que todo mundo acha ele um gênio, m[illegible]. Durante algu[illegible] anos, H[illegible] nos corredores d[illegible] imprens[illegible] essa situação. N[illegible] nsegui[illegible] posto uma sinfoni[illegible] gravadores portáteis e fl[illegible]. Nada se perde...*

Hermeto faz mu[illegible] sem palavras. Melhor, faz música em outras palavras. [illegible] só não toca quem não quer. [illegible] do próximo LP do hom[illegible] dora Som da Gente: **Só Não Toca Quem Não Quer**. *A produção é do p[illegible] direção de Jovino dos Santos, a[illegible] escudeiro. Participam d[illegible] nhos, o violonista Rafael R[illegible] cordas —, o baixista Arisma[illegible] do Es[illegible] e dois quase anônimos visita[illegible] por Hermeto mesmo: Antôn[illegible] que é músico de Itanhaém, litoral p[illegible] Suzana Malta, cantora mineira que [illegible] subiu com o bruxo no palco do F[illegible] Jaz[illegible] tímo setembro.* **Só Não Toca Quem Não Quer** *marca também o lançamento dos sons de Hermeto em disco laser pela primeira vez no Br[illegible]. Ah, e o disco traz panelas, jumento, ronco [illegible] Tá lindo.*

Otávio Rodrigues

D I S C O G R A F I A

Cobblestone (importado)	1972
A Música Livre de Hermeto Pascoal	1973
Slaves Mass	1977
Hermeto	1978
Hermeto Pascoal ao Vivo em Mon[illegible]	1979
Zabumbê-bum-á	1979
Cérebro Magnético	1980
Hermeto Pascoal e Grupo	1982
Lagoa da Canoa Município de Arapiraca	1984
Brasil Universo	1985
Só Não Toca Quem Não Quer	1987



DUST

SÓ NÃO TOCA QUEM NÃO QUER
SOM DA GENTE.
O MELHOR DA MÚSICA INSTRUMENTAL BRASILEIRA
O primeiro CD (laser) SOM DA GENTE e de Hermeto Pascoal. Um som imprescindível, surpreendente, universal. Com lançamento simultâneo em LP. Nas lojas e pelo reembolso postal.
Confira, curta e endoideça nesta nova viagem musical de Hermeto. Nas palavras deste bruxo mágico "Da natureza nada se perde, tudo se transforma em som".
SOM DA GENTE - Rua Bocaina, 61 • Fone (011) 65-5282
São Paulo Telex (011) 53065 SDGB

CANNONIZE-SE
CANNON

Meu Filho:

Homens empenhados unirão seus esforços

Amaro do Tombo, na praia que lhe deu o sobrenome.

por muitas gerações...

Até que um dia...

Num futuro não muito distante...

reportagem José Fucs
fotos Araquem Alcântara

Tudo isto será seu.

A civilização está de ressaca. O vômito industrial está cobrindo as águas dos rios e do mar na Baixada Santista, litoral de São Paulo. Os peixes estão morrendo contaminados. Os mariscos e ostras, os filtros do mar, apresentam índices altíssimos de metais pesados.

A poluição das praias, antes restrita às cidades de Santos e São Vicente, já totalmente condenadas para banho, atinge também as praias do Guarujá, o maior balneário do Estado. Mas, apesar de reconhecidas como impróprias pelo Governo, as praias continuam cheias.

Traçar a rota da poluição das águas na Baixada Santista não é uma coisa agradável. O estrago, na verdade, começa no topo da Serra do Mar, ainda no planalto, nas proximidades da Capital, onde fica a represa Billings. Ela concentra, hoje, nada menos que a metade dos esgotos de toda a Grande São Paulo e despeja essa carga em direção ao litoral, para movimentar uma usina no pé da Serra.

Em Cubatão, maior pólo petroquímico do País, por onde passam as águas que descem a Serra em direção ao mar, foram descobertas nada menos que 44 perigosas fontes poluidoras das águas. Não fosse isso o bastante, há ainda a poluição causada pelos dejetos das próprias cidades da região, que não possuem sistemas de esgoto e tratamento suficientes para a demanda. Sem falar na poluição do porto de Santos, onde os porões e tanques dos navios são lavados após o transporte de produtos químicos; e para terminar (quem sabe ao certo?), as dragas que retiram o lodo e o lixo do estuário podre de Cubatão continuam despejando tudo isso junto à ilha da Moela, no Guarujá, burlando até a Lei, que prevê uma distância de, no mínimo, seis milhas da costa para essa operação.

No canto da outra página, o santista Paulo Rabello, Praia do Tombo, Guarujá. Apesar da nobreza das ondas, essa praia é considerada "imprópria" para banho durante 365 dias do ano!

SÓ BAGRE

O principal efeito dessa poluição industrial é a contaminação da fauna aquática. (A balneabilidade das praias, de acordo com os especialistas, é definida via índice de coliformes fecais. Em outras palavras, medem a quantidade de merda na água). A contaminação humana, portanto, ocorre principalmente através da alimentação.

Mesmo que a carga de poluição em Cubatão, hoje, estivesse reduzida a zero, ainda levaria vários anos para limpar o estrago. Essa informação vem da Gerente de Pesquisas de Ecossistemas da Cetesb (companhia estatal encarregada de controlar a poluição em São Paulo), Denise Navas Pereira:

– Por maior que seja o controle, alguma coisa sempre vai ficar.

Segundo outro especialista, o professor Luiz Roberto Tommasi, vice-diretor do Instituto Oceanográfico da USP, de um total de cem espécies diferentes de organismos aquáticos do estuário de Santos, graças à poluição apenas quinze sobrevivem atualmente. Tommasi pesquisou em profundidade os efeitos da poluição das águas na área e afirma que não existem mais ouriços e muitas espécies de caramujo e caranguejo.

– Tem lugar lá no estuário que só tem bagre, um peixe muito resistente e que consegue sobreviver naquelas condições. As outras espécies não vivem mais lá dentro.

Decorridos cerca de cinco anos desde a implantação do programa de controle da poluição de Cubatão, ainda restam quinze fontes de poluição das águas sem equipamento anti-poluente, conforme aponta um relatório elaborado pela Cetesb. As empresas que ainda não instalaram equipamento: Companhia Siderúrgica Paulista (Cosipa) e Petrobrás – duas estatais – mais Indag, Manah e Copebrás, que fabricam fertilizantes.

FEDOR VENENOSO

Na verdade, é impossível formar um quadro da situação da poluição de Cubatão, porque simplesmente não há dados disponíveis para permitir a avaliação. A Cetesb, em 1980, chegou a fazer um acompanhamento dos índices de contaminação de peixes e frutos do mar na baía e no estuário de Santos. Mas o trabalho não teve continuidade. Não dá para saber exatamente o que está acontecendo hoje. Tampouco se tem um parâmetro de como era a fauna aquática ali antes da concentração industrial.

De acordo com a regional da Cetesb em Cubatão, a Cosipa continua matando os peixes, jogando dióxido de ferro e amônia no estuário. A Cetesb detectou ali a presença de 51,6 gramas de fenol por litro de água no ano passado. A Lei permite até 0,5 gramas por litro. A Petrobrás ainda despeja enxofre, cianeto, o cancerígeno fenol e sulfeto no rio Cubatão, envenenando os moradores da região com um fedor permanente. Foi multada pela Cetesb e pediu prorrogação do prazo para instalação de equipamento de controle. O prazo inicial venceu em julho de 87.

Vou dar apenas mais dois exemplos pra você sentir a barra do que é lançado nas águas pelas indústrias de Cubatão. A Copebrás, que produz fertilizantes, despeja 187 miligramas de fluoreto por litro de água no rio Piaçaguera, enquanto a Lei (?) permite 10 miligramas por litro. A Manah, outra indústria de fertilizantes, já chegou a lançar 2754 miligramas de fluoreto por

mickey hoffman

litro de água em 1986!

Apesar do clima de **day after**, *o professor Tommasi acredita que a região ainda pode ser recuperada:*

– É uma região altamente poluída e degradada, mas pode perfeitamente ser recuperada. Nos Estados Unidos e no Japão havia áreas como esta, que foram recuperadas. É possível que isto possa ser feito também na Baixada Santista.

Denise, a pesquisadora da Cetesb, tem uma visão mais pessimista:

– Dizem que o mar tem uma capacidade ilimitada, mas não tem. Prova disso é a situação crítica da Baixada Santista. À medida que a gente se afasta no mar, esse efeito diminui. Mas não cessa nunca.

SITUAÇÃO NOJENTA

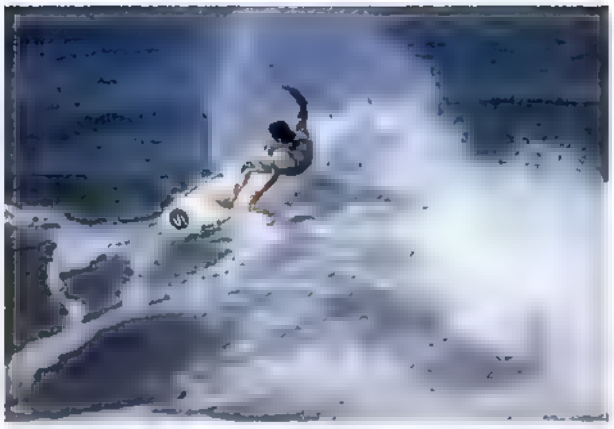
A poluição das praias no Guarujá não tem solução a curto prazo. O próprio diretor de operações da Sabesp (empresa estatal de saneamento do Estado de São Paulo), Maurílio Mariano, reconhece que "vai ser difícil" resolver totalmente o problema.

Como solução parcial, a Sabesp está construindo um emissário submarino na praia da Enseada, no Guarujá, igual ao que existe em Santos, para levar os esgotos até o fundo do mar. Mariano diz que o ponto de localização do emissário foi definido a partir de pesquisas das correntes marítimas locais e que "o material não volta à praia". Hoje, todo o sistema de esgotos do Guarujá deságua direto na praia do Tombo, considerada permanentemente "imprópria" para banho.

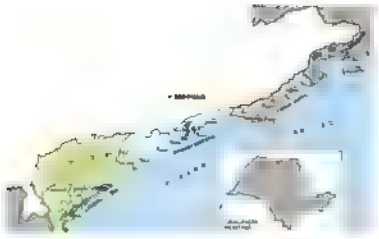
O novo emissário vai receber todo o esgoto das praias da Enseada, Pitangueiras e Astúrias, ficando a praia do Tombo com os esgotos produzidos no bairro. Numa segunda etapa, os esgotos da praia do Tombo também

mickey hoffmann

Dejetos industriais, esgotos clandestinos, carga de navios... O mar da Baixada Santista virou lata de lixo. Marino Burlamaque, o Teco do Tombo, aproveitando um pouco do que resta.



mickey hoffmann



serão levados para o emissário da Enseada. A inauguração do emissário está prevista para meados de 88.

Mariano contesta os relatórios da Cetesb que classificaram as praias do Guarujá como "impróprias para banho em janeiro e fevereiro últimos".

– É tremendamente discutível isso aí. Esse relatório da Cetesb é muito frio. No rodapé estão relacionados os fatores circunstanciais que podem influir no índice de balneabilidade das praias – entre eles as chuvas que costumam castigar a Baixada Santista no verão.

Outro fator que influi decisivamente na qualidade das águas na Baixada é a existência de ligações clandestinas. Elas levam o esgoto pelas galerias pluviais até o mar.

– Teoricamente, não poderia sair esgoto das galerias. Mas, existe uma razoável quantidade de ligações clandestinas. A empresa desenvolve a Operação Caça-Esgotos para detectar o problema, mas não tem poder de polícia. As multas são feitas pela Secretaria de Saúde do Estado.

KEEP OUT!

De acordo com os relatórios da Cetesb, foram consideradas "impróprias" para banho, em janeiro e fevereiro de 87, as praias de Guaiuba, Tombo, Astúrias, Pitangueiras, Enseada, Pernambuco e Perequê, todas no Guarujá. Destas, apenas a praia de Pernambuco foi considerada "própria" durante quinze dias, em janeiro. Em São Vicente, todas as praias – Itararé, Milionários e São Vicente – foram consideradas "impróprias" nos dois meses; e em Santos, as praias do Zé Menino, Gonzaga, Boqueirão, Ponta da Praia e Bertioga. Somente a praia de Bertioga, que pertence ao Município de Santos, foi considerada "própria" em janeiro.

– As praias de Santos, São Vicente e Guarujá deveriam ser fechadas ao público nos meses de janeiro e fevereiro, quando a qualidade da água é crítica.

Essa é a proposta do professor Luiz Roberto Tommasi, vice-diretor do Instituto de Oceanografia da USP. Tommasi critica duramente a ação da Cetesb nas praias consideradas "impróprias" para banho.

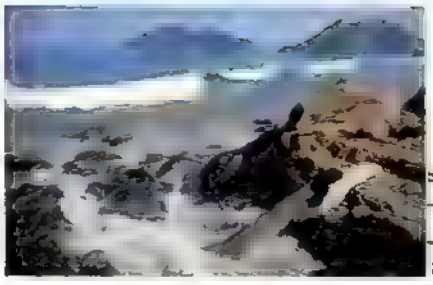
– Ou esse negócio de medir o índice de balneabilidade das praias é para inglês ver, ou é verdade que a qualidade da água representa um risco e as praias devem ser fechadas. No dia que der uma epidemia, vai ser para sair correndo.

Segundo o professor da USP, o risco de se tomar banho de mar em praia que a Cetesb classifica como "imprópria" é engolir a água e ser contaminado por infecções intestinais, irritações nos olhos, nariz, garganta e até por poliomielite. Ele afirma que quem comer frutos do mar na região, corre o risco de pegar hepatite.

– Eu não tomo banho nas praias da Baixada Santista e recomendo que ninguém o faça. É melhor tomar banho de chuveiro. Se estivéssemos nos Estados Unidos, sem querer ser americanista, as autoridades fechariam as praias num caso como esse.

Ele aponta a resistência do comércio e da infra-estrutura turística montada nessas cidades, com apoio das prefeituras locais, como responsáveis pelo "abafamento" do problema e a manutenção das praias abertas ao público. Para Tommasi, não adianta os jornais publicarem a qualidade das águas nas praias paulistas, porque a maior parte da população não lê jornal.

– Numa cultura como a nossa, não se pode esperar que a população vá ler jornal para decidir se vai ou não à praia.



mickey hoffmann

mickey hoffmann

Fim

AÇÃO NATURAL
Cairel
TUDO PARA UM MUNDO MELHOR E MAIS NATURAL

ESTA MARCA É SUA PARCEIRA.

PEGA ONDA. JOGA FUTEBOL
ADORA VELOCIDADE E CURTE UM RALI.

A Perdigão é uma empresa que vai muito além da produção de alimentos de alta qualidade. O papel social e a integração com a comunidade são também importantes em sua filosofia de trabalho. Uma das formas que a Perdigão encontrou para exercer sua cidadania foi no campo esportivo. E é como cidadã que hoje a Perdigão patrocina eventos, atletas e equipes. A Perdigão está dando sua força ao surf, futebol de salão, automobilismo e rali. Por isso, esta marca é a sua parceira no dia-a-dia. Tanto em sua casa, quanto nas pistas, nas quadras e praias que você freqüenta.

Alameda dos Maracatins, 161/165 - Moema São Paulo - SP - Fone:
(011) 255-8346/8597/8705

Boogie Board
Shark 9.4
SHARK
9.4
PROFESSIONAL
SHARK
BOOGIE BOARD
9.4
Glenda Kozioswski
(Equipe Boogie Board e Rico)
PAUL COHEN
1º lugar no Campeonato Internacional
de Body Board em Sand Beach, Hawaii, 1987
Fera à Vista
BOOGIE
BOARD®
capri
LIDERANÇA EM TODA A LINH

Armas imbatíveis

Eles só escolhem o melhor. elasticotton, o 100% mercerizado da Malharia São Paulo. Junte-se a eles.

Fotos San Juan

ANY WEAR

Não importa muito a etiqueta, as tendências ou embalagens. Surf wear, sports wear, haute-couture, moda é roupa. Roupa é pra usar e se sentir bem. Misturar é uma arte. Quem vive na praia não tem muito o que se exibir: quer estar aquecido no frio, à vontade no calor e se sentir bem. Acaba ficando bonito, mas isso é conseqüência. Afinal, existem muitas outras coisas pra se ver. Por mais bonito que se fique, o mar dá de dez.

oculos Spy
molton Francisco
bermuda Jeanpratica

bermuda Stanley
sapato Cannon

camiseta Triton
bermuda Jeoneration
camiseta Forum
camiseta Triton
camiseta regata Zoomp

bermuda Zoomp
camiseta Triton

camisa Astrofogio
calça Triton

camisa Triton
calça Jeanerativa

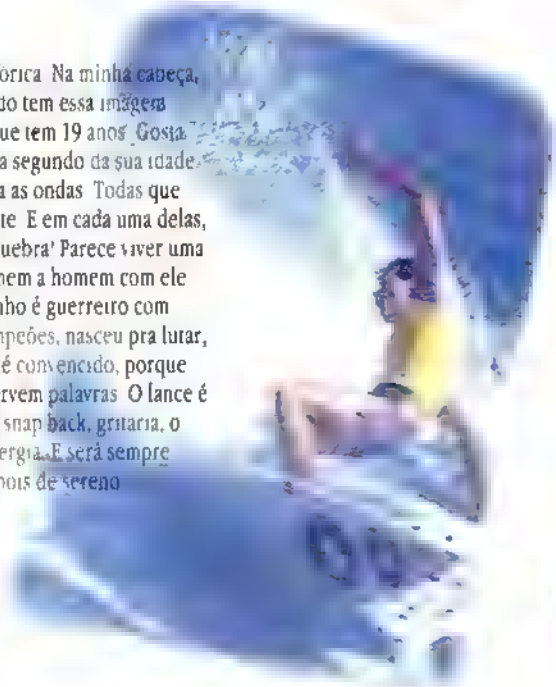
camisa jeans Bonoparia
calça Zoomp

Cláudio Marroquim nasceu em Pernambuco, mora no sul e está há três meses em Ubatuba. Educado e prestativo como bom nordestino. É profissional de surf. Prioridade 1 na sua vida. Mas é lógico que se pode conciliar esta com várias outras coisas importantes. Tudo que se faz consciente é digno e fica sério. Cláudio tem objetivos marcados e vai a eles. Deve ser meio holandês, meio índio. Sabe tudo! Faz amigos fácil em todo lugar. Grande virtude.

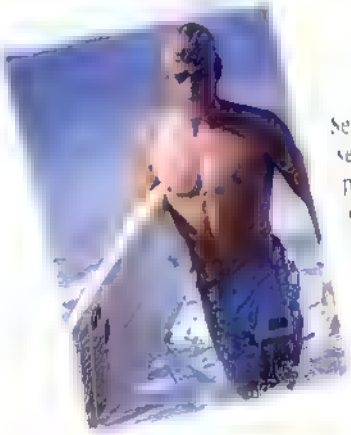
Viajar é a melhor coisa do mundo. Surfar é demais. Poder conciliar as duas melhores coisas do mundo e chamar isso de profissão é um privilégio que poucos alcançaram, e talvez ninguém o tenha feito, ao menos no Brasil, com a classe de David Huzadel. David se dá bem porque pensa, usa seu talento da melhor forma possível, sabe se comportar de maneira particular nas mais diversas situações e, como diz seu amigo Avelino Bastos, sempre com total equilíbrio. Seu corpo demonstra isso, seco, definido e claro. Principalmente útil.

Artur Scatena Junior, o Tenente Scatena, lenda viva do surf brasileiro, 53 anos. E pouca gente sabe, mas Artur foi campeão paulista de motociclismo, no tempo em que se andava forte e a dupla era com Carlos Pavan, o "Jacaré". Quem viveu sabe. 37 pontos pelo corpo forte, marcado ainda com três bestas tatuadas. Mais de um ponto para cada dia do ano. Muita história pra contar, risada do fundo da alma, bom coração. Um Ed Murphy no corpo do Schwarzenegger. Não se iluda. Artur é um grande garoto. Ama o surf e a vida.

Cisco Araná é um remanescente do surf sta dos anos 70. Cabelo meio comprido, calção tradicional, prancha branca, conversa mansa e convicções profundas. Tentou organizar o surf na sua área. Fez muito, mas a época não era aquela. Redesenhou quilhas, revolucionou o design de pranchas, usando alças de windsurf pra dar aerials e loopings impossíveis. Cisco tem ar sofrido, mas depois de um tempo se percebe ser experiência. Tempo bem administrad



Uma gargalhada eufórica. Na minha cabeça, Ricardinho Toledo tem essa imagem. Ricardinho sabe que tem 19 anos. Gosta disso, aproveita cada segundo da sua idade. Acorda cedo, pega as ondas. Todas que passam pela sua frente. E em cada uma delas, faz tudo que sabe. Quebra! Parece viver uma eterna bateria homem a homem com ele mesmo. Ricardinho é guerreiro com pedigree de pais campeões, nasceu pra lutar, e gosta disso. Não é convencido, porque pensa. Pra ele não servem palavras. O lance é som, movimento, snap back, gritaria, o Piolho é pura energia. E será sempre mesmo depois de sereno.



Se houvesse um Controle de Qualidade separando exemplares de seres humanos para serem enviados como amostras para exportação a outros planetas, Peter seria escolhido fácil. O garoto é bonito com personalidade. Sem se fazer de bonito. Peter não nasceu, foi shapeado. E Deus estava com a mão boa naquele dia. Peter não quer saber disso, quer saltar ondas de windsurf. Poderia ser modelo e ter quatrocentas gatas. Preferiu pegar ondas e ter uma só. Pouca idade e muita sabedoria.

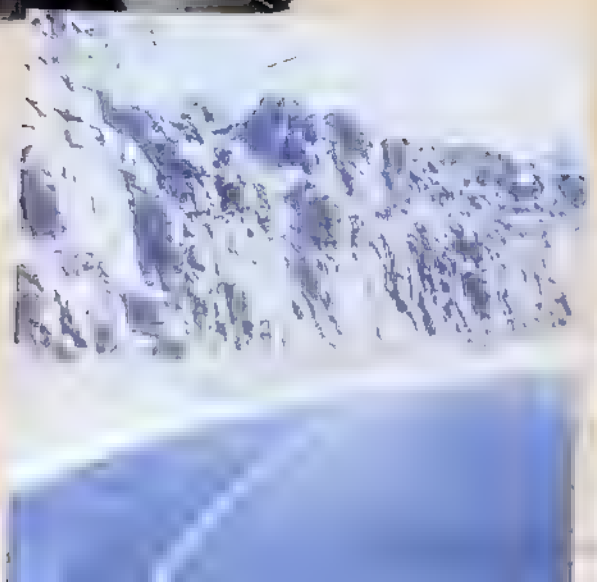
Os atletas profissionais focalizados aqui contam com o apoio dos seguintes patrocinadores

David Huzadel: OP – Tropical Brasil.
Ricardo Toledo: Plancton – Cauan.
Cláudio Marroquim: Plancton – Magro.
Cisco Araná: Canyon.
Peter: Nativos.
Artur Scatena Jr.: Squalo – Bicho D'água – Stanley

boné e de Bulo
camisa Stanley
tênis da Chuck Boom
camisa Zoomp

texto Paulo Lima

Agradecimentos à Pousada do Félix, em Ubatuba
Produção Patricia Figueiredo e Ingrid Fuchs



fim

Estar dentro de uma idéia é tão gostoso quanto mergulhar nela!
DON'T TREAD ON ME
DACOR
Mergulhe nesta
DACOR CORPORATION • MANUFACTURERS OF DIVING EQUIPMENT THE PROFESSIONAL'S CHOICE • SOUTH AMERICA
Av. Miruna, 660 - Tels.: 241-4176
241-1629 - CEP 04084 - São Paulo - SP

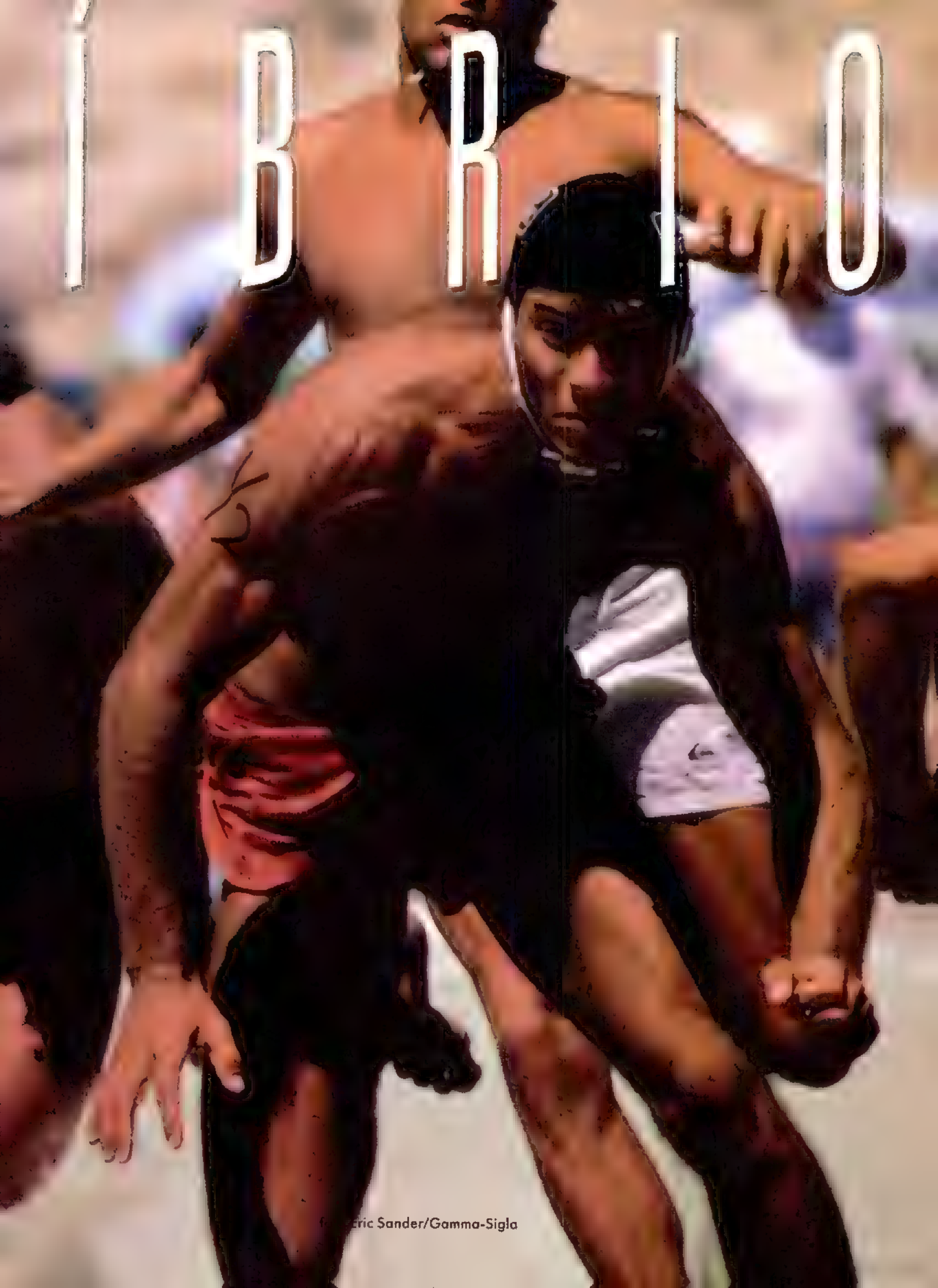
ASTR Deck
1980-87-VIVE SURF
7
ANOS
SAFETY NOSE
Deck
SAFETY NOSE
Você encontra em 10 cores lisas alucinantes e multicoloridas, que como toda linha Astrodeck darão um visual mais agressivo a sua prancha.
O SAFETY NOSE é um protetor indispensável para um surf com alto índice de segurança. Ele protege você e a sua prancha. É produzido com silicone puro de alta qualidade.
SE NÃO FOR ASTRODECK NÃO É O ORIGINAL
São parafinas de primeiríssima qualidade All Weather que nunca perdem seu alto grau de aderência. Seja qual for a temperatura ambiente.
BANANA DECK e PARADA DE PÉ lhe proporcionam um ponto de referência perfeito para um melhor posicionamento na prancha.
Os originais ANTIDERRAPANTES, que você já conhece em várias cores e formatos pra seu melhor desempenho: TRAÇÃO SOFT CANALETA, TRAÇÃO SOFT BOLINHA, SURFER PRO
MINI PRO'
ASTRODECK IND. E COM. DE ART. ESPORTIVOS LTDA. Av. Paes de Barros, 2412 - Tel. 914 7700 - Mooca - S.P - Brasil
RS (0512) 49.3438 - Porto Alegre - SC (0482) 22 2884 - Florianópolis - PR (041) 223 8986 - Curitiba - Santos (0132) 33 8274 RJ (021) 287.4290 - Rio de Janeiro - ES (027) 223 1986 - Vitória - BA (071) 248 8431 - Salvador - PE (081) 268 7693 - Recife - RN (084) 222.1360 - Natal

E Q U I L

O mundo está na corda bamba. Da mortalidade na Etiópia ao nível de radiação em Goiânia, estamos mais desequilibrados que cego bêbado brincando de bambolê.

O Dr. José Augusto Gelmini analisa o problema e aponta saídas para o futuro. Como [illegible]

LIBRIO



Eric Sander/Gamma-Sigla

Felipe Dantas, Barra (RJ) / foto Fauze Mahler

Texto
Dr. José
Ângelo
Gaiarsa

[illegible]

[illegible] superpostas [illegible] para baixo [illegible] pirâmide [illegible] Bacia [illegible] principal.

[illegible] beça). Pendurado na pirâmide média temos os dois braços 5 quilos cada um – balançando de todos os modos e fazendo muitas vezes bastante força. A base tem que carregar, firmar, equilibrar e escorar todos os movimentos e esforços que a pirâmide de cima e a do meio possam fazer.

Deixemos agora o de fora e examinemos o [illegible] da cadeira [illegible] Para [illegible] sobre duas [illegible] qualquer [illegible] Em conjunto [illegible] colocado sobre duas pernas de pau de três segmentos, unidos entre si por dobradiças que se dobram com imensa facilidade (tornozelo, joelho e junta do fêmur com a bacia).

E o edifício acaba aí? Não. Sobre a bandeja, um pouco atrás da linha que une os centros das esferas femurais, temos uma pilha de 24 "xícaras" (os [illegible] pode não [illegible] leve em qualquer direção. E em cima da pilha de xícaras – o que [illegible] Uma bola de 1 quilo. E na altura do [illegible] superior da pilha de xícaras, e que [illegible] tem uma [illegible] de quase 40 [illegible] com um cesto pendurado em cada extremidade – a vara apoiada no ombro.

Vamos ver mais uma dificuldade? Temos um metro e setenta de altura e uma base que é um pequeno trapézio com mais ou menos 30 centímetros de área – base minúscula para tanta altura. Paramos de pé como as embalagens de shampoo. Basta pensar e ela tomba...

O SURFISTA

Imagine agora o surfista mantendo de pé estabilba de improbabilidade posto sobre um flutuador a deslizar velozmente na descida de uma onda líquida. A tarefa é tão difícil que para executá-la se empenham na tarefa dois terços de todos os neurônios do cérebro. Quero dizer que dois terços de nosso cérebro servem apenas para a gente se mexer — sem cair. Por tudo isso equilibrar o corpo é tão difícil como equilibrar o espírito — ou a

Ricardinho Toledo, Puerto Escondido, México / foto Paulo Lima

Ferrugem, Puerto Escondido, México/Foto Paulo Lima

[illegible] que as duas coisas são uma só.

[illegible] uma atitude [illegible] e "manter uma [illegible] [illegible] atitude [illegible] [illegible] para baixo e para o lado [illegible]

[illegible] idêntico à atitude do corpo. Se — como o orgulhoso — olho para o mundo sempre de cima para baixo tudo me parece pequeno — principalmente os outros [illegible] diante das coisas com jeito de coitadinho, [illegible] — e ameaçador. Se olho de lado e para baixo e para longe — como a desdenhoso — tudo [illegible] me parece [illegible] importância e distante...

Equilíbrio de corpo e espírito são pois uma coisa só e o surfista é um peregrino em busca do equilíbrio perfeito. Sua medida [illegible] concentração se fazem sobre a prancha, sobre a onda, quando o equilíbrio — de si tão difícil — se faz quase impossível.

Concentrado, basta [illegible] distração [illegible] tombo, mergulho, sempre vexatório e muitas vezes perigoso. O mar é o mais impassível dos mestres.

Jânio Argolo, Ilhéus (BA) / foto:Marcelo Lopes

A ONDA

E a onda – o que é a onda – além da onda? A onda é a emoção... Todas as emoções são verdadeiras ondas que nos invadem e – se não conseguirmos manter o equilíbrio – nos levam de roldão para ações descabidas, verdadeiros tombos morais (ou imorais...), para cenas e momentos feios (ou maravilhosos), para separações definitivas ou encontros surpreendentes. Sempre e sempre um risco, qualquer emoção um perigo, um movimento cheio de ameaças e promessas. Instável e poderosa como uma grande onda do mar. Mas mesmo quando a emoção é divina e maravilhosa, faz-se necessário manter o equilíbrio, senão "perdemos a cabeça": nos melhores momentos da vida eu não estou aí (o eu não está aí). Foi dar uma volta e, quando volta, volta tudo para o lugar de sempre, quando antes havia, ali, um mundo novo e mágico criado pela emoção. É o desencanto da normalidade frente à surpresa do inesperado.

Só não cai da prancha quem avaliou com precisão a força da onda e o momento de embarcar nela – dificuldade que é de harmonizar-se com as ondas emocionais, tão ou mais líquidas do que as ondas do mar, tão ou mais poderosas do que elas, tão mais implacáveis e fatais do que o oceano.

Da vida.

Nunca o mundo se viu tomado e invadido por ondas tão poderosas de violência, destruição e pavor. Nunca o equilíbrio do espírito se mostrou tão necessário.

O surf é uma resposta, um aprendizado e um símbolo.

Bobby Owens, Havai / foto Paul Cohen

Caori

À VENDA EM SÃO PAULO
DESTAK – Sh. Center Norte – Ibirapuera
FATACCI – Sh. Iguatemi

GALÁPAGOS – Av. Sumaré, 345
B&B – Sh. Top Center
FAMY – Sh. Santana

H_2O – Rua Domingos de Moraes, 269
CAIRÉ – Rua da Palmeiras, 122
D'PALUC – Sh. Matarazzo

Fábrica – Pronta Entrega – Av. Dep. Emílio Carlos, 2695 – SP – CEP 02721 – Tel. (011) 858-4607

FLÁVIO PADARATZ

TROPICAL BRASIL

Tropical Brasil - Cx. Postal 638 - CEP 88.001 - Fpolis - SC - Fone: (0482) 33-3289

VOLTA AO MUNDO

Com apoio da revista *TRIP*, Tkts, Cannon e Ferrari, o fotógrafo e aventureiro Paulo Rollo está cumprindo os últimos preparativos para uma viagem ao redor do mundo. A coragem pra isso Paulo tirou de seus muitos anos como repórter fotográfico de diversas publicações nacionais. Agora, o mundo.

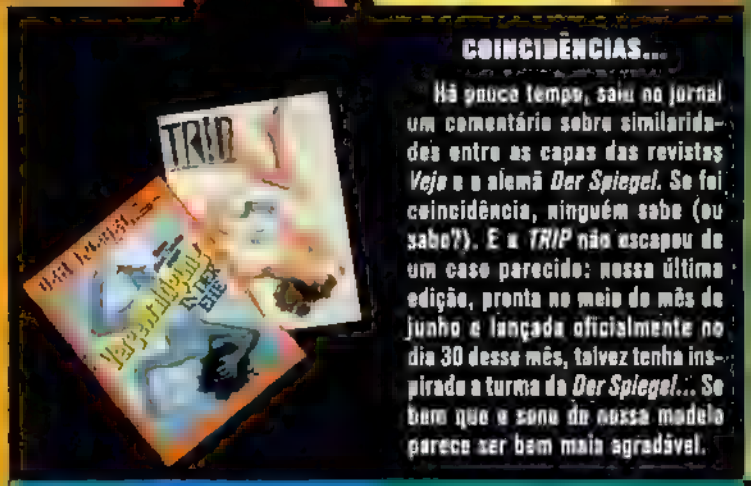
ANTES E DEPOIS

Ela já foi diretora da Associação Paulista de Bodyboard. Agora, Mônica Mendes está na Europa, experimentando as ondas incertas das passarelas. Na agenda, compromissos nada desprezíveis, como lançamentos da coleção Kenzo.

NEW LOOK

Pode ser ou não influência do nome. A verdade é que a Marprint é uma das principais responsáveis pela qualidade técnica de nossa revista, cujas imagens mostram 60% de motivos marítimos. Uma empresa tão preocupada com a qualidade da comunicação não poderia ficar parada, e lançou em setembro último sua nova logomarca. A Marprint, que além dos serviços de fotolito de primeira linha é uma das maiores gráficas do País, ataca agora de new look.

Paulo Lima



COINCIDÊNCIAS...

Há pouco tempo, saiu no jornal um comentário sobre similaridades entre as capas das revistas *Veja* e a alemã *Der Spiegel*. Se foi coincidência, ninguém sabe (ou sabe?). E a *TRIP* não escapou de um caso parecido: nossa última edição, pronta no meio do mês de junho e lançada oficialmente no dia 30 desse mês, talvez tenha inspirado a turma da *Der Spiegel*... Se bem que a capa de nossa modelo parece ser bem mais agradável.

JEANS TÔNICO

Jeans não muda? Muda.

A Dacor Corporation, dirigida por Marcos Santini, promete antecipar mais uma tendência européia para a próxima temporada. Trata-se de um realce especial no pesponto. E nada mais se sabe. Sérgio e Roberto Simonetti, meio-campistas da Dacor, seguram o mistério e garantem o sucesso dessa novidade. (A Dacor fica em São Paulo, na Av. Miruna, 660. Fones: (011) 241-1629 e 241-4176.)

PACOTE EUROPEU

O Estúdio Eldorado, de braços com o selo Stiletto, está lançando mais um pacote de rock inteligente: Bauhaus, *Mask;* Harold Budd & The Cocteau Twins, *The Moon and the Melodies;* e *The Fall, Bend Sinister*. Em matéria de rock europeu, nada melhor num raio de muitos sulcos...

D.R.

ROUPA D'ÁGUA

A Antenal, única empresa brasileira que fabrica botas para surf, está agora com outra novidade: roupas de borracha. Utilizando tecnologia desenvolvida para atender as necessidades do surfista, a Antenal trouxe um corte inovador para as roupas de borracha, valendo-se da experiência internacional de Pino Nicoletti.

shoji hori/sundek

MEETING

Encontro de gigante e aspirante a gigante no Hang Loose Pro Contest: Shaun Thomson e Neco Padaratz (irmão do Tecko).

PATROCÍNIO INTERNACIONAL

Morongo, da Mormaii, e Cheyne Horan, selando com as mãos uma união acertada em contrato. A partir de agora, Horan, uma das maiores forças do surf profissional, corre os campeonatos com patrocínio dessa marca brasileira.

DUPLA DINÂMICA

Estampas exclusivas para camisetas. É o que oferece uma dupla realmente dinâmica e bem disposta. É só ligar: Rô y Wal, fone (011) 211-3915.

Rôywal

shoji hori/sundek

ARTE & TRIP

"TRIP une surf e artes plásticas"

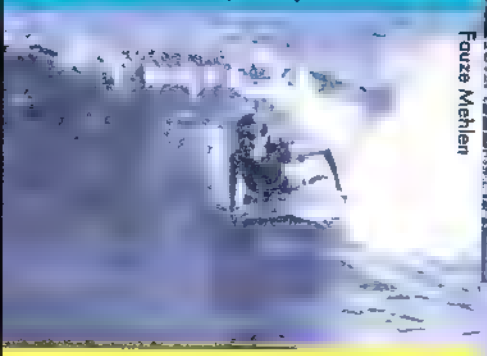
Esse foi o título de uma reportagem na Folha de S. Paulo, a respeito do lançamento de nossa quarta edição. Dentro do propósito de quebrar as barreiras que separam as tribos, chamamos cinco artistas jovens com algum tipo de ligação com o mundo dos esportes: Ciro Cozzolino, Jorge Barrão, Luiz Pizarro, Luiz Sôlha e Luiz Zerbini.

Não foi uma exposição de artes plásticas, mas sim um grande encontro num dos espaços mais interessantes de São Paulo, a Galeria Subdistrito, que cuidou de toda a infra-estrutura artística e técnica do evento. Entre as mais de duas mil pessoas que circularam pela vernissage, viu-se desde o campeão brasileiro de box categoria pena, Sidney dal Rovere, até a top model Petê Marchetti, passando por diretores da Rede Globo, jornalistas, skatistas, voadores, gente de idade, vaidade, empresários, enfim a raça toda. A exposição permaneceu no espaço por cerca de 20 dias e foi, segundo a direção da Subdistrito, uma das mais visitadas da história da galeria.

P.L

REVELATIONS

Glenda Kozlowski é o nome da bodyboarder brasileira que faturou, em agosto, o 1º lugar no *Morey Boogie Bodyboard Contest*, um campeonato internacional aberto para mulheres da categoria amador, em Sandy Beach – Hawaii. Glenda tem o apoio da Pakaloio e Capri Bodyboards.



Fouze Mehlen

MISTÉRIO

O que será que Ermínio Nadim, da Sundek, e Al Hunt, presidente da ASP, conversavam nas areias da praia da Joaquina? Muita gente já deduziu...

shoth hon/sundek

MARCO DO PÓLO

EXPORTS

A Quiver fazendo acontecer a marca Layers, exclusiva para acessórios esportivos: capa para pranchas de surf e bodyboard, sacolas para roupas molhadas, sacolas para motocross, porta-óculos, casaco para chuva, pro grip e muito mais. Essa nova linha, aliás, esteve presente na Feira Anual de Sports Wear, que aconteceu em setembro, na Califórnia.

Não deixem o pólo aquático afundar...

Foi nesse espírito que depois de muito esforço, o Brasil recebeu autorização da FINA (órgão máximo da natação mundial) para sediar o IV Campeonato Mundial de Pólo Aquático Júnior (5 a 13 de setembro na piscina do Esporte Clube Pinheiros, São Paulo). Presentes, além do Brasil, equipes da Alemanha, Espanha, Iugoslávia, Itália, Estados Unidos, Cuba, Canadá, México, China, Kuwait, Austrália, Egito e Colômbia. Apesar da verdadeira Babel que se instalou no clube, a organização e a divulgação estiveram impecáveis, inclusive contando com o apoio de algumas empresas, como a nova marca Jantzen de roupas esportivas. Destaque para a equipe da Espanha, que mostrou um jogo mais ágil e muito preciso. O resultado final foi o seguinte: 1º) Espanha; 2º) Iugoslávia; e 3º) Itália.

O pólo aquático do Brasil terminou em 7º lugar no evento e em 1º em moral reerguida.

P.L

Som da Gente

SAX EXPLÍCITO

Quando tinha 15 anos, Zezinho Mutarelli começou a surfar. Oito anos mais tarde, ele largava a prancha e se mandava pra Boston, carregando o passaporte, alguns dolares e seu glorioso saxofone. Foram quatro anos de muito estudo na University of Bekerlee, ao lado de alguns dos melhores músicos americanos. E o epílogo dessa estória é o início de outra: Zezinho estaciona os pés de novo por aqui e forma o grupo Sax so Funny, junto com outros pós-graduados na saxofonologia (Chico Guedes, Teco Cardoso e Mané Silveira). Jazz de primeira, muita técnica, bastante bom-humor. "Salve John Coltrane, viva Miles Davis!"

UM VÍCIO SOLITÁRIO.

89 FM A RÁDIO ROCK

São Paulo, 5 de setembro de 1987.

Dear Peter Tosh:

Acabo de ouvir teu último trabalho, *No Nuclear War*. Valeu, negão! Mais uma bola dentro. É a velha história do barril de carvalho, yu mean? Esses teus 24 anos de poeira e fumaça tão te fazendo o maior bem, pro corpo e pro espírito. Posso apostar que os carinhos da Marlene também somam nessa conta. Estou certo?

Mas, falemos do disco, cara. É isso aí, *no nuclear war* mesmo. Senão a Babilônia se joga do barranco e leva a gente junto. Já é quase tarde: *no nuclear war*! Tudo dito, redito. Resta a súplica, a fé na fé de todo mundo. Duvi "Fighting Apartheid" e "Vampire" no maior cuidado. Tua sensibilidade continua deusa nas regravações, numa boa. E em tudo também, nos metais, teu vozeirão de rachar lenha, o ar bruxo dos dois lados do disco. (Que fique entre nós, mas continuo achando que Sly Dunbar e Robbie Shakespeare fazem falta. Tudo bem, dá pra segurar.)

E o sol-tição da Jamaica? E Edward CIAga?, ainda no poder? Tsc... Tuas músicas ainda são boicotadas pelas rádios daí? Cacete, isso se explica?

Fico por aqui, ficas por aí. Vê se aparece, porque aqui em Maracangalha ninguém esquece aquele show de 1980 (precisava dar uma arrematada, yu?). Beijo na Marlene. Ire, rasta!

Cool runnings,

Otávio Rodrigues

Em/Odeon

O BOLETIM DA TRIP

São Paulo agora tem boletim das ondas todo dia. Seguinte: o programa *Trip 89*, filho pródigo da revista *TRIP* (89 FM, sextas-feiras, 20h:00), com apoio dos calções Billabong, está pondo no ar, desde julho, duas edições diárias de um informe com as condições do mar para o surf no Guarujá. O boletim das ondas conta ainda com a colaboração de Rodolfo Carbone, o Neco da Lightning Bolt. Por isso, os paulistas tentados a trocar cimento por água durante a semana podem anotar: o boletim das ondas vai ao ar às 11h:55 e 17h:55, na 89 FM, de segunda a quinta. Na sexta, o boletim rola apenas no *Trip 89*.

RACK 'N' ROLL

Nos primórdios, rack pra prancha era armação de ferro. Mais tarde, com os progressos da ciência, os racks foram ganhando personalidade pra acompanhar o surf, enquanto as cores tratavam de realçar a aparência e buscar sintonia com o carro e o dono do carro. E a evolução não pára aí. Basta conferir os modelos de rack da Equipage, que está lançando a linha Big Rack. São diversos modelos, para todos os fins e com revestimento anti-ferrugem. O símbolo dessa marca confirma o peso das novidades: um elefante. A Equipage fica em São Paulo, av. Berna, 136, fone (011) 521-6311.

ESPORTE PRA PULAR

Milhares de brasileiros estão pensando em se atirar. Cerca de 3.500 deles, porém, já andam fazendo isso, só que devidamente presos a pára-quedas. Esse esporte ganha cada vez mais força aqui no Brasil, apesar de ainda estar bem atrás de outros países (segundo o Centro de Atividades Aéreas Papillon, em São Paulo, na França existem 25 mil pára-quedistas, para uma população total de 55 milhões de pessoas). No início de outubro, aconteceu em Foz do Iguaçu o Campeonato Mundial de Pára-quedismo, reunindo participantes de 16 países e marcando pontos gordos para o desenvolvimento do esporte por aqui. Esse sim, um verdadeiro esporte pra pular...

SILÊNCIO NO SUNDEK

O rumo era Ubatuba, Sundek Classic em Itamambuca. Mas, o carro em que viajavam Dennis Magalhães, do staff de fotógrafos da *TRIP*, os surfistas Geraldo Ritter e Paulo Busch, encontrou antes um caminhão. E bem de frente. Dennis machucou-se bastante e além de não acompanhar o Sundek ficou quase dois meses hospitalizado. Geraldo e Paulo, infelizmente, não resistiram. E levaram com eles o exemplo de surfistas sérios e de grandes batalhadores do esporte.

SURF NA REPRESA

A rapaziada de São Paulo, aquela que trabalha a semana inteira, já tem motivo pra parar de reclamar. Fernando Rabello, preocupado com o bem-estar dos seus semelhantes, armou uma escola de esqui aquático e surf-esqui na represa de Guarapiranga. A escola conta com duas lanchas Ski-Boat, equipamento completo, dois instrutores, vestiários, restaurante e um visual digno de Riviera. Local ideal para um relax e alguns momentos de descontração. O telefone anti-stress é (011) 246-1817. Na foto, Marcelinho da Piping Hot em ação.

P. L

PROGRAMA DE SEXTA

E por falar em Trip 89... O programa vai chegando perto de seu primeiro aniversário na 89 FM (há dois outros anos de suor, só que em outra emissora). Dizer que o sucesso é cada vez maior, é quase pouco: o *Trip 89* arrebenta. Na foto, Adilson Maguila Rodrigues, contando tudo que sabe no microfone do programa. É só sintonizar: *Trip 89* vai ao ar todas as sextas, das 8 às 9 da noite.

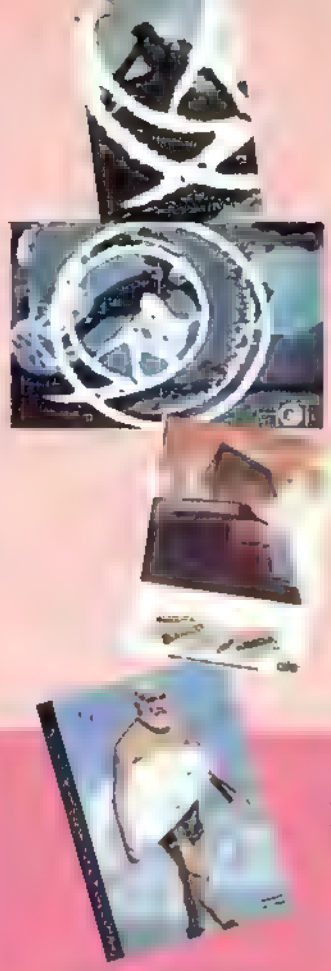
Materiał chroniony prawem autorskim

O MELHOR ANÚNCIO DA TRIP

A TRIP continua querendo saber qual o melhor anúncio publicado em suas páginas. Desta vez, conversamos com Gabriel Zellmeister (Diretor de arte da WGGK), Percival Caropreso (Vice-Presidente Executivo e Diretor de Criação da McCann), Renato Cruz (Gerente de Propaganda e Marketing da Vulcabrás), Rui Porto (Gerente de Moda da Divisão Jeans da São Paulo Alpargatas) e Wagner Fornel (Diretor de Criação da Terra de Propaganda). E aqui está o melhor anúncio da TRIP nº 04, segundo eles e segundo os leitores (participe escrevendo para alameda Ribeirão Preto, 548, CEP 01331, SP).

Voto dos profissionais de comunicação: Side Walk, página 106

Voto dos leitores: Piping Hot, páginas 75, 76 e 77



an bal neto

Sony

MÚSICA D'ÁGUA

A Sony japonesa está lançando (lá fora, por enquanto) uma linha de radiogravadores, walkmans, rádios portáteis e mini-televisores. Até aí, nada de mágico. O que diferencia essas novidades das outras, porém, é que os aparelhos são resistentes à água, à areia, pó, sol, vento, tudo. É claro que o apelo maior junto ao público são os esportes de ação, principalmente os marítimos. Daí que a Sony está garantindo a qualidade do som até debaixo d'água.

Shoti Hor/Sundek

A VOZ DO MESTRE

Já disseram que Marthos Mathias tem mil vozes diferentes. Conferir esse número, entretanto, é impossível: ninguém conseguiria parar de rir na segunda ou terceira investida do mestre-garganta. É dele, por exemplo, já há 25 anos, a voz de Fred Flintstone, a de Boris Karloff e outras tantas. O *Trip 89*, um programa fora de qualquer padrão, não evitou o convite: levou Mathias ao vivo no estúdio da 89 FM, pra contar tudo que dava tempo pra contar. Sucesso de público e de crítica.

O VELHO, MATANDO

Consultando alguns profissionais do marketing e publicidade para a escolha do melhor anúncio da revista *TRIP*, demos com uma escolha inusitada: um dos votantes, apesar de saber que não se tratava de anúncio, votou em nossa página de guarda (a página 3), que na edição 4 da TRIP trazia um velho surfista (ou surfista velho). A opção não valeu, mas o bom gosto no palpite foi legítimo. Aliás, essa foto da página 3 é de Aníbal Neto, nosso correspondente na Califórnia, um profissional que, cada vez mais, amplia seu universo técnico e dosa melhor a sua inspiração.

PEDRA 90

Se você é mais de trânsito na areia, com certeza nem imagina o que significa "pedra 90". Mas, aos poucos que já tomaram carona na linguagem elástica dos cais de porto, a tradução é muito fácil. Pedra 90 é gíria que identifica o malandro, o malaca legítimo, autêntico. É termo que inclusive já subiu alguns morros do Rio. E por falar em agilidade, a Gang 90 batizou seu novo LP com esse nome. *Pedra 90*.

O disco está saindo pela Continental, com inspirações fortes de funk, samba, rock e o diabo. A produção é de Edgar Scandurra, do Ira! Um dos trabalhos mais interessantes do ano.

O.R.

FIQUE PHYSICAL.

Physical

Blankenheim

E•••(0E1J)03 3403

PHILIPPINES. TEMPO DE ESK

AGUNDA

RUA ADOLFO GORDO 238 (011) 8251144

BOOGIE!

Morey Boogie®
Bodyboards

BILLABONG

PAULO SÉRGIO MATOS

24 ANOS, 1º CAMPEÃO BRASILEIRO DE SURF PROFISSIONAL

EQUIPE TOWN AND COUNTRY/ATOLL, TÉCNICO MARCIO "KABEHA" FUKUDA

roupa tweed, foto: bob wolfenson

PAULO LIMA

RICARDO BOCÃO

entrevistam

JORGE PACELLI

Big rider e a mãe! Jorge Pacelli recusa títulos e homenagens: quer surfar, de preferência sozinho, ou com alguns amigos, ou com a namorada, a mesma que ele jura jamais ter traído. Vai casar e engordar? Provavelmente não. Vai continuar sendo um dos mais destacados nomes do surf brasileiro em ondas grandes. É um dos mais queridos e humildes surfistas de sua geração.

TRIP Nome?
JORGE Jorge Pacelli Neto.
TRIP Idade?
JORGE 23.
TRIP Peso?
JORGE 70.
TRIP Altura?
JORGE 1,66. Acho.
TRIP Escolaridade...
JORGE Acabei o colegial. Só não fiz faculdade.
TRIP O que significa carregar um título como esse, de surfista big rider?
JORGE É um negócio que pesa, porque você fica com essa coisa, né... Fica todo mundo falando "o cara é big rider, vem aqui pra Brasil, não pega merreca...". Fica todo mundo em cima, esperando pra ver se o cara dropa ou não dropa. E eu não tenho que mostrar nada pra ninguém. Eu vou pro Havaí porque sou a fim, desde moleque faço isso, pego minhas ondas, se achar que devo cair no mar eu caio. Se tiver 15 pés, 20, se tiver o tamanho que tiver, se acho que devo cair eu caio.
TRIP E se pintar um mar que não dê mesmo pra encarar?
JORGE Pra falar a verdade, eu ainda não senti isso. Fui pro Havaí nos dois últimos invernos. Pelo menos no primeiro, não caí em nenhum Waimea. Cheguei lá meio assim. No segundo inverno, logo que eu cheguei, Waimea estava quebrando 25 pés, eu já caí, entendeu? E a partir desse, vários Waimea quebraram nessa mesma temporada.
TRIP Que tamanho tinha a prancha que você usava nesse primeiro dia de Waimea?
JORGE Estava com uma 8'6", que a Johnny Boy Gomes me emprestou.
TRIP E deu legal? Você achou pequena ou grande?
JORGE É, eu não tinha a mínima noção de Waimea. Achei que uma 8'6", pra mim, era até grande, uma prancha que eu nunca tinha pego na vida.
TRIP Você pegou ondas de série ou ondas intermediárias?
JORGE Peguei três ondas que vieram, intermediárias. Na quarta eu ainda despenquei, e tomei a série toda que veio atrás. Foi um negócio espantoso, pensei que ia morrer.
TRIP Como é a sensação de quase morrer?
JORGE É a sensação de morte, de você acabar de dar um wipe out, tomar um caldo... Um wipe out em Waimea já é tomar um caldo grande. Quando saí, olhei pra trás e vi todo mundo ali gritando! Parecia que o inferno tinha chegado. A onda que eu vi quebrar na minha frente... Fiz promessas e promessas que, eu acho que... meu...
TRIP Você perdeu a prancha?
JORGE Não perdi. Não perdi a prancha e graças a Deus tô aqui falando isso. Tô vivo.
TRIP Você já se sentiu pequeno demais diante da força do mar?
JORGE Já me senti. Mas dei sorte, porque nunca perdi a prancha, nunca tive que sair nadando. Passei sustos.
TRIP Já viu a baía fechando?
JORGE Já vi a baía fechando.
TRIP Você dentro d'água?
JORGE Eu e o Murilo Brandi dentro d'a
TRIP Que vocês fizeram?
JORGE A gente passou, você acredita? meio, onde ela vai fechar mesmo.
TRIP E olhou pra trás...
JORGE Olhamos pra trás, vimos um r caras ficar. Foi sorte nós passarmos. Fi turbado, estava bem maior do que eu p Vi que deu uma calmaria, virei pra areia mando.
TRIP Quem estava nesse mar?
JORGE Estavam todos que a gente sabe, mes Jones, Bradshaw, Mark Foo, todos tava um crowdezinho de big riders.
TRIP Quem você gostou de ver nas grandes?
JORGE O melhor que eu vi ali, se a mesma, foi o James Jones, o Mark Foo. E moral muito grande para o Roger Erick cara que se atira mesmo.
TRIP Você valoriza um surfista mais do outro?
JORGE Eu valorizo. Valorizo porque acho q o surfista completo, aquele que anda tanto merrecas quanto nas ondas grandes. Acho importante, você andar em todas as ondas. No meu caso, aqui no Brasil eu surfo merrecas, tem dia que eu caio no Guarujá quase sem onda, com um palmo. E se eu chego ali no Havaí, tá grande, eu caio também. Eu acho que é tudo pelo surf. O surf é a mesma coisa, viu? É ficar de pé em cima da prancha e pegar a onda. O tamanho do mar é uma conseqüência. Se você acha que deve cair, que tem base pra cair, acha que tá tudo bem, pode cair.
TRIP Há dez minutos a gente estava aqui injuriado, falando em jogar golfe. Você disse que tava de saco cheio do surf. E só começar a falar de onda e todo mundo se apaixona de novo. De onde vem essa magia?
JORGE Eu acho que isso vem de dentro, vem do primeiro dia que o cara começa a surfar. Eu, por exemplo, com uma prancha de isopor, acho que a partir do momento que eu consegui ficar de pé com algo me empurrando, sem ter motor, sem ter algum outro tipo de força feita pelo homem. É um negócio mágico, eu não sei como falar. Eu falei que tava de saco cheio do surf por causa das coisas como acontecem aqui no Brasil. Porque, pra falar a verdade, eu vou surfar até morrer, eu sempre vou pôr o surf em primeiro plano na minha vida, como fiz até hoje. Abdiquei de várias coisas que podiam acontecer de bom pra mim, aos 23 anos, já podia ter encaminhado algum outro trabalho, ganhando fortunas, ganhando...
TRIP Como está sua vida agora? Financeiramente estável?
JORGE Estável, é. Agora eu tenho meu carro, mas fiquei três anos sem um. Graças a Deus, agora, com meu trabalho, com meu esforço, fui recompensado e consegui um carro. Mas não posso falar em estabilidade, porque não tenho um contrato em papel, entendeu? Hoje, pode ser que eu ganhe isso, amanhã o cara chega pra mim e diz

5, eu não quero mais te pagar" e então... Acho e o surfista não tem muita estabilidade. Está ndo pra viver. E às vezes, você vai chegar dais com trinta e poucos anos, e o que você conseiu juntar com o surf? Acho que você conseguiu da. E a hora em que você começa a sua vida, daí diante, já sem nada, sem capital, sem nada, rque tudo você gastou com o surf.

TRIP Só tem os músculos e a cabeça feita.

JORGE Só tem os músculos, a cabeça e muita rerdação das ondas.

TRIP Você não se incomoda se fotos suas estão arecendo ou não nas revistas especializadas — isa que não acontece com a maioria dos surfiss. Como é? Você surfa só por surfar ou realnte está a fim de pensar em surf 16 horas por a e ganhar algum dinheiro com isso pra sobrever?

JORGE Eu me classifico como surfista profissioal. Atualmente, eu nem estudo e nem trabalho, vo exclusivamente do surf. Claro que eu gosto abrir uma revista e ver uma foto minha ali, é um ggócio chocante. Mas é que eu vejo tantas injusças, tantas coisas que não correspondem à real. as temporadas havaianas, você está lá, vê tudo e está acontecendo e na hora que vê uma resta no Brasil descobre que os caras falaram completamente o contrário do que aconteceu. Deram crédito pros caras que não mereceram e desmereceram outras pessoas. Vendo isso, eu me desanimo, perco toda a tesão no esquema, entende?

TRIP O que você espera fazer como profissional depois dos 30 anos?

JORGE Não sei ainda. Pra falar a verdade, nem parei pra pensar. Acho que tô curtindo o momento.

TRIP Já pensando em casar?

JORGE É, pensar em casar eu ainda não pensei. Eu namoro há bastante tempo. Posso me considerar casado, pelo tempo...

TRIP Quanto tempo?

JORGE 5 anos, 5, 6 anos já.

TRIP Você gosta de namorar?

JORGE Ah, eu acho legal. A menina que eu namoro anda de bodyboard, entende? Então ela foi viajar comigo pro Havaí, ela gosta de surf também. A maioria das pessoas vê a mulher como um atraso no surf. Falam que "você tá namorando, tá casado, acabou seu surf, você cai na água de perna mole", essas coisas. Não tem nada a ver, depende da convivência com a pessoa. Pra mim não abala em nada.

TRIP E o fato de você estar namorando há tanto tempo? Não faz você pensar que uma porção de brotinhos podiam estar passando pela sua frente, podia estar passando pela sua vida?

JORGE É, isso, a gente é homem, sempre, né... às vezes tá cheio de brotinho, ainda mais no Brasil, as melhores mulheres do mundo. Pô, mas eu não sei. Também tem o problema dessas coisas de doença, de Aids, acho que isso é um negócio muito perigoso. Eu não tô nem aí com essas mulheres. Tô contente, tô levando minha vida assim, não me faz nenhuma falta.

TRIP Você já traiu sua namorada alguma vez?

JORGE Eu nunca traí. Você acredita?

TRIP Se você tivesse de optar entre parar de viajar pra surfar ou parar de namorar, durante dois anos, que atitude você tomaria?

JORGE Eu acho que ia parar de namorar por dois anos...

TRIP O sexo atrapalha o seu desempenho esportivo?

JORGE Ah, depende... Eu acho que, pô... Quanto ao sexo eu não sei. Eu acho que tudo em abundância fica ruim. Se você é um cara moderado, não precisa fazer sexo todo dia. De repente, cara, não sei... Acho que pra mim não abala. Não abala muito.

TRIP Por falar em excessos, como fica Dadá Figueiredo, um atleta que bebe e que assume isso publicamente, com aquele jeito meio punk?

JORGE Eu não tenho o direito de reprovar ninguém. Cada um tem sua vida. Acho o Dadá um excelente surfista, gosto de ver ele na água, aprecio o surf dele, um cara radical. Quanto a beber ou não beber, isso é da pessoa. Há várias coisas na vida que acontecem por causa da idade, sei lá... O Dadá é um ser humano e sabe o que faz da vida dele. Não sei de suas questões mais íntimas. Como surfista, ele é um dos melhores do Brasil nas competições.

"É a sensação de morte, de você acabar de dar um wipe out, tomar um caldo... Um wipe out em Waimea já é tomar um caldo grande. No que saí, olhei pra trás e vi todo mundo ali gritando. Parecia o inferno. A onda que eu vi quebrar na minha frente... Fiz promessas e promessas que... meu..."

TRIP Você admira alguns surfistas?

JORGE No meio do surf, pô, não porque ele está aqui, mas eu admiro o Ricardo Bocão, o Renan Pitangui, o Broco, quem mais? O Roberto Valério... Em São Paulo, me baseio muito nos irmãos Alexandre e Murilo Brandi, caras que sempre estiveram na água, fizeram do surf o principal meio de vida e nunca foram recompensados por isso. Admiro também o Almir Salazar, Carlos Burle e Edu Bahia.

TRIP E seus pais, são heróis na sua história?

JORGE Meus pais sempre me deram força no esporte. Eles foram meus principais patrocinadores, devo tudo a eles. Claro que um pai, uma mãe, sempre gostam de ver um filho "encaminhado" em alguma coisa, ainda mais com esta idade, 23 anos... Pode ser que, sobre isso, eles pensem alguma coisa, mas nunca me falaram nada. Pode haver algo na cabeça deles, mas nunca me falaram nada. Gostam das viagens, ficam amarrados quando me vêem nas revistas. Sempre dão uma força.

TRIP Quando você começou a viajar pro Exterior?

JORGE A primeira vez em que eu saí do Brasil foi em 85/86.

TRIP Depois você foi pro Havaí de novo e agora pra Bali...

JORGE Fui pro Havaí de nova em 86/87 e agora pintou essa viagem pra Indonésia e pra Austrália.

TRIP Três viagens.

JORGE E.

TRIP Essas três viagens mudaram sua vida?

JORGE Acho que foram grandes experiências. Me sinto muito mais confiante. Viajando, às vezes você passa alguma necessidade, alguma dificuldade, você pega seu ticket de volta e fala em viajar pra casa... Mas, eu abri muito minha cabeça com essas viagens, abri pra outros lados, pros lados de pensar mais em si próprio. Me sinto preparado pra levar minha vida por conta própria.

TRIP Sua viagem pra Bali. Você num barco junto com alguns ídolos do esporte, como é que foi?

JORGE Isso foi um negócio alucinante na minha vida. Os caras que foram junto comigo, pô... caras que você tem como ídolos, Richard Cram, Marvin Foster...

TRIP Quem foi?

JORGE Richard Cram, Marvin Foster, Chap Jennings e o Katsusa do Japão, um japonesão gente fina. Quando entrei nesse convívio, pensei que seria rejeitado. Aquelas estrelas do surf, os fotógrafos... E os caras ali me trataram de igual pra igual, todos gente fina. Quando voltei dessa via-

mickey hoffmann

arquivo pessoal

gem, indo pra Austrália, o Richard Cram me hospedou na casa dele, entendeu?, me deu a maior força, mais de 15 dias, não gastei um tostão. E ainda me levou pra conhecer os melhores ondas da Austrália. Um negócio impressionante... Essa viagem foi muito marcante na minha vida.

TRIP E a viagem no barco? Era pra explorar points desconhecidos, como é que foi?

JORGE O cara que comandava o barco era aquele King Surfaris, ele já sabia...

TRIP Como é que chama?

JORGE King Surfaris. Ele já sabia disso aí. Ele levou a equipe nos lugares que ele já conhecia, ilha de Lonbok, Sumbawa, Lembongan. São points impressionantes. Lonbok foi a melhor onda, a que eu mais gostei. É um pico chamado Desert Point, lugares onde só se chega de barco. Então, ficava só a gente, 5, 6 caras na água. Onda até sobrava, swell todo dia, um negócio impressionante.

"A maioria das pessoas vê a mulher como um atraso no surf. Falam que 'você tá namorando, tá casado, acabou seu surf, você cai na água de perna mole', essas coisas. Não tem nada a ver, depende da convivência com a pessoa. Pra mim não abala em nada."

TRIP Viu algum bicho? Porque a Indonésia é cheia dessas estórias de animais perigosos...

JORGE Não vi nenhum tipo desses animais. Mas ouvi estórias do marinheiro do barco que naquela ilha de Lonbok existiam aqueles dragões, aqueles lagartos enormes, que alguns caras até filmam. Um lagartão grande, que os caras até chamam de monstro...

TRIP Grande?

JORGE Me falaram em 5 ou 6 metros. Os caras fazem lá umas filmagens, esses filmes que mostram bichos pré-históricos. Parece que só aumentam um pouquinho. Não vi nenhum, até porque eu nem pisei na terra. Fiquei 15 dias no mar, passei mal pra caramba.

TRIP 15 dias no mar. Nada fácil.

JORGE Tinha horas que eu dava tudo pra voltar pra casa. Passava mal pra caramba. Eu falava pelo amor de Deus, quero estar em casa, quero a comidinha da mamãe...

TRIP A comida é que era ruim, ou ficar balançando num barco, pra cima e pra baixo...

JORGE Não, a comida, em termos de comida era boa. É que era muito peixe, entendeu? A gente comia mais o que a gente pescava. Então era peixe, era aquela comida, ficava aquele cheiro de cozinha no barco, era um negócio que eu não tava mais aguentando.

TRIP E os caras tavam sentindo todos a mesma coisa? Ou você se sentia um fragilzinho enquanto todo mundo se segurava?

JORGE Os caras também passavam mal. Os únicos que não passavam mal era o King mesmo, o Paul King, que era dono da expedição, e os marinheiros. O resto, todo mundo passou maus lençois.

TRIP É uma empresa que explora esse tipo de tour, é isso?

JORGE É, é um cara, um australiano que reside agora na Indonésia. Ele faz esse tour, num barco, ele vai pra várias ilhas, você faz seu roteiro. Ele fala as ilhas que são melhores, as que ele acha que são pra ir...

TRIP Se você recebesse um telegrama de Deus, dizendo "Olha, daqui um mês acaba o mundo, chega de palhaçada, tô avisando você... Tem mais um mês pra fazer o que tiver de fazer, vender suas coisas, porque daqui um mês acaba a brincadeira". Que você faria nesses 30 dias?

JORGE Nesses 30 dias... Eu acho que ia... Eu acho que ia residir ali no Havaí e ficava pegando o máximo de Pipeline possível.

TRIP Bem, enquanto o telegrama não chega... Como é que é sua preparação? Treinamento, comida...

"Aqui no Brasil eu surfo merrecas, tem dia que eu caio no Guarujá quase sem onda, com um palmo. E se eu chego ali no Havaí, tá grande, eu caio também. Eu acho que é tudo pelo surf. O surf é a mesma coisa, viu? É ficar de pé em cima da prancha e pegar a onda."

JORGE Quase não pratico esportes extra-surf. Surfo todo dia, ando um pouco de bicicleta, às vezes dou umas nadadas. Mas não tenho nenhum outro tipo de preparação especial. Alimentação, eu como de tudo. Acho que gosto mais de carne, vou mais pros lados das carnes. Não tenho nenhuma alimentação especial nem treinamento extra-surf especial.

TRIP Você acha que surfista é mais bonito do que o resto da moçada?

JORGE Eu acho que as gatas sempre caem mais em cima do surfista. Eu acho que o surfista é uma raça assim meio, como é que vou falar, meio privilegiada. Surfista tem um corpo bem formado, sempre na praia, moreninho e tal. Os caras de cabeça mais liberada acha que levam uma certa vantagem.

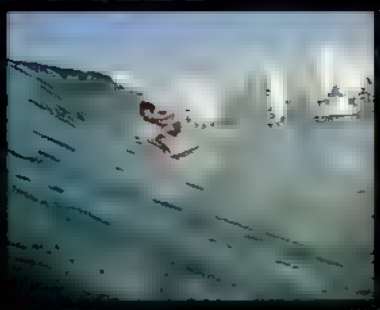
TRIP É músico? Se você pudesse entrar de walkman em Waimea, que som você punha pra tocar?

JORGE Depende do dia em Waimea. Nem sei, tem vários momentos... Às vezes uma música que me abalasse muito, ou que me instigasse, outras que me acalmassem. Nem sei. O que eu menos gostaria de ouvir seria a marcha fúnebre.

TRIP O que você veste?

JORGE Eu tenho que usar a roupa do patrocinador, mas às vezes os caras fazem coisas que não são do meu gosto, entende? Eu escolho calças jeans, camiseta, tênis. Uma roupa normal, nada muito social.

TRIP Sugeriram que a cerimônia final do Circuito



arquivo pessoal

Se o surf tivesse escola, Guarujá seria universidade e Jorginho um dos melhores alunos. Na foto, Canal, Pitangueiras bem cedinho, há muitos anos. O início do curso.

arquivo pessoal

Os gringos costumam chamar de "emotional support"... O que importa é que Jorge e Flávia formam um casal tranqüilo.

angus-charter

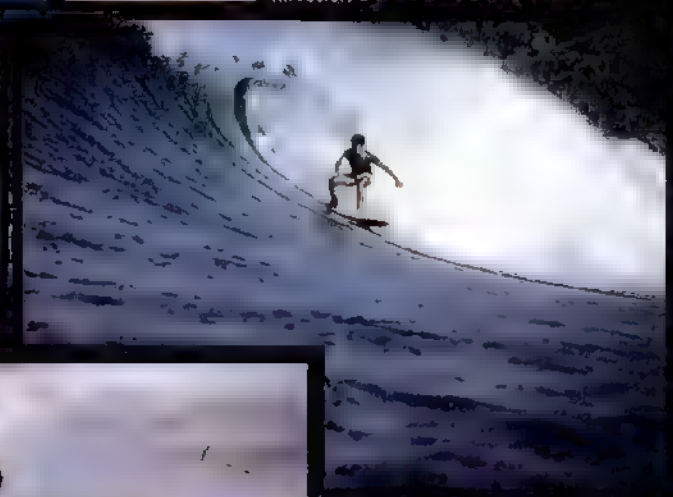
Jorge fez vários amigos no tempo em que viveu no Havaí. Um deles talvez tenha sido especial: o fotógrafo inglês Angus Chater, que morava nas ilhas. Antes de publicada a primeira foto de Jorge numa revista internacional, Angus morreu. Mas suas fotos seguraram seu bom astral.

arquivo pessoal

O conjunto tem de ser perfeito. Coragem, técnica e preparo físico não bastam. Um quiver afiado e muita disposição são indispensáveis para encarar as "North Shore Vibes".

A longa viagem do King Tour não é mesmo das mais confortáveis, mas traz visuais e recompensas inesquecíveis. Ondas perfeitas, inexploradas, quebrando para os dois lados, podem fazer parte do dia-a-dia. De front side pra direita, Jorge Pacelli. Pra esquerda, Marvin Foster.

Cram, mostrando um dos motivos de sua escolha para chefe da equipe Quiksilver.

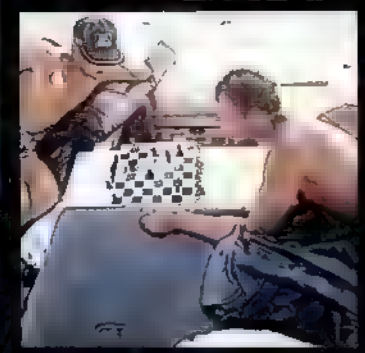


fotos: arquivo pessoal

Durante incontáveis dias de navegação, não há muitas alternativas de lazer: jogar xadrez com Marvin Foster, preparar um peixe com Richard Cram ou consertar a prancha com Chappy Jennings podem ser algumas das opções.

Dar nome a um point desconhecido da Indonésia custou a Jorge Pacelli algum sofrimento...

Chappy Jennings abasteceu e dispensa do barco por vários dias.



A VIAGEM DOS SONHOS

Jorge Pacelli é um dos privilegiados surfistas que podem reunir técnica apurada, coragem e boas condições físicas para aplicar tudo da forma mais perfeita que o esporte proporciona: viajando aos points mais remotos e menos explorados deste mundo.

Há cerca de seis meses, quando ainda fazia parte da equipe Quiksilver, Jorge teve a chance de realizar o sonho da maioria dos jovens que gosta de pegar onda: embarcar num veleiro de oceano acompanhado de alguns dos mais destacados nomes do surf mundial e navegar durante semanas buscando a onda perfeita. No barco de uma empresa especializada em tours desse tipo, estavam Richard Cram, General Chappy Jennings, Marvin Foster, o surfista japonês Katsusa e o capitão do barco. O veleiro percorreu o litoral do arquipélago da Indonésia, um dos lugares mais bonitos do mundo, que dispensa qualquer outro adjetivo. Jorge experimentou sensações que, segundo os surfistas mais experientes, correspondem ao máximo que um atleta desse esporte pode conseguir.

Só para citar um exemplo, cair com três amigos num swell de seis a oito pés tubular, com sol a pino, sem ter de parar a arrebentação... Até o lado ruim torna-se bom: num ponto perdido do litoral da Indonésia, a expedição descobriu um pico nunca antes surfado, que quebrava naquele exato momento em condições de sonho: 10 a 12 pés de água verde, rodando, sobre um fundo raso afiado de coral. Jorge dropou a primeira onda e foi atirado com violência contra o fundo, ganhando cortes nas costas. Agora, o point já tem nome: Scar Reef—ou "Point da Cicatriz". Uma homenagem dolorosa mas cheia de brilho para um excepcional atleta brasileiro.

Paulo Lima

Brasileiro de Surf Profissional fosse na base do black tie. O que você acha?

JORGE Eu acho isso importante. Eu acho que tem que haver uma cerimônia que marque. Há vários entidades presentes, revistas, jornais, televisão, e vão pegar o cara ali de bermuda e camiseta? Eu acho que o cara de black tie, de terninho, de gravata, acho que é uma moral melhor. Preciso acontecer uma festa assim.

TRIP Patrocínio tudo bem?

JORGE Fiquei com a Quiksilver, meu antigo patrocinador, durante três anos. Era um trabalho longo, entende? Aí entrei para a Hang Loose. O Allio achou que eu sou um cara importante pra empresa dele, que eu era o espírito havaiano, que não tinha ninguém melhor do que eu pra entrar na equipe dele. Fiquei muito grato por isso e agora estou indo pra Havaí com patrocínio da Hang Loose.

paul cohen/visual esportivo

Waimea é o último estágio da pós-graduação de um big rider. Jorge Pacelli colou grau com louvor.

TRIP Vamos terminando... Qual a sensação de olhar pro baixo, ver os pés em cima de uma prancha e 6 metros de onda depois dela?

JORGE A sensação, pô... Eu acho que é o máximo de sensação pro surfista. Qualquer um que já pegou essas ondas, que já pegou ondas acima de 10 pés sabe disso. Uma onda acima dos 10 pés, uma onda até 20 pés, eu acho que pra um surfista que gosta de surf essa é a emoção máxima.

TRIP Se você tivesse de andar com uma camiseta, uma mesma camiseta durante 20 anos, que frase escreveria nela?

JORGE O que ia escrever? Acho que iria escrever uma frase que já aparece muito por aí: "Vivo pra surfar e surfo pra viver".

"Eu acho que as gatinhas sempre caem mais em cima do surfista. Eu acho que o surfista é uma raça assim meio privilegiada. Surfista tem um corpo bem formado, sempre na praia, moreninho e tal. Os caras de cabeça mais liberada acho que levam uma certa vantagem."

Nem só de Havaí vive um big rider. Neste dia, Jorge desfrutou um litoral norte paulista em dia clássico, com 6 pés tubulares, na companhia dos melhores amigos. Dentro do tubo, Jorge Pacelli, fora Murilo Brandi.

O grab rail foi recurso muito utilizado pelo Jorginho em seu tour pelos secrets da Indonésia.

"Então, ficava só a gente, 5, 6 caras na água. Onda, até sobrava, swell todo dia, um negócio impressionante."

Um surfista "regular" precisa normalmente de três ou quatro temporadas no Havaí para começar a dar as costas pras esquerdas de Pipeline. Jorge, em seu segundo inverno nas ilhas, mostra que toda regra tem exceção.

"Eu nunca trai. Você acredita?"

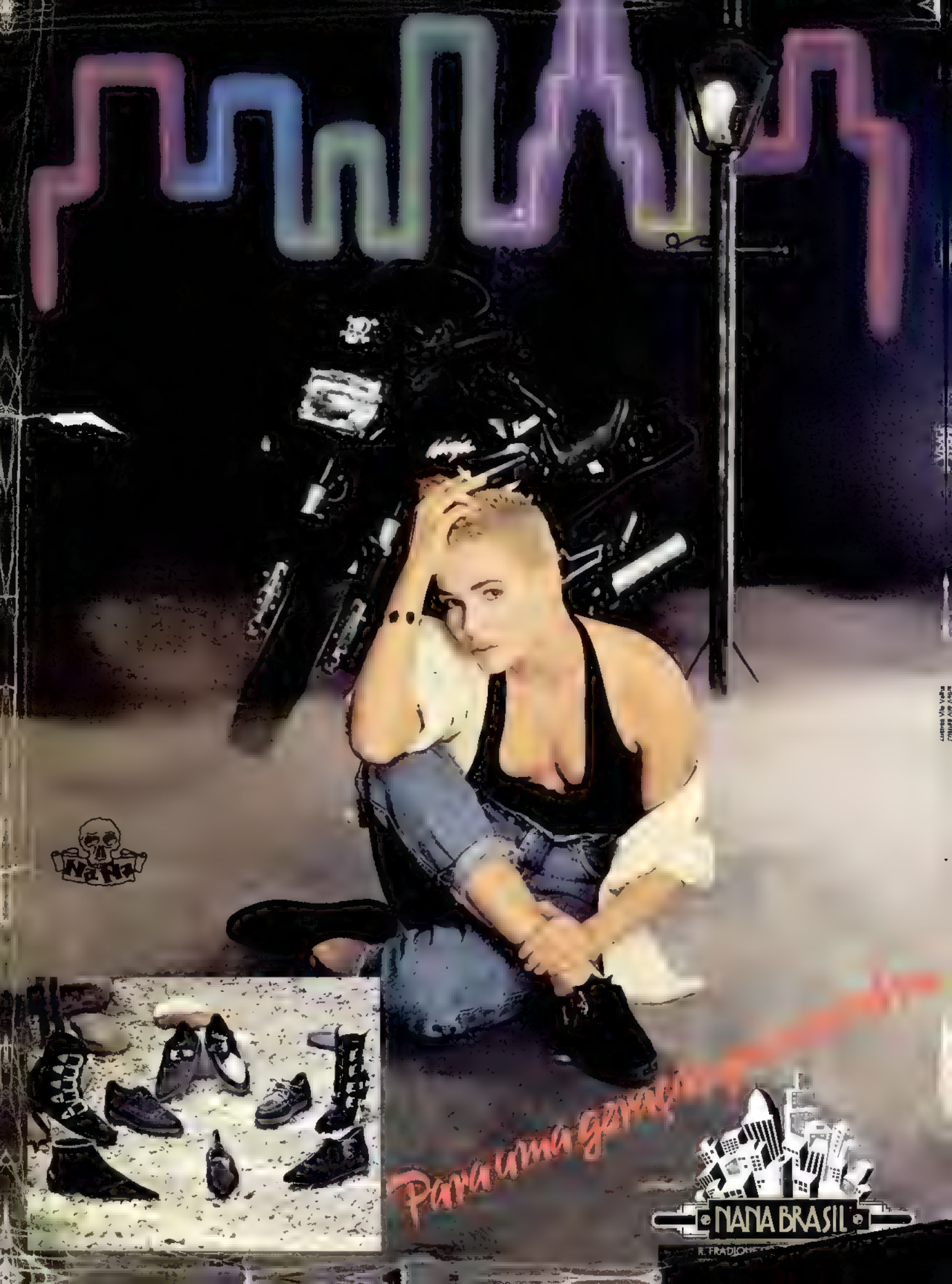
foto: Zoinar/Visual esportivo

"Uma onda acima dos 10 pés, uma onda de até 20 pés, eu acho que pra um surfista que gosta do surf essa é a emoção máxima."

"Não sei ainda. Pra falar a verdade, não parei pra pensar. Tô curtindo o momento."

Desde o famoso caldo de lanzinho, que virou poster da *Surfer*, nenhum brasileiro era visto numa situação tão radical em Pipeline. Nesta seqüência de fotos publicadas em quatro páginas na revista australiana *Surfing Life*, Jorge Pacelli recebeu o certificado de Pipe-Master com firma reconhecida pela teleobjetiva de Mick McCormack.

TRIP
SURF & SEXO
GILBERTO GIL
SURF NA TASMÂNIA
O SEGREDO DA MÚMIA
ÁFRICA DO SUL
PANTANAL
MODA!
JORGE PACELLI
ANO 2 NÚMERO 6 1987 Cz$150,00


Na Na
Para uma geração
NANA BRASIL

00.000,00 EM PRÊMIOS. CATEGORIAS: PRO-AM, LONG BOARD, SURF FEM. E MIRIM, BODY BOARDING MASC. E FEM. KNEE BOARDING

Capa: Silvia Rossi, da Class, fotografada por Paulo Vanier
Jeans Op.
Produção Ingrid Fuchs.
Surf: Juninho do Guarujá, no Havaí, fotografado por Denpro Sato

EDITOR Paulo Aras Lima
DIRETOR ADMINISTRATIVO Carlos G. Sark
CONSULTORIA DE MARKETING Wanderley Pedrinchi
EDITOR DE ARTE Rafic Jorge Farah
EDITOR CONTRIBUINTE Eduardo Borgerth
DIRETOR DE REDAÇÃO Otávio Rodrigues
PROJETO GRAFICO Rafic, o embustaro

ARTE
DIREÇÃO: Reinaldo Zap
ASSISTENTE: W. Pirozzini
TRAFEGO: Rosana Vianna
ESTAGIARIO: Paulo Keka
REDAÇÃO
PRODUÇÃO: Juliana Cristina de Souza
REPORTAGENS ESPECIAIS: Arthur Veríssimo
MARKETING EDITORIAL Fernando Jose da Costa Netto
FOTOGRAFIA. Ernesto Baldan
FOTO STAFF: André Reichmann, Alvio Sbruzzi, Dennis Magalhães, Mickey Hoffmann, Paulo Figueiredo, Roberto Prior, Shoch Hon
COLABORADORES
FOTO-ESPORTES: Alexandre Fonseca, Angelo Palumbo, Araquém Alcântara, Carlos Eduardo de Campos Luz, Claudio Maranhão, Daniel Bourgue, Edson Neves, Fauze Mehlen, Gilberto Fernandes, Klaus Mitteldorf, Jair Borelli, Levy Cruz Pavia, Marcelo Busch, Marcelo Lara, Marcos Prado, Mário Castelo (Magu), Mahony, Paulo Galvão, Petrônio Vilela, Ricardo Barbero, Sidney dos Santos José, Tico Ohara
ESTUDIO: Alvaro Elias, Armando Prado, Bob Wolferson, Charlie San Juan, Elisabetsky, Fernando Franchini, J. R. Duran, Paulo Vanier, Vitor Amatti
TEXTO-ESPORTES: Dagomir Marquezi, Eduardo Farah, Fabio Bolotta, Giovanni Mancuso, Dr. Jose Angelo Gaiarsa, Jose Fucs, Luiz "Fino" Sola, Luiz Roberto "Formiga" de Moraes, Marco Bueno, Rosaldo Cavalcanti, Sidão Tenucci, Simone Gontier **MUSICA.** Alvizio Lacerda, André Christovam, Fernando Naporano, Kid Vinil, Lu Gomes, Papa Escobar
CONSULTORIA DE MODA: Hermano Vianna, Ernesto Baldan
CORRESPONDENTES
USA: Havaí - Bill Bamfield; Califórnia - Annibal Neto e Adrian Kevin; Detroit - Jarbas Beznos **ITALIA.** Milão - Papa Escobar **FRANÇA.** Jean Michel Potier e Frederic Pauvarel **PORTO RICO:** Norman Grossbreuty **EUROPA:** Paulo Pragda
DEPARTAMENTO FINANCEIRO
GERENCIA: Shoch Hon
ASSISTENTE: Adriana Lucia de Souza
DEPARTAMENTO COMERCIAL
DIREÇÃO: Marco Aurelio dos Reis - Rua Cerro Corá, 646, CEP: 05061 - São Paulo (SP), fone: (011) 260-2964
REPRESENTANTES
SAO PAULO: Paulo Maciel, Selma Pina, fone: (011) 260-2964
RIO DE JANEIRO: Paula D'Orsi, fone: (021) 226-8247
SANTA CATARINA: Valéria Arruda, fone: (0482) 23-2116
RIO GRANDE DO SUL. Dennis Magalhães, fone: (0512) 31-6619
NORDESTE: Claude Moette, Bip: (085) 224-6666 833
ASSESSORIA JURIDICA: Matheus Martins do Costa, Silvio G. Shirter, J.C. Gamboa, Helio Dias de Moura
MARKETING DIRETO: Gof P & P - Aldhemar Freitas Filho (SP - 011 - 260-2964)
IMAGEM: São Paulo Criação
SERVICOS GRAFICOS
FOTOLITOS: Lasport, Colortek, Marprint
COMPOSIÇÃO: Lidio Ferreira
IMPRESSAO E ACABAMENTO: Divisão Gráfica da Editora Abril S.A.
DISTRIBUIÇÃO: Fernando Chinaglia S.A. - Rua Teodoro da Silva, 907, Rio de Janeiro (RJ)
EXTERIOR: Distribuidora Jardim de Publicações Ltda. - Quinta Pau Varais Azinhaga dos Feiais - Carnaxide - Lisboa

Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião da revista. TRIP não publica matérias redacionais pagas e é uma publicação bimestral da TRIP Editora e Propaganda Ltda. Administração, redação e publicidade à Alameda Ribeirão Preto, 548, São Paulo (SP), CEP: 01331. Fones: (011) 283-3804 e 288-6912.

EDITORIAL

Tantra, página 86

Por vezes, durante o dia-a-dia de trabalho duro na elaboração desta edição da *TRIP*, chegamos a pensar que era exagerada nossa obsessão pela qualidade e desumano o nível de esforço e dedicação de toda a equipe. Vale a pena?

Nos tranqüiliza a descoberta de que muitas outras pessoas e grupos têm sido tanto quanto ou até mais obstinados pela qualidade naquilo que fazem. O simples fato de buscarem essa qualidade quase que implica em conquistá-la.

Nos congratulamos com todos esses grupos, em especial aquele que hoje leva o Circuito Brasileiro de Surf Profissional e o Mundial de Surf no Brasil. Realidades concretas, uma grande lição. Os exemplos são inúmeros. Temos visto claramente que nossos anunciantes, os que começam a se preocupar cada vez mais com sua comunicação, com a qualidade de seus produtos, estão obtendo melhores resultados e principalmente trabalhando mais satisfeitos. Vimos Paulinho do Tombo e Pedro Müller mostrando a todos que qualidade e dedicação valem a pena. Vimos a equipe do jornal *O Globo* transformar a dedicação de anos de esforço na cobertura séria e competente desse esporte. Temos visto muitos exemplos e estamos contentes, pois a lei da sincronicidade tem-se encarregado de aproximar essas pessoas e grupos cada vez mais, ajudando a quebrar as barreiras entre eles e a iniciar, ainda que discretamente, uma mudança nos padrões de qualidade cultural brasileira.

Gastar espaço, tinta, suor, papel, amor e árvores para criticar políticos, Governo e instituições? Preferimos falar, fotografar, escrever, filmar aquilo e aqueles que trabalham para melhorar todo esse estado de coisas, seja cantando, fotografando, surfando, voando ou pensando. Esse é o nosso caminho, assim fazemos a nossa pequena parte.

Precisamos cultura, o máximo que pudermos. O caminho? Trabalhar com dedicação pela qualidade, em todos os seus muitos e muitos sentidos.

PAULO LIMA

JORGE PACELLI
Big Rider é a mãe — 4

SURF TRIP
Agora a África do Sul — 20

TASMÂNIA
Esqueceram as ondas no freezer — 24

O MISTÉRIO DA MÚMIA
Sobrevoando a maldição do faraó — 36

GIL
O candidato que toca a real — 46

PANTANAL
Apocalipse now? — 58

MODA
Imprevisível — 72

TANTRA
As relações íntimas entre surf e orgasmo — 86

SALADA
Tudo de novo — 99

Materiał chroniony prawem autorskim

araquem alcântara

"É preciso desalienar o mundo do surf, impregnar o mundo do surf. Eu falo no sentido dos artefatos, de que eles tenham referências de outros universos. Referências obrigatórias a partir da própria prancha, que na prancha deles eles levem outras coisas. Que o desenho da própria prancha seja o desenho do mundo. Quando ele anda sobre as ondas ele está sobre o mundo."

Gil

Pantanal, pagina 58

PRODUZ DO E DISTRIBUIDO NO BRASIL
SOB LICENÇA DA SUNDEK OF CALIFORNIA®
395 PINEDALE COURT MELBORNE FL 32940
(305) 242-2500 USA

SUNDEK®

SURF TRIP

south african airways

ÁFRICA do SUL

south african airways

Nem só das ondas vive a beleza da África do Sul.

A costa da África do Sul é literalmente forrada de boas ondas.

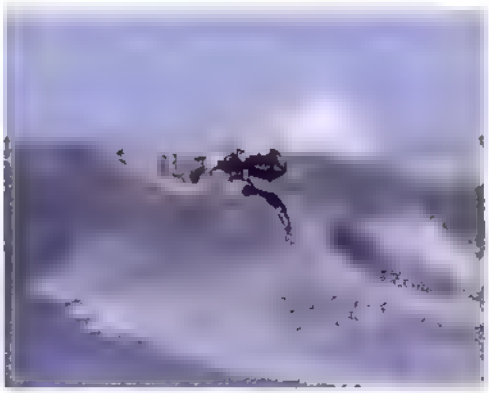
Por Luiz "Feio" Sala

COMO IR: Avião, sem dúvida, é a melhor opção para quem quer chegar até a África do Sul. As empresas que têm vôos regulares pra lá são a Varig e a South Africa Airways. Esta última tem vôos quinzenais, sempre às quartas-feiras, com saídas de São Paulo ou Rio de Janeiro até Joanesburgo ou Cape Town. A tarifa, com saída do Rio, está em torno de 1.204 dólares. Para mais informações, consulte a South Africa Airways, em São Paulo, fone (011) 259-1522. O visto no passaporte pode ser tirado nos consulados da África do Sul em São Paulo ou Rio de Janeiro. É necessário estar vacinado contra febre amarela.

TRANSPORTE LOCAL: A alternativa mais interessante é alugar um carro. E isso pode ser feito aqui mesmo no Brasil, através de agências locadoras internacionais (Hertz, National, etc.). Para dirigir na África do Sul é necessário possuir Carteira Internacional de Habilitação. E convém manter-se atento no trânsito de lá: a direção fica do lado direito e as mãos de tráfego são invertidas, tal e qual acontece na Inglaterra.

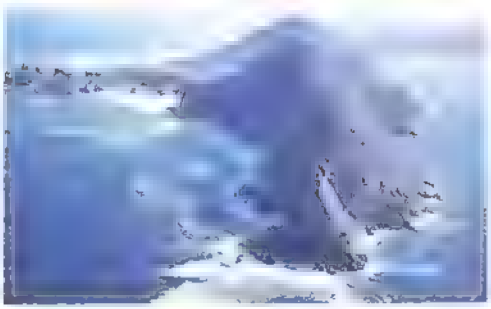
ONDE FICAR: Em Durban, Parade Hotel (Rua Marine esquina com Sorridge), Wave Crest Hotel (Rua Gillespie esquina com Shounrok), Pavilonis Hotel (Rua Old Fort) e Holiday Flats (Rua Marine esquina com Frobisher). Os preços variam entre 15 e 25 dólares por dia, incluindo as três refeições. Em East London, procure o Wood Holme Hotel (Rua Seaview) ou o Queens Hotel (Rua Currie esquina com Bononga). Em Jeffrey's Bay, Port Elizabeth, você pode ficar no Beach Hotel, no Savoy, no Rand Dowels, onde por cerca de 13 dólares por dia pode-se contar com chalé e refeições. Em Cape Town, da mesma forma, são inúmeras as opções para uma estalagem boa e barata.

MELHORES PICOS: Em Durban, os points ficam em frente à principal avenida (Avenida Marine). Aqui estão os conhecidos Bay of Plenty, North Beach e outros. Para se chegar à Cave Rock, é necessário ir até o bairro de Bluff e seguir as indicações até a praia. Em East London, temos Nahoon Reef e Yellow Sand. Em Jeffrey's Bay, o point com o mesmo nome, mais Cape St. Francis, Seal Point, Oyster Bay e outros muitos à beira da estrada. Em Cape Town, Buffalos Bay, Victoria Bay e Mossel Bay. Todos esses points são máquinas de ondas constantes e perfeitas.


ernesto baldan

Jeffrey's Bay, uma das direitas mais perfeitas do mundo. Mark Occhilupo.

south african airways


south african airways

EQUIPAMENTOS: Roupa de borracha, rack para as pranchas, e roupas para o dia-a-dia (de frio), como casacos, moleton, meias de lã, bota, gorro, luvas, etc.

MELHOR ÉPOCA: Quando o inverno ataca o Brasil, as ondas sobem na África do Sul. Mas há quem já tenha experimentado ir pra lá em novembro, dezembro, janeiro e fevereiro e encontrado a costa inteira quebrando perfeita.

OUTROS TOQUES: * Cuidado especial para atravessar as ruas: as mãos invertidas podem fazer um carro atravessar você. * Nunca ultrapasse as faixas sinalizadas com "stop" e respeite bastante as normas do trânsito. * Não esqueça os dólares em casa: serão necessários para o período de um mês, mais ou menos, 1.500 dólares. * Se o mar estiver flat pra você, ou se você estiver flat pro mar, vá conhecer a maior reserva de animais do mundo, o Parque Kruger, a 400 km de Joanesburgo (para maiores informações, ligue para 44-1194, em Pretória, ou consulte qualquer agência de turismo local). * De Durban a East London de carro, é preciso atravessar o território negro de Transkei. Essa área, conhecida também como Wild Coast, é atendida por um posto de polícia da fronteira, que lhe dará autorização para transpor a região. * Leve seu bat-anti-repelente de tubarões, que por lá está cheio deles. É claro que as ondas compensam qualquer risco...

Apoio Cultural

SAA
SOUTH AFRICAN AIRWAYS

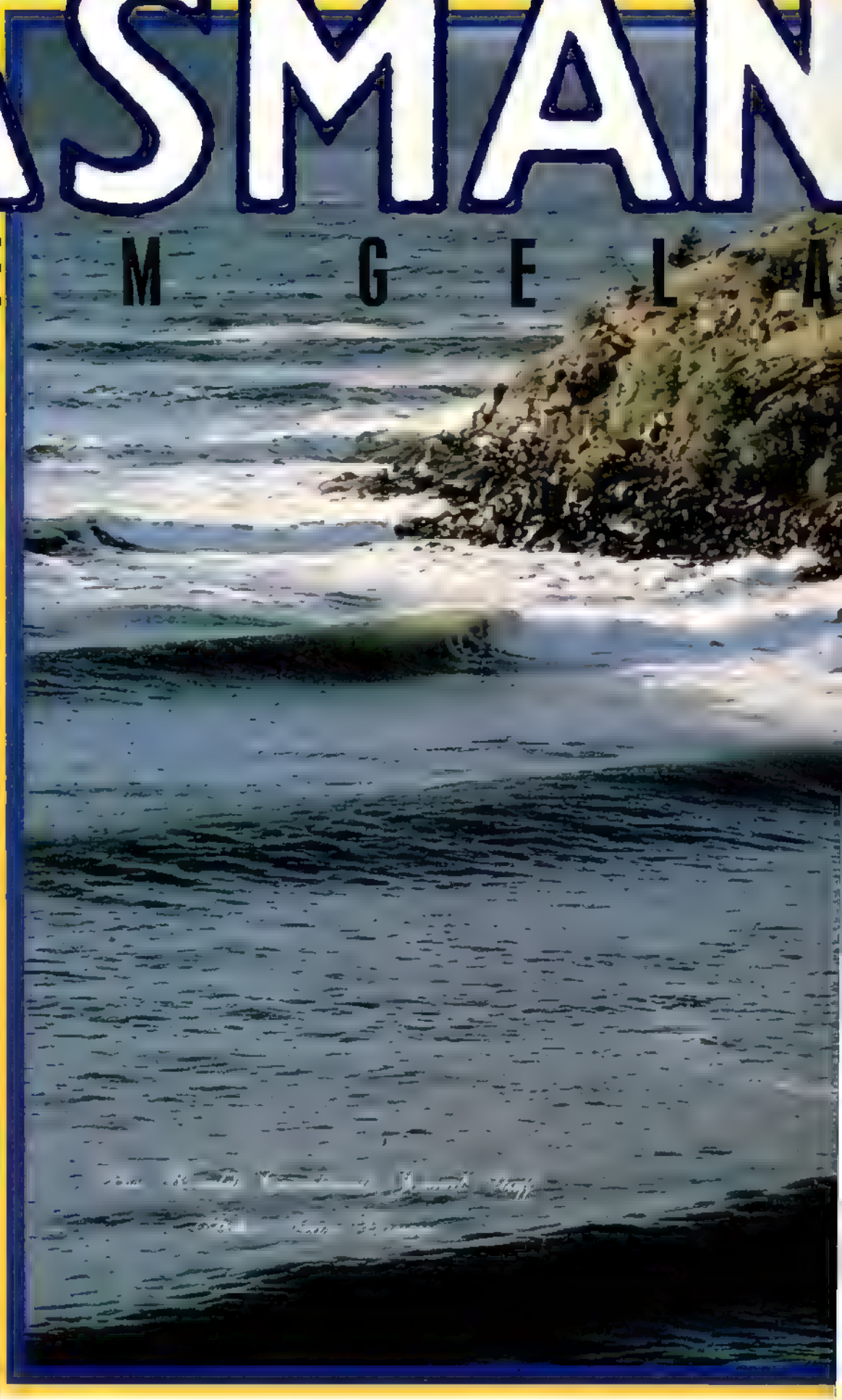
volley adidas vantagem a favor
QUEM USA
AS OPÇÕES
Feminino e Mo
Licenciada Oficial dos Jogos da XXIV Olimpíada de Seoul 1988
Fornecedora Oficial do Comitê Olímpico Brasileiro

CANNON
O novo Top Sider Cannon.
Nova sola de crepe natural pigmentado.
Camurça, costura a mão.
É um Cannon.
Breve nos melhores pés.
CANNON
SHOES
ESTAREMOS PRESENTE
Couromoda 88
15
A FEIRA DAS FEIRAS

STANLEY

Materiał chroniony prawem autorskim

TASMÂNIA
BEM GELADA



Quando um surfista dorme, 80% de seus sonhos mostram praias maravilhosas, sol forte, ondas de cristal quebrando perfeitas para os dois lados, paisagens lindas que terminam em mares infinitos repletos de linhas de ondulação. Algum surfista deve ter sonhado a Tasmânia, mas esqueceu o ar condicionado ligado no máximo. Tasmânia. Um sonho, uma sede... Acorde e encare. Nada melhor que uma Tasmânia bem gelada!

Cremern, um secret restrito apenas a alguns locais tasmanianos.

"Mudar das quentes praias do Gold Coast australiano para a Tasmânia? Você está louco? Surfar de botas e capacetes? Você só pode estar maluco, Sean."

Pat Dwyer, Lighthouse Beach.

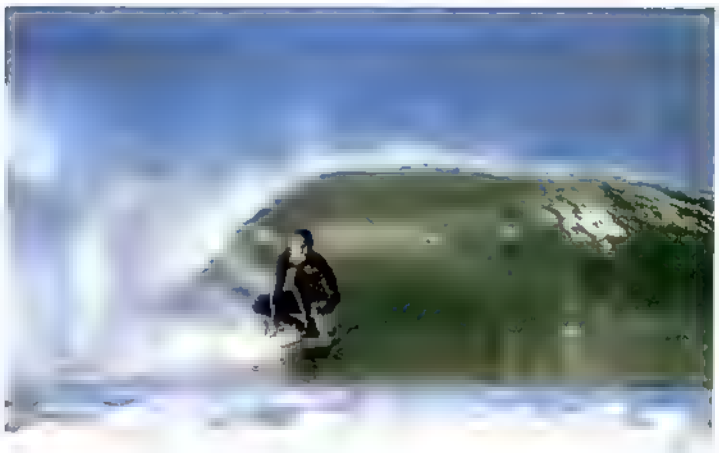
Kim Burgess-Watson, Rubbish Tip Point.

"Você algum dia já atravessou uma parede de vidro? Quando o inverno aperta na Tasmânia e você 'vaca' na primeira onda, a sensação ao encostar na água é como a de atravessar uma parede de vidro."

Scott Jackson, Lighthouse Beach.

"Para alguém que passou a vida inteira surfando points tropicais como Brasil, Bali, Havaí e Tahiti, surfar nas 'águas quentes' da Tasmânia será uma experiência 'congelantemente' diferente".

Surf on the rocks...



Shayne Abel, Wedge Beach.

Ookhompton Beach.

"Ondas para surfista nenhum botar defeito. Tubos, paredes longas, beach breaks, point breaks. O que você prefere?"

O DIABO NA TASMÂNIA

A Tasmânia tem esse nome desde 1856. Antes disso, o país homenageava um de seus mais valentes defensores, Antonio Van Diemen, carregando um nome tão pesado quanto o dele: Van Diemen's Land. A Tasmânia faz parte da Comunidade Britânica, situa-se bem ao sul da Austrália, dividindo correntes marítimas que vêm do norte e do sul. Essa condição faz com que a temperatura do mar oscile em até dois graus: águas um pouco mais quentes ao norte, bem frias ao sul. Para os surfistas não há alternativas... O long john é indispensável, bem como botinhas para enfrentar os recifes de coral.

Hubard é a capital da Tasmânia. Lá, assim como nas regiões interioranas, não existem riqueza ou pobreza extremas. As microempresas caseiras são bastante incentivadas pelo Governo, e atraem força de trabalho tanto quanto os pequenos ranchos e serviços liberais. A agricultura é forte, com muitas frutas, batatas e grãos diversos. As leis de controle ambiental preservam a vida aquática com bastante rigor, controlando a pesca da barracuda (em água salgada) e do salmão (água doce).

A umidade faz sempre companhia pra Tasmânia. Isso favorece a formação de florestas, principalmente as de eucalipto. Nem tudo são rosas: a exploração do papel tem-apetite suficiente para causar problemas a essas matas. E também aos animais, muitos deles que só existem na Tasmânia. O país tem cerca de 19 espécies diferentes de marsupiais, entre eles alguns que ganharam fama pelo exotismo, como o diabo da Tasmânia, a eqdina e o vombate.

Você vai à Tasmânia? Então leve dólares australianos no bolso: é essa a moeda por lá. O visto no passaporte pode ser conseguido na embaixada e consulados da Austrália. Não faltarão pequenos e médios hotéis para orçamentos mais apertados (os serviços de atendimento ao turista costumam funcionar por lá).

Uma passagem até Sidney, na Austrália, custa perto de 2.300 dólares. A partir daí, um vôo até Hubard sai por 346 dólares (preço válido para viagem ida e volta). As informações foram fornecidas pela Qantas – The Australian Airline telefones: 511-0045 (Rio) e 34-4771 (São Paulo).

E lembre-se: na Tasmânia você corre o risco de encontrar algum point jamais surfado. Previna-se.

Apoio Cultural

unicatur

LanChile

Material chromony prawem auto

Wedge Beach.

"Meu corpo parecia um imenso picolé congelado e a dor de cabeça aumentava a cada minuto.
Às vezes ficava pensando por que fui me tornar um surfista... Às vezes se paga caro para surfar ondas perfeitas."

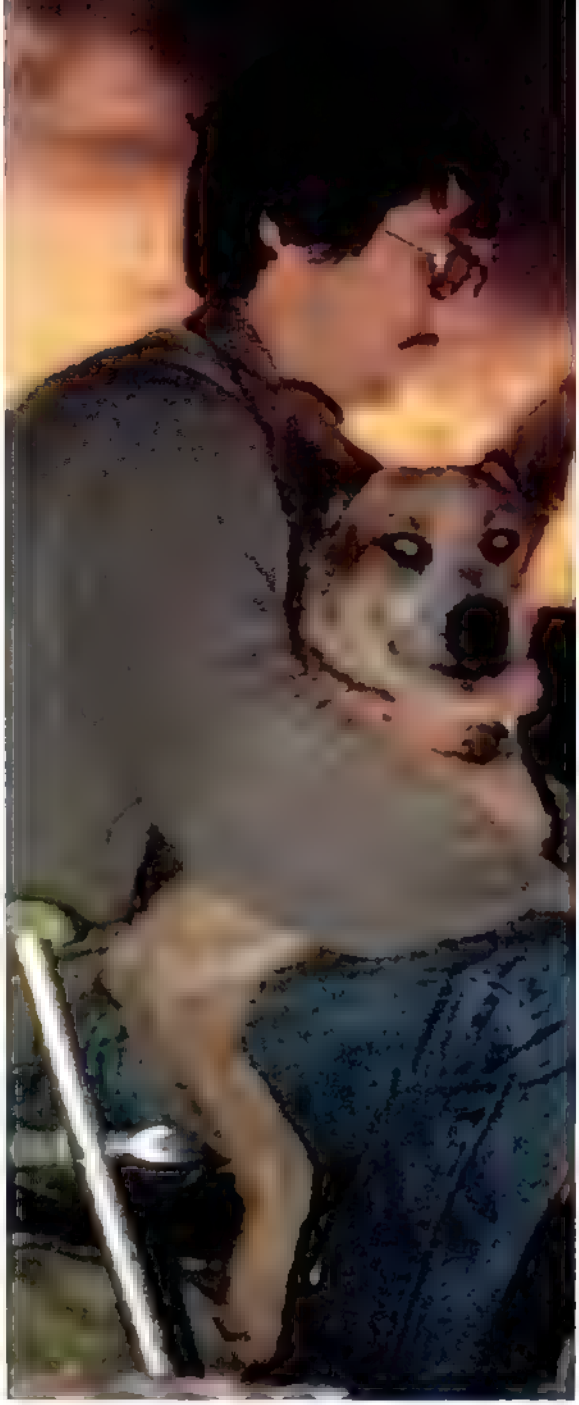
Phil Quirk, Lighthouse Beach.

"Crowd? O que é isso? Localismo? Nunca ouvi falar. Os surfistas tasmanianos são uma turma bem alegre, e se você tratá-los com o devido respeito eles não vão se importar em dividir as ondas com você."

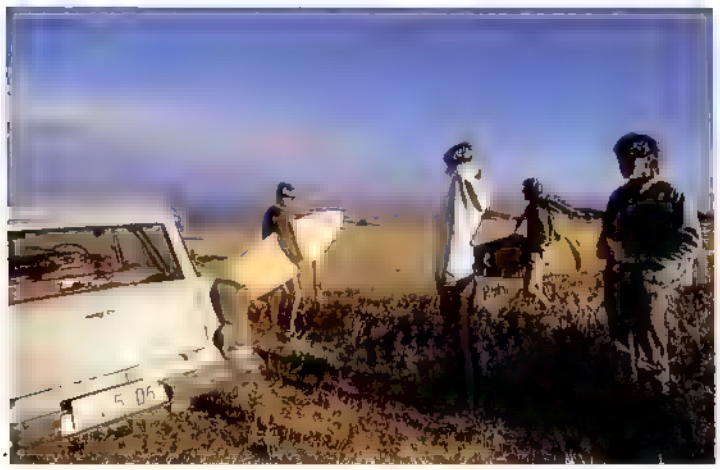
"Em Bruny o surf é irreal!! Remar em direção ao outside num daqueles dias clássicos de inverno é uma experiência surreal. As montanhas lá fora estão todas cobertas de neve e você não está esquiando. Dá pra acreditar?"

"As ondas? São perfeitas. Em lugares como Boneyard, quando um daqueles 'Big North Swells' chega, é possível surfar ondas enormes."

Mathew Fisher, Roaring Beach.



"As praias na Tasmânia têm aquele astral *country*. Uma vibração totalmente diferente daquela que a gente sente ao surfar numa surf city como Sydney, Rio de Janeiro, Honolulu ou Guarujá."

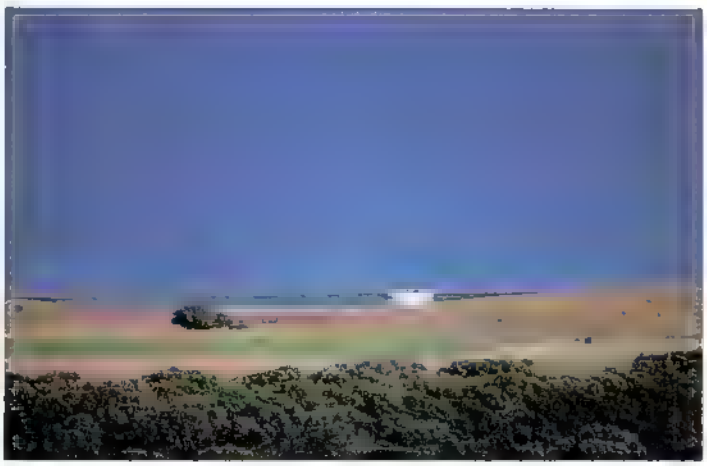


Nettley's Bay.

Eqdina: bicho estranho como o nome.

O espírito de uma surf trip.

"Fora o surf, a Tasmânia pode ser interessante. Nos dias flats (uma raridade) você pode passear pelas centenas de parques e florestas naturais. Sem ficar de saco cheio. A Tasmânia é como uma imensa fazenda a beira mar."



Greens Beach.

Port Arthur, parte da história da Tasmânia.

SEA CLUB ON THE ROAD.

FG

Surfast? Surfree? Surfwear! Sea Club.
Você vai até onde a cabeça manobra.

SEA® CLUB
SURFWEAR

2 fábricas. 22.000 funcionários. 9 restaurantes: 400.000 refeições por mês. 5 ambulatórios, 2 enfermarias: 14 médicos, 25 enfermeiros e auxiliares de enfermagem. 2 linhas de ônibus circulares. 26 "carteiros": 400 quilos de correspondência por dia. 2 gráficas. 1 revista mensal: 25.000 exemplares. 1 "corpo de bombeiros": 54 bombeiros, 458 auxiliares. 2 padarias: 20 mil pãezinhos por dia. Essa verdadeira cidade, que recolhe mais impostos que a maioria dos municípios brasileiros, chama-se General Motors do Brasil. A capital do automóvel.

GENERAL MOTORS, BRASIL. UMA CIDADE COM MAIS HABITANTES QUE GENERAL CÂMARA (RS), MAIS MÉDICOS QUE GENERAL CARNEIRO (PR), MAIS BOMBEIROS QUE GENERAL MAYNARD (SE), MAIS RESTAURANTES QUE GENERAL SALGADO (SP), E MAIS FÁBRICAS QUE GENERAL SAMPAIO (CE).

D'OREY EM TIMOR DESIGN, TICO EM FIJI. TRIP NA ÁSIA?

BY TICO • 10 ANOS • PESQUISA PRO SEU RIP.

RIO (021)399 3722 • SP (011)280 4385 • PR (041)223 8932 • SC (0482)22 3511 • ES (027)223 1986 • BA (071)240 0093

O SEGREDO DA MÚMIA

Uma trama, um mistério, um ardil internacional... Momentos de tensão e medo rondam as mais discutidas obras de arquitetura da humanidade. Descubra todos os lances dessa aventura lendo O Segredo da Múmia.

O templo de Abu Simbel,

Por Ahmet Lugomah

Fotos Alexis Duclos/Gamma-Sigla

As 80 pirâmides do Egito não espantam apenas pelo tamanho, mas principalmente pelos mistérios envolvendo sua construção. Heródoto, historiador grego e eventual mentiroso que viveu no século 5 a.C., conta que as pirâmides foram erguidas com "máquinas feitas com pedaços curtos de madeira" e alavancas, enquanto uma lenda árabe diz que os egípcios conseguiam fazer os enormes blocos de pedra levitarem colocando neles alguns talismãs mágicos.

As pirâmides eram lugares sagrados, e por isso guardavam o corpo embalsamado dos faraós mortos. Mas os corredores e salões existentes no interior das pirâmides sugerem que elas também serviam para algum tipo de culto ou ritual.

Os arqueólogos dizem que as pirâmides surgiram no Egito com a Terceira Dinastia, por volta do ano 3.000 a.C., durante o reinado de Zoser, que construiu a primeira em Saqqarah, com arquitetura em degraus; mais tarde as pirâmides passaram a ser "lisas", com pedras encaixadas nos degraus para fazê-los desaparecer.

A era das pirâmides teve seu apogeu ainda no terceiro milênio antes de Cristo, quando os faraós da Quarta Dinastia construíram as pirâmides do planalto de Gisé: Quéops: Quefrém e Miquerinos, todas guardadas pela Esfinge, um colosso com cabeça de homem e corpo de leão. As derradeiras pirâmides foram erguidas na época da 12.ª Dinastia, que terminou em 1.750 a.C.

A HERANÇA DE ATLÂNTIDA

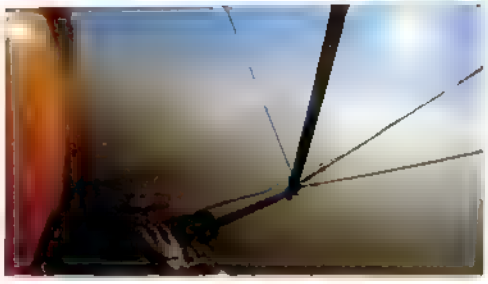
Mas não são todos que concordam com os métodos de datação empregados pela arqueologia, baseados no carbono radiativo – a margem de erro pode ser de milhares de anos. A verdade é que não se sabe com certeza se as pirâmides foram mesmo construídas pelos faraós aos quais eram dedicadas, ou se eles simplesmente se apropriaram de monumentos erigidos em épocas anteriores. Sabe-se, por exemplo, que Ramsés III mandava substituir as inscrições em pirâmides e obeliscos por outras, em sua homenagem.

Os antigos egípcios diziam que, quando o Sol e a Terra surgiram, a primeira coisa a emergir das águas primordiais foi a Grande Pirâmide de Queops, o "ovo do mundo", um dos símbolos da "grande mãe, que engendra a matéria por meio do conhecimento". Isso corrobora as várias teorias ocultistas, segundo as quais a Grande Pirâmide seria anterior ao Dilúvio, tendo sido construída há mais de 31 mil anos pelos sacerdotes-arquitetos da Atlântida, o continente submergido. Mais tarde, o monumento foi parcialmente reconstruído pelos faraós da Quarta Dinastia com a ajuda dos hierofantes egípcios, que conservaram em seus arquivos secretos a valiosa herança dos atlantes. O autor Eric von Daniken oferece uma idéia ainda mais ousada: em seu livro **Eram os Deuses Astronautas?** ele sugere que as pirâmides foram construídas por seres extraterrestres.

O UMBIGO DO PLANETA

Situada a poucos quilômetros do Cairo, capital do Egito, a Grande Pirâmide é uma construção das mais sofisticadas, a começar por sua localização: 30 graus de latitude norte e 30 graus de longitude leste. Essas duas linhas imaginárias que se cruzam na pirâmide atravessam mais terras emersas do que qualquer outra combinação de latitudes e longitudes. A Grande Pirâmide é o centro do mundo habitável, o "umbigo do planeta".

Calcula-se que Quéops foi erguida com 2,5 milhões de blocos de pedra calcárea, cada um pesando cerca de 15 toneladas. Sua altura original era de 146,5 metros (hoje reduzida para 137 metros, mais ou menos a altura de um prédio de 42 andares) e sua base quadrada media 230 metros de lado. Os arqueólogos estimam que sua construção exigiu quase trinta anos para ser concluída e envolveu o trabalho ininterrupto de 100 mil operários. E ainda não havia a roda para dar uma força.



Mas esta explicação não satisfaz. Para se ter uma idéia, na época da construção da represa de Assuã, na década de 60, os templos rochosos de Abu Simbel tiveram de ser removidos da área a ser inundada. Armados com a mais moderna tecnologia, os engenheiros entretanto não conseguiram desmontar as construções de acordo com os encaixes originais e os poderosos guindastes falharam ao tentar levantar os blocos inteiriços de pedra, que precisaram ser serrados. E esses monumentos eram bem menores que as pirâmides.

Também no interior da Grande Pirâmide os mistérios não terminam: há câmaras iluminadas por luz natural, a temperatura é constante e existe renovação de ar. Internamente, a Grande Pirâmide é constituída por um conjunto de galerias (a maior com 47,5 metros de comprimento, 8,5 metros de altura e 1 metro de largura), três câmaras (a do faraó, a da rainha e a subterrânea) e três comunicações com o exterior (uma entrada ao nível do solo e dois túneis localizados na metade da altura da pirâmide e que partem da câmara do faraó. De acordo com muitos estudiosos, essas duas entradas superiores, além de servirem de canais de ventilação, estariam alinhadas com um par de estrelas que, em determinada noite do ano, irradiariam sua luz diretamente na câmara do faraó.). Apesar desse monumento ser considerado a tumba do faraó Quéops, nenhuma múmia foi encontrada em seu interior.

Recentemente, pesquisadores franceses e japoneses andaram perfurando a galeria que leva à câmara da rainha, em busca de algum cômodo secreto onde repousaria a múmia e os tesouros de Quéops. Todavia, as escavações revelaram apenas uma sala cheia de areia. Mas isso pode significar que talvez existam mesmo câmaras ocultas lá dentro – afinal, nenhuma das demais pirâmides contém areia em seu interior.

A MENSAGEM DOS SACERDOTES

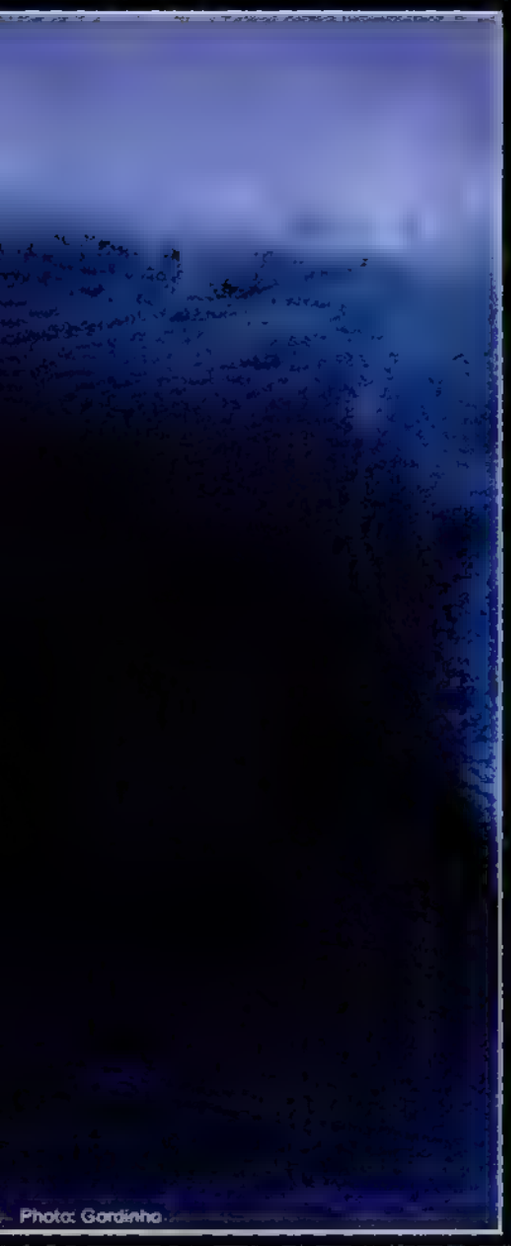
Ao lado das razões funerárias, iniciáticas e astronômicas, figuram também hipóteses sobre dados matemáticos e proféticos. A Grande Pirâmide seria a síntese da totalidade das ciências e do conhecimento, além de um calendário perpétuo que profetizaria todos os fatos da história universal. Existe ainda a teoria do poder energético da pirâmide de Quéops, ou réplicas proporcionais a ela, que agem como catalisadores e retransmissores da energia cósmica. Não se sabe como isso acontece, mas alguns dos efeitos obtidos tornaram-se notórios: recuperação de doenças, purificação da água, conservação de alimentos, etc.

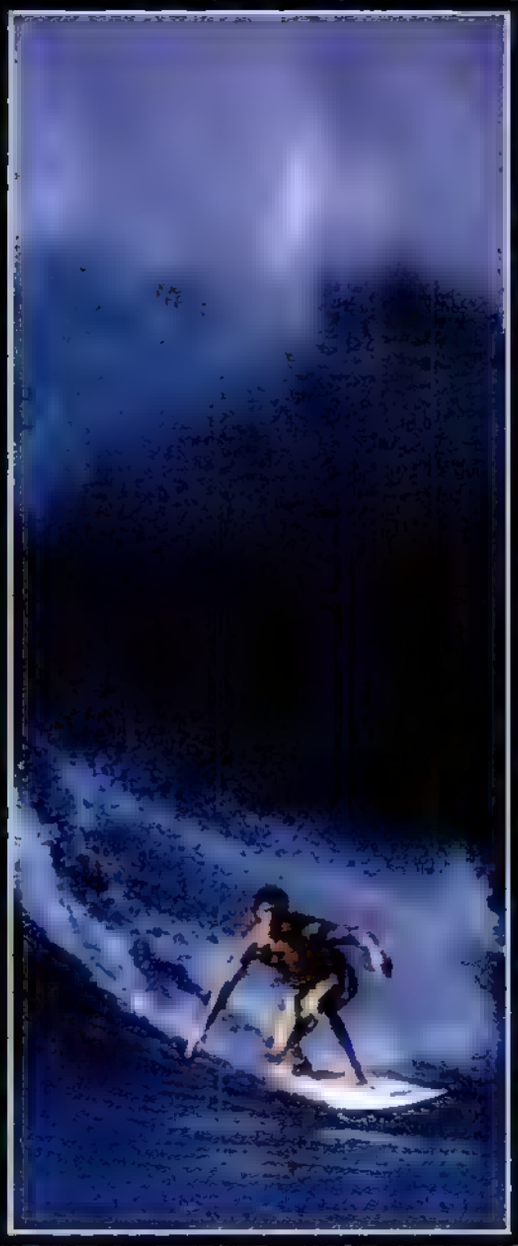
Na década de 1930, o pesquisador e ocultista inglês Paul Brunton passou uma noite dentro da Grande Pirâmide, sozinho. Brunton conta que, logo que entrou na câmara do faraó, sentiu-se sob o efeito de energias negativas, que foram se intensificando até ele mergulhar num estado de "pavorosa alucinação". Depois essas forças negativas o abandonaram, cedendo lugar às forças positivas, que fizeram seu corpo levitar enquanto alguns sacerdotes se materializavam na sua frente. E um desses sacerdotes lhe pediu que transmitisse a seguinte mensagem à humanidade:

"Saiba, meu filho, que neste antigo templo jaz o registro perdido das primitivas raças do homem e do compromisso que fizeram com o Criador por meio do primeiro de seus profetas. Saiba, também, que homens escolhidos foram trazidos aqui no passado para ver esses compromissos, a fim de poderem comunicá-lo a seus companheiros e manter seu segredo vivo. Leva contigo a advertência de que quando os homens se afastam de seu Criador e olham com ódio para seus companheiros – como aconteceu com os príncipes da Atlântida, em cujo tempo foi construída esta pirâmide – são destruídos pelo peso de sua própria iniqüidade, como foi destruído o povo de Atlântida."

A Grande Pirâmide...

***O AUTOR E SUA OBRA** – Em que plagas andará Ahmet Lugomah, nosso Indiana Jones de segunda? As últimas notícias que tivemos dele (um cartão-postal de um pardieiro em Bangkok, Tailândia) diziam de sua partida para a Mongólia Interior em busca da cidade mística de Shamballa, mais popularmente conhecida como Hiperbórea. Nessa altura do campeonato, ele deve estar no deserto de Gobi, cavalgando algum dromedário neurótico.*





RICHARD CRAM

THE BEST TAKE IT TO THE BEACH

(011) 531-4266

O MELHOR PRESENTE DO PAPAI NOEL PARA OS SURFISTAS EM 1988

PRANCHAS DE QUALIDADE
ENCOMENDAS E PRONTA ENTREGA

ANDRÉ SACO

Se
en
di
es
ta
o

2
1
0
3
0
5
9
S
P

♂ S A P A T O S ♀

ESTA MARCA É SUA PARCEIRA.

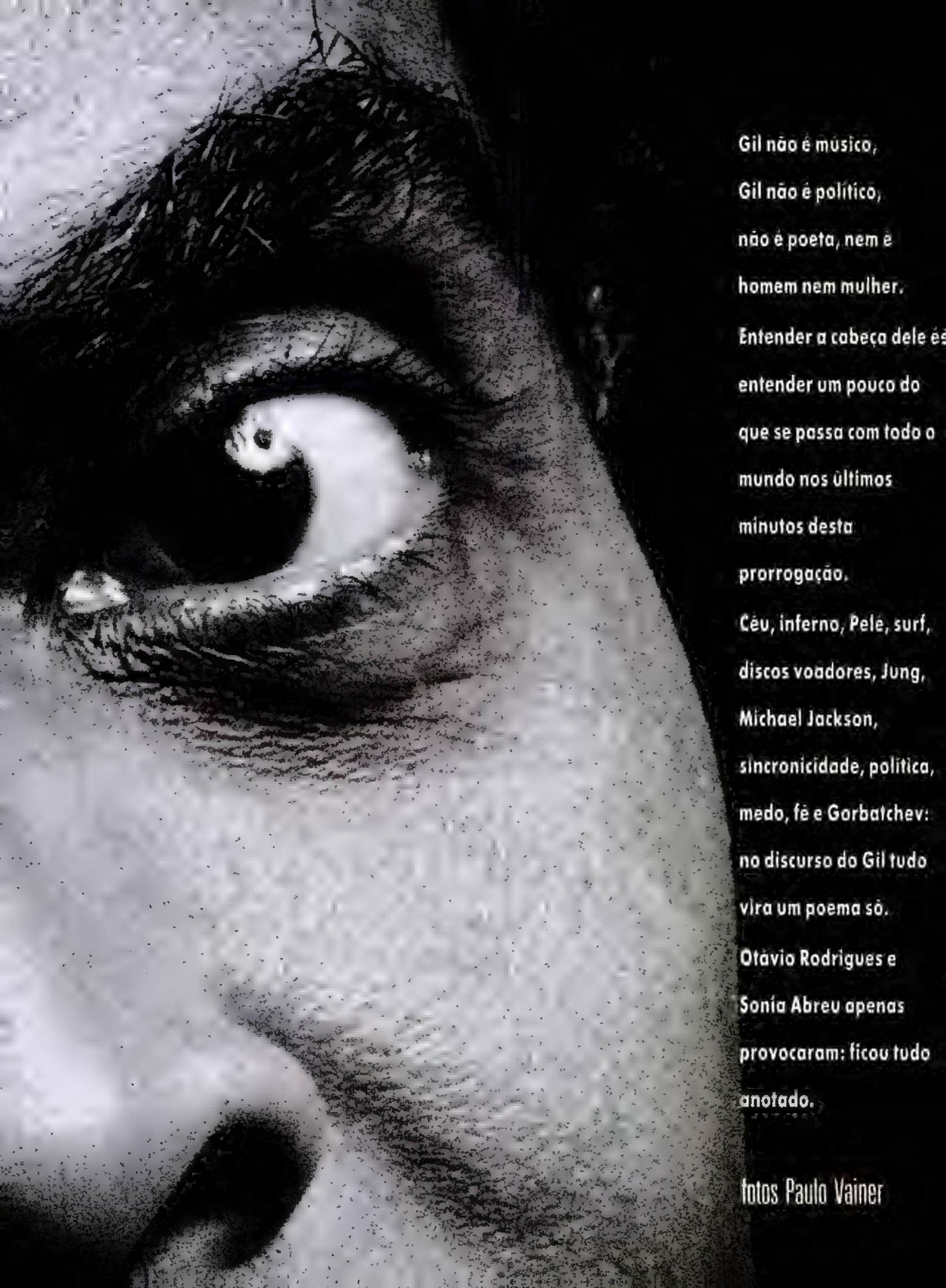
PEGA ONDA, JOGA FUTEBOL
ADORA VELOCIDADE E CURTE UM RALI.

A Perdigão é uma empresa que vai muito além da produção de alimentos de alta qualidade. O papel social e a integração com a comunidade são também importantes em sua filosofia de trabalho. Uma das formas que a Perdigão encontrou para exercer sua cidadania foi no campo esportivo. E é como cidadã que hoje a Perdigão patrocina eventos, atletas e equipes. A Perdigão está dando sua força ao surf, futebol de salão, automobilismo e rali. Por isso, esta marca é a sua parceira no dia-a-dia. Tanto em sua casa, quanto nas pistas, nas quadras e praias que você freqüenta.

À VENDA EM SÃO PAULO: B&B – Top Center • DESTAK – Center Norte – Ibirapuera • FAMY – Sh. Santana • CAVALLINI – R. Robertson, 429 • H2O – R. Domingos de Morais, 269 • CAIRÉ – R. das Palmeiras, 122 • D'PALUC – Sh. Matarazzo • GALÁPAGOS – Av. Sumaré, 345 • SUN ROCHA – Av. Adolfo Pinheiro, 384 – loja 27

REPRESENTANTES: SP (011) 858-4607 • SP Interior (0192) 41-0926 • ES (027) 225-6203 • PR (041) 262-7747 •

QUEM TEM OLHO É

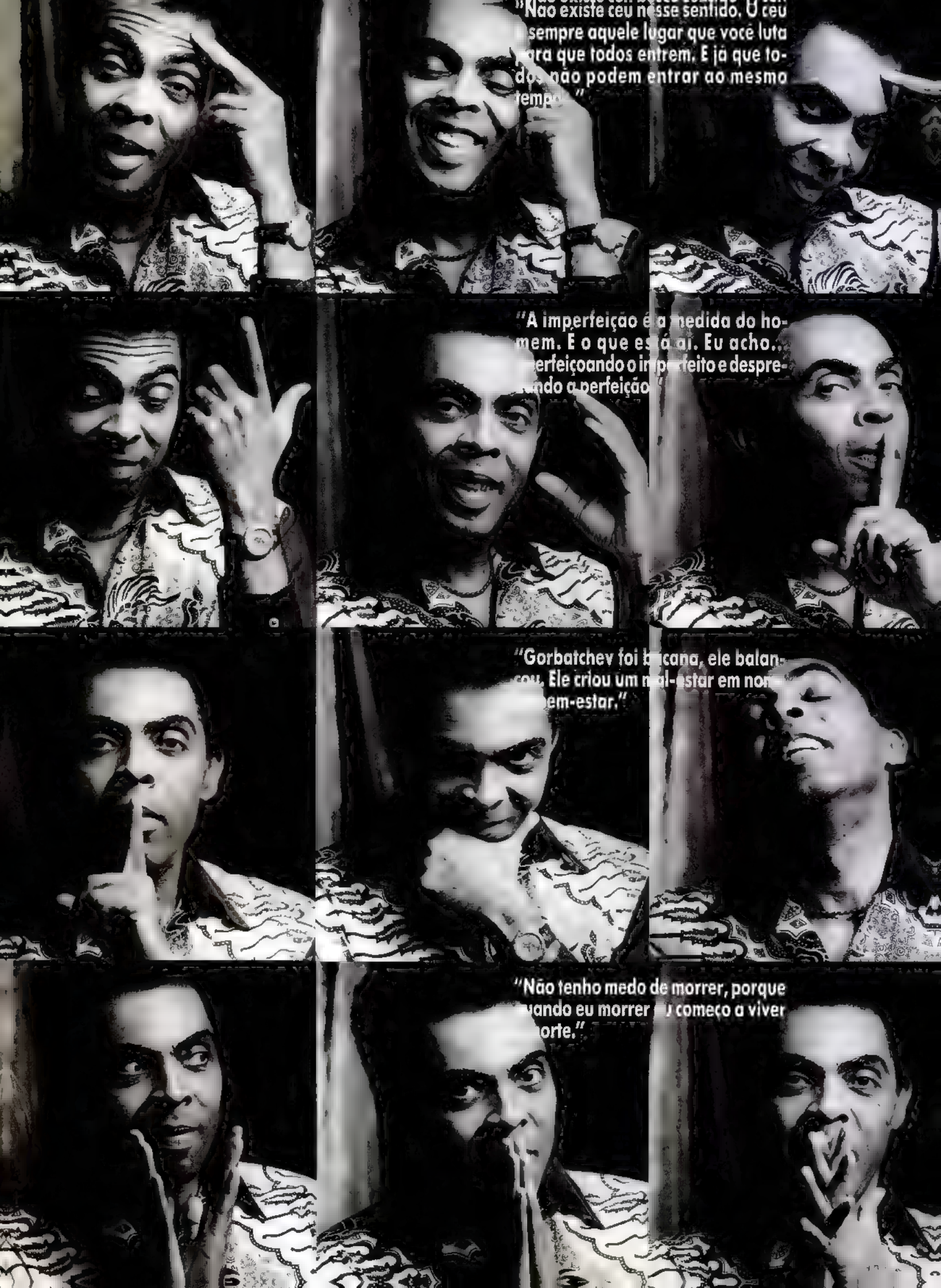


Gil não é músico,
Gil não é político,
não é poeta, nem é
homem nem mulher.
Entender a cabeça dele é
entender um pouco do
que se passa com todo o
mundo nos últimos
minutos desta
prorrogação.
Céu, inferno, Pelé, surf,
discos voadores, Jung,
Michael Jackson,
sincronicidade, política,
medo, fé e Gorbatchev:
no discurso do Gil tudo
vira um poema só.
Otávio Rodrigues e
Sonia Abreu apenas
provocaram: ficou tudo
anotado.

fotos Paulo Vainer

TRIP Assistimos o seu show ontem. E reparamos que sua banda tem três músicos negros, três brancos...
GIL É absolutamente casual. Mas, eu já percebi. Percebi outro dia, e olhe aí: acabou ficando assim.
TRIP É a sincronicidade das coisas?
GIL É. Eu acho que essa coisa da sincronicidade é entendida como, como momento de integração, não é? Das freqüências pelo meio, não? Sincronizar no sentido de encaixar, embutir reentrâncias e saliências. Se duas superfícies é coisa típica do mundo... E o mundo começa um pouco a pedir atenção da gente pra isso, pra essas possibilidades de encaixe de coisas. Precisa encaixar muita coisa, porque está tudo muito disperso.
TRIP E parece ser uma necessidade cultivar agora essa sintonia, não?
GIL Claro, claro. Porque você veja que essa fase toda de rebeldia, de rejeição do velho, de rejeição da coisa desgastada, rejeição do sistema, rejeição de tudo, isso marcou uma fase de afastamento, uma fase de não sintonia e de assincronismo. Era o caos e não havia ordem, então investiu-se na desordem de forma muito forte. Foi interessante, foi o grito do novo, foi o grito da novidade. O novo gritou desesperadamente, se separou... Foi um parto nesse sentido, mesmo. O filho saiu do velho, da velha mãe. Mas ele agora precisa crescer, precisa de amparos, é uma criança. O novo é sempre pequeno em relação ao velho, nesse sentido. Precisa do amparo do velho. Então, precisa sincronizar, precisa encaixar.
TRIP E você está disposto a encaminhar alguma coisa?
GIL É. Eu estou nesse processo, estou me dando a isso. Estou por mim me dando a isso. Estou por mim mesmo fazendo o meu primeiro gesto. Vou-me submeter aos rituais do passado.
TRIP E há renúncias nessa sua atitude, certo?
GIL Renúncia sim, mas a renúncia é assumida pelo plano de sua necessariedade, quer dizer, a renúncia criadora. A renúncia geradora de novos compromissos. Você abre mão de uma série de coisas, de um certo teatro da jovialidade, pra buscar uma essência da jovialidade. Você transporta pra um outro lugar, você fica se despindo de certas fantasias associadas a um sentido de jovialidade de contestação, de não alinhamento, de protesto enfim, pra buscar um pouco a possibilidade sincrônica com o velho, com a coisa mais anterior a nós. Acho que é isso um pouco o que o mundo precisa agora. A gente contestou muito, a gente ofendeu, expôs a ferida do velho, do sistema, dessas coisas do lado enrijecido e congelado da existência das coisas. E agora a gente precisa depor as armas da contestação e assumir um pouco mais uma construção conjunta de possibilidades para todo mundo, juntos velhos e novos. Acho que isso tudo é um pouco um complexo de idade, típico de uma pessoa que chega aos 45 anos, depois de ter feito uma série de coisas sempre tentando manter uma visão equilibrada da vida...
TRIP E você concorda que existem várias pessoas rimando-se nesses pensamentos? Mesmo aquelas que não têm o poder da arte como você?
GIL Eu acho que sim. Eu penso que há um certo envelhecimento precoce no conjunto humano. Quer dizer, gente que logo cedo está assumindo o caráter diferenciado na sua juventude e extremando esse caráter... Armando-o com as armas do protesto, do grito. E agora precisa botar em prática. Só isso.
TRIP No show, você falou que o País tem muita energia positiva, que é necessário praticar a espiritualidade.
GIL Foi quando eu falei de "Super Homem". Que eu achava que o fato de o Brasil gostar dessa música era um sintoma muito importante. Num país com tantos buracos no corpo físico, a gente ainda encontra uma certa integridade na aura. Um país ainda com a aura muito limpa, um poro que pode captar a substância unificante e balsâmica da espiritualidade com uma certa rapidez. Então eu falo isso: "Um país com buracos no corpo físico, mas com o corpo astral bem costuradinho". Isso é um bom sinal, é um sinal de que a gente ainda pode caminhar, caminhar legal.
TRIP E agora, você na política... Quais são suas idéias, seus sonhos, o que há para se fazer por esses buracos?
GIL Ah, tem tanta coisa pra fazer. É preciso entender que eu não tenho que fazer coisas, inventar coisas. Tenho que fazer as coisas que são necessárias, que estão aí. Pra você tapar um buraco, você não precisa inventar um buraco novo. Tapa o buraco que está lá. É um pouco uma coisa que precisa se reverter de pronto nessa expectativa que existe em relação a postulações políticas como a minha.
TRIP Até pra que as coisas tornem-se mais gostosas. Ontem você participou de uma mesa redonda e no final cantou. Isso é ótimo, não?
GIL É, então. Também!
TRIP Ou criar o ônibus para surfistas*...
GIL É, essas coisas. É só implementar as necessidades, é só ter recursos. Ter as formas astutas, sabidas, pra obter os recursos. Saber negociar, saber envolver as responsabilidades que podem ter papel importante na realização das coisas. Envolver o sentimento popular, a consciência popular, no sentido de fazê-los aprender a reivindicar melhor, mais eficientemente. Desenvolver um processo de relação crítica, saber que o povo tem que, ao mesmo tempo, criticar o governo e fazer com que o governo se critique. Fazer com que o governo critique o povo e que se auto-critique enquanto povo. É preciso formar esse poliedro de relações entre sociedade e governo, despertar um pouco mais, não ficar ali cobrando da classe política como se a classe política não representasse tudo aquilo que as pessoas são.
TRIP Você tem falado que o Gorbatchev é uma boa inspiração pra você.
GIL Muito, muito... Porque ele também está lá numa guerra brava. Ele está entrando numa guerra também, ele está abrindo o jogo um pouco mais e dizendo "não vamos ficar aqui, 70 anos de paixão revolucionária à custa de quê?" À custa do sacrifício também. O que é que se fez aqui? Tem um bocado de buraco aqui nessa história que não foi tapado. Pelo contrário, o compromisso revolucionário abriu um tanto de outros buracos por aí no papel da União Soviética, no mundo. Enfim, ele abriu as discussões nesse sentido. Deu toques pra esquerda, pra direita, tanto internamente quanto naquelas que se pode considerar direita e esquerda internacionais. Foi bacana, ele balançou. Ele criou um mal-estar em nome do bem-estar.
TRIP Isso tem a ver com sua candidatura?
GIL É, candidatura é um pouco isso. Um certo mal-estar, mas que todo mundo sabe que é para incrementar a possibilidade de um bem-estar no País.
TRIP Quer dizer que a música pode salvar o mundo?
GIL Pode. Naquilo, no sentido do grau de salvação exigido a cada momento. Porque você salva de alguma coisa pra condenar também. Não acredito nessa instalação definitiva do paraíso. Não creio...
TRIP Nem numa outra vida?
GIL Eu digo que não acredito em paraíso nessa vida que a gente conhece. As outras a gente não conhece, a gente especula a respeito, mas a gente não vive. A gente só vive a vida, a gente não vive a morte. Ela só passa a ser vivida quando se morre.
TRIP Você tem medo de morrer?
GIL Não, não tenho. Não tenho por isso, porque eu acho que quando eu morrer eu vou começar a viver a morte.
TRIP Nenhum medo?
GIL Eu tenho também, mas nessa medida em que é novidade que eu vou ter de enfrentar. Um calafrio natural do enfrentamento das novidades em relação à morte. Mas do ponto de vista de qualquer outro ângulo eu não posso temer a morte, porque ela virá. É preciso estar atento e forte, já dizíamos há muitos anos, uns 20 atrás. Não temos tempo de temer a morte. É preciso trocar o logos da posteridade pelo logos da prosperidade. Já! Vida, vida, já, agora, não se pode ficar pensando na morte e deixar de viver.
TRIP E os que têm medo da prática?
GIL Os que têm medo têm de trabalhar pra deixar de ter. Não há outro jeito. Têm de fazer alguma coisa desse medo, uma limonada desse limão. Dar alguma utilidade pra ele, já que é um gerador de impulsos realizadores, uma forma de você se instigar, de querer outras coisas. Nesse processo você realiza coisas, coloca sua alma em outras perspectivas. Você estimula uma certa dimensão heróica. O que não pode é o medo inócuo, o medo que não é medo, que não é nada, que não bate fundo nas pessoas, que não estremece. O xororó, aquela coisa que é só um dizer, uma imitação do medo. É muito mais uma fuga do que medo. Porque o medo é sinal da presença violenta de um desafio. Ter medo de quê? De uma coisa objetiva, medo da queda se você escorrega, medo das coisas objetivas, do ladrão se ele aparece na sua frente, do avião se ele começa a sacudir. Na verdade, você entra no avião e antes do avião sair você está com medo? Por quê? Não pode, espera

"Michael Jackson deixou de ter um nariz chato, que é um tremendo bem, bonito. Não tem gente que acha que ele ficou mais bonito? Eu acho que ele ficou mais feio."


"Não existe céu nesse sentido. O céu é sempre aquele lugar que você luta para que todos entrem. E já que todos não podem entrar ao mesmo tempo."
"A imperfeição é a medida do homem. É o que está aí. Eu acho... aperfeiçoando o imperfeito e desprezando a perfeição."
"Gorbatchev foi brincana, ele balançou. Ele criou um mal-estar em nome do bem-estar."
"Não tenho medo de morrer, porque quando eu morrer eu começo a viver a morte."

o perigo.
TRIP Você tem falado sobre transexualidade, transracialidade... Como é isso?
GIL Saiu publicado, recentemente, um artigo sobre um francês que falava sobre transexualidade. E ele dizia que ela era um dos sintomas da transportação geral, da transformação geral do mundo moderno. Que havia transformações nessa área de sexualidade, na área política, havia uma transpolítica, uma transexualidade. Havia toda uma necessidade de legitimar a indiferença, já que a tendência massificante, uniformizante do mundo moderno em todos os sentidos: pela moda, pelos meios de comunicação linearizados e pela linearidade das coisas, de todas as formas de manifestação do mundo moderno. Você acabava levando o mundo a uma indiferença muito grande em relação às coisas. E ela se manifestava na indiferenciação que começava a haver por parte das pessoas. Então você não é mais mulher nem homem. Eu não sou mais homem, nem mulher. Eu sou as mesmas coisas, e não sou mais político e não político. Você passa a viver o sentido do "trans". Você é transpolítico, transexistencial, transreligioso. Transmuta, vai mudando pela transmutação das essências e você perde um pouco desse sentido das essências separadas... A essencialidade feminina, a essencialidade masculina, a essencialidade poética, a essencialidade pragmática, a essencialidade do delírio, a essencialidade da razão. E aí você entra na sincronicidade, que é um pouco isso... Você precisa simbiotizar essas questões todas, numa compactuação de unidade que possa compatibilizar a desuniformidade, que possa compatibilizar as diferenças. Por que a indiferença é que compatibiliza as diferenças, e você só pode ser indiferente sendo todas as diferenças...
TRIP Existe a coisa política em tudo?
GIL É, ontem mesmo me perguntaram na rádio Jovem Pan: "Que coragem a sua de entrar nessa coisa do mundo político...". Eu disse, venha cá rapaz... E aqui na rádio? E aqui? Não tem política, não? E agora, por que de repente vocês começam a tocar o brega e deixam de tocar não sei o quê? E o dinheiro, vem de onde? Falei logo tudo. E no sindicato, não tem briga? Não tem corrupção? Não tem a crueldade, a deslealdade, todas as coisas que existem no universo humano? E lá na indústria? A espionagem industrial? Ou o processo industrial que comeu outro, e um grupo de capital querendo engolir o outro. E os psiquiatras, os cientistas, as correntes científicas puxando pra um lado e outras pro outro? Uns querendo comer os outros. E vai indo. E o operário ou o motorista querendo ganhar mais que a cozinheira? E a cozinheira fazendo complô com a arrumadeira. Ora, meu Deus do céu...
TRIP E isso é irreversível? A humanidade vai continuar nessa pra sempre?
GIL A imperfeição é a medida do homem. É o que está aí. Eu acho... aperfeiçoando o imperfeito e desprezando a perfeição. Que a perfeição é uma meta, e que se julga goleiro que joga na seleção ("Que a perfeição é uma meta/defendida pelo goleiro/ que joga na seleção/ eu não sou Pelé nem nada/se muito for eu sou um Tostão..."). Assim como tem Pelé tem Tostão. Não se pode exigir que todo Tostão chegue a Pelé. Entendeu?
TRIP Ou que todo Pelé seja Gil?
GIL É, por aí vai. As gradações, os diferentes ritmos de encaminhamento, os karmas diferenciados. Você traz um com um certo ritmo, eu trago outro noutro ritmo. O meu karma de repente atropela o seu... Você não pode fazer o bem sem fazer o mal, não tem jeito. Eu pra fazer o bem, por exemplo, quero correr e tal, agarrar uma possibilidade de fazer o bem ali na frente, e no momento que eu corro pra agarrar essa possibilidade, trombo com alguém.
TRIP E não dá pra manipular, mediar tudo isso de forma mais razoável?
GIL Não dá. Quanto mais você lubrifica o sistema, quanto mais você dá fluidez com as nobres manobras... E é importante ser verdadeiro, é quando você se entrega ao caminho. Você não pode ter interesse, estar interessado nos resultados. Você tem de fazer pelo fazer. Navegar é preciso, viver não é preciso. E a categoria religiosa, tem de ser alcançada pelo ser humano. É o serviço desinteressado, você serve ao Senhor.
TRIP Assim se chega no céu?
GIL Você fica na porta do céu, mas não entra nele. Porque se você entrar, acabou. Não há o céu nesse sentido. O céu é sempre aquele lugar que você luta para que todos entrem. E já que todos não podem entrar ao mesmo tempo... Tem aquela coisa da grande marcha de Moisés: um velhinho lá no fim, atrás, que não pode caminhar, e enquanto ele não passou Moisés ficou ali. Ele abriu o mar e deixou todo mundo passar. Se ele tivesse de ser o último a ser sacrificado ele seria, e aí seria o sacrifício total porque o último passou. O penúltimo passou e aí se sacrifica o último, e tudo bem, então está pronto. Mas enquanto o penúltimo não passar, o último não pode entrar. É uma lei. A natureza é assim, não dá saltos. Não pode levar os carros na frente dos bois. É nesse sentido que é preciso acreditar que não há a perfeição assim alcançada. Não há céu. Vai sempre haver alguém, a última criancinha que vem gritando "peraí, peraí, eu ainda estou aqui, me deixa entrar". E você não fecha a porta do céu enquanto a última pessoa não entrar. E o céu sem as portas fechadas não é céu. Com as portas abertas, o céu está em comunicação com os purgatórios, com os infernos, com todas as instâncias do mundo. Então céu e inferno são passagens. Haverá sempre as passagens entre céu e inferno e purgatório. Nós fomos condicionados a viver a dicotomia, a viver a separação.
TRIP Viver é melhor que sonhar, ou o contrário?
GIL Sonhar é melhor que viver. O sonho é mais importante que a realidade, sem sonho você não se sujeita de forma absoluta ao real. Mas o sonho é diferente do querer. O sonho é a fé, a certeza de que tudo é o que se poderia chamar de melhor. É isso. O melhor é o resultado do bem e do mal. Os dois trabalham para o melhor.
TRIP É interessante ver que neste final de milênio, tanto a ciência como o ocultismo, o Ocidente e o Oriente, todos estão chegando às mesmas respostas, não?
GIL Todo mundo, cada vez mais. Eu li outro dia uma coisa de um filósofo baiano, um menino que estuda filosofia, que dizia assim: "Um dos grandes desafios para nós, no mundo moderno, é entender que a nossa missão maior é dissolver problemas e não resolver problemas". É isso.
TRIP O que você acha do Michael Jackson ter operado o nariz... ?
GIL Ele foi levado a fazer aquilo. É o resultado das pulsões da sua própria vida na sociedade americana, do ego dele, do fato de ser negro naquela sociedade, das exigências que a sociedade dele fez. É a pessoa dele. É o grau de cumplicidade dele com aquele outro lado necessário...
TRIP Mas há um mal...
GIL Claro, como em tudo, é evidente. Ele deixou de ter um nariz chato, que é um tremendo bem, bonito. Ele ficou mais feio para uns...
TRIP Você não acha que uma atitude como essa nega a negritude?
GIL Não. Mas ele ficou mais feio. Se ele era mais bonito com a integridade negra dele, natural dele, ele perdeu um pouco. Pra uns ele ganhou. Não tem gente que acha que ele ficou mais bonito? Eu acho que ele ficou mais feio. Ele não é a negritude, ninguém vai ter a capacidade de perfazer em si todo o significado maior da negritude, toda a grandeza da negritude. Todos nós somos pequenas partículas, somos grandezas menores.
TRIP E você, está ficando mais branco?
GIL Ficando pardo mesmo. Não é branco nem preto. É o que está na minha Carteira de Identidade: "cor: pardo". Estou ganhando minha identidade. Tem gente dizendo que eu estou ficando parecido com a Flora. Eu acho também.
TRIP Você hoje estaria preparado para enfrentar a solidão?
GIL Eu não quero, não faz parte dos meus planos nem eu trabalho pra isso. Nem seria muito a resultante do que eu faço. Eu zelo, eu trabalho muito pra preservar essa capacidade de não estar só, de não ser um. Quero ser muitos e portanto ter a multiplicidade sempre ao meu redor. Isso se manifesta também no sentido físico, eu estou sempre muito ligado às pessoas, tenho muita gente e estou partindo agora pra uma vida de contato mais amplo, com mais pessoas ainda. A política é uma coisa de várias pessoas. A arte, a música, já é isso.
TRIP Eu preciso aprender a só ser...
GIL A só ser, mas não a ser só, eu já disse lá. Isso é um engodo. Precisa aprender a só ser, sozinho e não, em meio de quem quer que seja. Como na música, "ninguém comigo além da multidão...". A solidão, ser solitário no meio da multidão.
TRIP Se um disco voador viesse aqui pra buscar Gilberto Gil, uma viagem sem volta, sozinho... Ele iria?
GIL Flora me perguntou isso uma vez... Acho que iria. Iria, deixava um recado, um bilhete pra ela dizendo onde eu tinha ido, porque eu não partiria sem o desejo de voltar. Esse desejo de voltar já

iria comigo.

TRIP Pensando em voltar você já cria um querer...!

GIL Então já não iria. O verdadeiro disco voador não me levaria, ele não viria. Por isso que eles não aparecem para nós. Eu já vi um, de longe. Mas, o disco voador é uma unificação geral, essa transcendência. Jung fala disso: é a manifestação do ovo, o ovo áurico da gente que se projeta pro lado de fora. Tem um livro do Jung, o último que ele escreveu, que se chama *Disco Voador*. É muito interessante, é uma visão fantástica, maravilhosa sobre o disco voador.

TRIP O que você está lendo?

GIL Tenho lido vários livros de uma vez só. Estou relendo *Tristes Trópicos* de Levi Strauss, estou relendo *Yoga Nana*... Estou lendo um livrinho do Rajneesh, que saiu agora, sobre os Direitos Humanos, dedicado ao Gorbatchev. Estou lendo um livro do... Estou lendo vários livros de poesias que eu recebo, desses meninos anônimos por aí. Leio trabalhos, ensaios filosóficos de professores lindos da Bahia, esse pessoal de ciências sociais da Bahia. Projetos, eu leio muito.

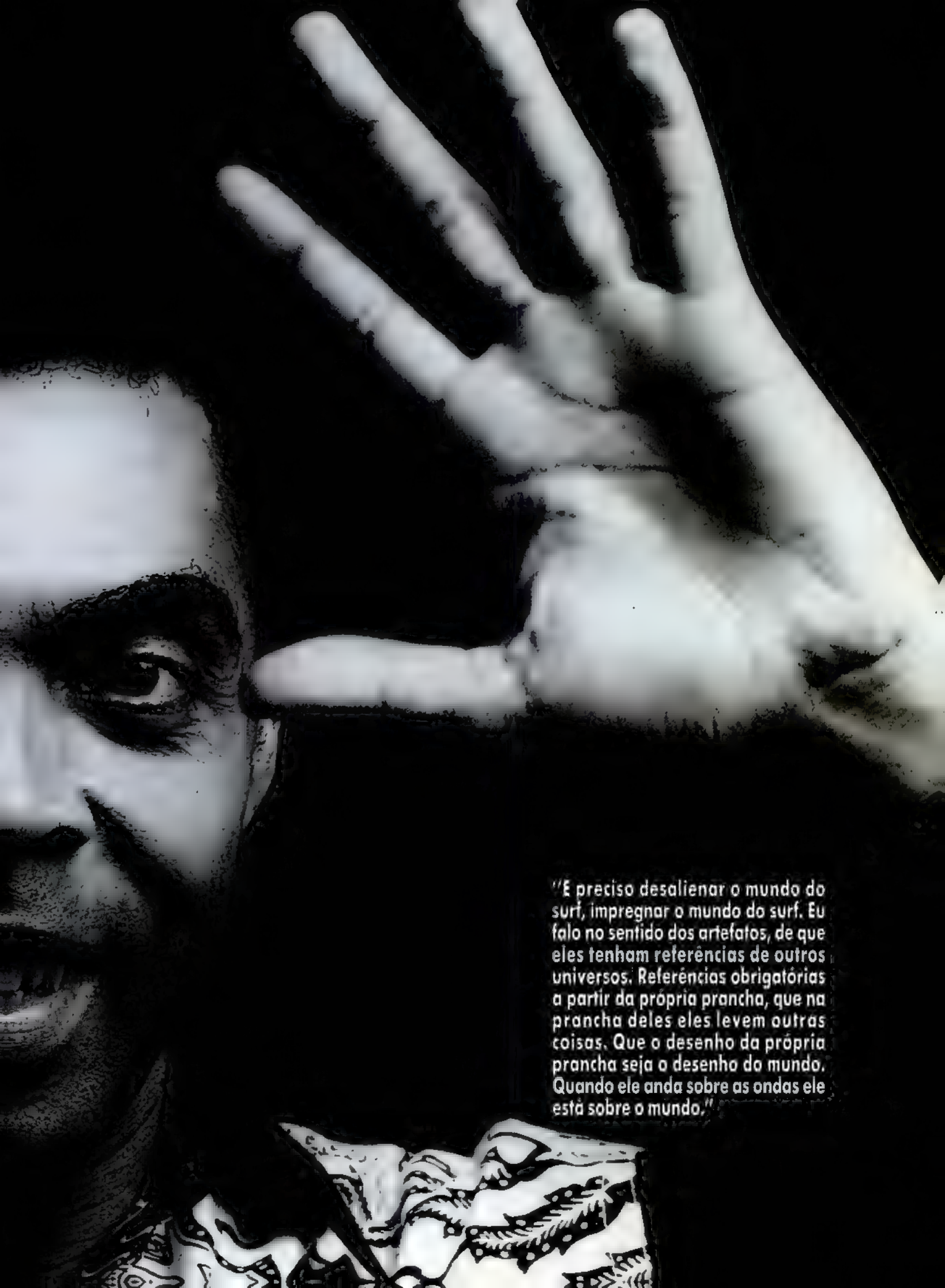
TRIP E música? Qual é o disco que não sai da vitrola?

GIL Eu não tenho, estou sem vitrola ultimamente. O último disco que ouvi foi o do Caetano. Não tenho tido possibilidade sistemática de audição. Leio, leio mais do que ouço. Até porque eu gosto mais, porque é uma coisa distante do universo cotidiano meu. Som é a coisa que eu trabalho, música eu faço. Ler é coisa mais estimulante pra mim, é um mundo mais atraente, tem um desafio mais difícil, em certas áreas em que a música já deixou a sensibilidade calejada.

TRIP Você gosta dos surfistas?

GIL Gosto. E é preciso desalienar o mundo do surf, impregnar o mundo do surf com outras... Eu falo no sentido dos artefatos, de que eles tenham referências de outros universos. Referências obrigatórias a partir da própria prancha, que na prancha deles eles levem outras coisas. Que o desenho da própria prancha seja o desenho do mundo. Quando ele anda sobre as ondas ele está sobre o mundo.

"O fato de o Brasil gostar da música 'Super Homem' é sintoma de que o País ainda tem integridade na aura, uma aura muito limpa."



"É preciso desalienar o mundo do surf, impregnar o mundo do surf. Eu falo no sentido dos artefatos, de que eles tenham referências de outros universos. Referências obrigatórias a partir da própria prancha, que na prancha deles eles levem outras coisas. Que o desenho da própria prancha seja o desenho do mundo. Quando ele anda sobre as ondas ele está sobre o mundo."

BREVE AQUI GRANDES LANCES DE EMOÇÃO.

II PHILISHAVE ON WAVE CUP.

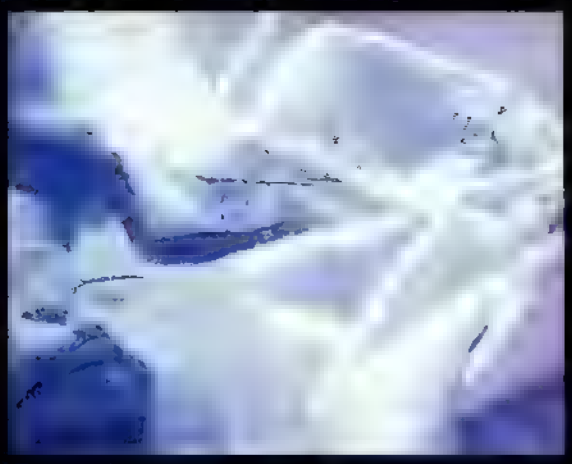
Os [illegible] Windsurf [illegible] realizada somente na etapa carioca. Principais

[illegible] (021) 205-9592

PHILIPS

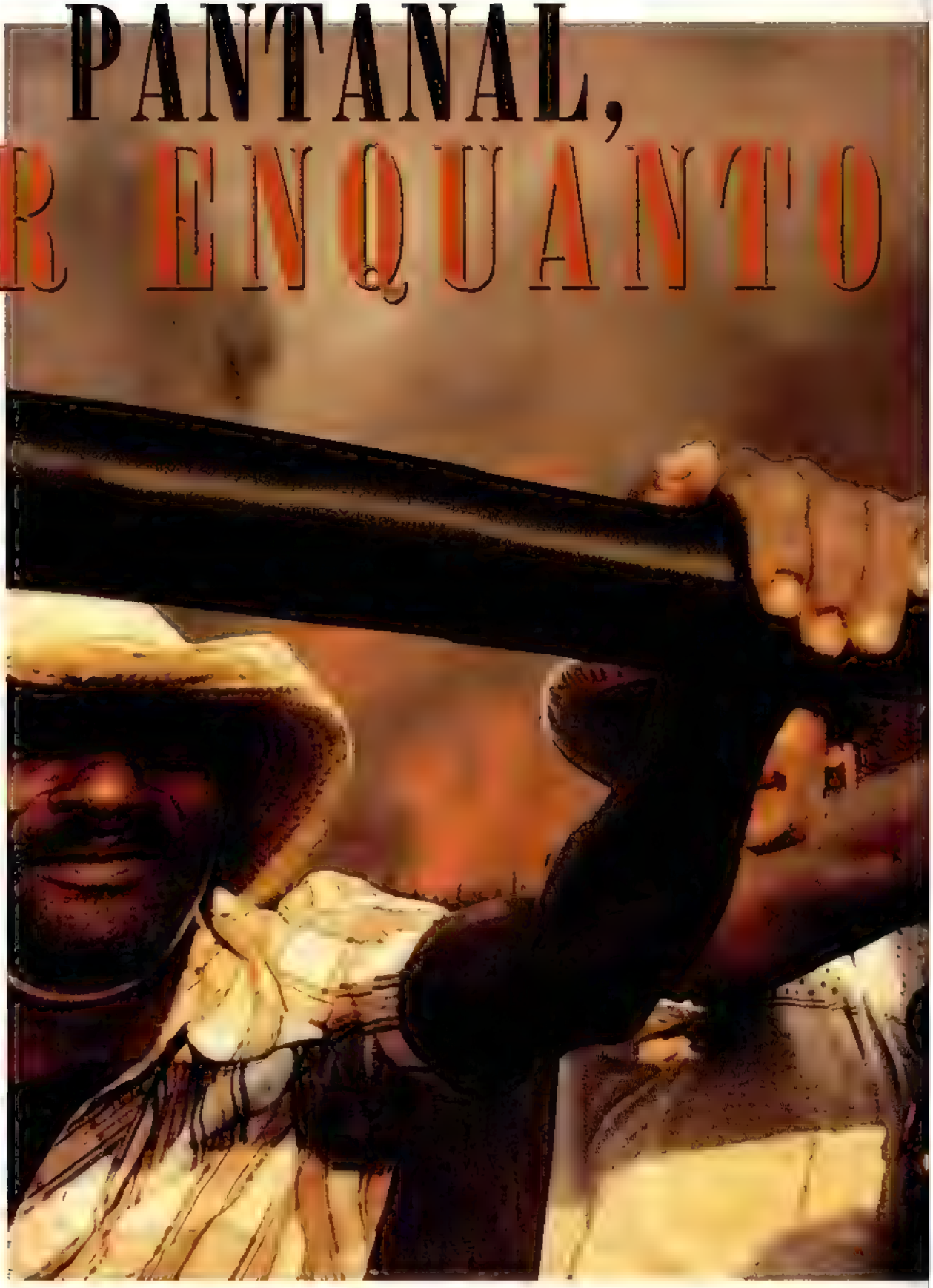
Hang Loose
HANG·LOOSE
LIKE HAWAII

DR PHIBES
Alameda Itu, 1552 SP
Tel.: (011) 64-4247

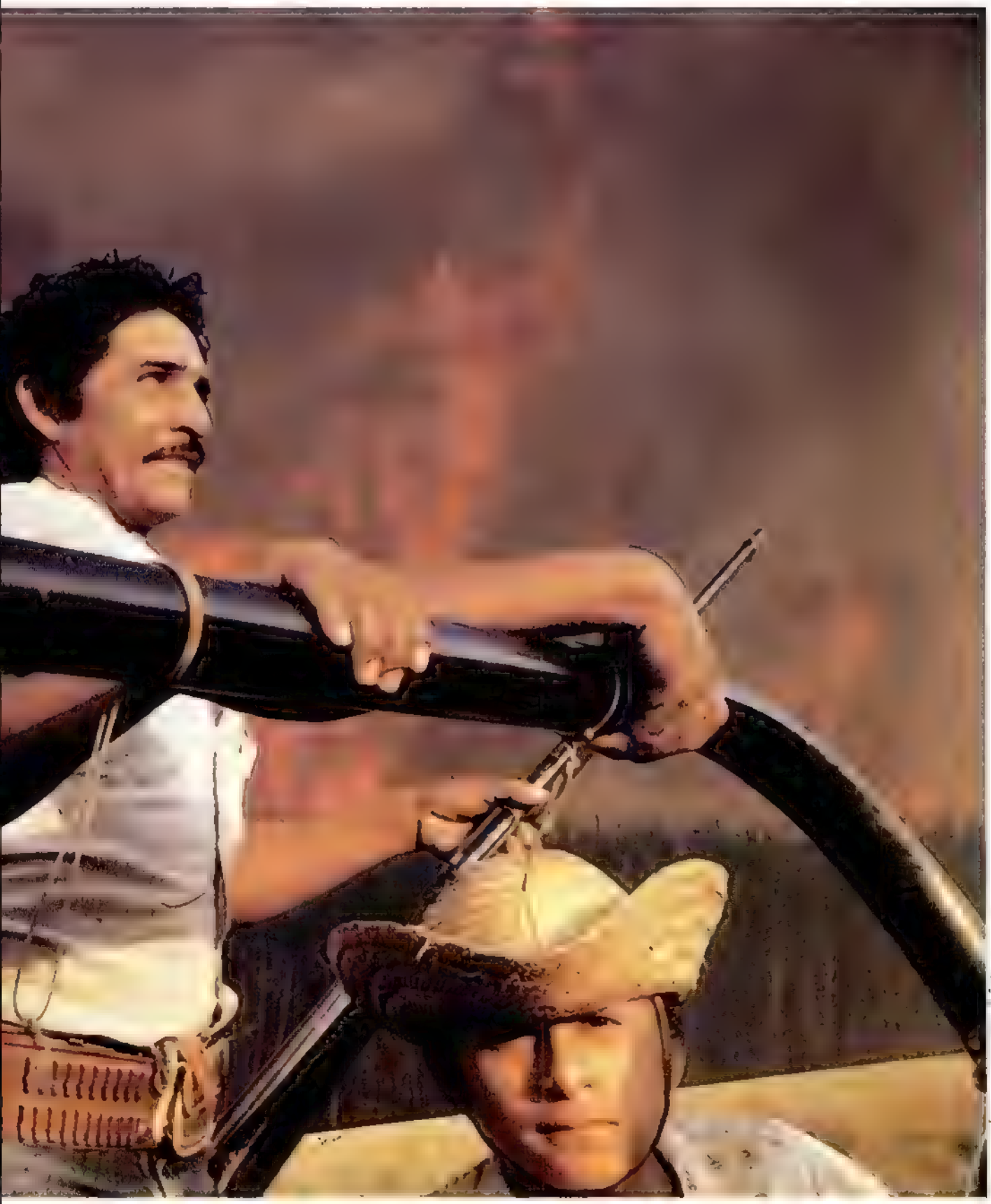


ANGEL
DUST

PANTANAL, POR ENQUANTO



por Dagomir Marquezi



marcos prado braquem a câmara

Procura-se, vivo ou morto, o responsável pelos crimes contra a natureza no Pantanal do Mato Grosso. Ele é bípede, diz que é sábio, age de dia e de noite com a mesma voracidade. A recompensa é justa: a integridade de um dos maiores úteros da fauna e da flora do planeta.

Quando começa a falar do Pantanal, Araquém Alcântara, o autor destas fotos, transmite uma primeira imagem bastante triste. "Fogo...", diz ele, ainda chocado. "O Pantanal tá pegando fogo. São incêndios que duram uma semana inteira. É tanto fogo que fica uma neblina permanente no ar."

Quem está pondo fogo no Pantanal? As razões são muitas, mas atendem por um único nome: o deste bípede idiota que se julga o ápice da Criação e se batizou com o pomposo nome de homo sapiens. Podemos sintetizar a coisa numa equação primária: Homem + Dinheiro + Poder + Ignorância = Morte.

araquém alcântara

araquém alcântara

O Pantanal foi condenado à morte, mas isso não significa que já esteja agonizando. Araquém relaxa sua expressão quando se lembra do Pantanal como ele é e deveria ficar: úmido, produzindo seres vivos numa velocidade fora do alcance de nossa compreensão. "O Pantanal já foi mar", lembra o Araquém. Mesmo estando no centro do continente sul-americano, lá se encontram conchas e caramujos típicos do oceano.

araquém alcântara

Araquém contou também como o encontro com um bando de jacarés à beira dos rios parece uma volta instantânea à Pré-História. Contou como é claro no pantanal o sentido da palavra "equilíbrio ecológico", onde as garças-de-cabeça-branca atuam como as faxineiras, limpando as águas de impurezas, enquanto os aguapés servem como filtros naturais da superfície. Lembrou como o ronco dos bugios lembra uma esquadrilha de Boeings. Contou maravilhas, mas sem se esquecer de como o Pantanal está abandonado, estorricado e cheio de lixo jogado pelos turistas. "Existem oito guardas para cuidar dos 150 quilômetros da Rodovia Transpantaneira!"

O Pantanal tem 230 mil quilômetros quadrados de extensão (um pouco menos que o tamanho da Alemanha Ocidental), só em território brasileiro. Não é, como o nome sugere, um super-pântano. É definido pelos geógrafos como uma "baixada sedimentar que fica submersa ao longo do rio Paraguai e tributários por ocasião das enchentes". As chuvas começam a partir de outubro e se tornam enchentes em fevereiro e março.

araquem alcântara

HARMONIA

É uma região muito baixa, não muito mais do que cem metros acima do nível do mar. Um útero de plantas e animais em permanente equilíbrio. Animais "inimigos" declaram trégua uns aos outros assim que as águas escasseiam, passando a conviver nos mesmos poços rasos.

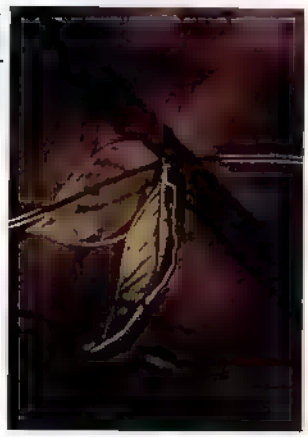
A lista de animais típicos (ou não) do Pantanal é vasta: garças, jaburus, papagaios, araras, capivaras, jacarés, antas, caititus, queixadas, cachorros do mato, ariranhas, patos, japus, veados, o cervo do pantanal, aves aquáticas, a onça pintada (ou jaguar), a suçuarana (ou puma), peixes gigantescos como o dourado, peixes famosos pela voracidade como a piranha. Tudo em harmonia, animais comendo plantas, animais comendo animais, a terra comendo animais. Índios respeitando a terra e as águas. Até que chega o homem branco.

A colonização portuguesa entrou fundo no Pantanal no século 17, à procura de ouro e de índios para escravizar. Mas ninguém se fixava no local, só provisoriamente. A partir do século 18, vilas começaram a se estabelecer para deter o avanço dos espanhóis, ao Oeste. Daí surgiram Cuiabá (1727), Nossa Senhora do Livramento (1730), Cáceres (1778) e Poconé (1781). Começa então a ocupação econômica do Pantanal, com a pecuária e a extração do mate.

O assalto final tem início com o século 20, quando a Estrada de Ferro Noroeste do Brasil chega a Corumbá. Na década de 50, foi a vez de duas rodovias (a BR-070 e a BR-416) ferirem fundo o Pantanal. Começa também em escala industrial a exploração de minérios (ferro, manganês, calcáreo, ouro), a mesma praga que está destroçando a Amazônia.

marcelo vianna

araquém alcântara



marcos prado

araquém alcântara

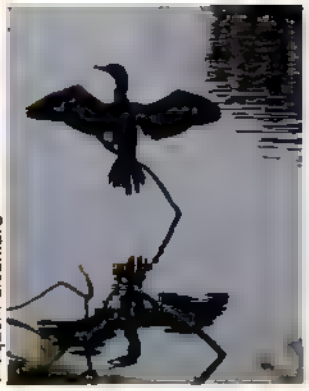
BICHARADA

A única porção realmente protegida é o Parque Nacional do Pantanal Matogrossense, que fica no município de Poconé e foi criado pelo Decreto Federal 86.392 de 24 de setembro de 1981. O Parque Nacional ocupa 135 mil hectares no sul do Mato Grosso do Sul, o que equivale a 1.350 km², um minúsculo pontinho na vastidão desprotegida do Pantanal. Mais recentemente, a Rodovia Transpantaneira foi transformada num parque onde os turistas e estudiosos podem percorrer seus 150 quilômetros desde que respeitem várias regras preservacionistas. Para fiscalizar se essas regras são bem cumpridas, há oito fiscais pagos com salários miseráveis, sem equipamento, sem condições de prender caçadores ou evitar os incêndios na mata.

marcelo vianna

marcos prado

araquém alcântara


araquém alcântara

araquém alcântara

araquém alcântara

marcelo vianna

Quantas plantas medicinais desapareceram, quantas flores, quantas árvores que só existiam no Pantanal e que não existem mais, nunca mais? Algumas delas o homem talvez nem tenha chegado a conhecer. Homo sapiens...

E os animais? Alceo Magnanini escreveu para o livro Pantanal, sobre alguns dos animais do Pantanal que hoje se encontram em extinção:

Mutum Pimina – ave negra, de bico amarelo, facilmente domesticável. Pode ser encontrada em outros pontos do Brasil, mas no Pantanal já era.

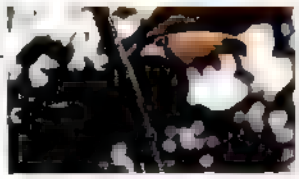
Ariranha – Engraçada, brincalhona e sem a menor defesa natural contra os seres humanos dos quais costuma se aproximar muito curiosa. "Impiedosamente caçada por sua pele e por divertimento".

Tamanduá-Bandeira – Outro bicho fácil de ser apanhado pelo homem por causa de seus movimentos lentos e desajeitados. Morto "por ignorância humana e por causa do couro".

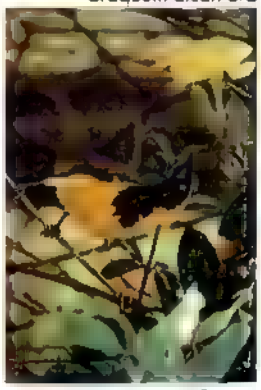
Veado Campeiro – Muito caçado por causa de sua carne e seu couro, só encontra proteção em parques nacionais, e olhe lá.

Onça Pintada – É o maior felino das Américas, caçada por "esporte" ou por causa de sua pele, hoje raríssima.

Jacaré – Morto aos milhões por ano (com um tiro entre os olhos). O mais chocante é que o jacaré morre para que apenas uma faixa lateral de sua pele seja aproveitada em "calçados finos". Sua carcaça é jogada inteira de volta ao rio, onde apodrece aos montes. Jacarés comem piranhas. Com a brusca diminuição de jacarés, as piranhas estão aumentando em proporções alarmantes...


marcos prado

araquém alcântara


araquém alcântara

araquem alcântara

araquem alcântara

araquem alcântara

marcos prado

marce o vianna

marcos prado

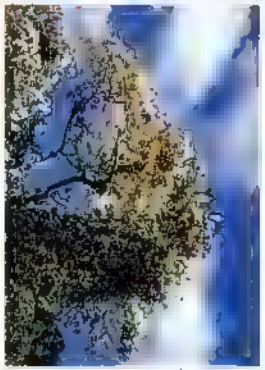
araquém alcântara

marcelo vianna

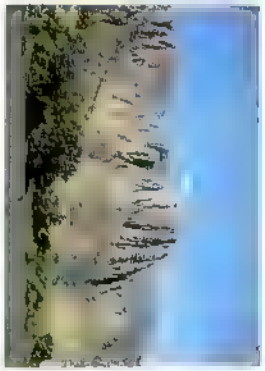
marcelo vianna

araquem alcântara

araquém alcântara


marcelo vianna

marcos prado


marcelo vianna

marcos prado

AZAR DA NATUREZA

O drama do Pantanal não é isolado. Como diz aquela velha piada, um dos mais preciosos pedaços do planeta Terra teve o azar de cair num país chamado Brasil, hoje o recordista mundial de devastação da Natureza. A Amazônia, a Mata Atlântica, o Planalto Central, os lagos do Sul, as ilhas oceânicas, tudo hoje corre perigo em nome dessa palavra às vezes estúpida chamada "Desenvolvimento".

Mas o Pantanal, pobre Pantanal, hoje é vítima de uma guerra direta, de um ataque maciço em três frentes: por terra, pelo ar e pela água.

1 – Incêndios – Incêndios são provocados por vários tipos de gente. Por latifundiários que querem expandir seus pastos, por exemplo. Ou por caçadores querendo encurralar uma presa. Ou por um simples turista que resolveu fumar seu Marlboro junto à palha seca. Qualquer motivo é motivo. A cada incêndio, milhares de árvores são destruídas, e sem árvores não há umidade, e sem umidade há mais fogo. O fogo mata ou expulsa animais que, sem espaço vital, acabam morrendo também, de um jeito ou de outro.

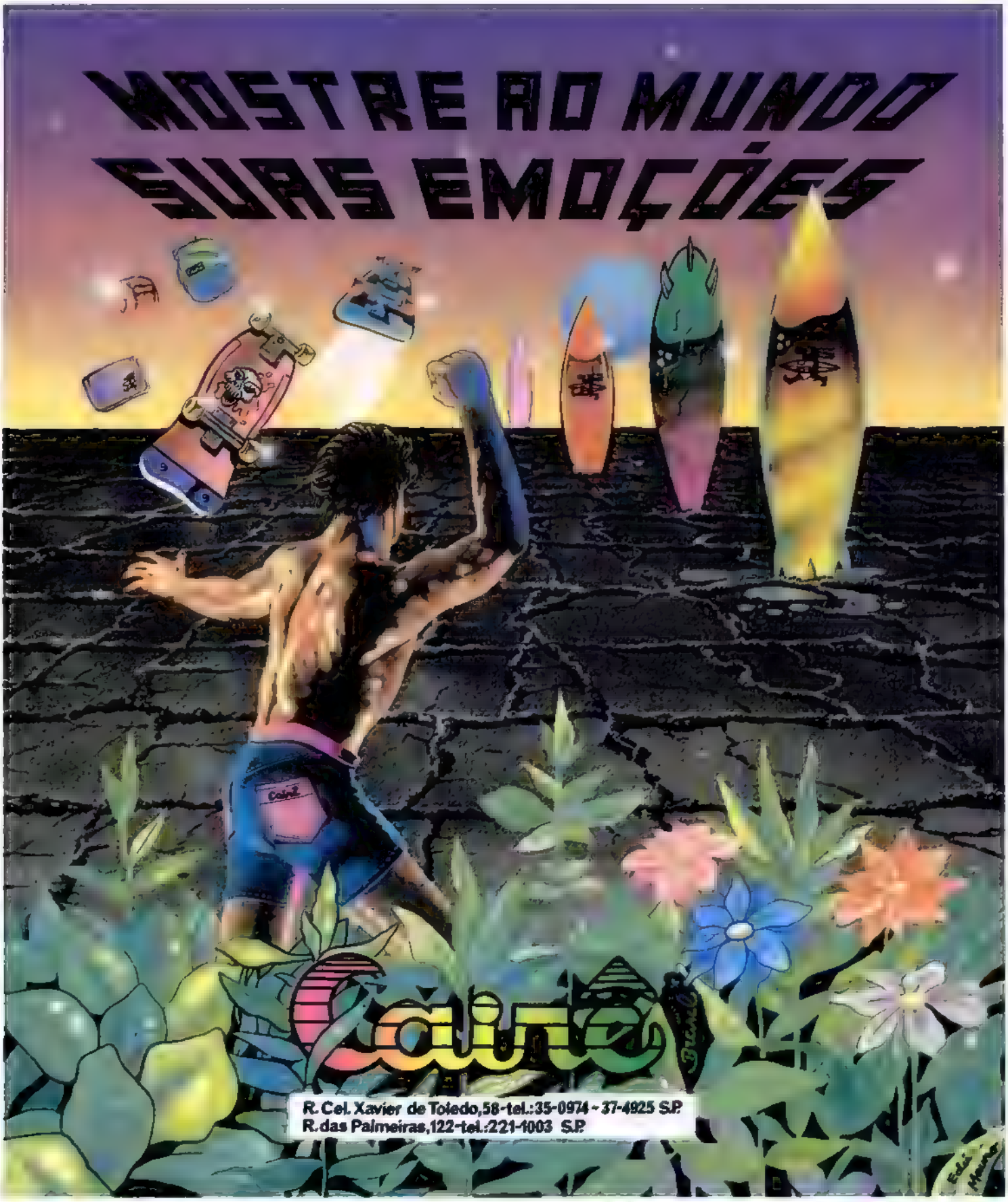
araquém alcântara

marcos prado

2 – Caçadores – A caça no Pantanal é feita hoje em grande escala, com quadrilhas equipadas com barcos velozes e armas de todos os tipos, equipamento de comunicações, etc. Eles lutam contra uma polícia florestal sem nenhum recurso. Matar um animal protegido por lei ainda não é crime. É contravenção, da qual é possível escapar com uma multazinha. Em certos casos, confundem-se os traficantes de pele com traficantes de drogas pesadas, em quadrilhas poderosíssimas e muito ambiciosas. Há tráfico de penas de aves, de peles de mamíferos e de couro de jacarés que rendem centenas de milhares de dólares. Aliás, o massacre de jacarés é considerado hoje o recordista mundial de mortes de um único espécime animal, só comparável aos massacres permitidos por lei de cangurus na Austrália.

3 – Mercúrio – A mais recente e terrível das armas contra o Pantanal. O mercúrio é um metal pesado e venenosíssimo utilizado no garimpo do ouro. Sem que ninguém fiscalize, esse mercúrio vai para os riachos e rios, contaminando plantas, animais e, é claro, o próprio ser humano. Engolir mercúrio equivale a morrer envenenado ou ter filhos deformados. Há pouco tempo nasceram (ou quase) filhotes de porcos no Pantanal com um olho só. Culpa do mercúrio. O pintado na brasa que comemos em São Paulo pode ter mercúrio. É o Pantanal "exportando" o que não podia "importar": a Morte.

Fontes: "O Equilíbrio da Natureza", de Henrique Diniz *(Revista Geográfica Universal,* nº 115, pág. 80).
"Pantanal", texto de Alceo Magnanini, poemas de Carlos Drummond de Andrade e fotos de Luiz Cláudio Marigo (editora Siciliano, 1986).


MOSTRE AO MUNDO
SUAS EMOÇÕES
Cairo
R. Cel. Xavier de Toledo, 58 - tel.: 35-0974 - 37-4925 S.P.
R. das Palmeiras, 122 - tel.: 221-1003 S.P.

FLÁVIO PADARATZ

TROPICAL BRASIL

Tropical Brasil - Cx. Postal 636 - CEP 88.001 - Fpolis - SC - Fone: (0482) 33-3289

Sabe o que eu fiz? Viajei a Europa inteira de trem. Até aí, tudo bem. Os trens são modernos, rápidos e confortáveis. As estações são as melhores. Ficam no centro das cidades e tem todo tipo de informações que a gente precisa pra alugar um carro, se hospedar, assistir um show e conhecer os grandes lances de cada cidade. E o que era mais legal, é que tinha um monte de gente da minha idade.

Mas, foi justamente um garoto no vagão que me contou sobre Eurail Youthpass. Um passe que a gente compra antes de sair do Brasil, que custa muito pouco e que dá direito a entrar em qualquer trem da Europa, a qualquer hora, incluindo travessias de ferry-boats e ônibus.

O passe é para quem tem menos de 26 anos, como eu, que não tinha um Eurail Youthpass. Dá vontade de se jogar no trilho e deixar o trem passar por cima. Não dá?

YOUTHPASS

CONHEÇA A EUROPA DE TREM.

É A MAIOR VIAGEM.

São Paulo:
Av. Ipiranga, 318 – Bloco B,
10º andar - Tel. (011) 257-0099
Embratur D00910041.9 - ABAV SP/30

Porto Alegre:
Av. Sen. Salgado Filho, 94
11º andar - sala 1102
Tel. (0512) 25-7289
Embratur D00910141.2 - ABAV RS/146

Ou no seu agente de viagens.

RECORTE E COLE NA SUA PRANCHA.
QUEM SABE ASSIM VOCÊ SURFE IGUAL À MELHOR EQUIPE DO BRASIL.

Paulinho do Tombo – Campeão Brasileiro de Surf 87
Pedro Müller – Vice Campeão
Neno do Tombo – 3.º colocado
Amaro do Tombo – 6.º colocado

Fazer tudo de um único jeito, ou uma única coisa de mil jeitos diferentes. Só experimentando.

O roteiro traçado pelo diabo numa produção divina. Filmes queimados, sombras, água fresca, discussão, melancia, malícia, pureza, tesão. Adão e Eva, horizonte perdido, desejos contidos, canivete suíço, brasil, lagoa azul, interurbanos, leme, lua. Totais.

rafic

Quero tudo

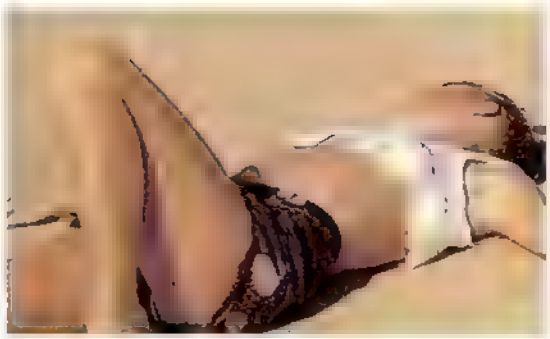
price

coleção Vertigo
meia Vertigo
camisa jeans Simultânea

pra mim.

Fotos
Roberto Price e
Rafic Jorge Farah
Produção Ingrid Fuchs

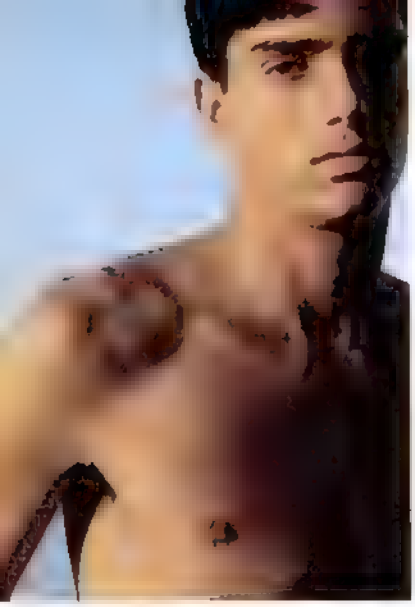
calçon B.o Galvão
camisette Vertigo
jaqueta black jeans Fórum

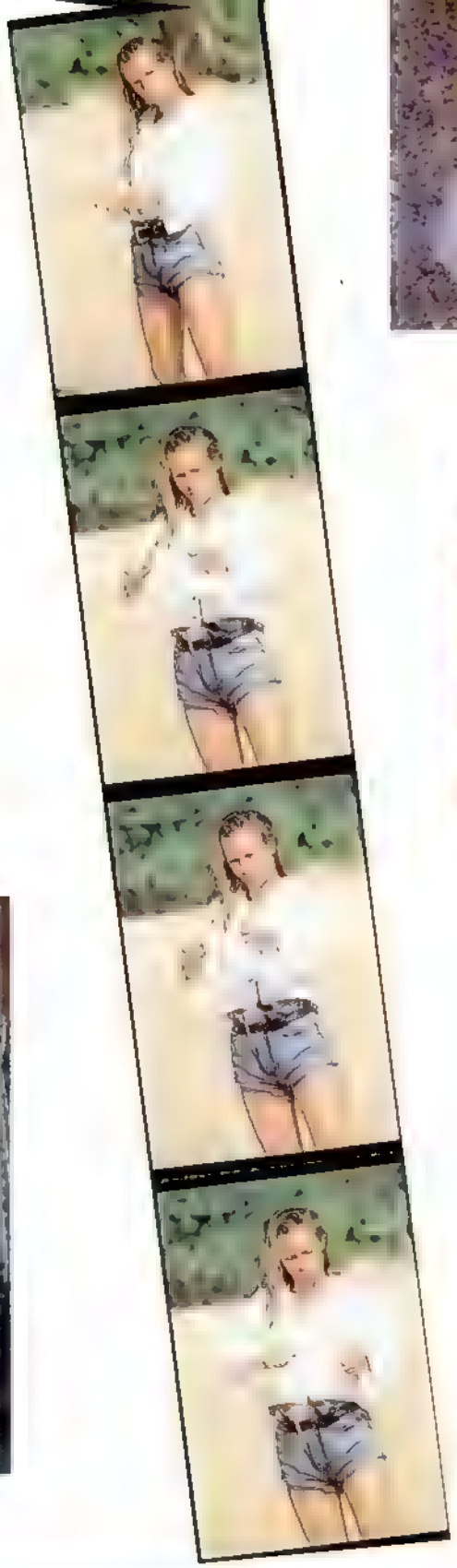


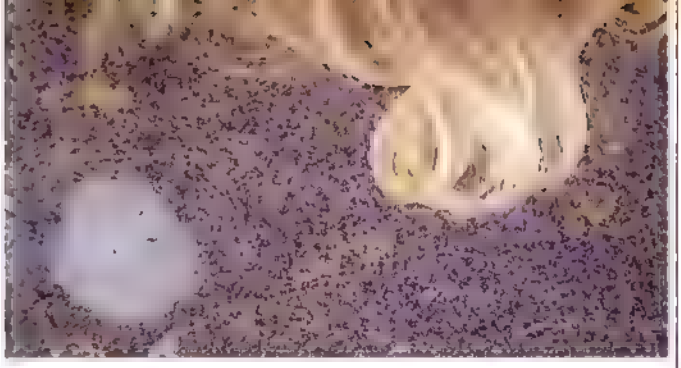
Jaqueta wh le Jeans Fiorucc
short Simultaneo

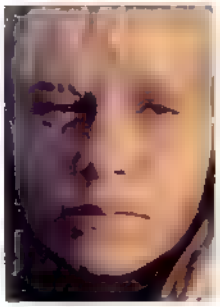
rafic

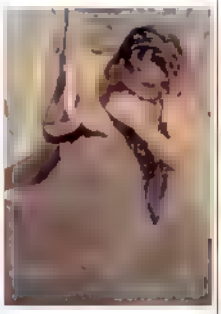
calça Forum
short jeans Top Plus
jaqueta branca Simultanea
lenço Chica Boom

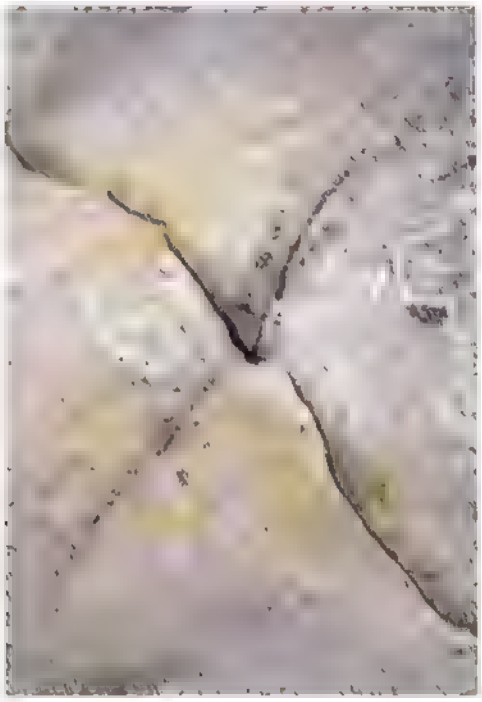


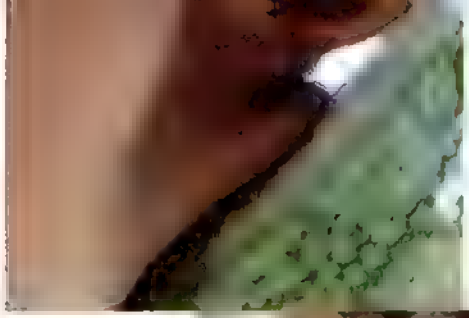


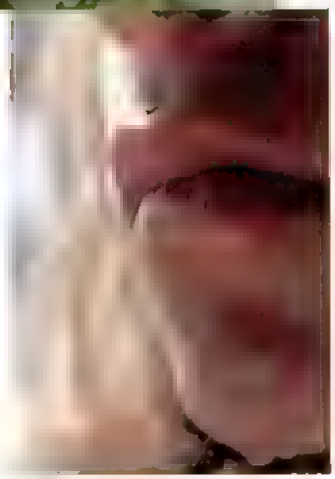


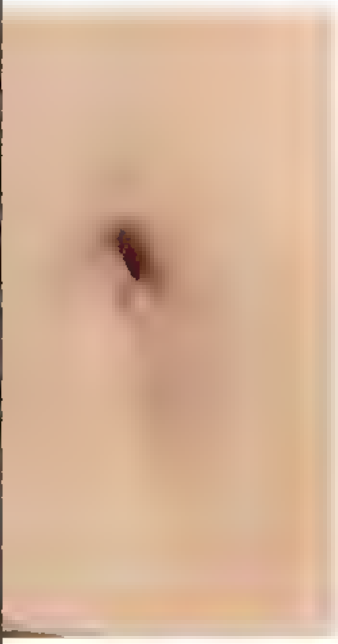


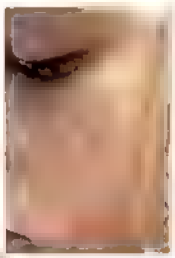


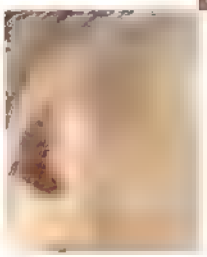


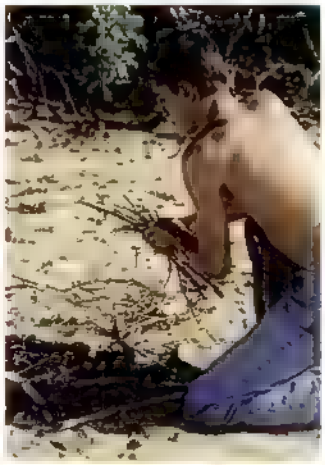


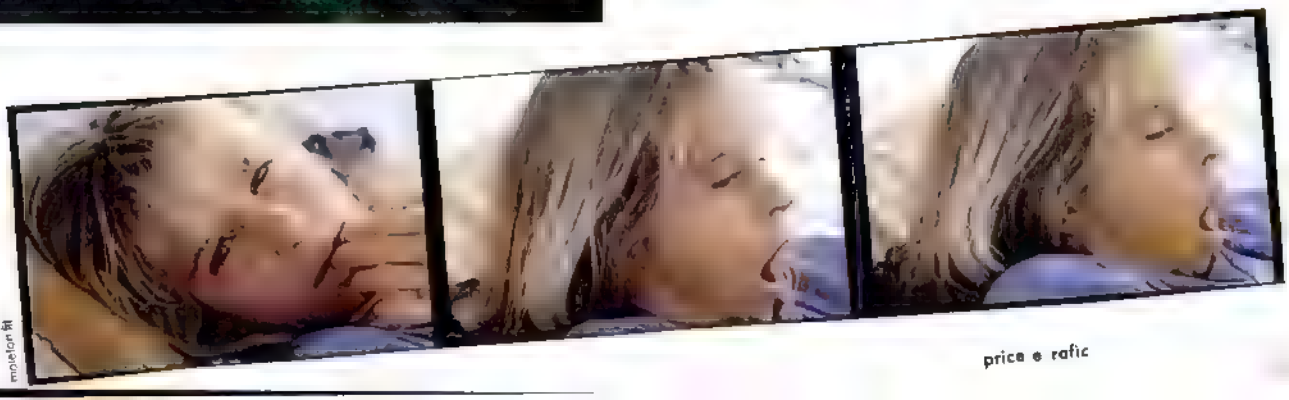


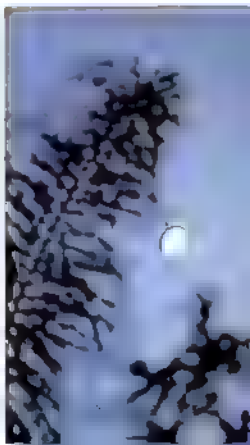










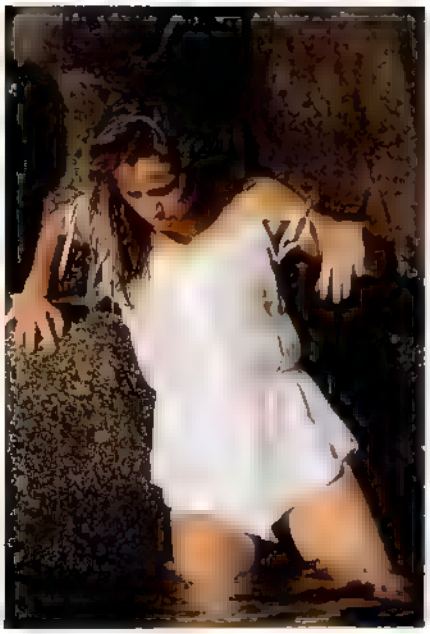


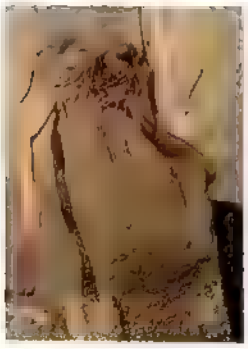
price e rafic

majestic

macaquinho Acessory

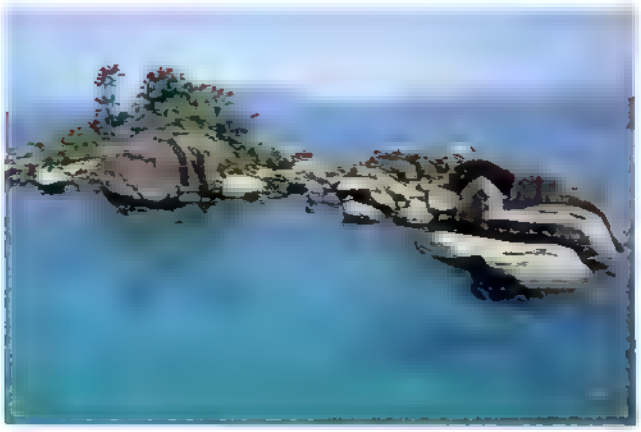
price





calça Forum
colaçon Frorucci
cinto Billabong
lenço Andrea Saletto
camisetta Ellus

fotografadas nesta matéria a bodyboarder Dominique e Amaldo no hotel Mercado de Pouso, em Paraty (RJ) · dezembro de 87



fim

Produto de grande aceitação no mercado procura jovem nas mesmas condições.

Empresa líder no mercado oferece excelente oportunidade a jovens com aspirações à liderança e que queiram desenvolver rapidamente suas naturais aptidões. Temos o que todo jovem inteligente, trabalhador e que pretende ascender rapidamente deseja: conforto, dinamismo, agilidade, precisão de comandos e economia em perfeita harmonia com o nosso tempo.

Desejamos posicioná-lo no comando de uma potência, dotada de um motor de alta performance 1.6 (AP 600), tecnologia avançada, conforto e desempenho. Comparecer munido de seu entusiasmo em nosso Concessionário para conhecer de imediato a Linha Gol, nas versões CL e GL, além do fantástico Gol GTS 1.8 (AP 800 S), o mais rápido carro brasileiro.

No seu Concessionário Volkswagen, você encontra um Gol na medida certa para um jovem líder. E aproveita também para conhecer as facilidades do superfinanciamento e a supervalorização do seu VW usado, na troca por um novo.

Rede Autorizada

Wrangler. Born in America.

DPZ

Wrangler®
Jeans com conteúdo.

tantra tantra

O verdadeiro prazer não está na explosão: está no limiar, no último centímetro do autocontrole. Com uma companhia nos braços ou uma prancha nos pés, o ser humano pode experimentar sensações de intensa satisfação. E esse sonho do prazer sem fim tem nome: Tantra.

Uma das lutas do surfista é tentar prolongar ao máximo sua trajetória na onda, permanecer o maior tempo possível desfrutando essa sensação. Uma relação tântrica entre homem e mar. Surfista desconhecido no Año Nuevo State Park. (Foto: Woody Woodworth)

Material chronicny praw

por Dr. José Ângelo Gaiarsa

tantra tantra tantra

TANTRA

Filosofia e técnica para se conseguir conter a ejaculação durante as relações sexuais. Procedendo assim, acumula-se energia vital, por força da qual o indivíduo vai vencendo todos os seus condicionamentos negativos em relação ao prazer e ao orgasmo. Estes condicionamentos dificultam não só o exercício da sexualidade, como restringem ou deformam *todos* os contatos das pessoas entre si e com o mundo.

Resgatar o erótico – o prazer contínuo no contato com os outros e as coisas – é resgatar a alegria e o prazer de sentir-se vivo.

A mulher é *naturalmente* tântrica, muito mais capaz de prazer que o homem, e naturalmente capaz de orgasmos múltiplos. O homem precisa aprender e a mulher é a sacerdotiza natural do ritual erótico.

Não se trata de *reprimir* a sexualidade, mas de contê-la em forma bem dosada, a fim de que o prazer se espalhe pelo corpo todo e pela vida toda.

Sabeis o que é Tantra? Não?

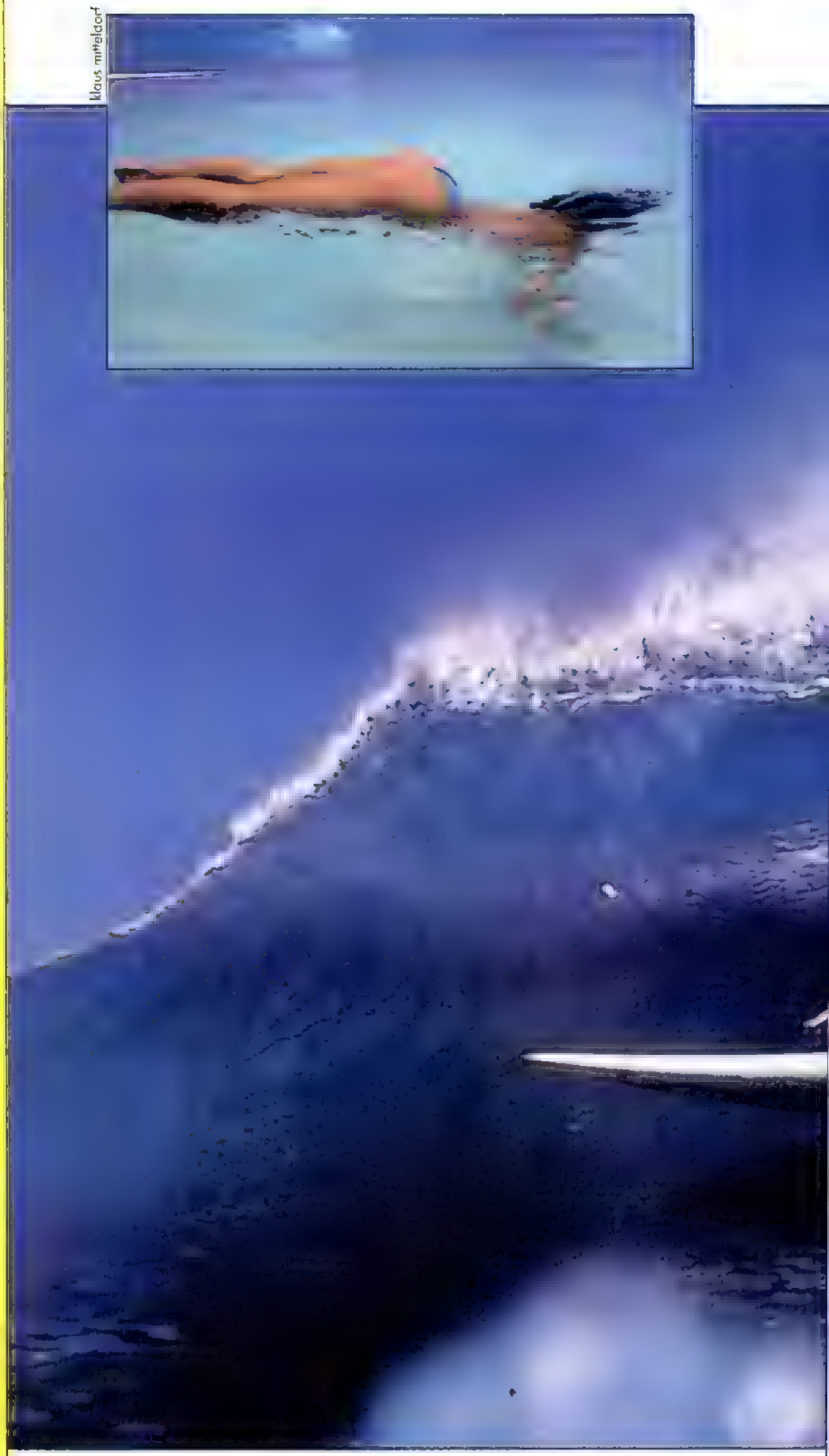
Vou explicar – primeiro de forma erudita e depois como sonho de moleque.

O erudito diz assim: Tantra é a filosofia, a Religião e a Liturgia entretecidas ao longo e em torno do relacionamento erótico e sexual.

O objeto da meditação é a sucessão – infinita – das sensações e emoções que surgem quando dois personagens humanos se põem em contato de olhos, de mãos, de pele (e de cheiro!), de movimento, de pressão, de carícia e de masturbação-recíproca!

Seria bonito se, em português, dissésemos assim: ***O Tantra é uma meditação amorosa, ou uma ampliação da consciência do contato.***

Na medida em que vamos aprendendo a ampliar o contato erótico


klaus mittelsdorf

Não por acaso o tubo é uma das manobras mais buscadas pelos surfistas. Há uma relação quase erótica nessa penetração da natureza. Greg Adams em Puerto Escondido, México. (Foto: Woody Woodworth)

com outra pessoa, vamos, no mesmo ato, ampliando e aprofundando nosso contato vivo e prazenteiro com tudo o que existe. Esta é a filosofia Tântrica.

Nossas repressões sexuais, hoje tão ativas como sempre, ao mesmo tempo em que nos fecham dentro de nós mesmos, tornam difícil, precário ou impossível o pleno contato – e a troca – com o outro.

Aprendemos em família – em todas as famílias respeitáveis, dignas e mentirosas, como são todas as nossas – que os órgãos genitais não existem.

Qual a Mãe que ousa perceber que tem xoxota frente ao Filho?

Qual o Filho que ousa perceber que tem pinto diante da Mãe?

Durante vinte anos

aprendemos que os genitais não existem. Eles só podem começar a existir oficialmente – nesse nosso mundo completamente louco – quando a gente se casa.

Por isso ninguém sabe nada de sexo.

Por isso todo mundo faz sexo muito mal, muito apressado, muito curto, muito ansioso – até agressivo.

As mulheres, com muita culpa, muita vergonha e medo.

O orgasmo se faz então ardentemente desejado – para **acabar** *com esse espetáculo agitado, tantas vezes* **sem sentido.**

A pergunta do moleque esperto e vivo que nós já fomos, está em surpreendente paralelo com os dizeres do Tantra.

Se é tão bom, por que fazemos tão depressa?

E desde cedo os mole-

Estar sozinho com a onda é fundamental. Poucos surfistas gostam de reparti-la com outros. Piola. (Foto: André Reichmann)

ques mais espertos vão experimentando e encontrando meios para que a punheta se prolongue – quanto mais demorada mais gostosa. Mas isso só com os moleques espertos que se fazem, mais tarde, na vida, os sacerdotes do Tantra.

O VENCEDOR DA MORTE DO PRAZER

Já os meninos mais bobos entram sempre no mesmo tipo de onda, fazem sempre as mesmas acrobacias, e invariavelmente caem de cara na água muito antes da onda acabar.

Como é quase sempre proibido, quase sempre é feito muito escondido.

Mas se é proibido e escondido, então é sempre feito com medo. A precipitação, tida como fúria do macho incontrolável, na verdade é medo de perder o jeito ou ficar de pinto mole! Medo de um prazer que se aprofunda e que ameaça não terminar nunca mais. É o medo que faz inclinar a prancha um pouco mais do que o necessário – e assim aceleramos o tombo. É como se, ao controlar a "prancha", tivéssemos a ilusão de controlar a onda...

Já os meninos mais espertos descobriram essa verdade ao mesmo tempo banal e surpreendente:

O orgasmo (a ejaculação) é um desmancha prazeres.

Quase sempre ele termina bem antes do tempo, um balanço de delícias que estava apenas começando. Não é um orgasmo. É um tombo.

Ao invés de aproveitarmos a sensação vertiginosa de ser levado por uma onda poderosa, começamos a ficar cada vez mais assustados e então preferimos levar um tombo proposital – ao invés de, impelidos pela onda que nos leva, nos deixarmos levar por ela ao mesmo tempo que, com leves movimentos oportunos e precisos, vamos ganhando cada vez mais velocidade, até começar a voar – numa cambalhota sem aterrissagem.

grande é como conseguir finalmente a mulher que sempre se desejou. A adrenalina atinge níveis máximos e o prazer intenso pode estar junto. Tudo depende de seu estado de espírito, de seu autoconhecimento. Havaí. (Foto: Marcos Prado)

Acariciando a onda, tentando acompanhá-la, o surfista pretende sempre cumprir suas evoluções harmoniosamente. O ideal é que ele não caia, ou que a onda não acabe. Ou, ao menos, que acabem juntos...
Anthony Ruffo na Califórnia.
(Foto: Woody Woodworth)

Importante é manter-se deslizando interminavelmente na beirada da onda orgástica – sem perder o equilíbrio, sem cair na ejaculação e sem perder a onda.

Instável o tempo todo, vertiginoso o tempo todo, emocionante o tempo todo.

Acontecendo a toda velocidade

Acontecendo em toda a profundidade

Acontecendo com todo brilho

Acontecendo com toda força

As ilustrações que aparecem aqui foram reproduzidas de livros que mostram a essência da filosofia tântrica, seja hindu, japonesa, chinesa ou do Nepal. A maioria data dos séculos XV, XVI, XVII e XVIII. As esculturas são dos templos hindus de Khajuraho, Bhuvaneshvar, Konarak e Puri, construídos em meados dos séculos X e XI da Era Cristã. Eles representam, de alguma forma, a profundidade divina dos rituais tântricos.

URSINHA COM A GARRA DE FORA.

DBA
DPZ

O ESPORT

FRANCISCANO

QUALIDADE

STRASSBURGER

ANDAR DE FR

DESTE VERÃO:

NCISCANO.

BORRACHA 100% IMPORTADA
775
Rua Albuquerque Lins, 775 - S. Paulo
R. Maria Antônia, 116
Tel.: (011) 826-4288 - S. Paulo

salada

TRIP DÁ SORTE

Segundo Jung, coincidências não existem. Acreditando nisso, ficamos orgulhosos de ver o que o destino vem reservando aos entrevistados da *TRIP*.

Dadá Figueiredo foi o primeiro. Na época, apenas um ótimo surfista. Logo depois da entrevista, Dadá foi um dos principais destaques brasileiros no Mundial de Surf da Joaquina (1º Hang Loose Pro Contest). Depois foi a vez de Pedro Müller, que mal acabava de responder às nossas perguntas e já ganhava um campeonato atrás do outro. Hoje ele é vice-campeão brasileiro de surf.

Roberta Borges foi a terceira. Tem-se revezado com sua conterrânea Tanira Damasceno no pódium de quase todos os eventos do surf feminino. A bodyboarder France Hazar terminou a entrevista na *TRIP* e em seguida conseguiu um excelente patrocínio da Varig, coisa que lhe garantiu uma viagem incrível, vários meses pegando ondas e vivendo experiências que lhe asseguram pelo menos mais meia dúzia de entrevistas.

Por último, o catarinense Teco Padaratz, estrela das páginas pretas da *TRIP* nº 6. Ele faturou sete campeonatos amadores na Califórnia, sendo que duas etapas contavam pontos para o circuito da NSSA, provavelmente a mais importante competição amadora do mundo. Teco é hoje um dos primeiros surfistas do ranking amador norte-americano e promete dar muito trabalho no Mundial Amador de Porto Rico.

É só aguardar e conferir: a vez agora é do Jorge Pacelli.

PAULO LIMA

TESTE SEU CONHECIMENTO!

Imagine-se na Barra do Sahy, litoral norte de São Paulo, uma das mais belas praias de toda a costa brasileira. Um dia de sol, clima exato, mas... um mar totalmente flat. O que fazer?

a) Jogar baralho.
b) Ler Os Lusíadas.
c) Comer e dormir o dia todo.
d) Visitar a Ilha dos Gatos de caiaque, wind, num laser ou num hobbie cat.

É evidente que se ainda lhe resta um mínimo de bom senso, a alternativa "d" foi escolhida. E cumpri-la pode ser fácil e interessante: Zé Thomaz, habitante natural do meio da Barra do Sahy, organizou uma verdadeira frota de vela e remo, que ficará à disposição de todo mundo durante o período das férias. Mais que isso, um bar paradisíaco foi montado no melhor ponto da Ilha dos Gatos, com recepção garantida à base de cerveja gelada e camarão fresco. Quem resiste. Ninguém.

shoiti hori/sundek

CALÇADA DA FAMA

A marca de maquiagem Liquid Sky tomou a iniciativa inédita de reunir as 35 mais importantes figuras do mundo da fotografia de moda numa exposição de painéis sobre o tema "Beleza". O espaço foi o do recém-inaugurado Projeto SP, em São Paulo.

Apesar das forças ocultas, que se encarregaram de lacrar o Projeto SP no dia marcado para o evento, a dupla Carlinhos e Cláudia Slinger não se abalou: transformou a calçada e os muros do local na mais bem frequentada galeria de arte de São Paulo. Detalhe: o muro foi todo pintado pelo artista plástico Ivaldo Granato. O evento, que contou com o patrocínio da *TRIP*, foi um sucesso rasgado. Além da beleza, o encontro significou a união dos fotógrafos de moda, que não costumam se bicar muito fácil.

P.L

shoiti hori / sundek

CISCO QUILHA

Há alguns anos, a revolução das pranchas de surf atendia pelo nome de Ricardo Bocão. O inquieto presidente da Associação Brasileira de Surf Profissional, na época disposto a modificar a tradicional engenharia das pranchas, criou o conceito das quatro quilhas. Apesar da iniciativa e de todos os esforços do Bocão, a quadriquilha não pegou.

E aqueles que acreditavam que seria difícil surgir outra novidade nas pranchas de surf, surpresa: a Cannion, do surfista Cisco, de Santos (SP) inovou com um conjunto de quilhas diferente. Trata-se de quatro quilhas, tal como o Bocão havia proposto, só que uma delas é de tamanho reduzido, posicionada bem atrás da quilha do meio, junto ao tail. Sua função é estabilizadora e, segundo os que já experimentaram, os resultados são muito bons.

OVERALL

SETE NAS BANCAS

SALADA RITZ

Mamão
Abacaxi
Figo
Maçã
Queijo Minas
Coleslaw
Presunto Cru

Al. Franca, 1088 - (011) 853-3288 12 às 2 da manhã

CAMPEONATO MUNDIAL DE SURF AMADOR

Fevereiro de 88 — Porto Rico

Entre 10 e 21 de fevereiro de 88, os melhores surfistas amadores do mundo estarão competindo em San Juan, Porto Rico, neste que é o maior evento do surf amador mundial.
A TRIP e a UNICATUR convidam você para acompanhar todas as emoções desse campeonato e conhecer todas as belezas de uma das ilhas mais exóticas do Caribe. Porto Rico 88, com tarifas especiais de viagem.
Ligue agora para 011-222 5666 – 222 5591 com Denise e Roberto.

unicatur

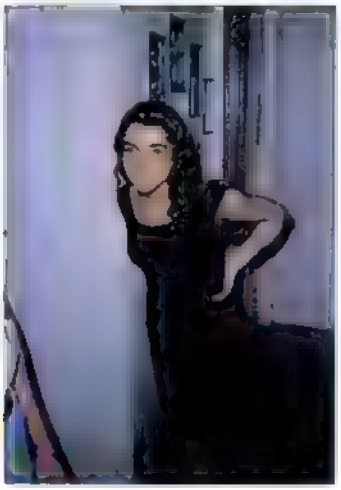
Rua Conselheiro Crispiniano, 317 - 11º andar - São Paulo - Brasil
Tel.: (011) 222-5666 - Telex (011) 32419 UCXL BR

ROCK AO VIVO

Acontece agora em janeiro o Hollywood Rock 88, um superfestival de música com presenças internacionais e de algumas das principais estrelas do rock brasileiro. Tudo começa com o "espírito" das promoções da Hollywood, "o compromisso com o novo, com a liberdade, com a natureza, a descontração". Esse mesmo espírito já fez acontecer alguns dos principais eventos esportivos de 87, como o Hollywood de Surf, Hollywood de Motocross e de Vela. Agora, é a vez da música.

Entre os brasileiros, Ira!, Titãs, Paralamas, Lulu Santos, Ultraje a Rigor e Marina. Entre os convidados internacionais, Pretenders, Simple Minds, Supertramp, Duran Duran, Simply Red e UB-40. O Rio de Janeiro assiste tudo antes: de 6 a 9 de janeiro, na Praça da Apoteose. São Paulo confere a partir do dia 13, com rock na veia durante quatro dias, no Estádio do Morumbi. Pelo que tudo mostra, a Hollywood vai mesmo ao sucesso desta vez.

paulo lima



15 ANOS DE JEANS

A US Top está debutando. Isso mesmo, são quinze anos dessa marca, quinze anos de provocantes lançamentos no mercado da moda brasileira. Pra comemorar, a São Paulo Alpargatas, responsável pela US Top, convidou quinze dos mais importantes editores de moda do País para fotos especiais. Cada um deles mostrou como usa sua US Top (na foto, Constanza Pascolato, editora de moda).

Aliás, a Assessoria de Imprensa da Divisão Jeans da São Paulo Alpargatas conquistou o Prêmio Contexto pela segunda vez consecutiva. Com criatividade e muito jogo de cintura, Rui Porto e Sandra Nedopetalski, gerente e jornalista dessa Assessoria, garantiram mais uma vez a qualidade no trabalho de lançamento das marcas US Top, Top Plus, Jeaneration, Safari e Sea Club.

fernando lombardi/us top

PIERA NO JAPÃO

A modelo Piera é um dos rostos mais assíduos diante das lentes dos principais fotógrafos de moda do Brasil. Seu esforço e dedicação – além da beleza, claro – estão lhe trazendo o merecido reconhecimento.

Piera embarcou dia 25 de novembro pro Japão – e pela segunda vez. Ela deve ficar lá durante pelo menos oito meses, trabalhando para as principais agências e clientes do outro lado do mundo. Esta foi a última foto de Piera no Brasil, feita às vésperas do embarque, durante sua festa de aniversário.

Parabéns, Piera. Você sabe o que significa qualidade e dedicação.

P.L

O RESULTADO DA PROMOÇÃO TRIP/AEROPERU

Foram milhares de cartas, mas apenas uma levou a passagem ida e volta para o Peru. O feliz ganhador na verdade é uma feliz ganhadora: Camila Reimann, de São Paulo, Capital. Ela respondeu corretamente e com bastante inventividade as questões desta promoção:

Quem foi o primeiro entrevistado da revista TRIP?

– Dadá Figueiredo

Na sua opinião, quem deveria ser o próximo entrevistado da revista TRIP?

– Tito Rosemberg, aventureiro com várias viagens pelo mundo, que inclusive já foi entrevistado pela *Surfing*.

Você já viajou para o Exterior? Para onde?

– Já morei na Inglaterra seis meses, nos Estados Unidos três anos, conheço Europa, México, Havaí e Jamaica.

Certo. E agora Camila embarca pro Peru. Boa sorte pra ela e mais sorte pros que não ganharam. Afinal, é bom ter sorte de sobra, porque a *TRIP* vai trazer mais promoções desse tipo. Fique ligado.

AeroPeru

sho'n hon/sundek

FARO FINO

A marca Atoll pode realmente se vangloriar de faro surfístico. Afinal, entre os seis primeiros colocados do ranking brasileiro, quatro correm pela Atoll: Paulinho do Tombo (1º lugar), Pedro Müller (2º), Neno do Tombo (3º lugar) e Amaro Matos (6º).

Vale frisar a importância do trabalho do chefe da equipe, Zé Armando, sempre presente nas competições. E também os técnicos dos atletas: Marcos Conde (da Cristal Grafitti, técnico de Pedro Muller) e Kabeha Fukuda (da Town and Country, técnico dos Tomboys).

divulgação

KART 88

Novembro marcou o final do Campeonato Paulista de Kart. O campeão foi Heitor Nogueira, da equipe Manduca-Kopenhagen-Cerfix, na categoria novatos. Um dos destaques dessa temporada – e que promete muito para 88 – é o piloto Renato Lima Freire, da equipe Caon-Cairê. Apesar de ter participado apenas das duas ultimas provas, Renato mostrou que tem o pé forte. Ano que vem tem mais.

O MELHOR ANÚNCIO DA TRIP

Qual o melhor anúncio da última edição da *TRIP*?

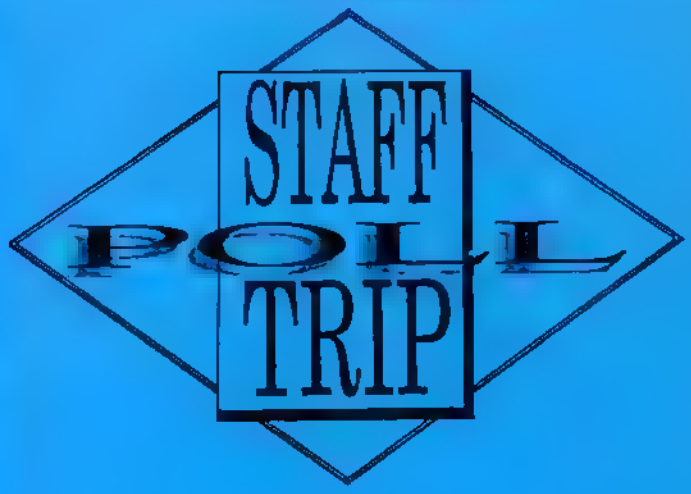
De novo, fomos buscar a opinião dos profissionais. Este mês, participam Armando B. Abreu, gerente da Divisão de Mídia do Banco Itaú, Geraldo Rodrigues, vice-presidente de criação da CBBA e Sonia Abreu, radialista, produtora musical e criadora da rádio ambulante Ondas Tropicais. Você que está lendo também pode participar: escreva para alameda Ribeirão Preto, 548, CEP: 01331, São Paulo, SP.

Os resultados são estes:

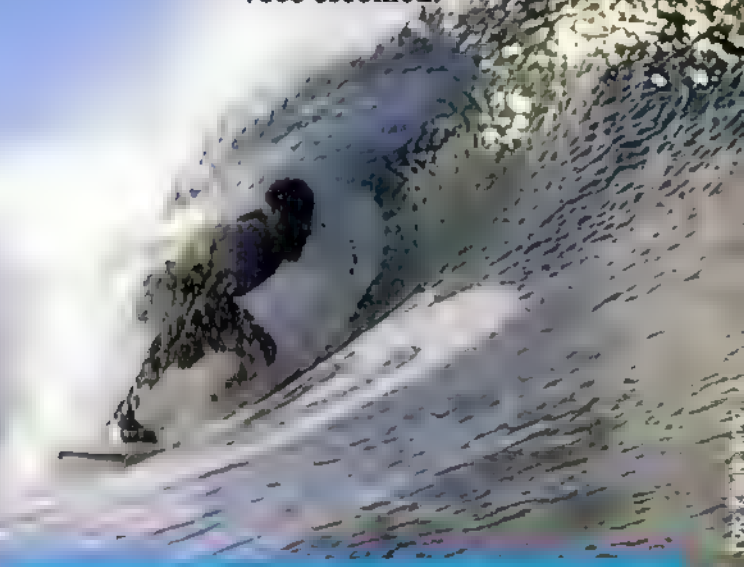
Voto dos profissionais de comunicação: Sea Club, páginas 30 e 31.

Voto dos leitores: Billabong, 4ª capa.

Você escolhe os campeões



Dê seu voto. Quem são os melhores surfistas do Brasil? Preencha o cupom e diga quem são os top ten, na sua opinião. Em março, o Jornal *Staff* e a revista *TRIP* reunião todos em uma grande festa para premiar os 10 surfistas que você escolheu!



1 _____
2 Apoio _____
3 _____
4 _____
5 _____
6 _____
7 _____
8 _____
9 _____
10 _____

BILLABONG

Envie para R. Sorocaba, 225 – Rio de Janeiro – RJ – CEP: 22271

MERCADO DIFERENTE

rafic farah

Dar as caras em Paraty, na divisa São Paulo/Rio, é programa sempre certo. Hospedar-se no Mercado de Pouso pode tornar a visita a essa cidade ainda mais interessante. Experimente e depois nos conte. E não esqueça: o passeio de saveiro é a especialidade da casa. Contatos pelo telefone (021) 267-7794, com Vitor.

O CASO DAS CANGAS

Ninguém acha as cangas Atoll em lugar algum... Tenham sido as balinesas? As tahitianas? Ninguém sabe. O certo é que a Atoll Textil, fabricante das cangas mais provocantes do mercado, promete uma nova carga de modelos.

E só aguardar.

A VEZ DO QUARTO MUNDO

Imagine que um dia, finalmente, Primeiro e Terceiro Mundo vão esquecer as "diferenças" e somar as habilidades pra fazer coisas realmente importantes e transformadoras...

Ao menos os músicos já chegaram nisso, pode acreditar. Cada vez mais a tecnologia dos países desenvolvidos curva-se diante da criatividade nata e inovadora de áfricas e caribes do mundo. Está nascendo a música do Quarto Mundo, um tipo de som que não se parece com nada (não é jazz, não é blues, não é funk, não é rock, não é reggae, não é salsa: é tudo ao mesmo tempo!).

Um dos exemplos mais nobres desse estado de espírito é *Electric Africa*, de Manu Dibango. A esta altura da conversa, talvez seja desnecessário dizer que ele vem da República dos Camarões... Ou que a produção é do ex-Material Bill Laswell... É que diante do som que se ouve nesse LP, as discussões e explicações e informações são progressivamente dispensáveis. Duça, reouça, goze e passe adiante.

SURPRESA!

Ele nasceu nos Estados Unidos, cursou jornalismo, perambulou depois por quebradas inglesas. Do zero a mil: Terence Trent D'Arby, em apenas dois anos, saiu do nada e chegou ao primeiro lugar das paradas inglesas. Se você sempre admirou o Prince – mas não conseguia ouvir seus discos de ponta a ponta – ou se toda vez que ouve Stevie Wonder se pergunta sobre a possibilidade de aparecer alguém assim com o mesmo pique, trata-se de obrigação conferir a voz e as maneiras de Trent D'Arby.

A CBS está lançando *Introducing the Hardline According to Terence Trent D'Arby*, um LP fora do comum. É a chance rara de conhecer um trabalho de ponta que não prescinde da qualidade. O sucesso de D'Arby está apenas começando.

Otávio Rodrigues

SHAPE À BAIANA

As praias baianas foram invadidas por shapes paulistas, no mínimo até o ano que vem. O responsável por isso é Rodolfo Carbone, o Neco da Lightning Bolt. Durante um mês, ele cumpriu expediente nas oficinas da Blue Marlin, em Salvador. O período foi suficiente para que o Neco shapeasse mais de cem pranchas para os surfistas locais. Sorte deles.

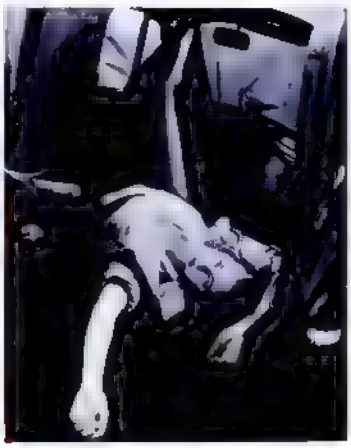
O Neco em ação.

Fernando José do Carlo Netto

COM INCIDÊNCIAS...

Assistam agora a mais um capítulo da novela "Coincidências que nem Jung Explica"... Depois da *Der Spiegel* ter encontrado inspiração na capa da *TRIP* nº 4, agora é a vez de uma revista da casa mesmo. A edição de novembro de *Iris Foto* também veio com cama, lençóis e mulher na capa, c.q.d...

Consultamos os oráculos sobre isso. "Tsc, tsc" foi a resposta unânime.


j. r. duran

A GATA DA CAPA

Até hoje chegam à redação perguntando quem é a gata da capa da *TRIP* nº 3. Aí vai: trata-se da modelo Cíntia di Pieri, que esteve em Ubatuba durante o Sundek Classic e que tem trabalhado com os melhores fotógrafos do País. O endereço dela ficamos devendo...

P.L

Cheyne Horan

Mormaii International Surf Team

Fotos: Edson Newton

A sua marca na água.

MORMAII IND. COM. IMP. E EXP. DE ARTIGOS ESPORTIVOS LTDA.
Rodovia BR 434 Km 3 - CEP. 88495 - Porbacinha - Garopaba - Santa Catarina
(0482) 54218/54112.

Philippines
DIAS 5, 6 E 7/2
GUARUJÁ - PRAIA DE PERNAMBUCO.

BOOGIE!

Morey Boogie®
Bodyboards

Morey Boogie Bodyboard é uma obra artesanal feita por CLARK FOAM PLÁSTICOS LTDA. Rua Mabá, 373/381 Vigário Geral – CEP 21241 Rio de Janeiro Fone (021) 372 5037

Materiał chroniony prawem autorskim

BILLABONG
BILLABONG
BILLABONG
BILLABONG
BILLABONG
BILLABONG
BILLABONG
BILLABONG
BILLABONG
BILLABONG
BILLABONG
BILLABONG

(011)815-9678

TRIP

ANO 2 NUMERO 7 1988 Cz$ 250,00

RICARDO BOCÃO
19 ANOS DE ESPORTE

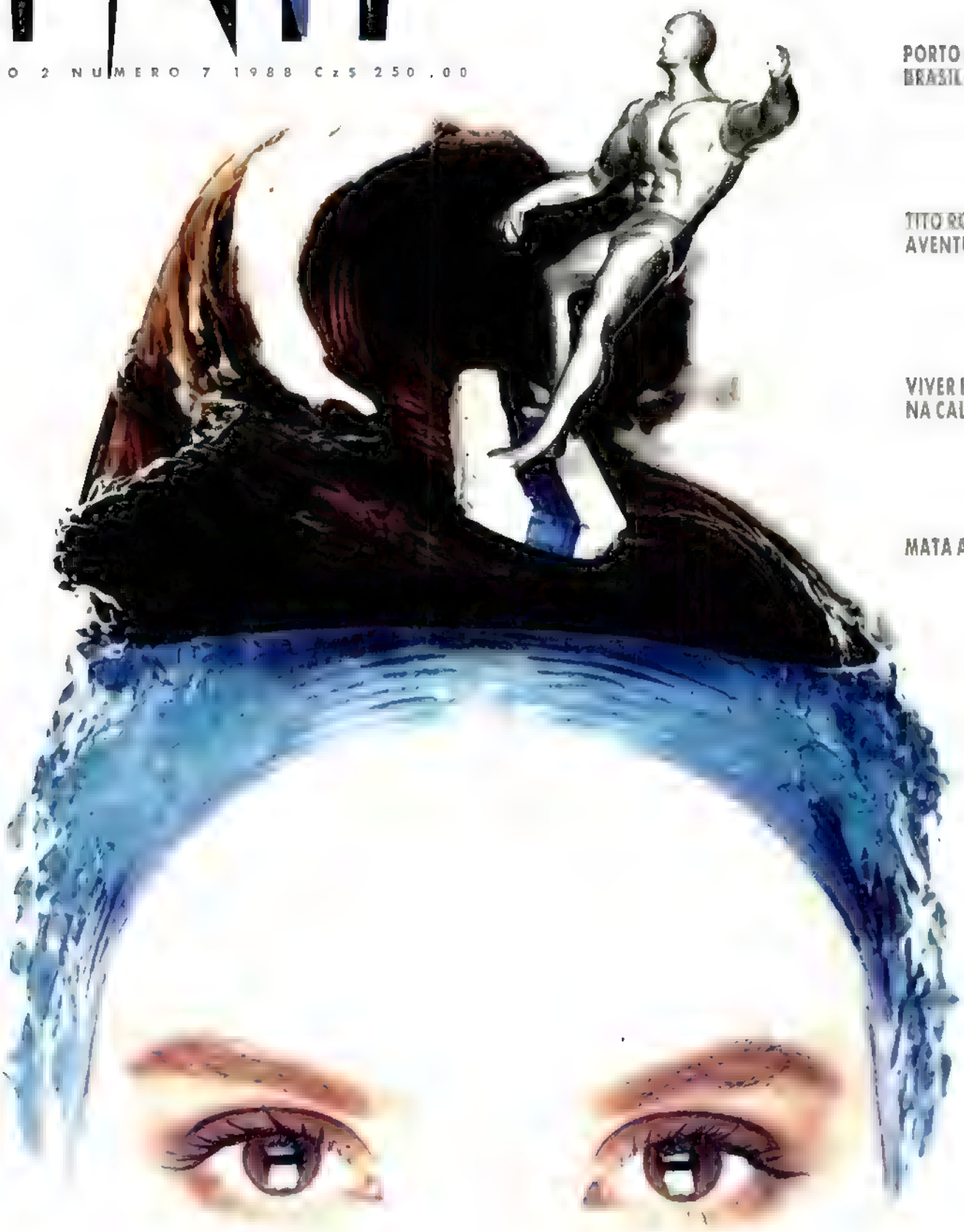
A VERDADE SOBRE
O SURFISTA PRATEADO

PORTO RICO:
BRASIL CAMPEÃO

TITO ROSEMBERG
AVENTUREIRO BRASILEIRO

VIVER E MORRER
NA CALIFÓRNIA

MATA ATLÂNTICA



100%
algodemais
jackets
shirts
ROSS
(011) 210.4966

christian vioujard/gamma-sigla

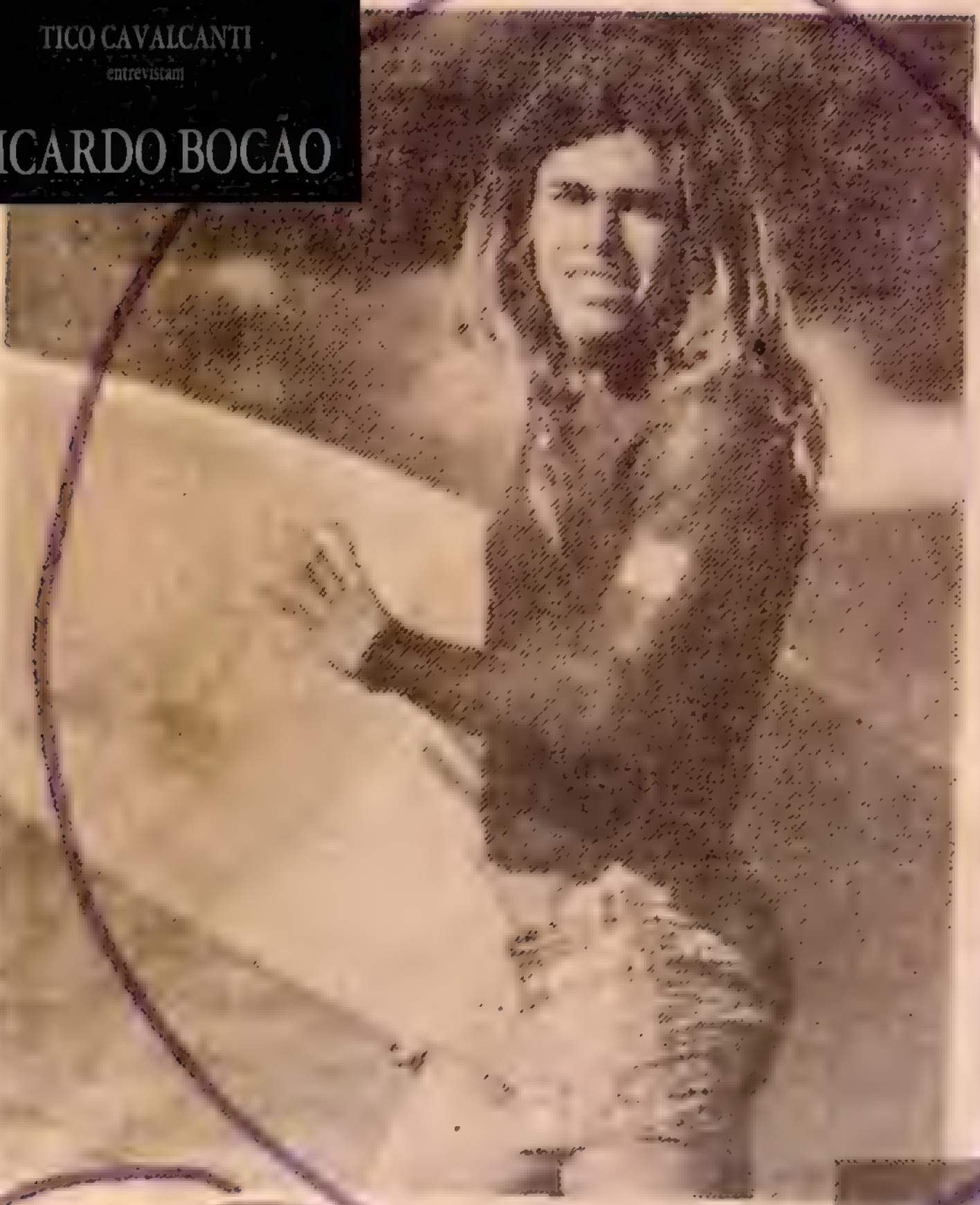
Próxima TRIP, edição over exercised

PAULO LIMA

TICO CAVALCANTI

entrevistam

RICARDO BOCÃO



RICARDO BOCÃO at the Bay of Plenty yesterday. His lively enthusiasm will be missed by the many friends he made during his stay.

reprodução roberto price

33 anos de vida, 18 de surf. Ricardo Bocão resume em si mesmo mais do que parte da história do surf no Brasil. Ele é exemplo de como o potencial do jovem pode ser bem aproveitado, até mesmo aqui nos Trópicos. Com tão pouco tempo de vida, ele já deixou registrado seu nome nos arquivos do esporte mundial, na comunização brasileira e principalmente no coração das pessoas que o conhecem. Dizem que o apelido, Bocão, ganhou por três motivos: amor de tudo, a boca grande; depois, o apetite anormal e, finalmente, a incrível capacidade de proferir mais palavras do que qualquer estenógrafo seja capaz de anotar.

TRIP Vamos começar pela ficha técnica.

BOCÃO Ricardo Baerlein dos Santos Lima, 33 anos, nascido em 17 de outubro de 54, em Copacabana...

TRIP De onde vem esse nome, Baerlein?

BOCÃO Baerlein vem do meu avô. Meu avô é inglês, veio pro Brasil com 14 anos, com o pai dele, meu bisavô, engenheiro famoso na Inglaterra, que veio fazer aquele teatro em Manaus, aquele que tem uma cúpula que abre. Foi ele quem fez.

TRIP Teatro Municipal?

BOCÃO É, alguma coisa assim. Meu bisavô era engenheiro casca grossa, e meu avô veio com ele. Depois voltaram pra cá, pra fazer uma obra longa no Rio de Janeiro e moraram aqui um bom tempo. E acabaram ficando, meu avô conheceu minha avó e aí foi.

TRIP Você já teve outros apelidos?

BOCÃO Bom, já tive apelido de Padre. Foi um apelido que estava querendo persistir, por uns dois anos, mas Bocão...

TRIP E por que Padre?

BOCÃO Porque teve uma época, quando eu tinha uns 15, 16 anos, com um ano e meio de surf e uma turma muito grande... Paulinho Proença, Broca, Betão, Mário, um monte de gente. E não vou tirar onda, mas a realidade é que eu era um pouco mais...

TRIP Educado?

BOCÃO É, não sei se era educado...

TRIP Calmo?

BOCÃO Não era nem calmo. Eu era super elétrico, bagunça e tudo, mas não bagunça negativa. Eu não quero acusar ninguém, mas os caras às vezes extrapolavam. E eu, mesmo com 15 anos, eu tava naquela, "Porra, não faz isso!". Por exemplo, neguinho saía na rua de noite, em Cabo Frio, e pô, às vezes olhava um letreiro assim bonito e... pedra nele. Eu não conseguia achar isso engraçado. Aí começou essa sacanagem: Padre, Padreco, Padre, Padreco. Mas Bocão sempre foi mais forte.

TRIP Quem era esse pessoal dos seus 15 anos?

BOCÃO Fedoca, João Príncipe (João de Orleans e Bragança), o Tio, que era do galera mais do Broca...

TRIP E por que vocês se conheciam?

BOCÃO Por quê? Surf, Arpoador. Eu comecei a pegar onda em Copacabana, Figueiredo Magalhães. Eu pegava de body surf, de peito, desde os 9 anos de idade. Amarradão no mar, cara. Comecei a ver a pessoal de pranchão aqui em frente, o Betão era meu ídolo, já era loerinho, tinha dinheiro, tinha pranchão de fibra...

TRIP O Betão era ídolo, mas tinha a sua idade, não?

BOCÃO Ele foi meu ídolo durante pouco tempo, durante uns seis meses. Depois eu descolei uma prancha e logo comecei a andar com ele e rapidinho ele virou meu amigo. Mas eu estou dizendo, naqueles primeiros seis meses eu encarava jacaré de peito que nem surf, procurava ser um dos melhores, entrava em mares assim que só salva-vidas entrava. Eu com 14 anos e os caras tinham 25, 30...

TRIP Quem era a geração pranchão aqui de Copacabana?

BOCÃO Cara, quando eu comecei a pegar onda estava exatamente na virada do pranchão pra prancha pequena. Eu só viajava naquele lance de neguinho deslizar em pé na prancha, não sei por que aquilo me fascinava. Lógico que body surf me fascinava, pegar de peito. Prancha então, ficar de pé... eu não sei, cara, eu ficava maluco. Mas depois que eu comecei a me conscientizar da dificuldade de dar uma virada, dar uma batida, eu comecei a criar minhas referências. O cara que mais me chocou no final da década de 70 foi o Maroca. Eu pegava onda há um ano e o Maroca já estava voltando do Havaí. Maroca fez coisas assim que eu não acreditava que pudessem ser feitas numa prancha. Tinha uns caras bons pra caramba: os irmãos Rebechi, o Betinho, que era alucinante, o Mudinho, que arrebentava. O cara tinha uma sensibilidade pra surf e um estilo tão bonito, o cara era super de vanguarda, o Mudinho. Mas o Maroca, eu me lembro, surpreendia radical...

TRIP Você praticamente viu tudo da origem do surf no Rio?

BOCÃO Mais ou menos, mais ou menos, não muito. Acho que o surf aqui no Rio começou em 62, 61. Então, pô, em 60, 61, eu estava com 6 anos, não dava pra sacar nada. Com 6 anos eu ainda tava enfiando chave de fenda na televisão, à noite, escondido, querendo tomar choque. Eu peguei exatamente a virada do pranchão pra mini-model. Comprei uma das primeiras mini-models que havia no Rio, aqui do Oscar, que andava com o Marquinho e com o Berenguer. A prancha tinha 2,20 quando todo mundo tinha pranchão 2,90 ou 3,10. Eu me lembro que só tinha a minha e uma outra no Arpoador, só. Mas eu ter comprado essa mini-model foi coincidência... eu iria comprar qualquer coisa, não tinha diferença de mini-model pra pranchão. E que pintou essa, era barato, fui lá no consultório do meu pai, aquela apreensão, e ele me deu o dinheiro: 250 cruzeiros!

TRIP É evidente que há muita diferença entre o surf brasileiro de hoje e o daquela época...

BOCÃO Assim que as pranchas diminuíram pra 2,20, elas começaram a ficar mais manobráveis. E mesmo antes dessas pranchas pequenas, o surf, o barato do surf era deslizar nas ondas. O cara vinha, remava, ficava em pé e deslizava. O cara em cima de uma prancha, deslizando numa onda, era algo assim de você ficar chocado. Todo mundo tinha uma maneira de se identificar e ficar amarradão. Eu não fugi à regra. E aí, acho que é uma coisa natural, que quanto maior fosse a onda, mais difícil, mais impressionante pra quem tava vendo. Então, acho que se o cara descesse uma onda de metro e meio, naquela época em que só descer já era demais, imagina o cara descer uma onda de 3 metros lá no ponto do Pier. Era mais demais ainda. E isso é uma coisa normal, que inclusive está se resgatando agora, porque o cara realmente tem que ter um talento fora do comum pra surfar uma onda pequena, **mas vai me desculpar: pra surfar uma onda gigante o cara tem que ter o mesmo talento e ainda uma dose de reflexos, coragem, com parte física e com condições mentais perfeitas. Tudo, tudo misturado.**

TRIP O cara tem de ser atirado.

BOCÃO O cara que é atirado, o cara nasce com isso. O cara que é atirado é atirado com tudo. O cara joga bola, ele disputa a bola e se a canela dele bater tudo bem. Se ele for jogar vôlei, vai com tudo pra rede, vai tentar dar porrada mais forte. Então eu acho que a coragem está relacionada, de alguma maneira, com... com... acho que é uma coisa biológica, não sei de que maneira. Tanto que, talvez seja uma prova disso que estou falando, que com 9, 10, 11, 12 anos, eu era um dos caras aqui em Copacabana, de moleque, que mais entrava em mar grandão. Que Copacabana antes de ser aterrada dava onda de 3, 4 metros. Dava onda de 10 pés mole, mole. Eu me lembro que tinha mares que só entrava três caras: dois salva-vidas da Constante Ramos e eu. Só que os caras tinham 18, 22, 26, 30 anos, e eu tinha 12, 13.

TRIP Jacaré?

BOCÃO Jacaré. Mas, pô, mar é mar, correnteza é

correnteza, onda grande é onda grande, meu irmão. Tinha uma galerinha em cada rua. Figueiredo Magalhães, Siqueira Campos... Esses caras, conforme o mar ia crescendo, eles iam parando de entrar, mesmo de jacaré, com pé-de-patozinho. Eu me lembro legal de ter orgulho de ter entrado só com dois caras no mar grandão. Ficava esperando alguém pra entrar junto, que nem a batida do surf, igualzinho.

TRIP Daí que em 72, Bocão, você já era destaque no surf brasileiro, já era ídolo de uma porção de gente. Então você foi pro Havaí, foi pra África do Sul, quase virou lenda numa época em que não havia patrocínios e outras facilidades pro esporte. O que funcionou? A boca do Bocão?

BOCÃO Não sei se foi instinto, se foi coisa de Deus, mas sempre procurei fazer amizades. Eu andava muito com o Betão, a gente andou muito junto, olhando as revistas *Surfer* e *Surfing*, viajando naquelas fotos do Havaí. A gente tinha que batalhar pra ir! Cada um pediu pra pai uma força, e ao mesmo tempo eu trabalhei um pouco pra descolar grana e tudo mais. Botei na cabeça que tinha que passar um ano no Havaí, porque eu achava, não sei como, ninguém me falou isso, que era um lance tão impossível descer uma onda grande no Havaí que só ficando lá um ano, senão não iria conseguir. E o Betão foi pra passar as férias e eu pra passar um ano. Mas eu já tinha ido ao Peru, e lá todo mundo dentro d'água com ondas de 12, 15 pés, com prancha 9'14" e eu com uma 7'3". Foi o ano em que eu até me dei bem no Campeonato Punta Rocas. E o Mike Lerman, que era como um Rico da África do Sul, ele me viu no Peru e ficou amarrado no meu surf, mandou um convite de um campeonato de lá pro Rio de Janeiro, e depois minha mãe mandou o convite pra mim. Eu no Havaí, uns quatro ou cinco meses, e ia ficar o ano todo, só iria voltar no final do outro inverno, em 75. Naquela época não tinha batido de campeonato. O lance era surfar por surfar, filosofia, viajar, pegar onda, e eu tinha ido pro Havaí nessa. Chegou o convite e na ingenuidade eu fiquei maluco.

TRIP Próxima parada: África do Sul.

BOCÃO Cheguei na África do Sul com 100 dólares. Fiz amizade com um monte de gente. Cabeludão, cabelo por aqui e todo mundo careteira na África. Eu choquei com aquele cabelo espalhafatoso, que eu saía do mar, fazia assim e pronto. Todo queimado, branco assim, o cabelo no final aqui era morto. Acabei dando sorte, que eu fiz amizade com Shaun Tomson e o irmão mais novo dele, e acabei ficando na casa deles com a minha ingenuidade. Porque visualmente os caras falavam: "Quem é esse bicho aí?". Mas, como pessoa, os caras me aceitavam na hora. Eu jogava futebol assim legal, e os caras adoravam que eu batia bola na praia com eles, embaixadinha, controle bom e acabei ficando amigo. O pai do Shaun acabou me emprestando mais 56 dólares e eu passei o mês todinho na África.

TRIP Quer dizer que não tinha patrocínio na coisa?

BOCÃO Não tinha. Foi mais a nível de emprestar dinheiro e de meu relacionamento na África, tipo neguinho me dando guarita. Ganhei uma semana de graça em Jeffrey's Bay, num hotel. Rachei o quarto com o James Jones. Eu e o James Jones, puta que o pariu, tem cada história... **Botamos uma garota na cama que o James Jones só falava assim: "Bocau, there's somebody in my bed...". E eu caladão no escuro da noite, não falava nada porque a garota que eu levei tinha um amigo enorme, né.** Tinha que enfiar a garota em algum lugar e enfiei na cama do cara. E ele era todo sisudo, James Jones era super sisudo.

TRIP Francamente, Boca, tudo parece mágica.

Dezembro de 86. Bateria do Pipe Master. Mais uma vez, Bocão defende com estilo o nome do surf do Brasil.

No detalhe, as evidências de um apelido bem colocado.

roberto price

BOCÃO Mas era mágica. Pra mim foi mágica. Quero que entendam uma coisa: aquilo ali foi acontecendo, não foi nada planejado. Fui pro Havaí, fui pra África, voltei pro Havaí, fui mandado embora de lá depois de uma confusão. Voltei pra cá e, aí sim, peguei meu primeiro patrocínio, sem querer.

TRIP Souza Cruz, Hollywood...

BOCÃO Souza Cruz, Hollywood. E digo como é que foi o caso. Cheguei, tinha um convite do Campeonato Smirnoff no Havaí, aquele em 74. Precisava da passagem, fui na Souza Cruz e o cara falou assim: "Tá muito em cima pra gente fazer...". Sei lá o que o cara tava falando. Eu queria minha passagem pro Havaí! E tava ali, de sandália japonesa, cabeludão até aqui, meu irmão, com camisa verde de futebol americano, 28 escrito. Aí, porra, o big shot da Souza Cruz falou assim: "Vamos fazer um negócio. A passagem custa Cr$ 8.500. Adianta uns 5 mil?". Eu falei: "Lógico!". Aí ele ligou pra secretária... "Marina, entra aqui". A Marina entrou e ele continuou: "Faz um cheque de 5 mil". E ela: "Pra agora?". Ele virou: "Já devia estar pronto". Nunca mais me esqueça disso. Passagem na Braniff em menos de 21 dias eu estava de volta ao Havaí.

TRIP Uma fase importante para a evolução do surf por aqui foi a do Pier. Uma evolução que aconteceu não só no esporte, mas também na filosofia e no comportamento de muita gente. E isso a Bocão viu. Viu?

BOCÃO Eu chegando no Pier, com 18 anos, tinha acabado de ganhar meu carro, cabeludão ainda. E as garotas tinham 14, 15, 16, peito durinho, pra frente assim... Os sutiãs, tudo era de pano, né? Não era lycra, era pano, ficava pendurado, alucinante. Era um clima de liberdade, que também não era sacanagem, não era suruba, não era nada disso. Eu inclusive nunca participei de suruba, mas era... era uma época de liberdade diferente. E em termos de surf era a maior loucura, porque o Pier, durante uns dois anos ou três, era o melhor lugar do Rio de Janeiro, fora Saquarema.

TRIP Sempre maior?

BOCÃO Tava sempre maior, porque era super raso lá fora. E como eu peguei junto com algumas outras pessoas o início disso tudo, eu era o que hoje em dia se chama de "local". Neguinho ficava à vontade, pegava quantas ondas queria, sempre colado do lado do pilastro. O Pier foi a escola de back side da galera que pegava pra direita. E as famosas dunas do Pier é que davam toda a privacidade pra gente, porque a praia era aberta a todos, mas o Pier tinha as dunas grandes, longas, sacou? Então era assim uns 400, 300 metros de praia, totalmente... Tinha surfista, tinha liberdade, logo depois passou a ter o pessoal do teatro, do músico, do underground, homossexual, lésbica, tudo junto. Então, as mães, os pais, neguinho normal, ninguém ia lá. Só ficava a gente e a gente fazia o que queria. Era um lugar assim como se não existisse no Rio... Você tava no Rio e você não tava no Rio.

TRIP Você falou aí que nunca participou de uma suruba?

BOCÃO Cara, eu vou te falar a verdade. No meio onde eu andava, até 20 anos, eu não via suruba acontecer do meu lado não. Senão teria caído de cabeça. Durante muitos anos isso foi uma frustração minha, mas depois, sei lá o que aconteceu, eu superei.

TRIP O Pier tinha suas rainhas?

BOCÃO Justamente por eu, pô, sei lá, tinham garotas que eram amigas. Eu acabei de falar em surubas e vocês vêm falar de quem eram as meninas?

TRIP Resposta na lata.

BOCÃO Cara, no Pier tinha um monte de garotas. Tinha uma turma que dá pra lembrar bem. Era a Turma das Inhas: Ninninha, Norminha, Aninha... Eram garotas lindas, normais, só que eram bonitas por fora e pelo menos pra gente, bonitas por dentro também. Elas já tinham mais autonomia em relação aos pais, então já viajavam com a gente sem compromisso de estar transando, nem nada. Tinha mais... a Claudinha ... tinha cada uma... a Ângela! Ângela Figueiredo, que hoje é atriz. Todos elas eram demais, lindas, maravilhosas.

TRIP No Havaí, por exemplo. Há uma história de que as meninas vinham lá de Kailua naqueles carros fantásticos emprestados pelos pais, e paravam na casa dos brasileiros. Havia uma maneiríssima, chamada Peggy, que era doida varrida por você. O que aconteceu aí de diferente?

BOCÃO Cara, vou ser sincero pra caramba. Acho que a vida é a palco de um teatro. Eu, há muito tempo, acho isso. De repente, nessa época, eu já achava instintivamente, não racionalmente. Eu não tinha culpa de ser um dos atores da peça, então era aquela história de... na hora em que você vê uma garota fina e que é maneiríssima e não sei o quê, eu me portava como um cara maneiríssimo e não sei o quê. Na hora em que eu via que o garoto tava a fim de bagunça, eu era um dos maiores bagunceiros. Então, porra, a garota tá querendo isso, tá querendo um cara legal pra acompanhar, que converse de uma maneira inteligente... se eu consigo, se eu tenho capacidade pra isso, vou meter bronca. Então, a Peggy era uma garota assim. Uma garota sério, tinha um interesse por mim, a nível de querer um lance legal. Na hora em que ela voltava pro Kailua que era do outro lado da ilha, havia uma filipina ou outra gringa em Sunset Point, onde eu morava, garotas que queriam mais era, era chacoalhar a cama. Então vamos chacoalhar a cama, da melhor maneira possível.

TRIP Bocão, um cara boa pinta, corpo perfeito no visual e na saúde, 33 anos que neguinho não dá 25, pegando as ondas todas, fazendo programa de televisão... Você agradece a Deus esses privilégios?

BOCÃO Cara, o lance é o seguinte, eu não tô reclamando muito. Poucas vezes eu reclamei, mas posso garantir que batalhei cada centímetro disso tudo em todos os níveis. Sou filho de classe média, meu pai e minha mãe sempre deram a força que puderam dar... Mas, de repente, não foi o suficiente pras minhas ambições e eu tive que batalhar o complemento disso tudo. Eu sou balança, né cara. Meu signo é balança. Astrologia é uma ciência exata, na minha opinião é uma coisa óbvia. É só você olhar pra pessoa do teu lado, que é outro signo, e ver que tem tudo a ver. Então, o cara de balança está o tempo todo tentando o equilíbrio. Não que ele seja um cara equilibrado de nascença, ao contrário... Eu sou um cara impulsivo, sou um cara nervoso, sou um cara que, se quizesse, saía na porrada todo dia, por pouco. E talvez por ser de balança, eu trabalho esse equilíbrio o tempo todo, há muitos anos, desde garoto. Foi quando tomei meu primeiro ácido, quando eu acordei pra uma série de realidades numa só noite. Foi um impacto muito grande...

TRIP Passou as portas da percepção.

BOCÃO Passei. Foi no Havaí, em 76. E no dia seguinte já tive uma noção dessa força. Botei meu violão na sala, arranquei as fotos da parede do meu quarto, peguei meu caixotinho das roupas, pus tudo na sala e não queria nada. Achava que tudo aquilo – até a prancha de surf eu me grilei – achava que era um lance, não era nem material. Olhei pro meu violão e pra minha prancha como uma maneira de eu me mos-

anibal neto

Bocão procura usar criatividade em tudo que faz. Nesta foto, feita durante a semifinal do OP Pro 87 na Califórnia, ele convidou o surfista amador Teco Padaratz para comentarista do programa *Realce*.

fedoca/ brasil surf

reprodução : price

O profissionalismo de um atleta passa pelo registro cuidadoso dos melhores momentos de sua carreira. Aqui, uma foto de 72, dos arquivos do Bocão, que mostra o início do Pier. Uma boa lembrança, "época em que era gostoso morar no Rio", diz ele.

roberto price

Bocão ocupou o mesmo quarto durante exatos 30 anos, deixando-o agora, em abril deste ano. Esse cômodo em Copacabana assistiu a alguns dos melhores momentos do surf brasileiro. E corre o sério risco de ser tombado como patrimônio histórico...

paul cohen

Com Cheyne Horan, no laboratório de testes de novos designs, em algum lugar do North Shore havaiano. Além da star-fin, Cheyne mostrou a Bocão sua personalidade forte, cativante e individualista. E, principalmente, mostrou ao brasileiro a importância da busca espiritual.

trar, assim, me exibir. E minhas fotos na parede! Achei ridículo. Aquele monte de camisas diferentes... pra que aquilo? Uma série dessas coisas. Então, é... Por que é que eu tava falando isso?

TRIP O surf ajuda você a ser emocionalmente forte?

BOCÃO Não tenho a mínima idéia. Não consigo de cara fazer uma relação. Acho que... eu também não sei mesmo se sou uma pessoa emocionalmente forte. **O que estou dizendo é que sou um cara que trabalha o equilíbrio o tempo todo. Eu procuro não ficar em éxtase da mesma maneira que não fico em depressão.**

TRIP Agora, uma indigestão: a coisa das quatro quilhas. Como foi isso?

BOCÃO Olha, quando eu inventei a quatro quilhas, não foi nem com a intuito de ganhar dinheiro. Se bem que, conversando com uma pessoa que conhece do assunto, fiquei sabendo que poderia ter ganho um bom dinheiro com isso, se tivesse patenteado antes de cair em domínio público. Talvez por eu ser de um país do Terceiro Mundo e as principais revistas de surf, aquelas que poderiam reconhecer isso, uma *Surfer*, uma *Surfing*, elas olham pra gente com desdém. O Allen Sarlo uma vez estava me explicando, quando eu estava na casa dele na Califórnia, que "cara, se liga, porque a *Surfer* e a *Surfing* podem parecer assim duas revistas que retratam a verdade do surf mundial, mas não são... Elas estão muito ligadas em promover o surf americano e elas vivem muito em torno do que se passa em volta de San Clemente". O recalque que eu tenho é esse, é que eu sei que criei essa porra, que ela veio na minha cabeça.

TRIP A idéia foi mesmo bastante combatida, inclusive no Brasil.

BOCÃO Cara, o lance é que eu sempre pratiquei criação em prancha. Eu nunca shapei quantidade de prancha, mas sempre curti as pranchas, sempre fiz muita loucura. Em Saquarema eu fazia altas, neguinho apelidava de violoncelo, bandolim... Eu botava o template de bico na rabeta e vice-versa, e fazia, encopava e surfava. Altas merdas. **E a quatro quilhas veio na minha cabeça, porque parecia uma coisa óbvia. Foi tão claro, tão fácil. Me lembro que fui tão combatido que fiquei chocado. Aqui no Brasil, pra começar.** Todo mundo dizia que eu estava viajando, que eu era louco, todo mundo que depois viria a ter uma quatro quilhas no próprio quiver. Todo mundo, todo mundo. Eu não vou nem falar nome porque vou ser injusto, porque é tanta gente, tem tantos, que vou esquecer uma porrada. Foram fabricantes, shapers, surfistas profissionais, surfistas bons, todo mundo cara, sem exceção. Eu me lembro quando entrei na oficina da Brazilian Dreams e todo mundo fez chacota de mim, do laminador ao shaper, todo mundo, cara...

TRIP E você acreditando na idéia...

BOCÃO Eu tinha tanta certeza daquilo que mandei fazer, que comecei a influenciar o Ismael, o Moisés, o Rosaldo, o Gironso e o Nando pra surfarem de quatro quilhas. Depois eu quis fazer um anúncio na *Surfer*, em preto e branco, pra deixar um marco ali pra neguinho depois sair fazendo, copiando, dizendo que era... Pedi uma tabela por carta, e o anúncio custava 1.500 dólares, preto e branco, página inteira. Veio na minha cabeça assim: "Pô, estamos em outubro... Em vez de gastar 1.500 dólares num anúncio da *Surfer* eu compro uma passagem, vou pro Havaí, faço três pranchas e levo. Vai ser a mesma coisa, lá é o centro do surf mundial". Fiz isso, levei uma 5'8", uma 6'8" e uma 7'4". Tudo quatro quilhas. Cheguei lá, ficou todo mundo chocado.

paul cohen

Desde o início da vida no surf, há 19 anos, Bocão mostra senso profissional apurado. De baixo para cima, com a Kombi da equipe Newsplan, em 81, exibindo uma prancha quatro quilhas bico-de-pato, mais uma de suas invenções; depois, com Paul Cohen, Bocão escolhendo as melhores fotos da temporada havaiana 85/86, buscando produzir um material que proporcione retorno assegurado a seus patrocinadores; por último, em cima, RB posando para uma foto diferente com seu quiver.

camicino

arquivo pessoal/vênus bollig/brasil surf

TRIP Aí veio a febre.

BOCÃO É, durante uns oito meses foi febre no mundo inteiro. Qualquer fabricante de prancha importante do Brasil sabe o que eu vou falar. Teve uma época em que 60, 80% das pranchas fabricadas em qualquer oficina eram quatro quilhas. E nenhuma revista, nenhuma parte da imprensa – exceto as brasileiras *Flvir* e *Visual* – reconheceram isso. A *Flvir* fez uma matéria comigo, a *Visual* também, mas foi preciso falar com os caras pra eles fazerem. A África do Sul foi o lugar onde neguinho mais me reconheceu. Quando cheguei lá, no ano seguinte, as pranchas quatro quilhas já eram sucesso e os caras falavam: "The Fourfin Man", o "Homem dos Quatro Quilhas". No Havaí o reconhecimento era só de leve, assim: "Não, é o Ricardo Bocão, brasileiro, um dos primeiros a mexer com o modelo quatro quilhas..."

TRIP Algum outro recalque na vida?

BOCÃO Outro recalque da vida, fora do surf, é que eu tô há cinco anos fazendo um programa de televisão, de esportes, falando de surf com uma tremenda competência. Eu e Antônio Ricardo no ar, todo sábado, cinco anos ininterruptos. Sempre, em qualquer programa, entrevistando neguinho, botando final de bateria no ar, passando final de campeonato no estrangeiro... Tudo em cima do surf e nenhuma revista de surf fez uma reportagem comigo e com o Antônio Ricardo, compadre. Eu acho isso, como é que se diz...? Ruim pra eles. Só o que sai na Globo é que é quente. O cara que tá rolando numa produção independente, sem verba pra fazer nada, e que está botando o jovem de 12 a 25 anos na TV quando ele nunca teve nada. Somos os pioneiros da programação jovem no Brasil, e falo isso de boca cheia e se quiser repito alto pra todo o Brasil e quero ver quem vai me contestar.

TRIP Qual seu candidato à presidência do Brasil?

BOCÃO Do Brasil? Candidato à presidência? Cara, eu não tenho nenhum candidato. O candidato à presidência do Brasil seria um Hitler em sua melhor época. Eu acho que o Hitler, depois – pelo que eu li assim – ele passou a trabalhar muito sério e deixou de usufruir do que ele tinha de melhor, que era o poder de persuasão, o carisma com a massa, inclusive com os oficiais mais chegados a ele. Hitler na sua melhor fase seria o melhor para o Brasil agora. Um Hitler obcecado, assim como aquele que estava lá obcecado com os lances dele. Tinha que ser um Hitler obcecado em consertar.

TRIP Que tipo de som você tem ouvido?

BOCÃO Estou ouvindo Sunny Boys, da Austrália, muito reggae, de Bob Marley a UB-40. Tô recomeçando a ouvir Led Zeppelin e alguns sons que eu já ouvi e consumi ao máximo. Tô ouvindo, pô, Capital Inicial, Legião Urbana, e um som, que eu tenho achado maneiro, pra umas certas horas e também de noite, um som calmo...

TRIP New age?

BOCÃO Isso, bem variado. Mas, eu gosto muito da música australiana hoje em dia porque, porra, eu sou ligado em surf pra caramba. Acho que uma das coisas mais importantes hoje em dia, para mim, no surf, é não perder, não ficar com uma linha ultrapassada. Minha parte física está boa, meus reflexos estão bons, mas é difícil pra um cara como eu, que começou na transição do pranchão pro prancha pequeno, e passou três ou quatro fases diferentes no surf, ter uma linha assim a nível de atualidade. Isso cada surfista que for ganhando idade vai sentir. Surfistas têm uma tendência, como o ser humano de uma maneira geral, de manter o posicionamento na prancha, a linha na onda.

TRIP E o que isso tem a ver com música australiana?

BOCÃO Tem a ver porque a música australiana me "pumpeia", me dá um *pumpy*. Não, a música australiana não me faz ter uma linha atual, ela só me faz visualizar o surf de uma maneira atual. Mas junto com isso eu procuro pensar em surf, na minha cabeça... Se eu pudesse fazer o surf que tenho na cabeça, eu seria o maior surfista do mundo, ia arrebentar.

TRIP Algum livro muito importante?

BOCÃO *Shogun*. Alucinante. Me identifico demais com a cultura japonesa, cara. Moraria no Japão com uma facilidade absurda. O Blackthorne ia ser pinto perto de mim. Eu tenho certeza que eles iam me fazer samurai com muito mais rapidez do que fizeram o Blackthorne.

TRIP Bem, a princípio parece que você se dá bem em qualquer lugar do mundo...

BOCÃO Já estive no Peru, Havaí, África do Sul, Japão, Bali, Austrália, Estados Unidos (Califórnia)... Outro dia fiz as contas: tenho mais de três anos e meio morando lá na ilha, direto. Somando o ano e meio com seis meses, com três, com dois, com três, são mais de três anos e meio. Talvez umas nove idas à África do Sul, sete vezes Peru, duas Austrália... não lembro.

TRIP Os lugares preferidos no globo, tudo bem. E num corpo de mulher, qual parte chama mais sua atenção?

BOCÃO A parte do corpo? De cara assim, no instinto animal? É bunda. Mas a culpa não é minha, a culpa é da brasileira. E ou não é? A brasileira trabalha a bunda desde 11 anos de idade, instintivamente ela tá empinando assim pra trás, já tá malhando, não sei quê.

TRIP Você observa as pessoas?

BOCÃO Eu observo as atitudes, assim, tudo. O falar, o tipo de educação, se fala palavrão ou não. **Eu acho horrível mulher falar palavrão. Podem me chamar do que for, acho horrível.**

TRIP Então, observa esta pessoa: garoto, 17 anos, em Santa Catarina, já correu dois campeonatos, tá vendo um monte de gente se dando bem no surf profissional e o consultório do pai dele dando grana... E ele tem um certo jeito pra tratar dente e tal. O que ele tem de fazer? Competir? Pegar onda e só? Viajar? Sentar?

BOCÃO Se ele tem confiança nele mesmo, tem que fazer o que vier à cabeça. E digo mais: não fique em casa esperando telefonema e reclamando da vida: "Ninguém me ajuda, ninguém me dá força...". Dar força é cacete, que ninguém dá força pra nada, meu irmão. Neguinho te achata no chão. Você tem que descavar o seu próprio. É ter confiança em você mesmo e fazer por onde, senão não se vai a lugar nenhum. Pô, não se vai só pela que os outros falam... Meu pai, tudo que ele pôde de argumento, toda a inteligência que ele tinha, ele usou pra conversar comigo em NN reuniões, MN papos de uma, duas, três horas. Que eu deveria seguir carreira de médico que nem ele, que ia ser fácil pra mim, que ia ser fácil pra ele, que a gente ia arrebentar, que ele já tinha dez, doze mil clientes, que ia me formar, que ele iria me mandar dois anos pra Alemanha, dois anos pra Inglaterra, um ano pra França, que eu só ia voltar com trinta anos, depois de ter percorrido os maiores hospitais do mundo, que eu ia ser o papa da oftalmologia no Brasil. E eu, de uma certa maneira, acreditava no que ele estava falando, saca? Eu não queria isso, mas ele tava certo. Pô, eu ia arrebentar. Eu e ele, a gente ia dominar. Ia fazer transplante de córnea de olho fechado. Porra, não era o que eu queria.

paul cohen

O programa *Realce* ocupa lugar de destaque na lista de prioridades e objetivos de Ricardo Bocão. Um dos bons momentos dos cinco anos de programa foi a entrevista com a neo-zelandesa Santa Patel, uma das cinco melhores windsurfistas slalom do mundo.

TRIP Seu lugar é Copacabana. E isso provoca uma pergunta: como foi tua relação com drogas?

BOCÃO Minha relação com drogas foi a de um cara normal de Copacabana, que é um dos bairros mais densos do Brasil, tipo uma Nova York. Como eu nasci, fui criado e cresci em Copacabana, a partir dos 14, 15 anos tomei contato com a droga. Meu pai foi casado com uma mulher que o filho dela tinha 18 anos, isso quando eu tinha 14. E ele, em Ipanema, em 70, 71, 72, porra, ele transava droga de uma certa maneira normal. Não picada, essas coisas mais pesadas, mas baguiho, xarope... Eu fui um dos últimos da minha turma a fumar baguiho. Todo mundo já fumava e eu ainda resistia. Mesmo andando com eles, curtindo eles pra caramba, não achava que eles tavam errados, mas não sei por que eu não queria. Essa resistência durou pouco, pra falar a verdade. Rapidinho, na idade normal de 15, 16 anos eu fumei baguiho. Tomei ácido, de repente, com 17 anos. Tive contato com cocaína. Pra falar a verdade, não gostei. Picada nem pensar, picadas e drogas pesadas não. O meu contato com droga não foi pra me drogar, foi mais um contato normal da curiosidade, da experiência. E cara, o que eu já fiz na minha vida é problema meu. Agora, o que eu passo de exemplo pros outros é uma coisa saudável. Eu sempre me preocupei com isso, uma coisa positiva.

TRIP É legal você estar dizendo tudo isso.

BOCÃO Nem todo mundo viu aí: um juiz, que foi sugerido, indicado pelo Reagan pra ser desembargador... "Quem sugere é o presidente, em nome do congresso, pra ser aprovado", uma coisa hiper formal. Descobriram: o cara confessou que já tinha fumado maconha. Grande merda. É hipocrisia! É o que eu tenho pros que estiverem lendo e ficarem espantados – você que está espantado aí, você é um HIPÓCRITA! Porque, pô, quem não sabe que baguiho existe por aí? E que 75% dos jovens, pelo menos, já experimentou? Eu estou falando com essa naturalidade, mas quero deixar claro uma coisa: eu acho que qualquer tipo de tóxico é maléfico, cara, qualquer um. E a maconha, é o cigarro, é a cocaína, é o álcool. Viver saudável é viver saudável. É água mineral, é comida leve, pouca gordura, paz interior, é exercício, é honestidade de propósitos. Eu acho que é isso.

TRIP O ópio do povo. Como é sua relação com Deus?

BOCÃO Cara, até 12 anos eu ia à igreja normalmente. Primeiro que minha formação foi em colégio de padres. Aí comecei a questionar essas coisas. Já pegava onda, já tava viajando.... Foi uma questão de cabeça, mas não quero dizer com isso que a evolução significava deixar de acreditar em Deus. Agora, o catolicismo que eu aprendi, comecei a me tocar que era

fotos: arquivo pessoal

Bocão conheceu Cheyne Horan em 78, durante o Waimea 5000. De lá para cá, a amizade entre ele e o havaiano só se fortaleceu. Uma das características comuns entre esses dois atletas é a de nunca seguir os modelos já aprovados. Nos pés de Bocão, a quilha star-fin desenvolvida por Cheyne mostrou sua eficiência no inverno de 84.

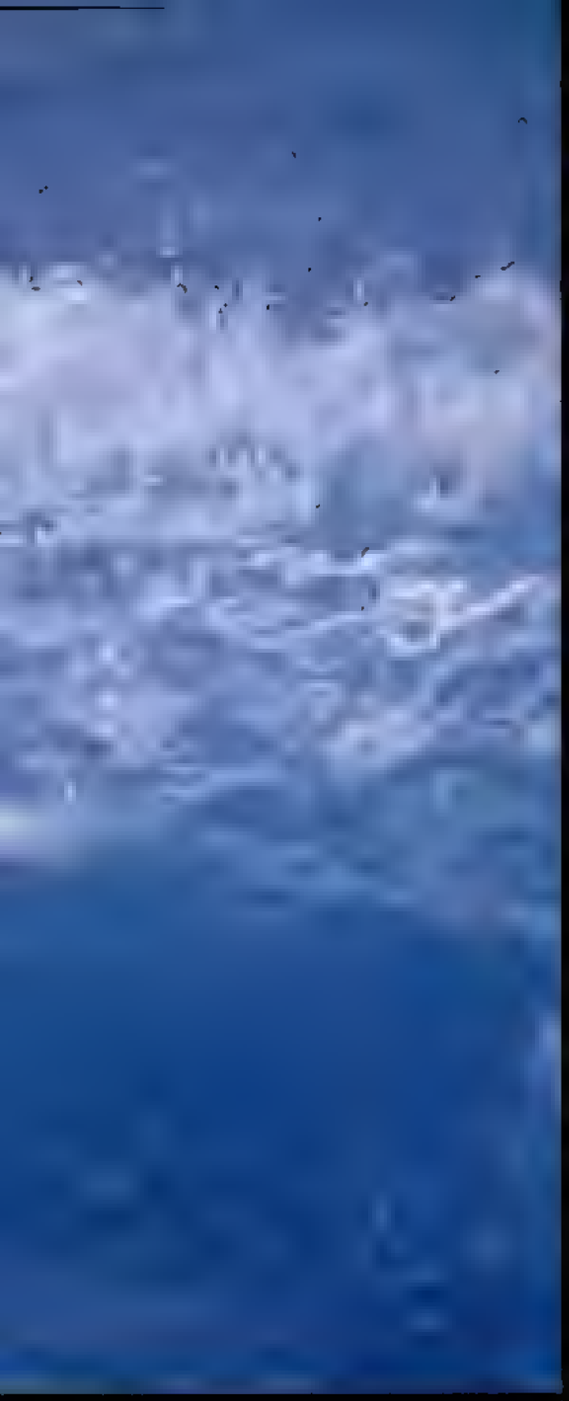
paul cohen

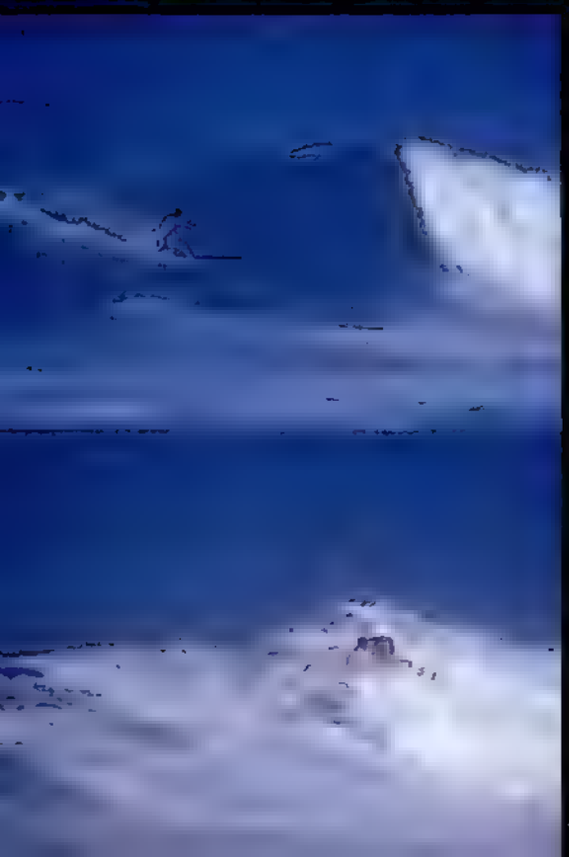
reprodução short hori/sundek

roberto price

Só quem já surfou em Sunset Beach sabe o que é manobrar uma prancha 7'2" de back side dessa maneira. A escola das esquerdas no Pier e no Arpoador garantiu base para esse desempenho.

Setembro de 77. RB já era importante o suficiente no cenário surfístico a ponto de ganhar uma entrevista-perfil de oito páginas na única revista de surf da época, a *Brasil Surf*. Corpo e mente conservados em água salgada: acredite ou não, 11 anos separam estas fotos.





uma corrente assim como o budismo, como a religião chinesa e por aí vai. Então perai... Se tem o budismo porque o cara acredita em Buda piamente, eu acredito em Deus piamente e o Deus não é Buda...! E aí eu comecei a encarar as coisas mais a nível de karma. Deus pra mim passou a ter um significado de fazer o bem, ou seja, estar bem com as pessoas. Não é fazer o bem pros outros, sair por aí fazendo o bem, mas enfim, não embarreirar neguinho. Isso passou a ser minha religião, ser coerente comigo mesmo, ser sincero com as pessoas, procurar ser sempre mais honesto com todos que estão a meu lado e comigo mesmo.

TRIP E os atletas de Deus?

BOCÃO Acho tudo isso muito bonito. Pelo seguinte, cara, você acreditando em alguma coisa, principalmente uma coisa que, de uma certa maneira, é desprovida de, de...

TRIP Que isso é uma das formas de fazer o bem, como você falou.

BOCÃO É, cara, é aquela coerência que eu falei, que eu acho importante o cara estar coerente com ele mesmo.

TRIP O Jojô de Olivença, que é atleta de Deus, tem sido aplaudido quando ganha, ele sobe e dá o recado. Quer dizer, é uma coisa piegas, "a gente tem de viver com amor e tal", mas de repente...

BOCÃO Cara, eu acho que todo mundo bate palma porque tá existindo uma carência. Neguinho hoje em dia tem vergonha de ser assim. Todo mundo hoje em dia quer ser sacana, sacanear o outro, e não sei o quê, biquini entrando no cu... As garotas não têm culpa, porque é uma questão de situação.

TRIP Situação?

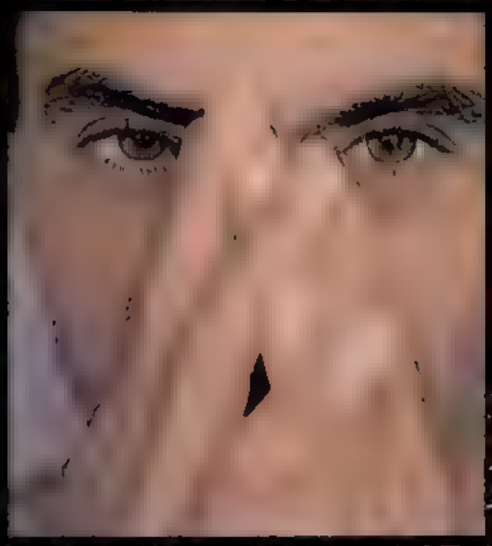
BOCÃO Situação imposta, de uma certa maneira. Uma garota sem um biquini daquele jeito não é nada. **Enfim, tem que ter muita personalidade pra botar um biquini maior e ficar ali, namorar os mesmos caras e tudo mais.** Acho que hoje em dia, isso tá num processo super acelerado no mundo. O mundo tá numa velocidade muito grande, tenso. E tensão, as pessoas não se suportam, discutem por pouquíssimo. É ódio e uma série de sentimentos escrotos que a própria concorrência, a competição, sei lá. É difícil encontrar uma pessoa com astral maneiro, querendo passar um troço legal.

TRIP Voltando pro surf. Você acha que estão restituindo o valor do big surf, o surf de ondas grandes?

BOCÃO Acho que esse valor já foi restituído há uns dois anos, quando o Havaí voltou pro circuito mundial depois de alguns problemas. Durante o início do IPS (International Professional Surfers), aqueles anos de 77, 78, 79, 80 e depois da implosão da entidade, que virou ASP (Association of Surfing Professionals), o surf de competição em onda pequena ficou muito hipervalorizado. Então a mídia teve que cobrir isso e a molecada, toda influenciada pela mídia passou a idolatrar esse tipo de surf como uma referência pra isso e tá acabado. Quem é o melhor surfista do Brasil? Neguinho falava: "O melhor surfista de onda pequena". Quem é o melhor surfista do mundo? Era o cara que arrebentava mais onda pequena. Então ficou essa referência. E ao mesmo tempo em que se estava tentando resgatar esse lance de onda grande, um dos espíritos reais do surf, acontecia aquela famosa tarde em Waimea. Eu estava presente, quase caí. Tinha a prancha no carro, vou cair, não vou cair, vou cair, não vou cair... Durante uns 45 minutos rolou essa. Assisti tudo de binóculo. Alguma coisa me dizia que o lado esquerdo da baía, não o direito onde estão as ondas de pegar, o esquerdo estava absurdamente grande. Eu tava achando muito raso, muito buraco e as ondas estavam com muita velocidade. Depois é que eu fui me tocar, depois de um tempo, por que tinha havido uma tempestade de on shore, de vento contra durante um dia inteiro. Isso é totalmente anormal e tinha depositado muito areia nos bancos. Naquele dia, eu não sabia por que, o mar estava absurdamente enorme, com muita consistência, muito buraco e com uma velocidade grande. E eu fiquei naquela, vou cair, não vou cair, porque não tinha ninguém dentro d'água. O James Jones ia entrar sozinho. Eu falei: "Acho que vou dar uma força pro Jones...". E o Paul falou: "Não, o Jones não tá precisando da tua força não. Se você quiser cair, cê cai. Mas ele não precisa da tua força".

TRIP E caiu mais gente?

BOCÃO Depois entrou o J. P. Petterson, aquele do bodyboard, junto com o Ace Cool. Logo depois, o Mark Foo. E naquela de eu cair e não cair, não cai. E



coleção psico

isso eu aconselho a qualquer surfista que quiser cair em Waimea de 18, 20 pés: o dia em que você quiser cair em Waimea, olha o mar durante 30 segundos, pega tua prancha, vai de cabeça baixa pro beira, passa o parafina, entra na água e vai embora. Se você ficar olhando muito, cara, você não cai. Não cai, mas aquela tarde era um lance absurdo. Todo mundo tirado da água de helicóptero, prancha lá no meio, neguinho quase morrendo e a caramba. E daí que tudo isso ajudou a fomentar todo esse resgate das ondas grandes.

TRIP Qual a sensação de ter uma prancha nos pés, e debaixo dela 20 pés de onda?

BOCÃO Pra mim, cara... É como se fosse assim a noite que você transou melhor na sua vida com a garota que você mais gosta. Associando a parte sexual mais intensa com a pessoa que você mais curte. Não é erotismo, não é prazer também, não é nada das duas coisas. É tudo junto. Quando você transa sexo só carnal, é um sentimento. Quando você namora, tá namorando, beijando, é outro sentimento, ao lado da pessoa que você ama. **Quando você está na cama com os dois sentimentos, da melhor maneira que você já conseguiu, mais intenso, é realmente uma sensação absurda. É não é igual, é lógico, mas descer uma onda de 20 pés eu só consigo comparar com isso.**

TRIP E Saquarema, você compara com quê?

BOCÃO Saquarema foi tão forte quanto o ano que passei no Havaí. Porque antes de morar lá, eu fui levado, com um ano de surf, por uns caras mais velhos, sacou? E a cidade, quando eu cheguei lá, a maioria das casas na vila não tinham nem parede de cimento.

Depois de surfar durante 1[illegible] anos em 4 continentes, Doche elegeu Sunset Beach como a melhor onda do mundo, fevereiro de 88.

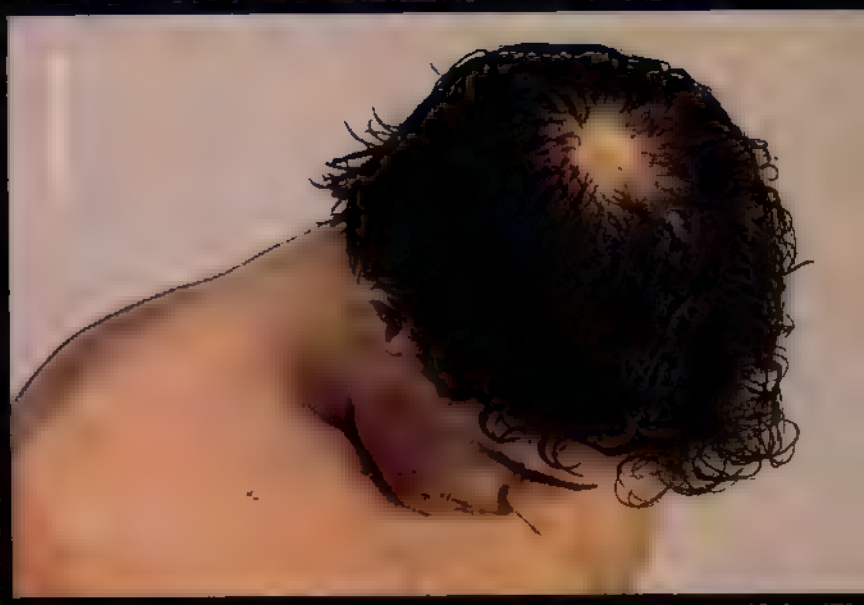
Era tudo na tijolo vermelho, não tinha nenhuma calçada, nem nada. Era a terra batida da rua. Cheguei lá em 1970. Era cidade de pescador, meu irmão. Isolada do estado do Rio de Janeiro, Saquarema me lembra ficar nu em Itaúna, fazendo guerra de areia endurecida. Todo mundo nu, assim no meio do dia, duas da tarde, uma quarta-feira de janeiro, de férias. Você nu, no meio de Itaúna. Pra mim, Saquarema foi acampamento durante dois, três anos, antes de se alugar casas lá, antes de se ter casas lá. Depois, neguinho começou a alugar casa de pescador, começou a comprar terreno e botar casa. Então, Saquarema foi acampamento, de noite escutando Pink Floyd, Jethro Tull, Elton John, Yes (na época de ouro deles, na época primeira do Yes réstilo). Na fogueira, com garota, sem garota. Só com amigos. Tinha época que a gente ia assim, oito, dez amigos, três barracas. Mel derramado, formiga pra caramba e boi enfiando a cara na barraca. Era isso aí. Isso significava liberdade pra mim.

TRIP Era quase um Havaí...

BOCÃO Exatamente. E as ondas é que eram o mais impressionante. Comecei a pegar onda em 69 e fui pra Saquarema a primeira vez em 70. Era como se fosse um pequeno Havaí. Porque elas eram bem maiores, bem mais perfeitas que as do Rio, com cara de onda mesmo. O Rio sempre teve uma cara de onda bagunçada. E Saquarema tinha aquela formação, cara de onda, de point.

TRIP E a política do surf? Como é que você encara essa de chegar no cargo máximo da Associação Brasileira de Surf Profissional?

BOCÃO Nos meus 33 anos, 18 são de surf. E desde que, em 76, comecei a ver os surfistas explorados – como eu era – pelos grandes campeonatos... Quero deixar claro que os promotores desses eventos podem ter agido de maneira ingênua, mas a realidade é que de repente o surf tomou uma forma na primeira explosão no Brasil (76, 77, 78) e depois



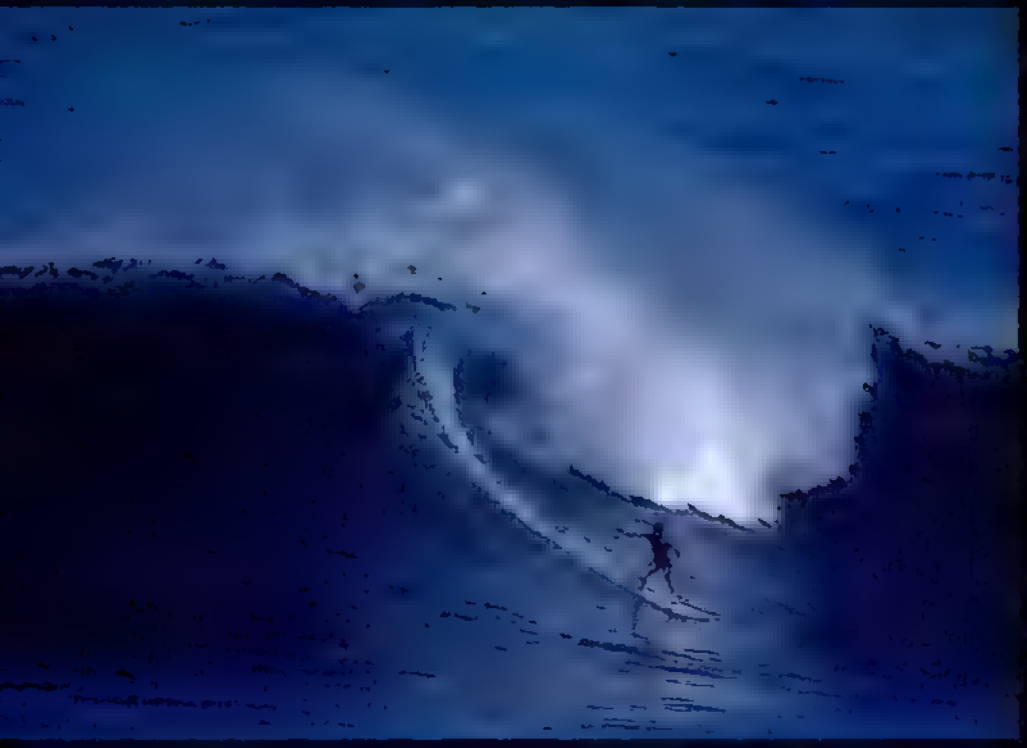
Kauai, 3 ou 4 pés. Bocão relaxado demais, depois de uma pauleira de três meses no North Shore. Foi furar uma onda, assim como quem não quer nada... "Veio uma de trás, mais rápida, fez um double up, sacou tudo, me jogou de costas no coral. Caí de cabeça, arrancando um pedaço do couro cabeludo, abrindo como se fosse uma banana, assim em três. Achei que tinha rachado o crânio: miolos pra fora, água salgada entrando. Fui arrastado pelo coral, rasgando tudo nas costas e nas pernas. Minha vida veio toda na cabeça. Foi uma experiência chocante. Quer dizer... Foram cinco dias de hospital, 24 horas de observação e um enxerto na cabeça com um filé de coxa. Está perfeito até hoje, só que não nasce cabelo aqui porque é pele de perna. Duas semanas depois, no relógio, eu já estava dentro d'água de novo."

paul cohen

Praticar o mesmo esporte ininterruptamente durante 18 anos, traz ao atleta a segurança necessária para estar no lugar e no momento certos. Bocão atrasando a prancha para entubar em Off the Wall. Dezembro de 86.

paul cohen

Poucos atletas do surf conseguem manter manobras e linhas de onda atuais. Essa virada seca com a mão na água, credencia Bocão a fazer parte desse grupo seleto.



82 em diante. O surfista sempre foi o lado mais fraco e eu, de repente, de uma maneira precoce, tive a visão do outro lado, ou seja toda aquela parafernália e pro surfista só um pouquinho. Hoje, 11 anos depois, acho que finalmente as coisas estão caminhando. As reuniões que aconteceram no OP Pro foram um marco. Foi tudo que eu não consegui realizar em 77. E o surf no Brasil teve uma época negra, de 78 a 82, em que nada aconteceu, não existia nada. Pô, eu encontrei força pra batalhar nesses últimos dois, três anos pra voltar a batalhar bastante sobre isso, mesmo gastando meu tempo, mesmo correndo o risco de ser crucificado e mal interpretado. Gastando meu tempo porque eu preciso trabalhar que eu não sou filho de pais ricos.

TRIP E você tem uma visão positiva sobre a atual política do surf no Brasil?

BOCÃO Nessas reuniões dos surfistas no OP Pro, eu achei que pela idade média dos Top 30 – 24, 25 anos – que eles já têm idade suficiente pra sacar um monte de lances que, em outras épocas, não sacavam. Então ficou mais fácil mostrar pra esse pessoal um monte de coisas, mais fácil pra eles mesmos, cada um com sua oportunidade de palavra, na frente de todo mundo, numa roda. Todos tinham o que falar, ninguém tava jogando conversa fora. Era uma consciência de que só havia um pensamento, o mesmo pra todos, todo mundo olhando no olho de todo mundo. Isso facilitou o movimento e fez com que houvesse pé firme, não numa de reivindicação radical, mas sim unidos numa coisa que todos conseguiram visualizar.

TRIP A idade da consciência.

BOCÃO É, porque você pára de fumar a partir do momento que você se conscientiza que fumar é absurdo. É muito mais fácil parar de fumar cigarro quando você se conscientiza que é absurdo parar por força de vontade. No dia que você acorda... Eu já fumei cigarro cinco anos, dos 12 aos dezessete. Eu falei assim: "Que é isso, meu Deus...? Fico tragando fumaça pra dentro e pra fora a troco de quê? Que burrice!" Parei de uma hora pra outra. E a partir do momento que os surfistas se conscientizaram que eles não valem 800 mil cruzados num campeonato nível A no Brasil, com toda essa parafernália montada paralelamente, foi muito fácil pra eles reivindicarem isso e ir até as últimas conseqüências. Então, eu encontrei força nisso tudo porque... eu não queria nadar, nadar e morrer na praia. Eu tava vendo que a coisa tava prestes a acontecer. **E acho que essa luta não terminou. Um toque final: tem que haver uma participação maior, porque a pilha termina. Eu não posso ficar eternamente junto com outros três no lance.**

TRIP Vamos desligar...

BOCÃO Um toque importante, cara, é que os surfistas profissionais, todos, todos que almejam um dia estar entre os trinta primeiros e todo e qualquer amador que tem certeza e confiança em si próprio e sabe que um dia poderá estar entre os trinta primeiros; todos os caras com esse perfil têm que participar mais. O que estava faltando era participação, que agora eu acho que vai ter. Mas se deixar a coisa acontecer por si, vai demorar mais. A consciência tem que ser tomada agora, enquanto o cara tá nesse barco de surfista profissional, competindo em campeonato, ganhando dinheiro. Tem que participar mais, trocar informações, idéias. Tem que dizer mais ou menos quanto ganha pra saber se está ganhando a metade do outro ou não. Tem que dizer todos os pontos de vista, procurar saber o que está rolando na ABRASP. Ou seja: PARTICIPAR!

Em uma das edições da TRIP, falamos sobre o fechado clube dos big riders brasileiros. Se esse clube existisse formalmente, não poderia ter outro sócio fundador: Ricardo Bocão. Ele é um dos únicos surfistas do mundo aptos física e mentalmente pra encarar ondas com mais de 20 pés.

paul cohen

Bocão: surf de linha moderna conquistado através dos anos.

roberta

UMA GAROTA NO MEIO DO VENENO

Grande parte do público dos campeonatos de surf é composta de meninas. Como acontece na Fórmula 1, algumas chegam junto com os competidores. São as namoradas, que pouco falam quando eles estão por perto. O mito diz que a atividade delas, em geral, consiste em acompanhar as baterias, tomar sol e conversar.

Luciana Rubim tem pouco tempo para diálogos sobre futilidades. Ela é namorada de Ricardo Bocão, surfista e presidente da Associação Brasileira de Surf Profissional. Luciana passa a maior parte do tempo gravando numa câmera de videotape as manobras dos surfistas no mar. Ela é contratada do programa *Realce*, dirigido e apresentado pelo namorado na TV Corcovado, Rio.

— Cada dia tem um novo lance pra se aprender. Com focos, lentes e enquadramentos estou à vontade. Às vezes, o Ricardo entrevista alguém para o programa e eu opero a câmera. Ele sugere o enquadramento, mas na hora eu faço o que acho mais legal: fecho o foco no entrevistado, mudo pra ele... Depois ele vê e acha que o resultado está legal.

Nascida em 21 de junho de 67, sob o signo de gêmeos com ascendente em escorpião, Luciana já fez seu mapa astral e não lembra o que ele diz. Morou na avenida Atlântica, em Copacabana, e agora reside com a mãe em São Conrado. Não freqüenta a praia do Pepino. Conheceu Bocão em uma das raras vezes que foi lá, há cinco anos. O pai, Décio, mora na Itália. O padrasto, Alberto Alvarez, é diretor financeiro da Suderj, e a irmã é vendedora numa loja de roupas.

— Cada menina faz o que está a fim. Gosto de acompanhar o Ricardo. Uma mulher do lado é bom para o surfista. Eu entendo o que ele está fazendo dentro d'água. Filmo os treinos pra que ele assista em casa. Agora, ficar sentada na areia cansa. Eu pego onda de bodyboard, uso a câmera o tempo todo e viajo bastante. Com o Bocão, já fui duas vezes pro Havaí.

Além da "camerawoman", Luciana desenvolve um trabalho como modelo fotográfico. Bocão diz que ela não gosta de dar entrevistas. Luciana confirma. Bocão agradece a conquista:

— Agradeço, pela cabeça e o saco que ela tem pra me aturar. E ela não erra! Num torneio, se ela diz que eu perdi, eu perdi.

Somando motivos, Bocão se diz um cara de sorte:

— Encontrei uma garota alucinante no meio do veneno.

Luciano Borges / repórter do jornal Folha de São Paulo.

mais une leçon a Psa na fente

MÉXICO

woody woodworth

O duro de trabalhar na TRIP, é que até nas férias você acaba "trabalhando". Carlos "Califa" Sarli no back-door de Puerto.

paulo uma

O México tem sido parada obrigatória para o surfista que busca experiência internacional. Ricardinho Toledo, Puerto 87.

Por Fernando Costa Netto

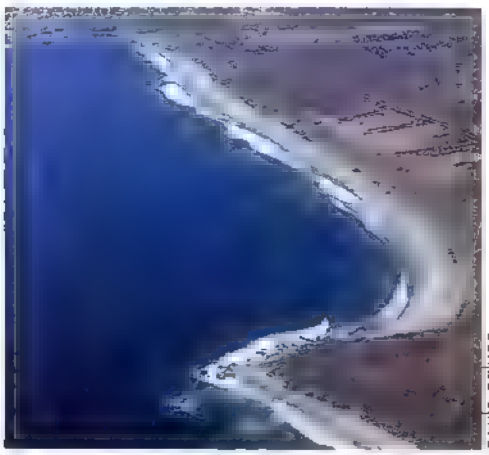
COMO IR: Três companhias aéreas têm vôos para a cidade do México: Aeroperu, Varig e Avianca. O preço normal da passagem é superior a mil dólares, mas com os descontos habituais das empresas aéreas e agências de turismo, o bilhete sai por volta dos 720 dólares que podem ser financiados (para mais informações, consulte a Unicatur Turismo, fone 222-5666). Por 100 dólares, parte-se da Cidade do México de avião até Puerto Escondido, que é onde quebram as melhores ondas no México.

TRANSPORTE LOCAL: O transporte ideal para o surfista é táxi (andar a pé, principalmente nas praias mais distantes, é menos maçante do que possa parecer). Em Puerto Escondido há centenas de táxis circulando pelas ruas, alguns inclusive equipados com rack. Alugar carro, pelo menos por lá, é desnecessário.

ONDE FICAR: Você vai gastar entre 15 e 30 dólares, em média, por um *bungalow* para duas ou três pessoas, a poucos metros da praia. A maioria das *cabañas* é equipada com ventilador e geladeira (o calor é intenso). Defronte ao beach break em Puerto Escondido, as *cabañas* de Paco ou as do Mário são boas opções: preços razoáveis e vista muito bonita. Para orçamentos mais gordos, existem os bungalows Marineros e o hotel Santa Fé, lugares um pouco mais sofisticados, com tarifas mais caras para justificar e garantir algumas doses de luxo.

MELHORES PICOS: A costa do México é relativamente grande, e por isso oferece vários tipos de ondas. Mas é seguramente em Puerto Escondido que quebram as melhores ondas mexicanas. O beach break tem o swell mais constante do país, com ondas fortes e tubulares de 4 a 12 pés de tamanho. É a grande sensação. Tubos rolando sobre fundo de areia, para surfista nenhum do mundo botar defeito. Dependendo das circunstâncias, as ondas fecham um pouco ou entram de pico, fazendo as esquerdas mais freqüentes. Quando a ondulação está com mais de 8 pés no beach break, rola no canto esquerdo da praia uma esquerda inesquecível, "La Punta Perfecta", que pode chegar até 12 pés. A "Punta" é uma esquerda com várias sessões,

atila sbruzzi



paulo galvão

Do ar já se sente o clima de surf forte que cerca Puerto Escondido.

uma onda longa e "perfecta" mesmo. Quando a ondulação está grande, uma outra alternativa é Carrizalito, que fica a 10 minutos do beach break. Por apenas 2 dólares, de táxi, você vai estar diante de um dos lugares mais bonitos da região (e na frente da onda hot dog mais surfada pelos locais). Com 60 dólares mais ou menos, você e mais três pessoas poderão fazer uma viagem até Chacaua, um pico de direita, sem crowd, a cerca de uma hora de Puerto Escondido. É uma espécie de paraíso tropical.

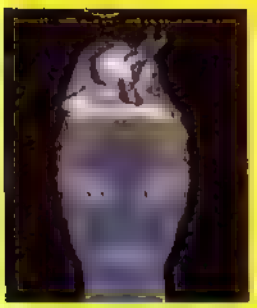
MELHOR ÉPOCA: No México, as maiores ondulações entram no meio do ano. Durante essa época, o swell pode chegar à costa com até 15 pés! Beach break impraticável, sem canal. Surf pra valente. Mas é entre março e maio e entre setembro e novembro que rolam as melhores ondas: 6 a 8 pés constantes, praticamente surf todos os dias (e crowd reduzido, por não ser temporada). Já durante os meses de janeiro e fevereiro, menos ondas e mais surfistas dentro d'água, principalmente brasileiros – para terror dos gringos...

EQUIPAMENTOS: Roupas de borracha são quase que totalmente dispensáveis (talvez um colete para o surf de manhãzinha). Um bom quiver de pranchas (6'2", 6'6" e 7'1") pode lhe dar trabalho durante a viagem, mas compensa o esforço.

OUTROS TOQUES: *Confirme aqui no Brasil com sua agência de viagens o bilhete Cidade do México – Puerto Escondido. Isso para não correr o risco de ficar na Cidade do México mais tempo que o necessário, já que os aviões para Puerto costumam partir lotados. * Caso você estique sua estada na Cidade do México, não deixe de visitar o Museu de Antropologia, que é realmente fantástico. Você verá ali esculturas e outras peças trazidas de várias regiões do México que contam a grandeza e importância das civilizações pré-hispânicas. A arquitetura do Museu é também muito especial. *Em Puerto Escondido, acorde cedo para surfar, pois o terral sopra até as 10h30. A partir daí o vento muda de direção e as condições já não ficam tão boas. * Roupas de surf, como calções e camisetas, são bem aceitas pelos vendedores de artesanato locais. Por exemplo, uma camiseta e um calção de surf usados, poderão ser trocados por uma bela rede de descanso para suas siestas no Brasil.* Chegue em forma no México! Um bom preparo físico poderá garantir um melhor desempenho dentro d'água, principalmente nas ondas fortes. * Se sua prancha chegar ao destino final quebrada, com algum remendo por fazer, procure o local Mário em Puerto Escondido. Ele possui uma oficina de remendos e poderá consertar sua prancha no ato. * Ainda na Cidade do México, no mercado de Lagunilla, um dos lugares mais loucos da cidade, você poderá encontrar desde roupas do Vietnan até qualquer tipo de contrabando. É também um dos poucos lugares onde se encontra discos e fitas de pura salsa cubana e portorriquenha.

Ernesto Baldan
RNO 88
OCEAN PACIFIC

SUNDEK
SOLAR ENERGY



Capa: Cláudia Slinger fotografada por Elisabetsky.
Cabelo e maquiagem: Liquid Sky.
Produção: Estúdio Elisabetsky.
© 1988 Marvel Entertainment Group Inc.
O Surfista Prateado é uma revista da Divisão de Publicações Infanto-Juvenis da Editora Abril.

EDITOR: Paulo Anis Lima
DIRETOR ADMINISTRATIVO Carlos G. Sarli
CONSULTORIA DE MARKETING Wanderley Podrecki
EDITOR DE ARTE Rafic Jorge Farah
EDITOR CONTRIBUINTE Eduardo Bergerth
DIRETOR DE REDAÇÃO Otavio Rodrigues
PROJETO GRÁFICO Rafic, o embuteiro

ARTE
DIREÇÃO: Reynaldo Zap
ASSISTENTE: W. Pirozzini
TRAFEGO: Rosana Vianna

REDAÇÃO
PRODUÇÃO: Juliana Cristina de Souza
REPORTAGENS ESPECIAIS: Arthur Veríssimo
MARKETING EDITORIAL Fernando José da Costa Netto
FOTOGRAFIA: Ernesto Baldon
FOTO STAFF: André Reichmann, Atílio Sbruzzi, Dennis Magalhães, Mickey Hoffmann, Paulo Filgueiras, Roberto Price, Shoth Hori

COLABORADORES
FOTO-ESPORTES: Alexandre Fonseca, Ângelo Palombo, Acquiem Alcântara, Carlos Eduardo de Campos Luiz, Cláudio Maranhão, Daniel Bourgin, Edson Neves, Fouza Mahlen, Gilberto Fernandes, Klaus Mittaldorf, Jair Borelli, Levy Cruz Paiva, Marcelo Busch, Marcelo Lara, Marcos Prado, Mário Castelo (Magu), Mateury, Paulo Galvão, Fernando Vilela, Sidney dos Santos Jesus, Tico Ohara

ESTÚDIO: Alvaro Elias, Armando Prado, Bob Wolfenson, Charlie San Juan, Elisabetsky, Fernando Franchini, J.R. Duran, Paulo Vonner, Vitor Amato

TEXTO-ESPORTES: Dagomir Marquezi, Eduardo Faria, Fábio Bolota, Giovanni Mancuso, Dr. José Angelo Gaiarsa, José Fucs, Luiz "Feio" Sato, Luiz Roberto "Formiga" de Moraes, Marco Bueno, Rosaldo Cavalcanti, Sidão Tenucci, Simone Gontier. **MÚSICA:** Alvizio Lacerda, André Christovam, Fernando Naporano, Kid Vinil, Lu Gomes, Pepe Escobar

CONSULTORIA DE MODA: Hermana Vianna, Ernesto Baldon

CORRESPONDENTES:
USA: Havaí – Bill Barnfield; Califórnia – Aníbal Neto e Adrian Kaye; Detroit – Jorbas Bezerra. **ITÁLIA:** Milão – Pepe Escobar. **FRANÇA:** Jean Michel Potier e Frédéric Pauvaril. **PORTO RICO:** Norman Grossbreutz. **EUROPA:** Márcia de Souza e Paulo Pragda
DEPARTAMENTO FINANCEIRO
GERÊNCIA: Shoth Hori
ASSISTENTE: Silvia Cornélia Hering
DEPARTAMENTO COMERCIAL
DIREÇÃO: Marco Aurélio dos Reis
ASSISTENTE: Maria Maria Cassab

REPRESENTANTES
SÃO PAULO: Selma Pino, Silvio Regiro Chile, fone: (011) 260-9820
RIO DE JANEIRO: Paulo D'Orsi, fone (021) 226-8247
SANTA CATARINA Valéria Arruda, fone: (0482) 23-2116
RIO GRANDE DO SUL: Dennis Magalhães, fone: (0512) 31-6619
NORDESTE: Claude Maette, fone: (085) 234-1660
ASSESSORIA JURÍDICA: Matheus Martins da Costa, Silvio G. Shvitzer, J. C. Gamboa, Hélio Dias de Moura
MARKETING DIRETO: Graf P & P. Aldhemar Freitas Filho (SP – 011 – 260-2964)
IMAGEM: São Paulo Criação
ASSESSORIA DE IMPRENSA: Art Press (SP – 011 – 853-0418)

SERVIÇOS GRÁFICOS
FOTOLITOS: Colortek, Linoart, Marprint
COMPOSIÇÃO: Lúcia Ferreira
IMPRESSÃO E ACABAMENTO: Divisão Gráfica da Editora Abril S.A.
DISTRIBUIÇÃO: Fernando Chinaglia S.A. – Rua Teodoro da Silva, 907, Rio de Janeiro (RJ)
EXTERIOR: Distribuidora Jardim de Publicações Ltda. – Quinta Pau Varas, Azinhaga dos Felos, Camarate, Lisboa
Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião da revista. TRIP não publica materias redacionais pagas e é uma publicação bimestral da Trip Editora e Propaganda Ltda. Administração, redação e publicidade à Rua Cerro Corá, 1646, São Paulo (SP), CEP: 05061. Fone: (011) 260-9820.

EDITORIAL

el sabetsky

"Quem teve esse plano?"
Vovó Meyre Sokolovsky, 1988
Com esta frase, Vovó marcou a campanha de promoção do programa *Trip 89* (89 FM, 89,1 mHz, São Paulo – 6.ªs feiras, 20 horas).

Nesta edição, a *TRIP* procura sedimentar definitivamente sua preocupação jornalística. O propósito é mostrar fatos e imagens interessantes de uma maneira visualmente agradável. Seria bem mais cômodo, e provavelmente mais rentável, editar fotos e mais fotos de surf, música ou qualquer outro assunto de interesse para jovens de 13 a 33 anos. Queremos, porém, ir além disso.

Passamos pela importância de rememorar o passado recente, convocando a memória de alguns destes jovens que aproveitaram e aproveitam bem suas vidas. Registramos novidades que começam a mostrar novos horizontes de emoção. Denunciamos de uma maneira bonita o canibalismo da natureza. E quando pensamos em retratar o comportamento do jovem atual, temos de dedicar, a cada edição, o espaço que o surf detém por direito. Basta reunir aleatoriamente um grupo de dez jovens dessa faixa etária para se ter pelo menos 50% de ligação com o surf, seja através das roupas que eles vestem, dos óculos que têm no rosto ou da força do mar espelhada em suas lentes.

O objetivo é ir além da simples constatação de que o esporte é maravilhoso. Temos procurado refletir um pouco sobre o porquê deste fascínio, convidando jornalistas, psicólogos, fotógrafos, músicos e artistas plásticos para darem suas próprias interpretações. Você tem nas mãos mais uma etapa desse nosso aprendizado. Esperamos que lhe seja útil. Não somos uma revista de surf: falamos de vida.

PAULO LIMA

RICARDO BOCÃO
Ele viu tudo — 4

SURF TRIP
Go to México! — 20

PORTO RICO
Brasil, campeão mundial de surf amador — 30

TRIP NO COSMOS
O plano de vôo do Surfista Prateado — 42

AVENTURA
Vida e obra de Tito Rosemberg — 54

MATA ATLÂNTICA
S.O.S. Litoral Sul — 68

MODA
Live and die in L.A. — 78

CALIFÓRNIA
Quatro surfistas brasileiros na República Blade Runner — 86

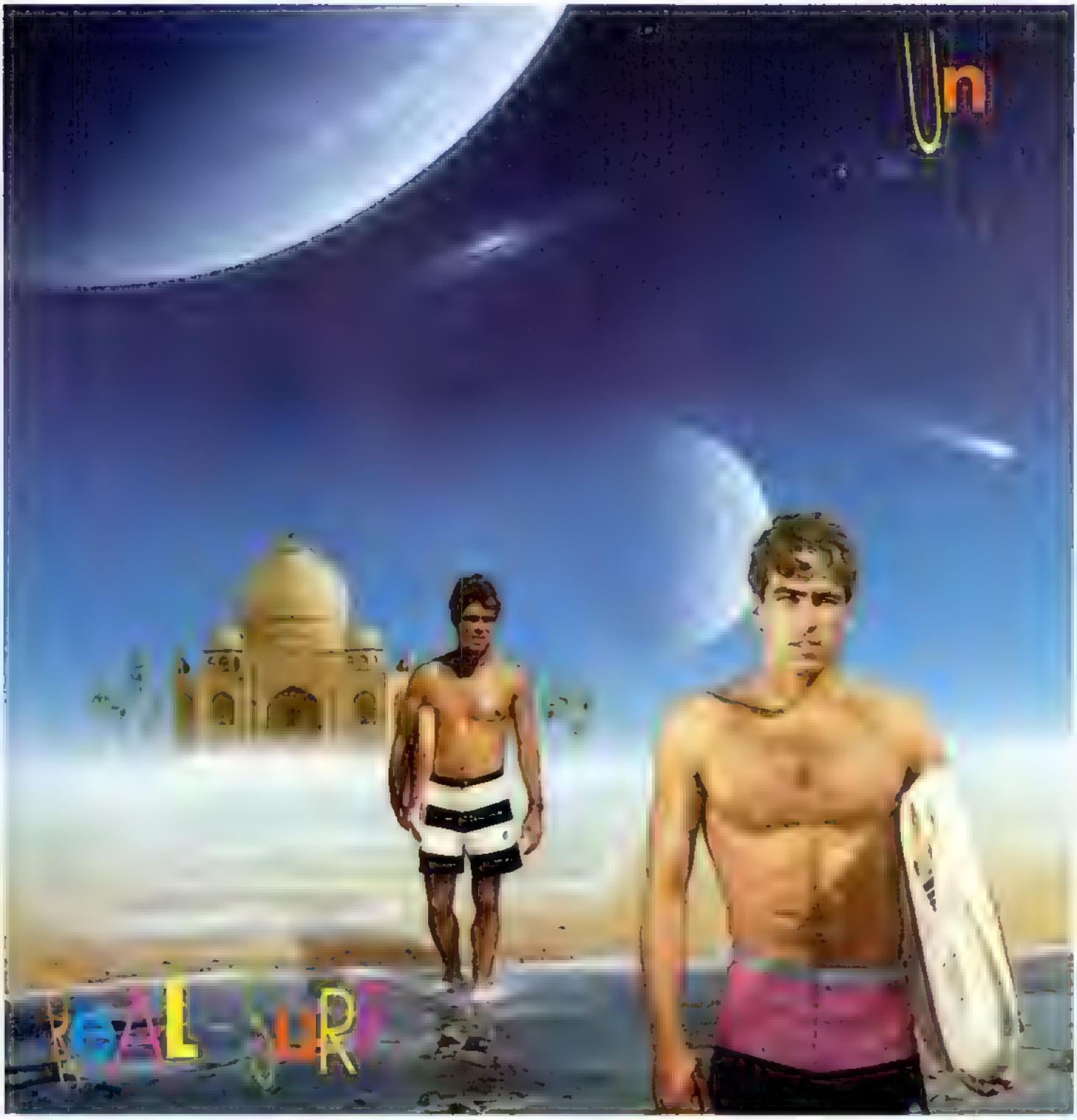
SALADA
Tudo o que você sempre quis saber e não tinha coragem de perguntar — 99

to Rosemberg ficou conho-
o em todo o Brasil após ter
rticipado do Camel Trophy
Bornéu.
s o que pouca gente sabe –
se lembra – é que o Tito
rticipou dos primeiros mi-
tos do surf no Brasil. Esta
o, feita pelo Tito em 1966,
stra alguns dos pioneiris-
os da era prancha (da es-
rda pra direita): Hiltinho,
née, Alexandre e Penho,
a surf trip em Saquarema.

Material

FLÁVIO PADARATZ

100% BRASILEIRO



D'OREY EM TIMOR DESIGN, TICO EM FIJI. TRIP NA ÁSIA?

BY TICO • 10 ANOS • PESQUISA PRO SEU RIP.

RJ 021 399 3722 • SP 011 280 4365 • PR 041 223 8932 • SC 0482 22 3511 • ES 027 223 1986 • BA 071 240 0093

Foto Paulo Pinheiro Prod. Marcos R. Lopes/Tico

QUALIDADE

Town & Country Ind. e Com. de Confecções Ltda.
Av. Santo Amaro, 1298/1302 – Cep 04506 – (011) 531-747
Lojas: Guararapes, 200
João Cachoeira, 37
Santos: Miramar loja 56

Hage Loose
CUSTOM
"FABIO GONVEIA CAMPEÃO MUNDIAL AMADOR"
LIKE HAWAII

Reportagem Avelino Bastos

Texto Otávio Rodrigues

Atila Sbruzzi e Robert Price
enviados especiais a Porto Seguro

BRASIL LIMPA O NOME EM PORTO RICO

atila sbruzzi/tiki

Flávio Padaratz, o Teco de Camboriú, e o paraibano Fabio Gouveia representam o que há de melhor no surf amador brasileiro. Um progresso que vem sendo sentido a cada dia, e que de concreto trouxe agora o título de Campeão Mundial Amador no Brasil.

Brasil, campeão mundial de surf. O que parecia um sonho tornou-se realidade neste início de ano durante o World Surfing Titles 88, o Campeonato Mundial de Surf Amador. Entre 11 e 21 de fevereiro, em Aguadilla, Porto Rico, equipes de surf de todas as partes do planeta reuniram-se para uma das mais importantes disputas desse esporte. O Brasil conquistou a melhor colocação na categoria Open, a mais importante, com o surf seguro do paraibano Fábio Gouveia. Na disputa por equipes, as cores verde-amarelas de novo se deram bem: 3º lugar, atrás apenas da Austrália e Estados Unidos. Foi a primeira vez, após anos e anos de provas internacionais, que Austrália e EUA foram ameaçados nos domínios de primeiro e segundo lugares.

A jornada dos brasileiros rumo a Porto Rico começou, na verdade, há pelo menos dois anos. Foi nesse período que Flávio Boabaid, presidente da Associação Brasileira de Surf Profissional (ABRASA), organizou e planejou os rumos dessa categoria do surf no Brasil e, ao mesmo tempo, direcionou todos os esforços visando a participação do País nas provas internacionais. Avelino Bastos, da Tropical Brasil, e Marcos Conde, cuidaram da direção técnica da equipe, assessorados por Pardal. A gerência de todos os capítulos da expedição ficou dividida entre Flávio Boabaid e Avelino Bastos, nomes fundamentais para que tudo funcionasse da melhor forma em Porto Rico.

roberto price

Rico de Souza, experiência de muitos anos representando o País nas provas de Longboard, o popular prancha.

Apesar de toda a euforia após os resultados, as dificuldades que antecederam a ida da equipe brasileira a Porto Rico foram as mesmas de sempre: apoio restrito de empresas brasileiras. Até uma semana antes da partida, não havia ainda confirmação sobre as marcas que garantiriam o suporte financeiro da expedição. As coisas rolavam na base de confirmações pela manhã e cancelamentos à tarde. Enfim, com o apoio da Pakalolo, Cristal Graffiti, Unicatur Turismo, revista *Fluir* e Mormaii, a equipe brasileira partiu com destino a Aguadilla, em Porto Rico. A Unicatur, especializada em viagens internacionais, conseguiu com que as passagens aéreas tivessem seus preços bastante barateados, ponto a favor no orçamento limitado do projeto.

ORGANIZAÇÃO PREMIADA

Houve críticas: os surfistas selecionados para representar o Brasil, segundo alguns, não formavam o ranking oficial do esporte. Ficaria comprovado mais tarde que, de fato, os melhores e mais bem preparados estavam dentro.

Para defender nosso surf na categoria Open, estavam Fábio Gouveia (o campeão), Zé Paulo, Wagner Puppo, Amaury Piu, Ricardo Tatui e Rodrigo Resende. No Junior, representaram o Brasil os atletas Flávio "Teco" Padaratz e Fernando Graça. Na categoria Longboard, Rico de Souza, na Kneeboard Sérgio Peixe e na Bodyboard Marcos Portinari. Como representantes femininas, as surfistas Tanira Damasceno e Brigite Mayer. Para

ítalo sbruzzi/tiki

Gouveia soube aproveitar bem ondas pequenas, similares às que normalmente ele experimenta no litoral brasileiro.

roberto price

acompanhar todo o campeonato e respirar o clima das competições, dois *alternates:* Percy Padaratz (irmão mais novo do Flávio) e Dedé Farah, dois dos melhores mirins brasileiros.

Vésperas do campeonato, escala em Caracas, Venezuela. Primeiras baixas: furtado o equipamento de Marcos Portinari. Chegada em Porto Rico, diálogo com o motorista oficial da equipe: "Vocês são brasileiros? Ah, recomendaram cuidado, parece que vocês são muito bagunceiros". Infelizmente, a imagem do Brasil ainda não era das mais louváveis, pelo menos até a reunião da ISA (International Surfers Association). Ali, diante de representantes técnicos de 28 países, o Brasil submetia-se a um "inquérito", para que se pudesse classificá-lo no grupo A (o mais importante) ou no grupo B.

O projeto preparado por Flávio Boabaid apresentou apenas a verdade: o Brasil conta com inúmeros campeonatos de surf de nível nacional e internacional, atletas profissionais e amadores extra-graduados, revistas especializadas com milhões de leitores, enfim, tudo tal e qual acontece nesse esporte hoje no maior país da América do Sul. Ao final da exposição de Boabaid, o Brasil não só conseguia integrar-se ao grupo A, como também

roberto price

Flavio Padaratz era tido como um dos favoritos entre os juniores. Deu azar: ficou em 5º. Mas, trouxe a glória de impor um surf moderno entre os melhores de uma geração que vai acontecer nas próximas temporadas. Esta sequência diz tudo.

Chris Brown, campeão de Junior

roberto price

garantia seu primeiro troféu. Segundo o presidente da ISA, o Brasil apresenta "o melhor projeto de base para o surf atualmente em todo o mundo".

Gradativamente, a imagem da equipe brasileira em Porto Rico ganhava destaque. Já na primeira metade do campeonato, muitos apontavam os brasileiros como favoritos nas provas principais. E embora as ondas de Porto Rico estivessem grandes apenas nos primeiros dias, os brasileiros souberam não frustrar os palpites otimistas. Ambientados às condições do mar caribenho e hoje devidamente acostumados às regras de interferência, os atletas foram somando pontos nos turnos do campeonato.

Fábio Gouveia, em particular, esteve à vontade nas provas finais, já que o tamanho das ondas, a cor do mar e até o vento assemelhavam-se às condições do cenário nordestino, onde ele treina habitualmente. Não podia dar outra: 1.º lugar absoluto, com reconhecimento de todos os participantes, técnicos e juízes. Flávio Padaratz, que correu como favorito na Junior, conseguiu bons resultados durante vários dias de provas, mas acabou apenas em 5.º lugar, sob uma carga de pressão bastante grande. Fernando Graça surpreendeu, mostrando surf impecável e competitivo o bastante para assegurar a 2.ª colocação para o Brasil, entre os juniores, atrás do norte-americano Chris Brown.

No classificação por equipes, o Brasil poderia até galgar algum posto além do 3.º lugar. A atuação das surfistas Taniro Damasceno e Brigite Mayer, entretanto, ficou bem abaixo do que se esperava, o que acabou prejudicando a pontuação final. Bola pra frente, com direito a outra honra

roberto price

Veteranos ou não, os atletas do pranchão mostraram bastante união durante os dez dias de campeonato.

átila sbruzzi/tiki

Um atleta prepara-se para mais uma bateria, a TV cobre tudo, Flavio Padaratz assiste de camarote... O dia-a-dia no Mundial de Porto Rico tinha esse ritmo, elevando o esporte amador à classe privilegiada dos eventos que merecem destaque nos meios de comunicação de todo o mundo.

roberto price

Surfers Beach, a praia que sediou as provas mais importantes durante o Mundial.

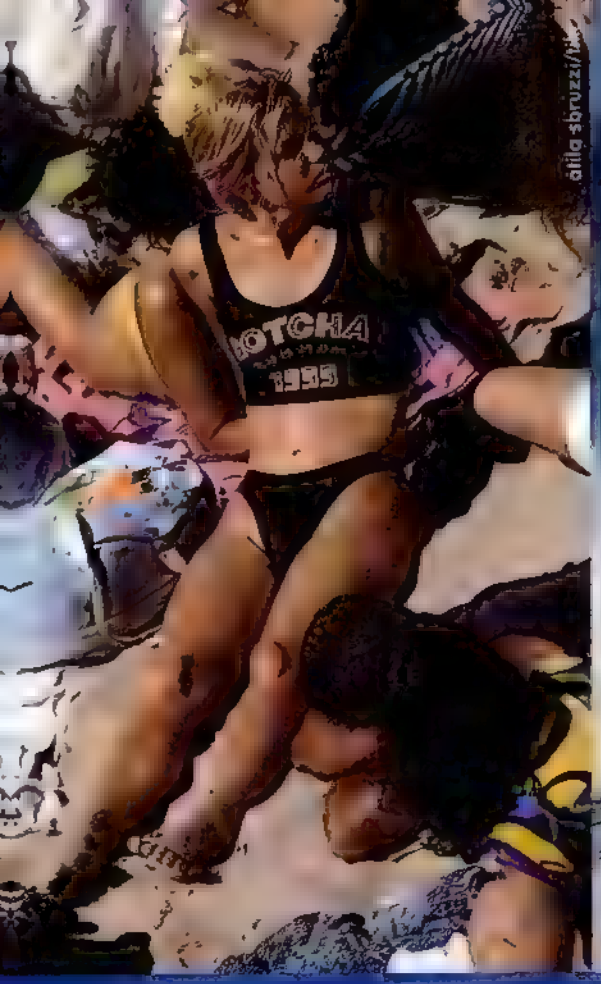
nilo sbruzzi/tiki

Neco Padaratz, irmão de Flavio, outro mirim de ponta que aproveitou a expedição verde-amarela para "roubar" técnica e segurança em competições internacionais. Igual acontece com seu irmão, Neco já antecipa um futuro de boas colocações no surf de competição.

roberto price

Fernando Graça, pouco cotado antes do início das provas, manteve regularidade e bom aproveitamento ao longo das várias fases do campeonato. Terminou em 2.º lugar na Junior, atrás apenas do americano Chris Brown.

roberto price



átila sbruzzi/ib

roberto pr

Zé Paulo apresentou em Porto Rico um pouco do que vem assimilando nas ondas da Califórnia. É um dos destaques entre os amadores brasileiros.

Akila Aipa justificou a tradição do pai, Ben Aipa, surfando com estilo e agressividade. Faz de tudo, apenas não ganhou.

roberto price

Kalani Jakins [illegible] pelas [illegible] apesar de [illegible] considerações sobre as cores de seu camisa, Jakins fez do seu surf argumento mais forte do que qualquer polêmica: 3.º lugar.

roberto price

O brasileiro Fábio Gouveia, bottom turn de campeão.

roberto price

no pódium: o trabalho dos juízes brasileiros na competição, Alexandre Pontes e Jordão Bailo Júnior, foi muitíssimo elogiado pelos organizadores do Mundial. Alexandre inclusive trouxe pra casa o troféu de melhor juiz, tão destacada foi sua atuação.

Os ótimos comentários sobre a performance da equipe brasileira no Mundial de Porto Rico foram a seiva da recuperação moral do País em águas estrangeiras. Nos aplausos do público, nas manifestações de apoio e nos cumprimentos de praticamente todas as delegações presentes à competição, ficou certo que o Brasil tem surf de primeira linha, organização perfeita e atitude exemplar em todos os níveis. Era o polimento que faltava para a evolução definitiva do surf no Brasil nas ondas do mundo.

Enquanto todas essas marcas eram conquistadas em Porto Rico, outras tantas eram batidas compassadamente aqui no Brasil. Revistas de circulação gigante como a *Veja*, jornais importantes como *O Globo*, registravam com muitas palavras a bem-sucedida trajetória dos atletas brasileiros no Mundial. Reflexo direto e irrevogável da idade adulta do surf brasileiro.

átila sbruzzi/tiki

roberto price

O garoto Dorian, do Havaí, impressionou na categoria Junior.

roberto price

Cenas de uma festa tipicamente brasileira. E com todas as razões para acontecer.

at la sbruzz /tki

O surf surpreendente do garoto Chris Brown, mais o excesso de pressão antes das provas, foram talvez as causas principais para que a tentativa de Flávio Padaratz em conseguir o título mundial dos juniores não desse certo. O americano aparece em primeiro plano, na foto e nos resultados finais.

Apoio Cultural

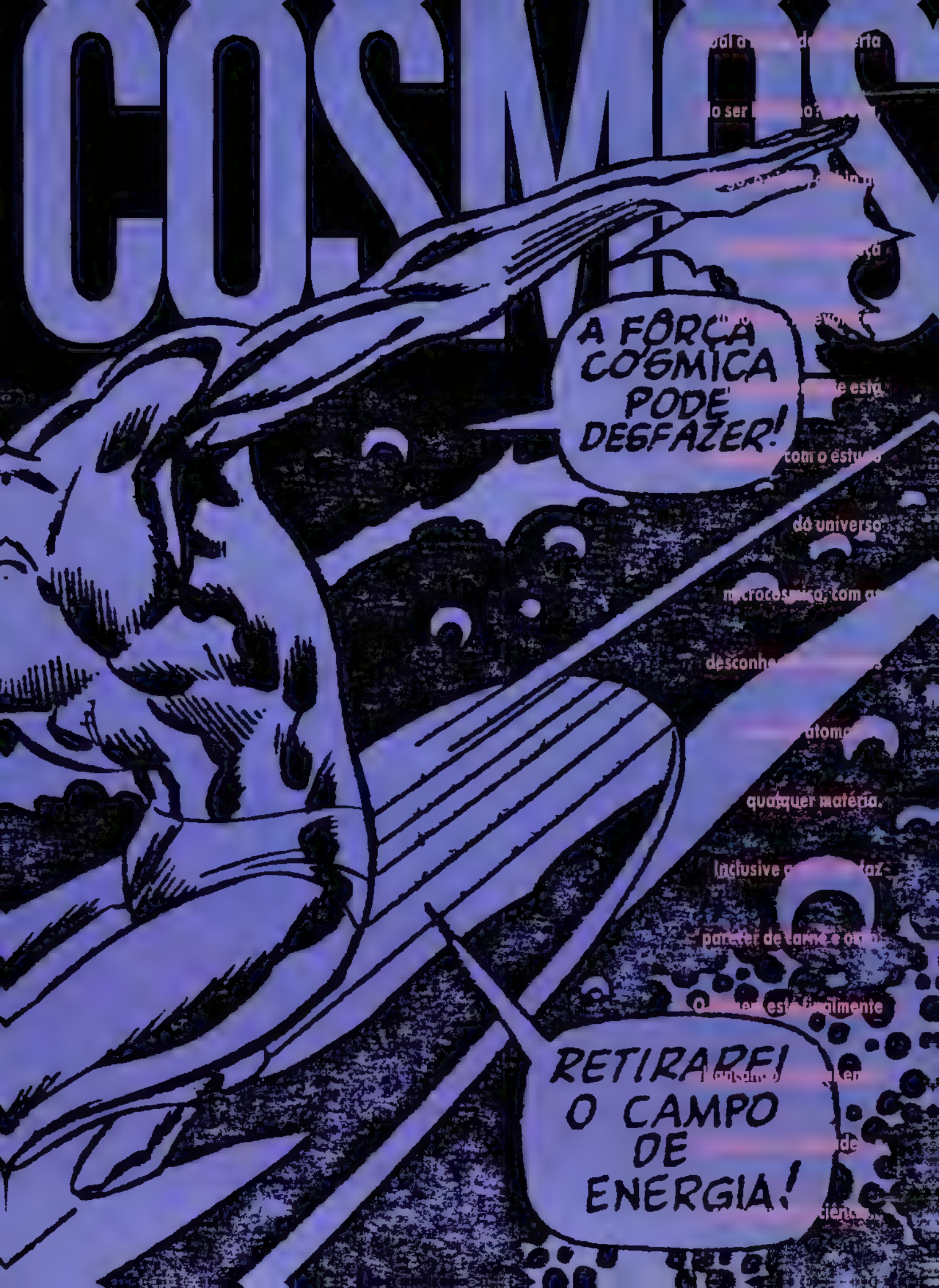
MOON BOOT

AV. FARIA LIMA, 2577 - (011) 814 6664 F 814 6980

Parabéns Fabio Gouvêia
Campeão do Mundo
MOR MAR
A sua marca na água.

FERNANDO "BOLHA" ⇒ VICE CAMPEÃO MUNDIAL!!
EQUIPE CRISTAL GRAFFITI '88 !!
FOTO: ROBERTO PRUCE
ATENÇÃO!! LEVE ESTE ANÚNCIO À LOJA E GANHE UM ADESIVO CG! MAS VÁ CORRENDO PORQUE É POR POUCO TEMPO!!!
NDAS – (021) 280-6897
JA – Rua Visconde de Pirajá, 595/loja 115
Ipanema – Rio de Janeiro
(021) 239-5241

TRIP NO
O QUE A FÔRÇA CÓSMICA CAUSOU...


COSMIC
A FÔRÇA CÓSMICA PODE DESFAZER!
RETIRA-RE! O CAMPO DE ENERGIA!

[illegible] como enti- [illegible] em "tendências" pro- [illegible] existirem. Extrapolando, o [illegible] uma ilusão. Falando simploriamente, esta revista *provavelmente* existe. Será a realidade um sonho? Quer continuar a ler?

Um átomo não tem nenhuma semelhança com um sistema planetário. Um átomo é um troço muito minúsculo se comparado a objetos macroscópicos, mas é enorme se comparado ao seu núcleo. Se um átomo tivesse o tamanho de uma bola de futebol, ainda assim o seu núcleo seria invisível a olho nu. Para enxergarmos o núcleo, o átomo precisaria ser ampliado até atingir o tamanho da abóbada da Basílica de São Pedro, em Roma – o núcleo então seria visto como um grãozinho de areia! Um grão de areia no centro da cúpula da Catedral de São Pedro, com uma fina [illegible], surgindo e desaparecendo [illegible] em torno dele – tal uma boa [illegible] do núcleo e dos elétrons de um [illegible]

Coisas estranhas acontecem no interior dos átomos. A investigação do mundo subatômico revelou a natureza dinâmica da matéria, isto é, que os componentes dos átomos, as partículas, não existem como entidades isoladas e independentes, mas como partes integrantes de uma rede inseparável de interações. Essas interações envolvem um fluxo incessante de energia que se manifesta como troca de partículas, que são criadas e destruídas interminavelmente, e são essas interações que dão origem às estruturas estáveis que formam o mundo real, material. Todo o universo, portanto, está empenhado em um movimento e uma atividade incessantes, vibrando numa fantástica dança cósmica de energia. Mas estou extrapolando novamente. Voltemos ao átomo.

O elétron, por exemplo, tem um comportamento surpreendente: quando um átomo recebe a energia de um raio de luz, seus elé-

A postura de Rico de Souza no prancha lembra o estilo clássico do Surfista Prateado. A harmonia que estas imagens passam não é casual; a física de hoje explica que os átomos, as menores partículas de qualquer coisa, coexistem também dessa forma. Integradas umas às outras através de um código secreto que fórmulas e equações ainda não podem definir exatamente. Encontrar o ponto de equilíbrio sobre a prancha, tomar parte harmoniosamente nessa profusão de eventos que a natureza proporciona, é encurtar o caminho para o conhecimento absoluto das coisas. É encontrar maior prazer em tudo que se faz.

jean-michel darel/presse sports-sigla

Mas, segundo Bohr, o sistema de duas partículas é um todo indivisível, mesmo que elas estejam separadas. O sistema não pode ser analisado independentemente. Mesmo que os dois elétrons estejam muito longe um do outro, ainda assim estarão ligados por conexões não-locais.

Dos [illegible] como [illegible] Sonsari, no [illegible] maravilhosa [illegible] mulher nua enorme [illegible] de ações [illegible] surfistas [illegible] frente [illegible] inteligentes [illegible] com [illegible] religiosos [illegible] da escola. Todos [illegible] mentos, [illegible] aquela [illegible] universo [illegible] no [illegible] ve [illegible] pode-se [illegible] imag[illegible] no [illegible] mas que [illegible] todo [illegible] essa [illegible] s. *Yo* [illegible] os [illegible] per[illegible]

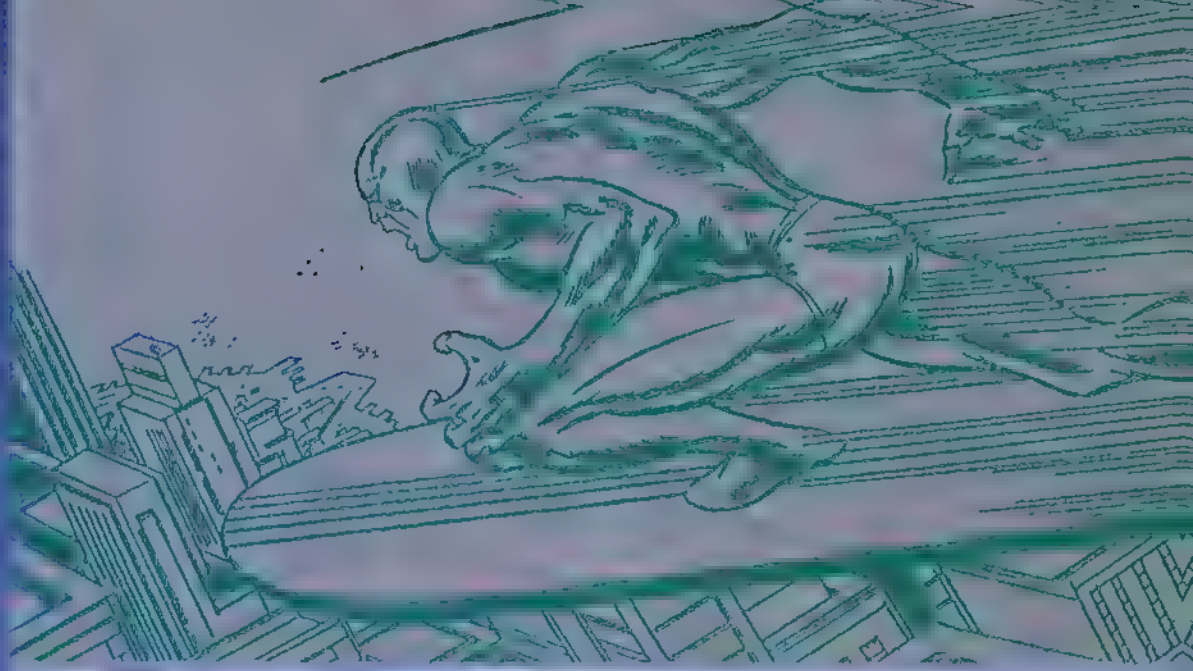
[illegible] dido p[illegible] um [illegible] mento filo[illegible] mulação ex[illegible] matéria. Quem [illegible] ncês René "Pen[illegible] los [illegible] quem a visão de nat[illegible] divisão fundamental [illegible] e o reino da matéria. E[illegible] da das coisas foi sustent[illegible] on, que elaborou sua meca[illegible] tornando-a o alicerce da [illegible] o modelo newtoniano domino[illegible] cientifico até o final do sécul[illegible] sto velho Descartes é influente a[illegible] nosa [illegible] cartesiana tem levad[illegible] um acid[illegible] se identificar apenas [illegible] mente [illegible] se identificar com [illegible] ga[illegible] que faz com que os [illegible] ência de si mesmos [illegible] ndo "dentro" dos [illegible] ico frito[illegible] ra, [illegible] da do corpo, rece[illegible] ta de controlá-lo, [illegible] conflito aparente [illegible] sciente e o [illegible] ária

[illegible] ação [illegible] erna e um [illegible] par [illegible] ado ela p[illegible] ou [illegible] mo cinema e o roc[illegible] ll, [illegible] do é [illegible] olado nos t[illegible] da nat[illegible] do resto da huma[illegible] e acabo[illegible] nando a desorde[illegible] e econ[illegible] ere e onda de [illegible] a (em t[illegible] um meio-a[illegible] feio e [illegible] cultura ocide[illegible] ssoas começa[illegible] o fragmentada [illegible] nalizado insatisfa[illegible] sociedade.

[illegible] inteligência ecológico, por sua [illegible] ação com a natureza, por sua sabedoria [illegible] tuitiva, por seu interesse pelo misti[illegible] sm[illegible] tribo surfista não deixa de ser u[illegible] a va[illegible] guardo do pensamento quântico [illegible] a te[illegible] dência evolucionária que reflet[illegible] d no[illegible] filosofia, contrária à fragmen[illegible] ntal[illegible] no. Estamos voltando [illegible] de [illegible] coisas ex[illegible] s fil[illegible]

Materiał chroniony prawem autorskim

Segundo a teoria quântica, que vem encaminhando os progressos da física moderna, o universo microcósmico guarda segredos muito importantes. As partículas que convivem dentro do átomo possuem comportamento absurdo, que pode inclusive fazê-las desaparecer e aparecer, principalmente quando estão sendo observadas. O budismo e a sabedoria oriental podem explicar isso, mas a ciência só quer se prática hoje ainda não. Einstein, o descobridor da teoria da relatividade, morreu sem conseguir uma idéia que unificasse esses conhecimentos. O ser humano terá chegado a uma de seus mais importantes compromissos quando decifrar os seus segredos. Poderá até inventar a utilização das partículas subatômicas e do Surfista Prateado, que desafiam a velocidade da luz e desaparecem e aparecem quando querem. Na foto maior, Mark Richards em Tamarama Beach, Sidney, Austrália. Na menor, Jonas Jones, Havaí 84.

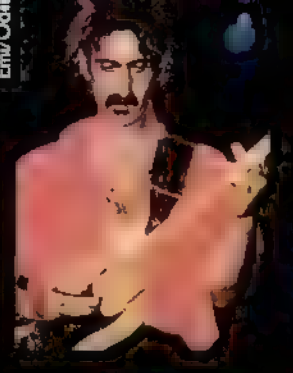


selos orientais, e quando o círculo estiver completo começará então a Era Quântica. Jamais esqueça de que tudo que chamamos de real é feito de coisas que não podem ser consideradas reais, e que a força esteja com você.

O MELHOR ESTÁ POR VIR

Se você acha que isso é besteira, lembre-se de que riram muito de Eratóstenes quando ele disse, há 2.200 anos, que a Terra é redonda. Também riram de Copérnico, no século 16, quando ele disse que a Terra não é o centro do universo. E, mais recentemente, também acharam muito engraçado quando Frank Zappa disse que o Big Bang nada mais foi do que uma Big Nota, uma grande e ensurdecedora nota musical soando na tonalidade de mi maior.

Pelo lado prático, fique sabendo que um dia, quando a teoria quântica for unificada à teoria da relatividade de Einstein, gerando assim uma única teoria que explique tanto o mundo macroscópico quanto o microscópico, seremos enfim capazes de inventar as sonhadas pranchas antigravitacionais iguaizinhas à do Surfista Prateado, este fantástico super-herói quântico em luta contra a estupidez humana. Campeonatos de surf cósmico serão então organizados, novas manobras serão introduzidas, novos points serão descobertos, grandes prêmios serão distribuídos. Vai ser uma tremenda curtição. Quem viver verá.



Frank Zappa: "O Big Bang é uma grande nota musical."
Na foto maior, Renie Burns desafiando as forças gravitacionais em Pipeline, Havai (um lugar ou uma voz?).

Chegou o momento de encararmos o problema do Experimento EPR, uma experiência de pensamento imaginada por Albert Einstein. Para evitar complicar muito, vou descrever uma versão simplificada do experimento, que envolve dois elétrons rodopiando. Antes, porém, alguns esclarecimentos sobre o rodopio ("spin") do elétron. De certa forma, o spin de um elétron é uma rotação da partícula ao redor do seu próprio eixo. O spin do elétron é restrito a somente dois valores: ele pode rodopiar num sentido ou no outro, para um lado ou para o outro, segundo um eixo de rotação *determinado*. Os físicos chamam esses dois valores de spin de "para cima" e "para baixo".

A característica mais importante de um elétron rodopiante é o fato de que o seu eixo de rotação nem sempre pode ser determinado com precisão. Do mesmo modo como os elétrons exibem tendências para existir em certos lugares, também exibem tendências para rodopiar em torno de certos eixos. Acontece que sempre que uma medição é feita para qualquer eixo de rotação, o elétron será encontrado rodopiando num sentido ou no outro, ao redor do eixo em questão. Quer dizer: o ato de medir confere à partícula um determinado eixo de rotação; mas, antes que a medição seja efetuada, não dá pra dizer que a partícula está rodopiando em torno de um eixo determinado – ela simplesmente possui certa tendência probabilística para se comportar desse modo.

Agora vamos ao que interessa, o experimento EPR, que envolve dois elétrons rodopiando em sentidos opostos, de modo que o spin total deles é zero. Agora imagine que essas duas partículas são afastadas uma da outra por algum processo que não afete os seus spins. Enquanto elas se distanciam em sentidos contrários, seu spin combinado permanecerá igual a zero. Assim que as partículas estejam separadas por uma longa distância, seus spins individuais são medidos. A distância entre as duas partículas pode ser arbitrariamente grande – uma pode estar na Terra e outra na Lua.

Agora vamos supor que o spin do elétron nº 1 é medido ao longo de um eixo vertical, e ele é "para cima". Como o spin combinado das duas partículas é zero, esta medição indica que o spin do elétron nº 2 deve ser "para baixo". Isso significa que medindo o spin da partícula 1, obtemos uma medição indireta do spin da partícula 2, sem perturbarmos essa última. O lado paradoxal do experimento EPR é que o observador é livre para escolher o eixo de medição, e pode fazer isso no último minuto, quando os elétrons estiverem muito afastados um do outro. A teoria quântica diz que os spins dos dois elétrons serão sempre opostos, mas existirão apenas como tendências antes que a medição seja realizada. Assim que o observador tiver escolhido um determinado eixo e efetuado a medição, este ato irá "fixar" para ambas as partículas um determinado eixo de rotação. No instante em que a medição do elétron 1 é feita, o elétron 2 adquire um spin definido, ao longo do eixo escolhido. Como é que a partícula 2 ficou sabendo que eixo foi escolhido? Ela não teve tempo de receber essa informação por meio de qualquer sinal convencional.

ALGUNS LIVROS RECOMENDÁVEIS

Alguns livros podem lhe dar mais informações sobre este assunto. *Bandidos Cósmicos* narra a saga (hilariante!) de um traficante de drogas às voltas com os paradoxos da vida moderna. O romance, brilhante tanto do ponto de vista quântico quanto do literário, foi escrito por um americano de nome A.C. Weisbecker e foi publicado pela Editora Marco Zero no ano passado. Indispensáveis também são os dois livros do físico Fritjof Capra, *O Tao da Física* e *O Ponto de Mutação*, ambos da Editora Cultrix. Em linguagem bastante acessível, Capra analisa o encontro da ciência com as filosofias orientais, destacadamente o taoísmo e o budismo. Por esse motivo, o *Tao Te King*, escrito há muito tempo por Lao Tsé, e que é a mais alta expressão do pensamento taoísta chinês, também merece ser lido. Quem editou foi a Pensamento. E pra finalizar, *Adivinhação e Sincronicidade*, de Marie-Louise Von Franz, Editora Cultrix, que dá uma geral nas idéias de Carl Gustav Jung.

NOVO SOL

identifique-se!

Fico

REPRESENTANTES PARA TODO O BRASIL: (011) 291-2700

NOVO ENDEREÇO: RUA SERRA DA BOCAINA, 277 – BELENZINHO –

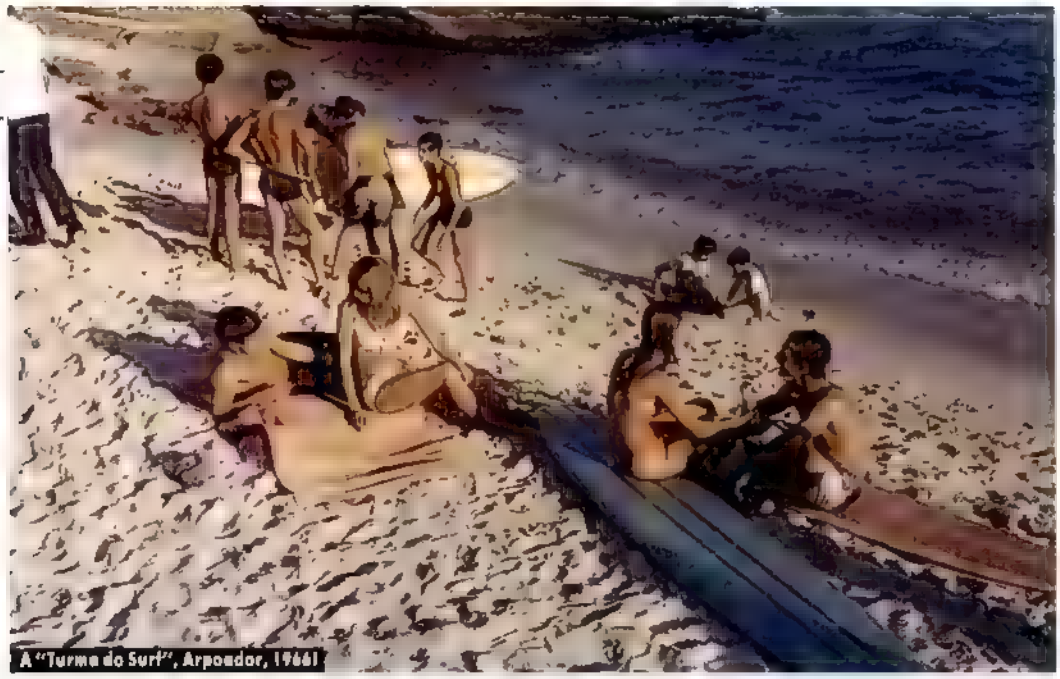
SÃO PAULO – BRASIL – CEP 03174

PRATIQUE
BASQUETE
COM GARRA.
PANDA
PANDA
A GARRA DO URSO

TITO ROSEMBERG

Ele participou dos primórdios do surf no Rio de Janeiro. E já morou numa Kombi e iluminou shows do Grateful Dead e atravessou desertos e cordilheiras. Pra coroar uma vida de puro desafio, as premiações de honra no Camel Trophy em Bornéu. Tito Rosemberg, a aventura em pessoa.

arquivo pessoal



A "Turma do Surf", Arpoador, 1966

Por Márcia Vilari

ernesto baldan

Em homenagem ao Marechal Tito, libertador da Iugoslávia na época da Segunda Guerra Mundial, uma criança nascida em setembro de 46 recebeu o mesmo nome. Tito Rosemberg. Nascido no Rio e criado no mundo. Sua incursão por 66 países não deixa dúvidas. Um aventureiro nato que nos leva a concordar com sua mãe, quando brinca que ele nasceu com um defeito congênito: o pé. Para dona Mercedes, deveria ter nascido com rodas.

Tito nasceu comendo areia. Cresceu como um pequeno rato de praia na Urca, e aos dois anos já era visto desfilando com um calção de oncinha. Aos quatro anos, ganhou do pai um par de pés-de-pato. Foi morar em cima do Bar Farolito, na avenida Atlântica, Posto 5, Copacabana. Adorava conversar com os salva-vidas, mais saudáveis e menos neuróticos, se comparados aos envelopados de terno e gravata que circulavam nas ruas próximas.

Naquele tempo, Tito pegava onda com pranchas de isopor, dessas de pegar de peito, da marca Planonda. Aos 14 anos, com sua prancha de madeira da marca Oceania e com a ajuda de um remo, atravessava de Copacabana até o Arpoador. Nos anos 60 surgiu a madeirite, prancha de três metros "que o Coronel Parreiras fabricava clandestinamente embaixo da piscina de sua casa em São Conrado". Tito trabalhou lá durante seis meses. Depois resolveu montar sua própria oficina de reparos, que funcionava no quarto de um apartamento em plena Zona Sul no Rio. Dormia na sala.

AMIGO DO FANTASMA

Aos 18 anos foi morar no Leblon, e fez questão de prestar o serviço militar. Chegou até a processar o Exército por um engano no exame de abreugrafia, que o impedia de realizar o sonho de dirigir um jeep com tração nas quatro rodas. Acabou servindo no 8º BCM, no Leblon, considerado o "quartel dos surfistas". Até que foi expulso, quando o pegaram dando carona aos amigos surfistas que não tinham carro para ir à praia. Tito conta que as praias mais afastadas, como a Barra de Guaratiba e Grumari, eram freqüentadas por americanos filhos de diplomatas, que iam lá com seus carros e motoristas. **Quando pintava um carro, ele e sua turma, Mário Bração, Penho, Percege, Maraca, seguiam as pistas dos off-road até chegar à praia de Itaúna, em Saquarema.** Na época, escreveu para a revista *Surfer* sua primeira reportagem sobre o Brasil, "Rio, City of Love and Surf". Avesso a competições, Tito nunca quis participar de campeonatos de surf. Fala com carinho dos surfistas Rico e Cauli Rodrigues.

Depois de trabalhar no Exterior em várias fábricas de prancha e aperfeiçoar sua técnica de shaper, o aventureiro resolveu abrir a Tito Surfboards. Mas, seu espírito errante o faz estar sempre à caça de novos lugares, novas pessoas para trocar idéias. Tito continua praticando surf por prazer, prazer que procura colocar em quase tudo que faz.

Circular. Esta é a palavra de ordem para este carioquíssimo rapaz que parece nunca envelhecer. Sua vitalidade emana de todo o corpo. Sua timidez é disfarçada pelo jeito agitado e falador. Seus olhos verdes brilham quando o assunto é viagens, natureza e vida. Vida que ele esbanja nos mínimos detalhes de seu dia-a-dia. Companheiro ao extremo, é tido por todos os amigos como exemplo de integridade e caráter. Qualidades, aliás, que o fazem admirar seu ídolo de estórias em quadrinhos. O Fantasma. Tanto que no painel do Toyota que acompanha o Tito na próxima empreitada pelo deserto do Saara, é ele que está o tempo todo o olhando, afixado no odômetro do carro.

– A principal característica do aventureiro é a curiosidade pelas coisas à sua volta, aliada à preocupação de conhecer seus próprios limites. Nós procuramos de todas as formas concretizar nossos desejos, enquanto as outras pessoas continuam a sonhar – diz ele.

Outro famoso aventureiro, Amyr Klink, assina embaixo e diz que se identifica com Tito pelas lutas e capacidade de transpor barreiras:

– Admiro, acima de tudo, esse espírito irreverente que ele conserva nas mais variadas situações.

E foi graças a este jeito tipicamente brasileiro, que ele e seu companheiro de equipe Carlos Probst ganharam por eleição direta o prêmio "Espírito de Equipe" durante o Camel Trophy em Bornéu, Indonésia, no ano de 1985, uma espécie de rally pelas piores trilhas do planeta. **É o simples prazer da aventura, já que a prova não dá prêmios em dinheiro. Foram três semanas e quase 20 horas por dia, atravessando trilhas e áreas totalmente virgens.** Mas isso não abalou este virginiano com ascendente em Libra e lua em Sagitário. Seu mapa astral atesta um pragmatismo latente, e uma necessidade de observação e comunicação constante, o que é uma de suas fontes de equilíbrio.

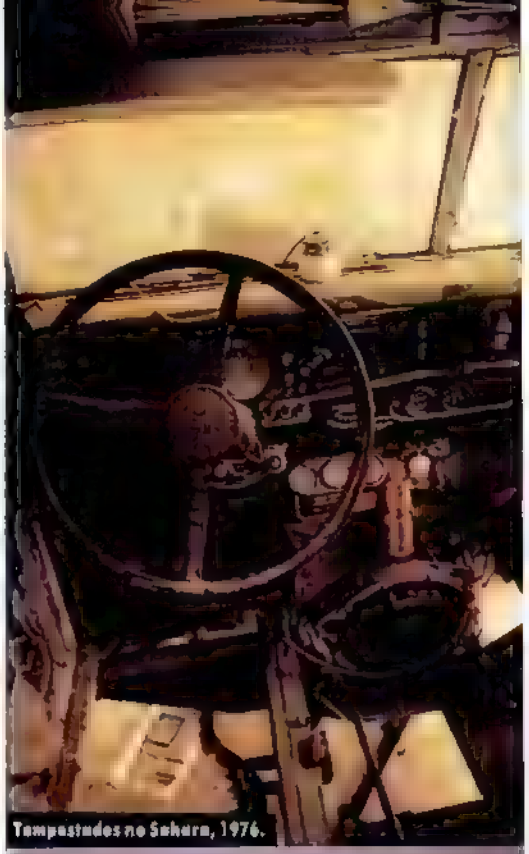
Carlos considera Tito mais do que irmão, já que irmão não se escolhe, e faz uso de uma frase que o próprio Tito sempre utiliza:

– A vida é como um grande arco-íris. A maioria das pessoas fica o tempo todo preocupada, tentando alcançar o pote de ouro que está no final dele. Outras apenas admiram o arco-íris. O Tito é aquele tipo raro que curte o arco-íris, ao invés de se preocupar com o pote de ouro que está no final.

LEGALIZE!

Tito morou durante um ano e meio dentro de uma Kombi. Uma combinação "quase que perfeita" de casa e meio de locomoção. Ele a apelidou de "Kombi-Home". Tentou por algum tempo trabalhar na empresa Ica Press - uma agência de notícias comprada do pai, junto com a irmã. Não deu certo. Achou que o benefício financeiro não compensava o sacrifício emocional.

– O executivo brasileiro produz pouco e trabalha muito. Os horários que os executivos põem


Tempestades no Sahara, 1976.

Mauritânia, 75.

Um BC-3-home, Califórnia, 78.

Espanha, 74.

Casa de amigos, CA, 78.

fotos: arquivo pessoal

Surfari na Barra da Tijuca, Rio, 1966!!!

O pioneiro Maraca, descobrindo Geribá, em Búzios, 1967!!!

Tito Surfboards, 1973.

Surfari em Guaratiba, 1966. Da esquerda pra direita, Rossini Maranhão (Maraca), Glauco e Edgar Gordilho.

Prainha, Rio, 86

carlos lorch

Libéria, 76

Tito, carnaval de 1952.

Tito, Copacabana, 1948.

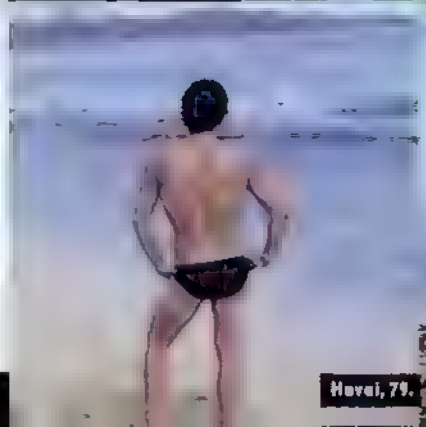
Guatemala, 80

Badus de madeirit, Arpoador, 1963!!!

Fotografando com John Hansen, 1.ª reportagem sobre o Brasil para a *Surfer*, 1966.

Tito, uma foto histórica, 1967

arquivo pessoal/orlando abrunhosa



Havai, 79.

Marrocos, 7[illegible]

dentro dos escritórios da vida, são enormes.

Definitivamente este não é seu estilo. Tentou inclusive, incentivado pelo pai jornalista, Luiz Rosemberg, seguir esta carreira. Trabalhou algum tempo na revista *Manchete* como repórter e chegou à conclusão que entrevistava pessoas invariavelmente desinteressantes e que nada lhe diziam.

Tito é uma pessoa meiga, amiga e paciente. Seu amigo Evandro Mesquita diz que "nunca vou amadurecer, porque quando isso acontecer vou cair do galho". E Tito concorda. E se for preciso, diz, "serei verde sempre". Aliás, é esse seu partido. Consciente dos problemas que afetam o meio ambiente, tratou de se engajar no Partido Verde, onde é defensor ferrenho da campanha "Legalize". Em Búzios, onde tem casa, e foi dono do Bar Gitane na Praia dos Ossos, Tito é um verdadeiro guardião. Luta contra a especulação imobiliária, sujeira em ruas, praias e outros danos que o mau planejamento urbano provoca.

Tito é contra os apelos comerciais que induzem à aquisição de objetos de "satisfação imediata, e frustração a longo prazo". Gostaria de ver "as pessoas mais humanas, alimentadas de amor". O ser humano é "depredador da espécie", diz triste. Mas, logo se recompõe e se auto-intitula um "otimista incorrigível". Ele é contra qualquer tipo de discriminação e repressão. **Leva este lema ao extremo: não usa cueca e muito menos camisa-de-vênus. Nada que restrinja o movimento.**

– A ejaculação é uma forma de expressão do homem.

Concorda com o cientista e Prêmio Nobel de Medicina Albert Sabin, quando diz que "o problema da Aids simplesmente não existe, se comparado ao de milhões de crianças que ainda morrem de sarampo em todo mundo". E completa:

– Há medo demais e repressão sexual em grande escala. Tudo por culpa de um enorme erro de avaliação.

POLIGAMIA SIM

Desiludido com as mulheres - que acha "um tanto quanto submissas" - Tito não deixa de adorá-las. Já foi casado duas vezes. Mas não teve filhos.

– Filhos exigem certa imobilidade e tempo. Ainda não me considero preparado e disponível para isso.

Na primeira vez, foi casado sete anos com a americana Lorraine. Na segunda, com a irlandesa Stephàne. Os dois casamentos lhe renderam visto permanente nos Estados Unidos e na Inglaterra, lugares onde vai todos os anos. Atualmente, namora Telma Rocha, 34 anos, dentista. Mas ambos se declaram polígâmicos convictos, e são a favor da "promiscuidade com dignidade".

Cansado de morar com outras pessoas quando voltava das viagens, resolveu comprar seu próprio canto no Rio. Um grande e confortável apartamento de frente para o mar na avenida Nie-

Mauritânia, 75.

Descendo o São Francisco de moto.

Barnéu, 85

Libéria, 76.

Desbravando o Senegal, numa expedição da Surfer
Foto de Craig Peterson, 1976.

fotos: arquivo pessoal

ino Colessanti, que agora aparece como ator no filme *Sonho*
rise, deslizando de prancha, 1965!!!

Lago Atitlan, Guatemala, 80.

Santa Barbara, CA, 1975.

Descendo o São Francisco.

A galera nos "bons tempos"; ao volante Panko, depois, da esquerda pra direita, Marcelo, Armando Serra, Mário Pepinha, Valéria, Suzi, Pauletta, Johnny Hansen e Beth Henshaw.

Mauritânia, 75.

meyer, São Conrado. A sala é repleta de atlas, livros e discos, suas paixões. Cita *Sidartha*, de Herman Hesse e *A Morte da Família* e *Gramática da Vida*, de David Cooper, como livros que "fizeram sua cabeça". Kitaro, Andreas Vollenweider, Eberhara Weber, Steven Halpern, Phillip Glass, Tom Waits e Willian Ackerman são alguns dos sons que Tito ouve há uns oito anos. É o estilo de música que embala seu ambiente, uma mistura de casa e escritório. Os atlas, todos indicando a África, seu próximo ponto.

– É uma espécie de energização, pensamento positivo. Nossa determinação e força empregadas para alcançar um objetivo é muito importante para o nosso sucesso.

Isso não basta. Há 10 anos Tito joga búzios com a mãe-de-santo Vózinha.

– No Brasil, terra onde o dia-a-dia já é uma forma de aventura, não há como escapar do espírito de aventureiro.

Depois de sete anos de análise, Tito chegou a conclusões:

– A sanidade mental é o equilíbrio entre você saber o suficiente de seu futuro para não ficar angustiado, nem conhecer demais para que não lhe traga tédio.

Passou por vários equívocos. Certa vez foi preso na África confundido como um espião russo. Depois acharam que ele era da CIA, e foi preso de novo. Sua inseparável prancha de surf, no teto do carro Land Rover, já foi confundida com antena de radar e equipamento de prospecção de petróleo.

Garçon, cantor, jornalista, surfista, construtor, ator e escultor.

– Minha especialidade é trocar de profissão.

Em sociedade com o amigo Kiko, abriu uma produtora chamada Tito Kiko no Fubá Produções. ("Jack of all trades, master of none", ou seja, "João de todas as profissões e mestre de nenhuma"). Ele é a própria "metamorfose ambulante", tão cantada por Raul Seixas. Mas uma das profissões que mais o fascina é o trabalho em teatro. Quando mais novo, chegou inclusive a fazer teatro grego.

– No teatro você tem permissão para enganar as pessoas, elas estão ali para ouvi-lo contar uma estória. É uma ótima sensação.

É o que Tito diz em seu livro *Aventuras no Camel Trophy*, já em sétima edição com mais de 40 mil exemplares vendidos. Mas, longe de terra, areia e buracos, ele é um consumidor muito requintado. Usa a colônia Eau Sauvage, da Christian Dior, o creme de barbear americano Noxema e a pasta dental Crest. Tem trauma de infância. Aos sete anos foi mordido por um macaco na porta do cinema Roxy, em Copacabana. Animais, só um cachorro Labrador preto, chamado Pitu Rosemberg, que mantém em sua casa em Búzios. Tito foi um péssimo aluno: **matava aula no Bar Veloso, quando Tom e Vinícius compunham a música que deu o atual nome ao bar, Garota de Ipanema. Tito e seus amigos passavam por lá com suas**

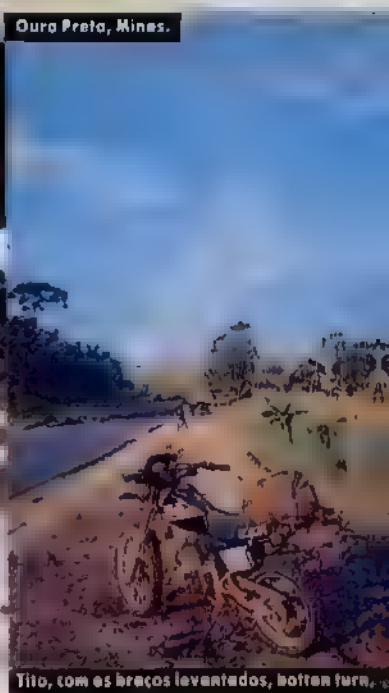
Tito, Arpoador, 66.

Sahara, 75.

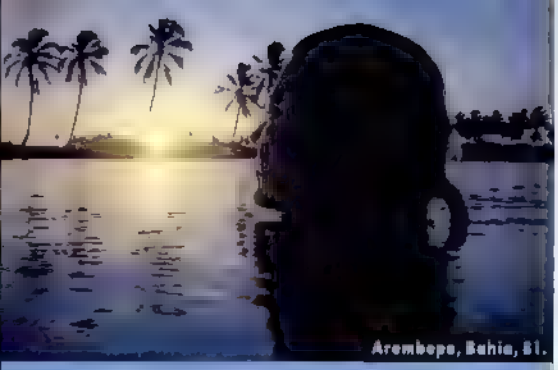
Arpoador, 66.

Tito, soprando vidro em Sevilla, USA, 79.

Ouro Preto, Minas.



Tito, com os braços levantados, bottom turn.



Arembepe, Bahia, 81.

Tito e Maraca, surfari em Saquarema, 67.

UNIDOS DO BRASIL

Matrícula N.º 1212

Categoria "A"

TÉRIO DA GUERRA

Região Militar

CARTEIRA DE MOTORISTA MILITAR

Decreto-lei n.º 9.602, de 23-8-1946

Fornecida pelo 32 G A Cos M- Leblon

2ª VIA

Nome Tito Rosemberg

Pôsto Soldado

Data 22 Fev 55

Marcel Padilla, Ten Cel Cmt

(Nome do Pôsto)

Penhó, a primeira viagem à Saquarema, 1966.

Tito, Libéria, 76.

pranchas a caminho do mar, o que, segundo ele, inspirou Tom Jobim a escrever a letra da música "Wave".

A TRAVESSIA DO MUNDO

Tito morou na lendária Abbey Road, em Londres, onde assistia aos shows de Jimi Hendrix. Lá, executou tarefas a paquistaneses e sul-americanos que residem no país sem o devido visto e lavou pratos no subsolo de restaurantes. Com os 500 dólares que sua mãe havia lhe entregado para comprar uma passagem de volta em caso de emergência, em uma semana comprou um carro Austin-mini. Com três argentinos fez planos de ir à Índia. Foram seis meses. Quatro homens, quatro mochilas e dois violões. Quando chegaram na Turquia, Istambul, resolveram voltar. Só na Grécia passaram dois meses. Chegando em Biarritz foi trabalhar com Bob Cooper na fábrica Barland-Roth, onde se produz uma das mais tradicionais pranchas de surf francesas.

Trabalhou durante dois anos na fábrica de pranchas Gordon & Smith, numa produção de 300 pranchas por semana. Comprou um Karmann Ghia 1957, seu primeiro ano de fabricação, e foi conhecer todo os Estados Unidos.

Ficou seis meses velejando no Caribe e foi surfar em Porto Rico. Depois de cinco anos vivendo no Exterior, resolveu voltar e encontrou aqui mercado para fabricação de pranchas de surf. Voltou aos Estados Unidos e ficou um ano se aperfeiçoando. Foi quando, na volta, abriu aqui sua própria fábrica de pranchas, a Tito Surfboards, que durou três anos. A maçã desenhada na prancha sugeria pecado e era símbolo de qualidade. Tito diz que na época era a melhor prancha do mercado. Eram feitas por ele próprio, que não se importava em limitar a fabricação em apenas duas pranchas por semana para garantir um bom acabamento. Gary Linden, um dos mais conceituados shapers da atualidade, considerado um dos três melhores da Califórnia ao lado de Al Merick e Rusty Prisendorfer, trabalhou com Tito na fábrica que ficava no Recreio dos Bandeirantes, Rio.

De lá foi para Nova York, onde ficou três meses com um amigo que sofreu de "stress urbano" e acabou num hospício. Para não lhe acontecer o mesmo, foi correndo pra Califórnia, onde **trabalhou como iluminador nos shows do Grateful Dead, o papa do psicodelismo na época. Morava dentro da Kombi e chegou a passar fome, mal alimentado e fraco, sem forças para surfar.**

A ERA JEEP

Até que, depois de três anos e muitas ondas, por intermédio de um inglês, ele foi apresentado ao carro Land Rover. A partir dali começou esse romance que se estende até hoje. Com o dinheiro da venda da fábrica de pranchas, encomendou o carro na Inglaterra. Dali, via Gibraltar, alcançou a

Camping em Saquarema, 1966. Da esquerda pra direita, Hillinho, Renée, Alexandre e Penhó, no alto do pranchão. O quinto da turma fez a foto: Tito Rosemberg.

África e foi até o Marrocos, pegando onda. Voltou para a Europa, deixou o carro na França e foi para os Estados Unidos juntar grana. Lá trabalhou seis meses como garçon. Voltou para a África e cruzou o Saara através da Mauritânia, a procura de novas praias para a prática do surf. Ele e o fotógrafo Craig Peterson faziam reportagens para a revista americana *Surfer*, o que lhes garantia a manutenção de metade da viagem. Depois de quase três anos na África, voltou à Califórnia. Foram mais quatro anos. Dois na Califórnia, sendo que o primeiro deles como escultor assistente de James Hubbell, e outro como garçon no restaurante Triton, à beira-mar. Os outros dois anos foram como construtor em Seattle, quase fronteira com o Canadá.

Metido em ônibus e trens durante três meses, acompanhado da mulher loura e bonita, Stephane, voltou ao Brasil. Saltaram em plena rodoviária Novo Rio, saindo de um ônibus viação Cometa. Depois veio Búzios, Camel Trophy e agora de novo o Saara. O Brasil, na verdade, ele conhece bem menos do que gostaria. E para resgatar isso, em 1986 tirou duas semanas numa moto XLX 250 e margeou todo o rio São Francisco. Da nascente, na Serra da Canastra até a foz.

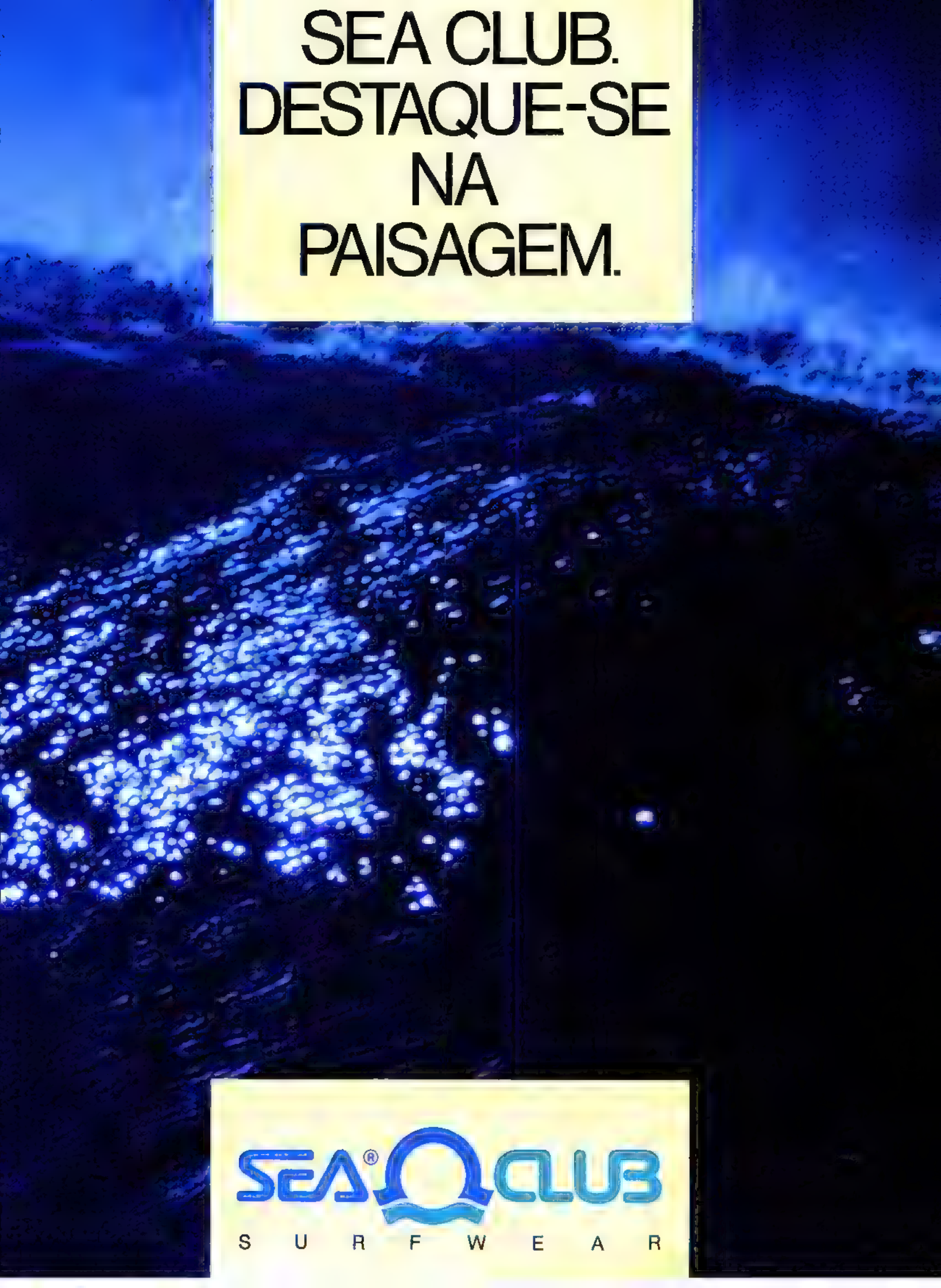
Dos lugares do Brasil, o mais bonito para ele é a Ilha Grande, no Rio. Não entram no páreo o arquipélago de Abrolhos e a Ilha de Fernando de Noronha, que promete conhecer ainda. Fora do país, cita uma cidade chamada La Conner, ao norte dos Estados Unidos, perto de Seattle, onde viveu três anos. E outra pequena cidade no Atlântico, ao sul de Biarritz, chamada Guetary, considerada por ele um dos melhores lugares da Europa, onde encontrou ótimas ondas e amigos. Coisas indispensáveis para viver feliz e se sentir em casa. Coisas de aventureiro.

fotos: arquivo pessoal

FG

Materiał chronionyprawem autorskim

SEACLUB
CLUB


SEA CLUB.
DESTAQUE-SE
NA
PAISAGEM.
SEA® CLUB
S U R F W E A R

OS POINTS SEA CLUB.

AMAZONAS

MANAUS: Play Boy

BAHIA:

CAMAÇARI: Dikara • **CRUZ DAS ALMAS**: Saci • **EUNÁPOLIS**: Star Jeans • **FEIRA DE SANTANA**: Beijo na Boca H2A • **ILHÉUS**: D.K. • **JOAZEIRO**: Pedrão Modas • **SALVADOR**. Correct Star - Ferramenta do Corpo

DISTRITO FEDERAL:

BRASÍLIA: Dallas Livre Importadora Universal

ESPÍRITO SANTO:

CACHOEIRO DO ITAPEMIRIM Boutique Solange • **CARIACICA**. Bagage • **ITAPERUNA**. Vila Jeans • **VILA VELHA**. KGB - Liliana Confecções • **VITÓRIA**. Vila Jeans - KGB

GOIÁS:

GOIÂNIA: Di George

MINAS GERAIS:

BELO HORIZONTE: Avenida Homem e Mulher - Lee Importadora - Western - Yankee Yaia • **CORINTO**: Jeans Center • **IPATINGA**. Danny Jeans • **JUIZ DE FORA**: Credvest - Delmonte São João Drops • **MONTES CLAROS**: Etiqueta Sport Raio X • **PATROCÍNIO**: Stock Modas • **POÇOS DE CALDAS**: Gardens Modas - Tutti Modas • **SÃO JOÃO DEL REI**: Marcio Vale Special • **TAGUATINGA**: Leme Importadora • **UBERABA**. Minerva Esporte - Irmandão - Ximbica Modas • **UBERLÂNDIA**. Doni Fernando • **TEÓFILO OTONI** Peter's Jeans

MARANHÃO:

IMPERATRIZ: Tony Modas

PARÁ:

BELÉM, Jomag - Lojas Visão - Y Yamada

PARAÍBA.

CAMPINA GRANDE: Tropiku's • **JOÃO PESSOA**. Jeans Surf

PARANÁ.

ANDIRÁ: 40° Boutique • **APUCARANA**: Cartola • **CIANORTE**: A Brasileira • **CORNÉLIO PROCÓPIO**: Cartola • **CURITIBA**. Feral Sport - Jeanstock Vida Livre • **LONDRINA**: Biboca Cartola Sergio Magazine • **MARINGÁ**. A Brasileira Lojas Genko • **PARANAVAÍ** Chad Modas • **UMUARAMA**: Nivaldo Magazine

PERNAMBUCO:

RECIFE. Pacific Shore Surf Rakat

RIO DE JANEIRO:

CABO FRIO: Loko Maikaii • **CAMPOS**: A. R. Modas Free Wave New Sport Oku Oku - Toni Modas • **NOVA FRIBURGO**: Sensual Fashion • **NITERÓI** Físico E Forma Moutrin Jeans • **PETRÓPOLIS**: Moustache • **RIO DE JANEIRO**: Alex Battery - Bolt Shop - Camping Tur - Físico E Forma Varese • **SAQUAREMA**. Chante Modas • **VOLTA REDONDA**. Span Modas

RIO GRANDE DO NORTE

NATAL: Etc e Tal Sport Wear - Love Boutique - Surf Shop - Parafina

RIO GRANDE DO SUL

BAGÉ: Tempo • **CAMAQUÃ**. Ferrão Confecções • **CANOAS**: Bronson Bronson Surf Shop • **CAXIAS DO SUL**. Fedrizzi • **CRUZ ALTA**. Traku's • **ERECHIM** 107 Surf Shop • **IJUÍ**: Buraku's • **LAJEADO**: Lojas Huffner • **NOVO HAMBURGO**. Casa Floriano • **PASSO FUNDO**: Dica Surf Ecco's Maré Alta Via Moron • **PELOTAS**: Timpano Modas • **PORTO ALEGRE**: Casa Lu - Huff 30 Graus Sul • **SANTA MARIA**. Trapiche - Vento Norte • **SANTANA DO LIVRAMENTO**: Caggiani Modas - Sayon • **SÃO BORJA**: Preferida Shop • **TAQUARA**: B. L. Jeans

RORAIMA:

BOA VISTA: Tentação Modas

SANTA CATARINA.

CAMBORIÚ: Aloha Surf • **CHAPECÓ**: Casas Vitória • **FLORIANÓPOLIS**: Beco Vida Livre Joaquina Authentic Surf Shop • **ITAJAÍ** Vida Livre • **JOINVILLE**: Apolo • **RIO SUL**: Status Rio • **SÃO JOSÉ**. Postal do Sol • **TUBARÃO**: Takucha • **XANXERÊ**: Lorenci

SÃO PAULO:

ARAÇATUBA. To Much • **ARARAQUARA**. Bonnye & Clyde • **BARRETOS**. Marca Vermelha Tube • **BRAGANÇA PAULISTA**. Firenze Magazine • **CAMPINAS**: Cameron Roupas - Jeans Juction - La Marca Victory Modas • **CARAGUATATUBA**. Roxs Surf Shop • **CATANDUVA**. Lavinho's Jeans • **INDAIATUBA**. Kina Modas • **ITAPETININGA**: Center Matarazzo • **ITAPEVA**. Exclusive Shopping • **ITU**: Hobby Magazine - Hobby Sports • **JACAREÍ** Rosvaldo Modas • **JAÚ** Fred Jeans • **LIMEIRA**. Fergos • **MOGI DAS CRUZES**. Boutique Ver de Perto • **PEDERNEIROS**. Estampa Confecções • **PIRASSUNUNGA**. Verde Boutique • **PRESIDENTE PRUDENTE**. Jeans a Afins-Star Jeans • **SANTA BÁRBARA D'OESTE**. Etqueta Modas • **SÃO CARLOS**: Katita Boutique • **SÃO JOSÉ DO RIO PRETO**: Salion Jeans - Sercel Modas - Sercel Skate Shopping • **SÃO JOSÉ DOS CAMPOS**: B. B. C. - Rosvaldo Modas Ver de Perto • **TAUBATÉ**: Ponto Quatro • **TUPÃ**. Koisa e Tal • **UBATUBA**: Casa Fernandes Magazine • **VINHEDO**: Desce Escada • **GUARUJÁ**. Oneill Brazil / Pitangueiras - Oneill Náutica / Enseada - Oneill Surf / Boulevard • **SANTOS** Pant's Jeans • **SÃO BERNARDO DO CAMPO** Know How Brazilian Surfer • **SÃO PAULO**: Dampa Sportswear Franete Surf Shop Gal Gal Lifestyle Mustabi Natural World Opus Dive - Oahu Surf Shop - Sun Country - Star Point - Tasty Modas • **SÃO VICENTE** Gustore • **SÃO JOÃO DA BOA VISTA**. Chiquita Bacana

ESCRITÓRIOS REGIONAIS

Telefones/Contato

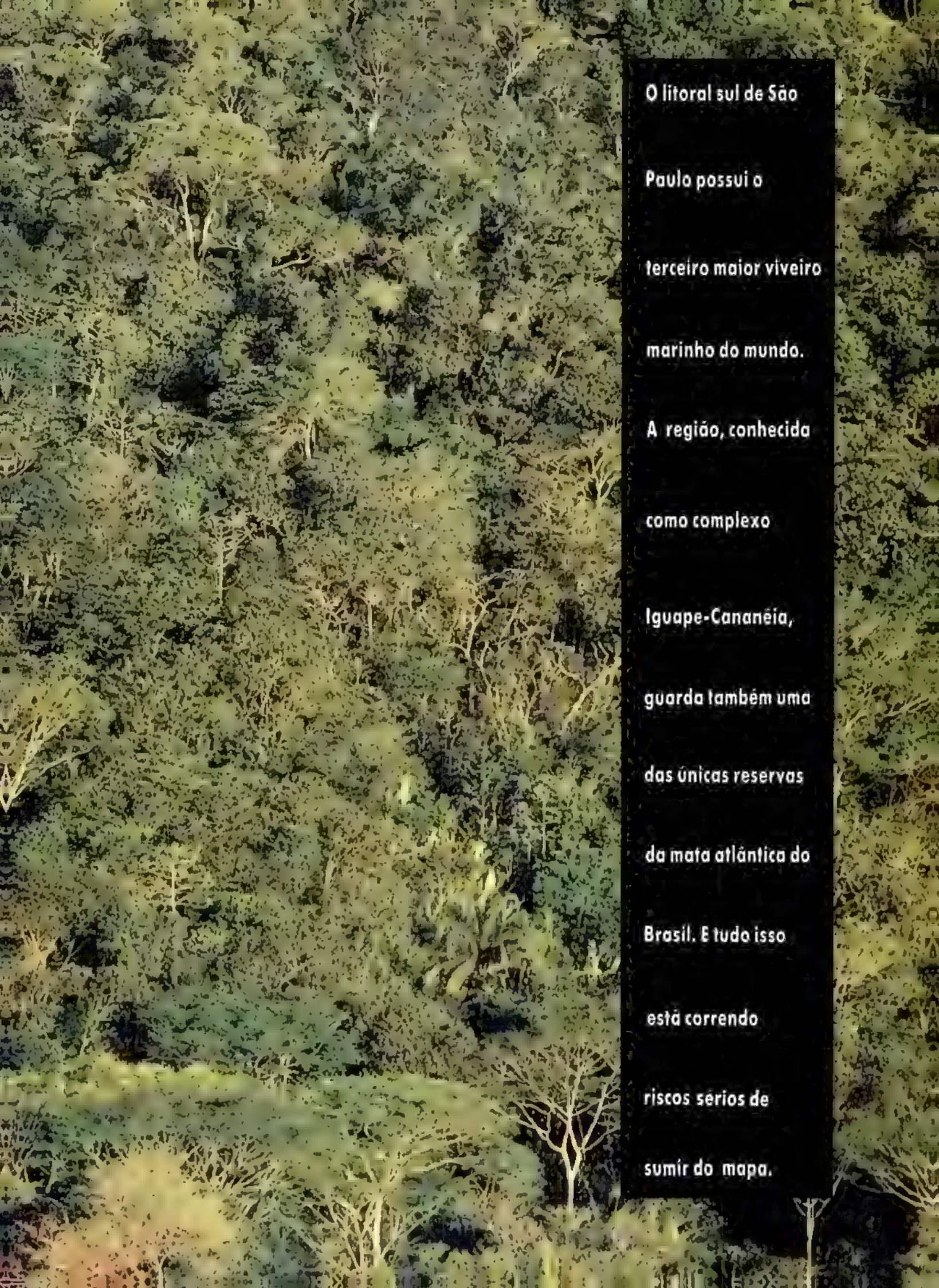
BELO HORIZONTE (031) 225.2244. Sr. Luiz Henrique
CAMPINAS (0192) 51 4811/Srs. Marucci e Hélio
CURITIBA (041) 222 5770/Sr. Mielli
PORTO ALEGRE (0512) 22.1522. Sr. Pajak
RIO DE JANEIRO (021) 210 1351/Sr. Marcus Vinicius
RECIFE (081) 224 1533/Sr. Sampaio
SÃO PAULO (011) 549.9144/Sr. Stocco

SPY
sunglasses
Vendas atacado e varejo:
Av. Povoa, 897 - Tel.: (011) 533-6053/543-6048
ARRISQUE TUDO, MENOS OS SEUS OLHOS

2 fábricas. 22.000 funcionários. 9 restaurantes: 400.000 refeições por mês. 5 ambulatórios, 2 enfermarias: 14 médicos, 25 enfermeiros e auxiliares de enfermagem. 2 linhas de ônibus circulares. 26 "carteiros": 400 quilos de correspondência por dia. 2 gráficas. 1 revista mensal: 25.000 exemplares. 1 "corpo de bombeiros": 54 bombeiros, 458 auxiliares. 2 padarias: 20 mil pãezinhos por dia. Essa verdadeira cidade, que recolhe mais impostos que a maioria dos municípios brasileiros, chama-se General Motors do Brasil. A capital do automóvel.

GENERAL MOTORS, BRASIL. UMA CIDADE COM MAIS HABITANTES QUE GENERAL CÂMARA (RS), MAIS MÉDICOS QUE GENERAL CARNEIRO (PR), MAIS BOMBEIROS QUE GENERAL MAYNARD (SE), MAIS RESTAURANTES QUE GENERAL SALGADO (SP), E MAIS FÁBRICAS QUE GENERAL SAMPAIO (CE).

MATA
TA



O litoral sul de São Paulo possui o terceiro maior viveiro marinho do mundo. A região, conhecida como complexo Iguape-Cananéia, guarda também uma das únicas reservas da mata atlântica do Brasil. E tudo isso está correndo riscos sérios de sumir do mapa.

Nem tudo está perdido. Ainda existe a Mata Atlântica. Ali, a duzentos quilômetros de São Paulo, no Vale do Ribeira, litoral sul do estado, os deuses da mata reservaram um último reduto para exercer seus poderes. São oito mil quilômetros quadrados de mata tropical intacta, integrados num verdadeiro santuário ecológico – um dos principais ecossistemas do planeta, segundo a ONU.

O que torna a região especial não é apenas a mata, com suas variadas espécies vegetais e animais, mas também a geografia do lugar. Os rios e as florestas descem as encostas da Serra do Mar até o litoral, onde encontram ilhas muito próximas ao continente, formando um grande estuário de canais e lagoas de água salobra. Os rios estão sujeitos aos ciclos das marés e alagam periodicamente as baixadas, produzindo extensos mangues. Dentro deste habitat a vida é abundante de aves, peixes, animais e homens: o caiçara, que pesca apenas para sobreviver e vive em harmonia com seu meio. O equilíbrio que se dá é perfeito: os rios carregam a massa orgânica da mata para os manguezais, que alimentam aos peixes que, por sua vez, alimentam o caiçara. Se qualquer elo desta corrente for quebrado, os outros estarão igualmente ameaçados.

Toda essa região recebe o pomposo nome de Complexo Estuarino Lagunar de Iguape-Cananéia, mas podem chamar simplesmente de Lagamar. Foi descoberta há muito tempo, quando Martim Afonso de Souza, na primeira expedição portuguesa ao Brasil, em 1531, entrou com suas caravelas pelos mares internos da região e fundou o primeiro povoamento em terras brasileiras: Cananéia. Naquela época, a Mata Atlântica cobria uma área de 350 mil quilômetros quadrados, praticamente todo o litoral. Hoje está reduzida a pequenos focos entre o Espírito Santo e Santa Catarina e é no Vale do Ribeira onde se concentra sua maior porção sobrevivente. Por isso sua importância fundamental.

UM MUNDO DESCONHECIDO

"Não há floresta igual no mundo", diz o biólogo e fotógrafo João Capobianco, que há três anos preside a Associação em Defesa da Juréia, uma praia da região. Segundo ele, nem mesmo a Amazônia é comparável à Mata Atlântica.

– É uma floresta de características próprias, porque fica junto ao litoral. E certamente possui muitas espécies vegetais ainda não classificadas pelo homem.

Com suas praias, cachoeiras, piscinas naturais, pesca abundante e muitas riquezas, é de se estranhar que tenha se mantido incólume durante tanto tempo. Mas foi a própria natureza que isolou a região. A Serra do Mar sempre impediu o acesso de rodovias e ferrovias e, afora ocasionais surtos de desenvolvimento, toda aquela faixa do litoral permaneceu à margem dos eixos econômicos e do interesse turístico.

Justamente para tentar evitar uma ocupação desastrosa, foi criada a Fundação SOS Mata Atlântica, que vem realizando um trabalho importante na área (veja box). Entre as atividades realizadas pela Fundação, encontra-se um dossiê com um verdadeiro raio-X da região. E os dados são surpreendentes.

Para começar, sabe-se que esta mata desenvolve uma média de 150 espécies diferentes de árvore em cada hectare, incluindo uma enorme variedade de madeiras de lei, como jequitibá e canela. Calcula-se que só de bromélias existam cerca de duas mil espécies diferentes, algumas totalmente desconhecidas. A mata funciona como suporte e abrigo de espécies animais em extinção acelerada e nela podem ser encontradas desde onça pintada, capivara, anta e veado até tamanduás e gambás. As aves também são muitas, destacando-se o gavião real, o flamingo e o socó. Os três mil quilômetros quadrados de mangue constituem uma verdadeira mina de vida, produzindo um substrato de pequenos organismos que é o principal alimento de 90% das espécies da região. E não são poucas as espécies: a União Internacional para a Conservação da Natureza considerou o lugar como o terceiro maior viveiro marinho do mundo.

E o que dizer das turfeiras? Turfas são antigas lagoas que acumulam, durante milhares de anos, restos de vegetação, tornando-se um caldo orgânico, um minério de enorme potencial energético. Com ela é possível produzir óleo combustível, fertilizantes, ceras, óleo comestível e produtos medicinais. Na Mata Atlântica existem 160 milhões de metros cúbicos de turfa de boa qualidade – o que, transformado em dolares, pode equivaler a 21 milhões de barris de petróleo. Além de turfas, há muitos outros minérios, um potencial ainda incalculável. Ouro é um deles: a região, na verdade, já conheceu momentos rápidos de glória com a descoberta de ouro de aluvião nos rios. O ouro ainda existe, assim como a ilmenita, e há indícios claros de mais de uma dezena de minérios de alto valor comercial.

MERCÚRIO NO RIO

Tudo isso num cenário que lembra os primórdios da criação do mundo. A água é salpicada de cardumes de peixes e os golfinhos brincam despreocupadamente à beira-mar. Basta andar um pouco na mata para se ver pássaros dos mais diferentes tamanhos e não é difícil encontrar rastros de onça no caminho. O tempo transforma-se rapidamente em tempestade, com rajadas de vento que arrancam os telhados das casas. Chove muito e intensamente. As noites são agitadas de ruídos e o Joá canta. Os manguezais lembram a paisagem de outro planeta, com seus caranguejos coloridos e árvores de raízes aéreas.

"A região é sagrada. Temos que protegê-la de qualquer jeito", diz Cleiton Ferreira Lino, diretor do Departamento de Parques e Áreas Naturais da Secretaria do Meio Ambiente, e também diretor técnico científico da Fundação SOS Mata Atlântica. Segundo ele, a importância da região não se restringe à mata.

– Lá encontramos também um dos mais importantes sítios arqueológicos do litoral, com uma grande quantidade de sambaquis. Além disso, a região possui muitas ruínas históricas, porque foi onde iniciou-se a colonização do País. E, finalmente, a cultura do caiçara é uma riqueza quase milenar, perfeitamente integrada ao meio ambiente.

Cleiton lembra também que, dos doze grandes estuários que existem no Brasil, a região da Mata Atlântica é a única que se conserva quase intacta.

Mas, como não há controle a região corre riscos. Porque as riquezas naturais, a beleza e a proximidade com os grandes centros urbanos começam a atrair os interesses comerciais e o turismo desordenado. As madeireiras enviam jagunços armados para extrair madeira de lei em quantidade inescrupulosa. A pesca predatória surge com os barcos de grandes armadores

que não respeitam as épocas de reprodução dos camarões nem o tamanho das ostras. O mercúrio usado no garimpo do ouro aparece nas águas dos rios. Na ilha do Superagui enormes barcaças retiram a areia para extrair ilmenita. Os loteamentos burlam as leis e se proliferam. Ilha Comprida é um exemplo de mau uso: se todos os lotes que foram vendidos possuírem fossa, a ilha afundará literalmente na merda, pois o terreno tem capacidade limitada de absorção. Em Iguape e Cananéia, as duas maiores cidades da região, os turistas aparecem em ondas cada vez maiores, inflacionando preços e permitindo a exploração. Em Maruja, um afastado vilarejo da ilha do Cardoso, o caiçara deixa de pescar para alugar sua casa a veranistas desleixados que largam rastros de lixo por onde passam. A extração do palmito pode ameaçar a espécie de extinção. A criação de búfalos, incentivada pelo Instituto de Zootecnia, tem servido de pretexto para queimar a mata e plantar pastos. O problema fundiário pode chegar a limites insuportáveis, com empresas de grande porte grilando terras e desalojando o caiçara para exploração comercial de minérios e madeira. E o mico-leão praticamente desapareceu nas mãos dos caçadores, que procuram sua pele de alto valor comercial.

CENÁRIO TRISTE

Existem boas intenções no sentido de preservar a mata. Prova disto é que a Serra do Mar já foi tombada e há mais de uma dezena de parques, estações ecológicas e áreas de proteção ambiental na região. Mas os guardas florestais são em pouco número, os processos jurídicos são lentos e as forças ocultas agem por todos os cantos. Ou não se faz nada ou se faz demais, a receita nunca sai no ponto. Um exemplo está na ilha do Cardoso, lugar que reúne todas as características ambientais da região, espécie de Galápagos do complexo estuarino. Em 1978 o governo estadual construiu na ilha uma base do CEPARNIC (Centro de Pesquisa e Recursos Naturais da Ilha do Cardoso) para servir de laboratório aos institutos de pesca, florestal, botânico e geológico. Mas exageraram. São mais de cinco mil metros quadrados de área construída, com alojamentos, casas e instalações de fazer inveja a muita universidade – incluindo uma frota de barcos, com balsa e voadeira. E desde que foi inaugurado, há doze anos, está praticamente inativo. O responsável local, o engenheiro agrônomo Joaquim Teotônio Cavalcanti Neto, utiliza as instalações da ilha para promover excursões de educação ambiental com estudantes e usa os equipamentos do centro para dar apoio à comunidade local. Faz o que pode. Há planos para, no futuro, transformar o centro num curso de especialização de gerenciamento costeiro, formando gente para trabalhar lá mesmo na região. No futuro, espera-se, muitos problemas do Vale do Ribeira serão resolvidos. Os deuses da mata observam.

UM SOS NA GARRAFA

Em 1986, um grupo de biólogos, jornalistas, empresários e ambientalistas que freqüentava o Vale do Ribeira, juntou-se para tentar evitar que esse último pedaço da Mata Atlântica também fosse devastado. O grupo deu boa liga e criou a Fundação SOS Mata Atlântica Seus objetivos: propor uma ocupação ordenada da regiao, divulgar sua importância e seus problemas, denunciar crimes ecológicos cometidos contra o meio ambiente, ajudar na realização de projetos científicos e promover o que chamam de turismo verde. No ano passado, a SOS Mata Atlântica foi formalizada e suas mensagens foram veiculadas através de uma campanha realizada pela agência de publicidade DPZ. A Fundação está fazendo um trabalho que o governo não pode fazer, ou seja, chamar a empresa privada para participar do movimento de preservação da região – utilizando os benefícios da Lei Sarney ou comercializando sua charmosa grife. A Hering, por exemplo, está imprimindo um bilhao de camisetas com o logotipo da Fundação, o que garantirá uma boa renda. Instalada numa ampla casa no bairro do Ibirapuera, em São Paulo, a Fundação consegue sobreviver também com doações de entidades ambientalistas e com contribuições, em dinheiro ou trabalho, de seus membros. Até agora tem ido muito bem: em apenas alguns meses de vida já conta com quase dois mil membros. Mas a Fundação tem pressa

– Se a devastação continuar no ritmo em que está agora, em doze anos a mata acaba – diz João Carlos Meireles, o vice-presidente

Faz parte das atividades da Fundação a criação de um departamento jurídico que pressione os processos envolvendo questoes fundiárias, um dos problemas mais graves da região. Além disso, qualquer projeto que atenda seus objetivos poderá receber o apoio da Fundação, que procura patrocínio e condições de viabilizá-lo

Um desses projetos é a edição de um livro com imagens produzidas pelo fotógrafo Araquém Alcântara, o autor das fotos desta reportagem. Trata-se de um importante documento sobre a regiao: Araquém vem executando um trabalho pioneiro na Mata Atlântica, e seu arquivo de fotos, colecionado desde 77 quando lá esteve pela primeira vez, tem mais de 5 mil imagens. Espírito empreendedor ("ecologista de combate", se auto-define) seu trabalho sobre a Mata faz parte de um tema bem mais amplo: a devastação ambiental do litoral paulista. Araquém conhece bem a questão. Nasceu e mora em Santos, da onde tem vista panorâmica sobre as belezas naturais da região e as agressões feitas a ela. Prova disto são suas fotos sobre Cubatão (publicadas na TRIP n.5), onde mostra o outro lado da questão, aquilo que a Mata Atlântica poderá vir a ser no futuro

– De um lado, vejo harmonia. Do outro, o caos, – diz ele, filosofando – Descobri que tenho o universo onde moro. R A

Quem quiser colaborar de alguma forma até com a Fundação SOS Mata Atlântica, pode anotar o endereço e os telefones da entidade avenida Brigadeiro Luiz Antônio, 4442, CEP 01402, Sao Paulo, SP Fones (011) 887-1195 e 887-0559 Não diga mais tarde que nao sabia

PARA QUEM TEM MUITAS HORAS DE VÔO.

WINGMAN

Wingman é o relógio ideal para quem vive nas alturas

Ele é moderno, resistente e tem um painel de leitura completo, com todos os principais cálculos de vôo, divisão, multiplicação, consumo de combustível, altitude, velocidade, distância e tempo de navegação

Como todo bom relógio, ele tem também alarme, timer, cronógrafo, bip de hora em hora, calendário e mostrador de horas análogo e digital.

Confie na qualidade e precisão de um Citizen Wingman. Um relógio como esse nunca vai deixar você no ar

THE SPORTING LIFE

CITIZEN

CITIZEN É UMA MARCA REGISTRADA DA CITIZEN WATCH CO JAPAN

Representante exclusiva no Brasil
TROP CA. EQU. PAMENTOS FOTO ÁUDIO S A

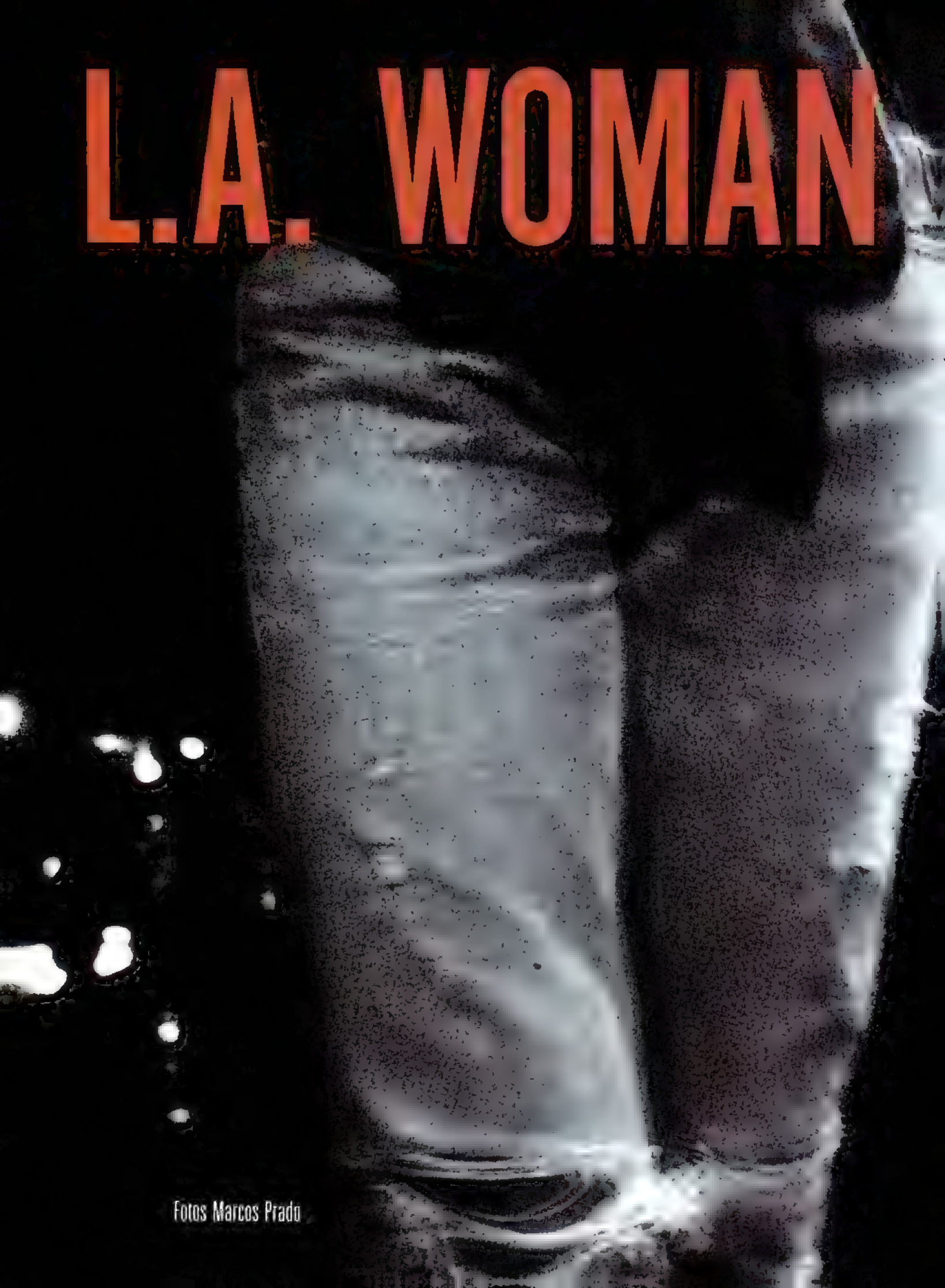
Produzido na Zona Franca de Manaus

IB 004 00E

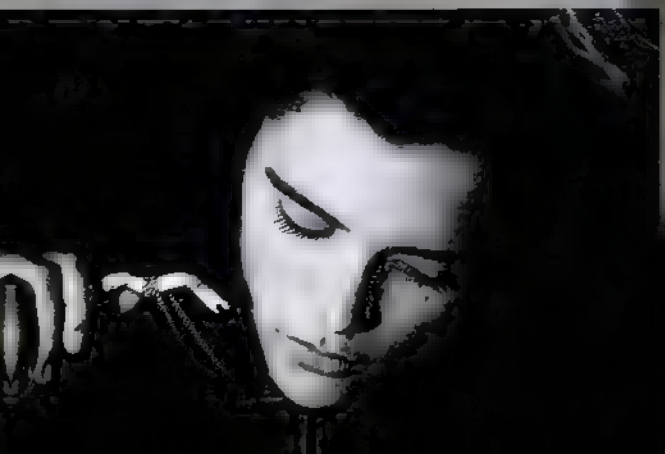
(011) 531-4266

THE BEST TAKE IT TO THE BEACH

L.A. WOMAN



Fotos Marcos Prado



Fim.

AIR MAIL
SMALL PACKET
P.O. BOX 752, CAL-
Por Ana Maria Bahiana

FORNIA
A Califórnia é começo,
meio e fim de tudo.
É lá que as principais
movimentações do
underground
Wagner
Zé Paulo,
Teco
todos
O objetivo
surf internacional
A melhor consequência
respirar o dia-a-dia do
que a América tem de
melhor, a Califórnia,
claro.

ohla sbruzzi/t ki

Ricardo Tatui evolui seu surf com linha atual e segura. Nas ondas californianas ele é conhecido como "hot young new pro". Cut-back em Ventura.

annibal neto

ohla sbruzzi/t ki

Tatui, bottom style em Solana Beach.

RICARDO TATUI

átila sbruzzi/hiki

Ricardo Tatui é carioca. Adjetivo que dispensa comentários. Desligado, não tá nem aí. *"I don't care"* – balançando os ombros. Futuro pra ele? Não interessa. O lance é a próxima onda. Mesmo não sendo a maior nem a mais perfeita, é ela faz ser. Surf limpo e radical. Nome feito no cenário amador do surf brasileiro e com algumas experiências internacionais que parecem não pesar muito na bagagem. Tatui fora d'água é uma figura simples. Dentro d'água, aqui no Pacífico californiano, é confundido entre os gringos e chamado de "Hot Young New Pro". O estilo é moderno, atual. Promessa? Não. É presente, quem viver vera.

Fernando de Souza

"You get hip to this kind of trip/ and make that California trip...". ("Route 66")

Considere o seguinte. O Atlântico é salgado, claro e morno – quase sempre. É um oceano conhecido, navegado, dos vikings às naus portuguesas, da Invencível Armada britânica aos submarinos russos, dos galeões holandeses às belonaves alemãs na Segunda Grande Guerra. De seu solo já se ergueram continentes e civilizações – Atlântida, Lemúria. São suas as águas que formam o Mediterrâneo, poço da escrita, da filosofia, da matemática, caldo das culturas. O Atlântico é um oceano familiar: de um lado se debruça a velha Europa, de outro a jovem América, e a África Ocidental – e as três, nem sempre com delicadeza, é verdade, conversam, num diálogo que já dura vários séculos.

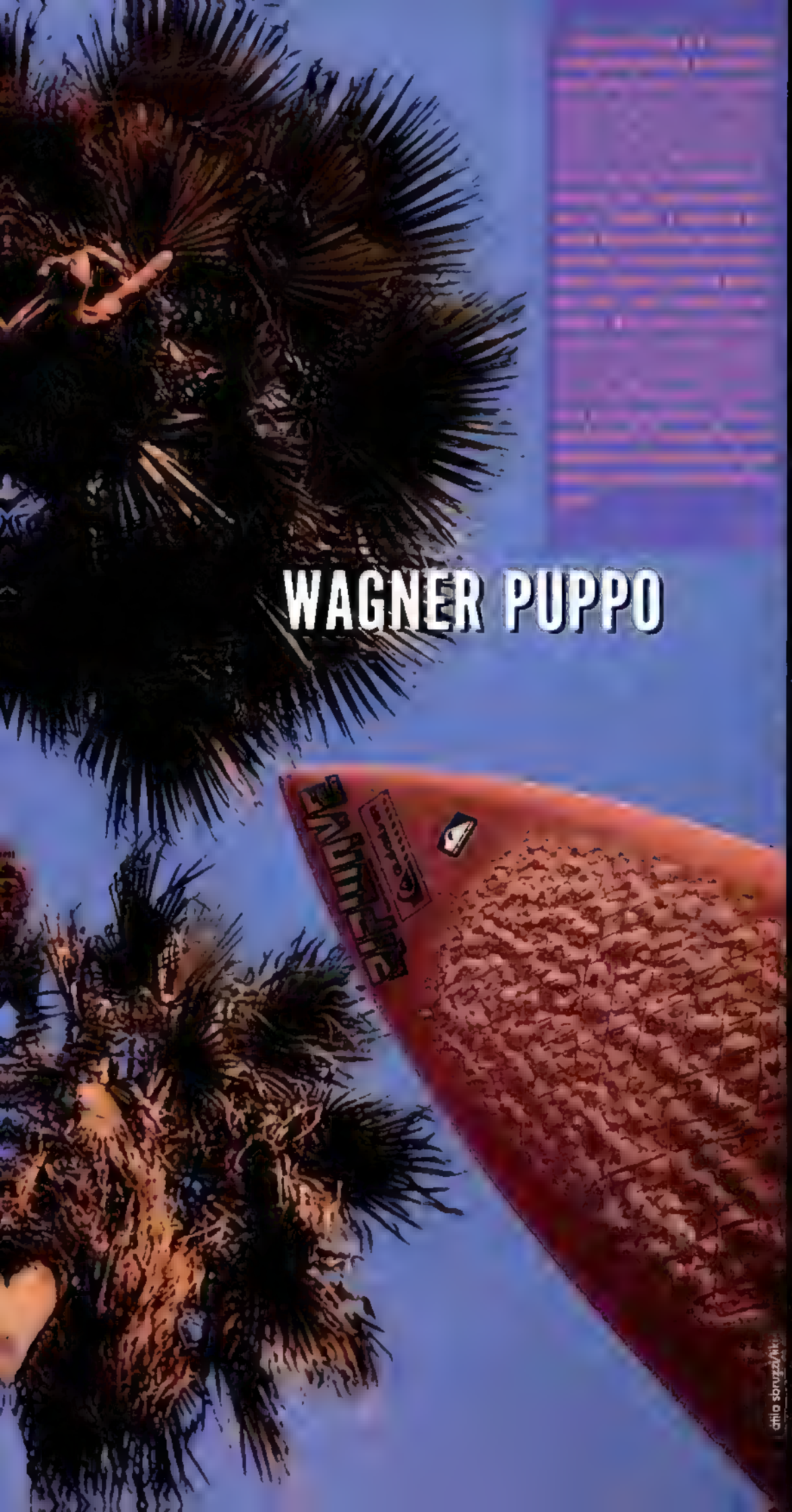
O Pacífico é doce, escuro e frio – quase sempre. Lá, diziam as lendas, e a Escola de Navegantes de Sagres e os cartógrafos mouros, moram monstros. Finis Terra, quem cruzasse sua invisível linha arriscava-se a cair no imenso vazio da imaginação humana, estimulada por aquela escuridão incompreensível. Seu solo treme, e regurgita vulcões – é uma terra que ainda não está pronta, Cracatoa e Bora Bora, Godzilla e Neukon, o demônio do Reino Abissal. Abismos, peixes sem olhos, fosforescências, ornitorrincos – o Pacífico é o desconhecido, o que ainda está por vir, o gigantesco Id do Planeta, o berço escuro das possibilidades, o lugar onde o sol nasce e onde sempre é amanhã – Austrália, China, Japão, Coréia – e Califórnia.

A NAÇÃO DO FUTURO

Não, a Califórnia não é americana. Isto é apenas uma firula administrativa, um estado intermediário que se tolera enquanto não se encontra solução melhor. Em sua bandeira há uma solitária estrela vermelha e a inscrição California Republic. Há 300 anos, a Califórnia era espanhola, latina, nos tempos do Zorro – Don Diego de la Vega – e das *missiones* que os terremotos, diligentemente, derrubaram (como previram os índios chumasch para os incrédulos *padres*). 50 anos depois, ela era um estado a mais do recém-independente México. Mais um par de décadas e um bando de aventureiros anglos tomou a província à força, estabeleceu um regime de socialismo anarquista e ergueu em Sonoma a bandeira do urso pardo, da estrela vermelha e da California Republic. O Governo Federal acabou com a festa 40 dias depois,

ánila sbruzzi/iki

ánila sbruzzi/iki



WAGNER PUPPO

e anexou a Califórnia à federação.

Uma ilusão, é claro. Montanhas Rochosas e desertos às suas costas, com a Falha de San Andreas espichada no meio, a Califórnia se debruça sobre o escuro, frio, imponderável Pacífico, e espera. Sua conversa é com o Japão, a Austrália, as Filipinas, a Coréia. Seu fuso horário tem três horas de diferença para o de Washington, e ela pouco se dá para o que acontece em Nova York. Sua gente é mestiça de todas as raças do planeta, brancos de toda origem, negros de todo canto – inclusive da África Oriental –, índios descendentes dos chumasch e dos maias e aztecas da América Central, asiáticos do Vietnã e da Birmânia e da Polinésia; sua fala é o inglês e o espanhol e o tagalong e o armênio e o japonês e o industão. Sua economia é a quinta maior do mundo – não a dos Estados Unidos, note bem, a economia *da Califórnia* é a quinta maior do mundo e seus *business* são alta tecnologia, cinema, vídeo, computadores, telecomunicações.

A Califórnia não pertence aos Estados Unidos ela faz parte de uma nova comunidade geopolítica, a nação do futuro, o continente invisível que se estende sobre o berço escuro das possibilidades: a Borda do Pacífico.

MONÓXIDOS HIPPIES

Se esta não era a visão que você tinha da Califórnia, console-se: para a imensa maioria das pessoas, a Califórnia ainda é uma imagem, não de futuro, mas de passado, algo ligado à hippielândia e ao espírito *laid-back* dos 70. São truques da terra – ela gesta assim suas transformações, alheia ao resto do mundo, o mundo Atlântico, europeu. Quando sua projeção de 15 anos atrás está-se fixando no consciente do mundo, ela já está em outro tempo – coisas do fuso horário, talvez. Considere, contudo que, lá por volta dos 60, foi daqui que se desenrolou o estopim da transformação, um abalo sísmico tão forte e tão profundo na face da América e do mundo que seus *aftershocks* podem ser sentidos até hoje: MTV e *rock business* e calças rasgadas e associações de pais e mestres em pânico contra drogas e rock' n' roll (como nos anos 50, mas isso já é outro papo).

Oh sim, é claro, é possível encontrar tardios frutos da hippielândia em toda parte, por aqui, é a proliferação de lojas de cristais, médiuns que "canalizam" entidades do astral, associações de bruxas e videntes e seminários de "auto-realização" – Shir-

Zé Paulo, finalizando com firmeza em Oceanside.

dila sbruzzi/kki

ZÉ PAULO

ley McLaine à frente – atestam isso. A *isso* se chama-se vagamente, hoje, "New Age", uma espécie de contracultura de terceiro estágio, contra, agora, no sentido de contraponto e não de antagonismo – os hippies de outrora, hoje em plena meia-idade e bem-sucedidos na vida, investindo dinheiro em si mesmos, pagando (e caro) pelo tipo de experiência que alguns trocados e um pé na estrada lhes garantiam, nos *sixties*.

Mas nas fronteiras dessa Califórnia existem outras tantas. A Califórnia preto e branco do vídeo de "Going Back Cali", de L.L. Cool J., Califórnia *cool* de asfalto e cimento e um sol sempre um tanto ou quanto enevoado, fog e fumaça de monóxido de carbono. A Califórnia duramente industrial do filme *To Live and Die in L.A.*, Califórnia de desertos cortados por freeways, aço e indústria. Califórnia do som industrial de bandas que brotam em Los Angeles, San Diego e San Francisco, que reverenciam Einstürzende Neubauten e acrescentam seu próprio toque – Califórnia: os ruídos daqui, ruídos de freeway e telecomunicações, a interpretação sonora do principal princípio californiano, a equação mobilidade = individualismo. (Nomes? Não, ainda não há nomes – é uma cena volátil e mutante, que tem dois anos de vida no máximo e se caracteriza pela vida extremamente curta de suas "unidades", as formações de "executantes". Até seus clubes são móveis, migrando de casa em casa ao longo das terças e quartas-feiras das cidades).

Califórnia feia, Califórnia dura – mas também Califórnia futura. Califórnia crack e heroína e gangs negras perpetuamente em luta, agrupadas em torno do altíssimamente rendoso negócio das drogas *hard*, e regidas por um código severo e misterioso de roupas, cores e gestos. Califórnia rap e scratch, politicamente envolvida exatamente contra essa guerra sem fim. Califórnia skate, surf urbano, surf do concreto – e, na trilha do skate, thrash e speed, os filhos bastardos de punk e metal, ainda mais alto, mais rápido, mais breve, trilha sonora da freeway e das manobras radicais, do universo pulverizado de suburbiatândia, da face oculta da Califórnia. Dramarama, Concrete Blonde e Faster Pussycat são nomes já digeridos pelo sistemão de rádio e disco, mas no subterrâneo – em Hollywood e no Vale de San Fernando e nos subúrbios ao norte da Baía de San Francisco – agitam-se Angst e Scram e Pontiac Brothers e L.U.L.L., e uma centena de selos indepen-

TECO PADARATZ

Se você estivesse à procura de um professor graduado para aprender surf, o indicado seria Flávio Padaratz. Criado e cativado pra ser um campeão, consciente disso, ele mantém atitudes dignas de já ser um. Audacioso e determinado, Flávio carrega consigo o estigma de ser agradável por onde passa. Seguidor do estilo de Tom Carroll, seu surf foi lapidado durante um mestrado de sete meses na Califórnia, onde levantou nove troféus de primeiro colocado. Teco já fez seu nome e tem uma qualidade fundamental: o carisma. Ingrediente básico para essa promessa de surf brasileiro estourar a nível mundial.

F.S.

A sincronia dos movimentos do catarinense Teco Padaratz chama cada vez mais a atenção dos norte-americanos. Garantindo títulos em campeonatos californianos, ele consolida a imagem de surfista audacioso, alguém determinado a superar sempre os próprios limites. Seqüência em Torrey Pines.

woody woodworth

dentes – SST, Frontier, Big Time, B.Y.O. – e dúzias de fanzines.

HORROR E DELÍCIA

E, *by the way*, Califórnia Hollywood mas também Califórnia cinema independente, Califórnia de Penelope Spheeris, investigando novamente as raízes da violência cotidiana, como em *The Boys Next Door*, agora em *Dudes*. Califórnia de *Repo Man* e de Harry Dean Stanton, e Califórnia de *River's Edge*, um filme-pesadelo sobre um fato real, um adolescente que, sem nenhum motivo, assassina sua namorada numa cidadezinha do norte do estado – a trilha sonora é só thrash, e as figuras mais impressionantes não são o assassino e seus amigos, mas o *dope dealer* messiânico vivido por Dennis Hopper, e o garotinho de 12 anos que entrega todo mundo, na fissura por birita e baseado.

Califórnia sonho *no more*, mas também nem sempre pesadelo. Antes Califórnia espelho exato, cristal de quartzo, ar do deserto. A cidade de *Blade Runner*, se você se lembra bem, é aqui – Los Angeles pra lá de 2000, chuva ácida e camada após camada de estruturas, prédios, freeways. E quando Harrison Ford e Sean Young escapam, é para a outra Califórnia – o horizonte infinito onde é sempre verão, essa mágica louca de ser sempre horror e delícia, lado a lado.

A palavra "trip", aliás, nasceu aqui, na nação da mobilidade. "Trip" não mais apenas como no seu significado acadêmico – pequena viagem – mas "trip" como sinônimo de todas as jornadas – até as nas estrelas – e de todos os horizontes possíveis. *California trip* – a pátria dos aventureiros.

NAS BANCAS!

REVISTA OVERALL: 60 MIL EXEMPLARES.

Quem lê revista?

Um trabalho feito pela DPZ mostra quem lê o que no Brasil são pelo menos

revista imprensa, dezembro de 87

Veja errou ?!?

editor da revista paulista *Overall*, publicação bimestral especializada skate que é a maior do gênero no Brasil, com circulação nacional e tiragem de 42 000 exemplares,

revista veja são paulo, março de 88

OVERALL
SKATE MAGAZINE

foto: daniel bourqui

775

SALADA SALADA SALADA

LEITURA OBRIGATÓRIA

É provável que muita gente não possa nem ouvir falar de Freud, Jung ou outros nomes e temas ligados à psicanálise. Algumas porque ganharam ojeriza dos discursos de analistas; outras porque acham tudo isso muito complicado, só teoria e palavra difícil.

Surge agora uma opção. A Editora Mercuryo, de São Paulo, publicou uma trilogia formada pelos livros *He* ("Ele"), *She* ("Ela") e *We* ("Nós"), livros assinados por Robert A. Johnson. O autor parte das premissas conceituais do trabalho de Gustav Jung para esclarecer ponto por ponto a chave da

shoiti hori / sundek

psicologia masculina e feminina. E isso pra qualquer leitor, seja ele alguém de 12 ou 45 anos, advogado ou vendedor de sorvetes.

Não há segredos: Johnson avaliza a idéia dos arquétipos introduzida por Jung, lida com as verdades do inconsciente coletivo e mistura tudo com alguns mitos criados pelo ser humano em séculos passados. Assim, a psicologia masculina é decifrada no mito de Parsifal, a da feminina na experiência de Afrodite e Psiquê e, finalmente, a dos dois juntos, o casal, através da história de Tristão e Isolda.

Não perca!!!

Otávio Rodrigues

NOVO SAPATO

Márcio Tanabe, da Mad Rats, acaba de unir-se ao skater Xandy para criação e produção de uma nova linha de calçados. Inspirados no grupo guerrilheiro Sendero Luminoso, eles trazem agora os calçados Sendero – que significa caminho.

Fabricados em crepe extra leve, camurça ou vaqueta, os calçados Sendero procuram impor um design forte, destacado e, segundo os fabricantes, com qualidade acima da média.

NOVIDADES ATÉ DEBAIXO D'ÁGUA

Uma das novidades que as lojas especializadas em roupas e equipamentos esportivos está exibindo nas vitrines é roupa de mergulho. Há alguns anos, o neoprene tomava conta de tudo – e só era encontrado em versões importadas. Depois, vieram roupas similares fabricadas em paragens verde-amarelas – aqui o exemplo marcante da Mormaii. Agora, surge um conceito diferente nessa área. Trata-se das roupas de mergulho Wetskin, mais leves que suas primas de neoprene e também mais baratas.

wetskin

A Wetskin escolou-se em projetos norte-americanos no desenvolvimento desse novo tipo de proteção pra quem vive metade do tempo útil dentro d'água. As roupas da Wetskin, segundo a própria empresa, garantem 30% de calor do corpo quando usadas em contato com a água, ou 40% quando usadas por baixo de roupas de mergulho tradicionais. Sérgio Monteiro, responsável pela oficina de criação da Wetskin, tem dado mais informações sobre esse produto no telefone (041) 253-9393.

COLHENDO FRUTOS

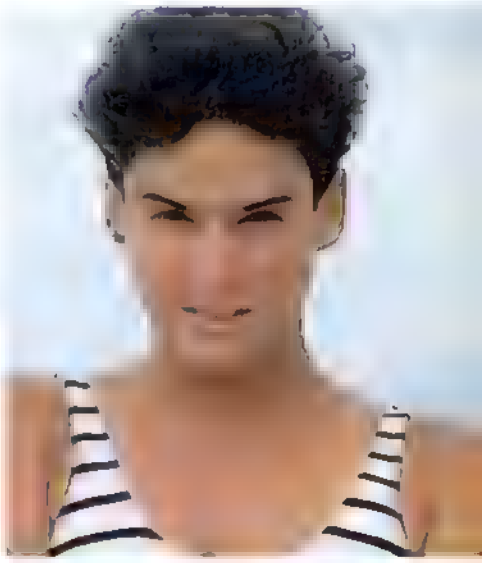
A Fruto Verde é especialista em quem tem menos de 20 anos. De skates a camisetas, há de tudo nas lojas da empresa. Para fazer o público conhecer as ofertas, a Fruto Verde vem fazendo campanhas promocionais na 89 FM – Rádio Rock e, ao mesmo tempo, investindo forte nos esportes de ação. O resultado desse esforço da Fruto Verde é claro: quantidade nas vendas, preços mais baixos. Um raciocínio elementar da economia que pode ser sempre sacado em épocas bicudas como esta. (Em tempo: A Fruto Verde tem lojas nos shoppings Iguatemi, Ibirapuera, Eldorado, Center Norte e ABC.)

VIVE LA FRANCE!

Brasil, México, Califórnia, Havaí, Indonésia, Austrália e Brasil novamente. Esse é o roteiro da exotiquecêntrica bodyboarder France Hazar (que não por acaso já foi entrevistada nas páginas pretas da *TRIP* nº 4).

Com apoio da Varig, France encara 88 pronta pra descer mais uma vez as melhores ondas do mundo. Seguramente, ela vai, também de novo, elevar a boa imagem do Brasil no bodyboard mundial. Encontrá-la em trânsito pelo México foi questão de pura sorte...

Fernando Costa Netto



Multi Marketing

FOTOARQUIVO Sigla FOTOJORNALISMO

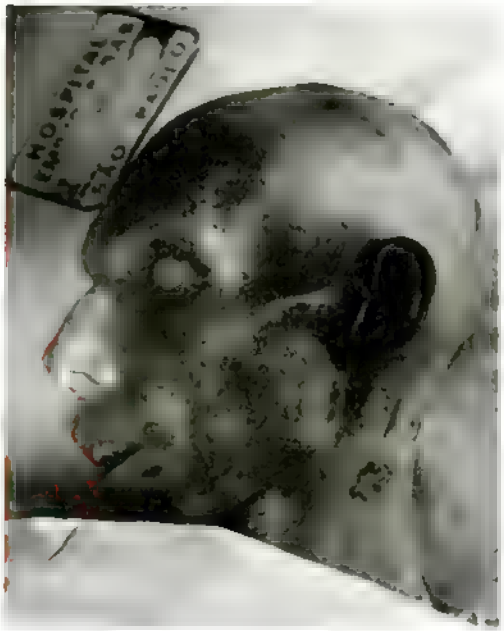
O MAIOR FOTOARQUIVO DA AMÉRICA LATINA

"milhões de fotos para milhões de idéias..."

Rua Gregório Serrão, 254 - Cep 04106 - Sao Paulo - SP

Tel. (011) 549 2766

O que choca mais, a foto ou a Aids?



olivio lamas/agência globo/cortesia revista imprensa

Esta foto de um aidético terminal, conseguida por Olívio Lamás, foi barrada em vários jornais e revistas do Brasil, sob a alegação de que "é muito chocante". A revista Imprensa, uma das melhores que se pode encontrar nas bancas, foi a primeira a quebrar esse tabu, na edição de fevereiro deste ano. A intenção de Lamas "é tentar despertar a consciência das pessoas, desde o presidente da República ao mais humilde dos leitores".

antonio moura

Occyluppo (do caminão TRIP) ao lado da Patrícia (de óculos). Hora de dar um tempo.

OCCY LOUCO

Mark Occyluppo, de saco cheio com a maratona do Circuito Mundial – e com os envolvimentos a que ficam sujeitos os surf stars como ele – resolveu dar um tempo e fixar residência no North Shore. Trocou as rotineiras viagens de avião por uma bicicleta e terminou um caso antigo com a ex-namorada. O avião, sem dúvida não lhe fez falta. Mas Occy não resistiu aos encantos de Patrícia, uma bodyboarder brasileira, em temporada nas Ilhas. Na dúvida entre casar e vender a bicicleta, Occyluppo se deixou levar, mais uma vez, pelo fascínio das ondas e se dedicar tão somente ao surf.

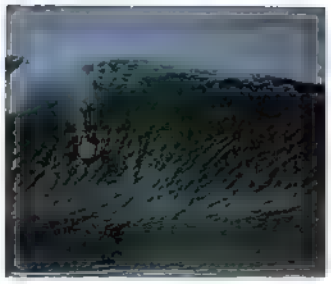
CARROLL EM ALTA VELOCIDADE

O australiano Tom Carroll, depois de vencer o Hang Loose aqui no Brasil, partiu para uma temporada no Havaí, onde introduziu mais uma novidade em termos de surf. Carroll utilizou este acessório bizarro também pra vencer o campeonato mais cobiçado no mundo do surf, o Marui Masters. Trata-se de um capacete plástico usado para proteger a cabeça dos impactos com o fundo de coral, que em points como Pipeline, exigem uma atenção especial.

Carroll, que foi a sensação do começo ao fim do campeonato, se sentiu tão seguro e à vontade com o novo equipamento, que levou os espectadores ao delírio. Num momento, em alta velocidade, trocou a tradicional linha do tubo em Pipeline por uma batida no lip da onda num momento tão crítico que só ele tinha certeza em completar a manobra.

BODYBOARD: BRASIL NA FINAL

Pela primeira vez na história do bodyboard mundial masculino, o Brasil disputa uma final. O campeonato realizado pela sexta vez consecutiva em Pipeline, no Havaí, contou com o apoio da Morey Boogie e Crush. Alexandre Pontes, o Xandinho, recebeu 1.100 dólares pela quarta colocação, numa final de seis, com mar de 8 a 10 pés de boas ondas, apesar do tempo encoberto e de um público razoável. Kiko Hebert e Ugo Corti, que também fizeram parte da equipe brasileira que foi pro mundial, tiveram uma boa apresentação, fi-



Xandinho representando bem o Brasil na final.

Na foto os seis finalistas.

cando com a 7º e 9º colocação, respectivamente.

O favorito da competição, Mike Stewart, garantiu o primeiro lugar com um verdadeiro show de bodyboard. Pegou seis ondas, seis tubos completos e ainda assistiu ao final da bateria de fora. É mole?

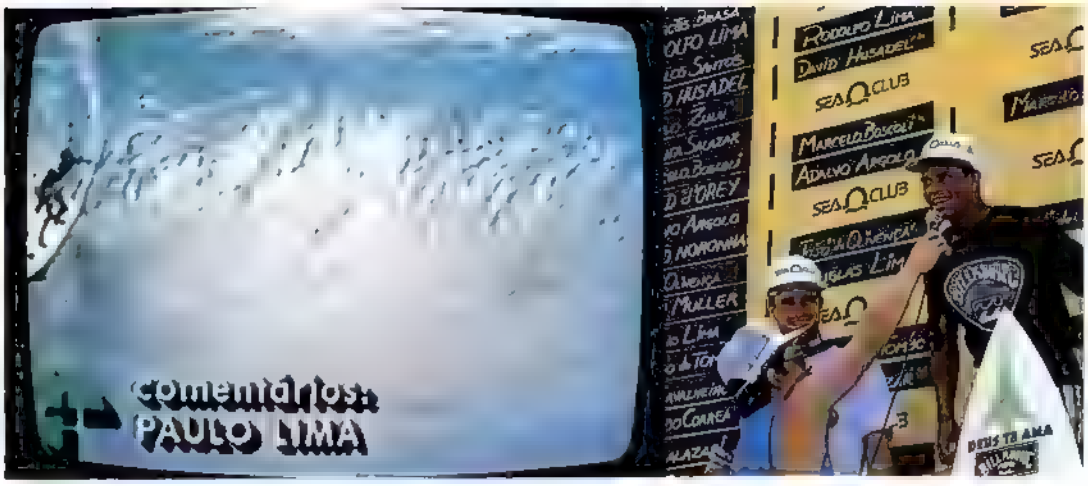
Átila Sbruzzi
Havaí 88

fotos átila sbruzzi/iki/havaí 88

O SURF DO BRASIL GANHA IDENTIDADE

A qualidade da organização nas competições do surf nacional tem dado passos monstruosos nos meses mais recentes. Depois de um primeiro ano altamente positivo, com muito mais acertos do que erros, o Circuito Brasileiro de Surf Profissional reiniciou o ano com o Op Pró, em janeiro, na Barra da Tijuca, Rio.

O evento encontrou sérias barreiras em seu percurso: falta de apoio do Governo e Prefeitura, problemas no pseudo-apoio da Riotur, a síndrome da gorjeta – que ia do gari até o chefe da guarda costeira – e até o trabalho de pretensos apoiadores do evento, que mais parecendo terroristas formados por correspondência, pagaram alguns "seguranças" pra rasgar propriedade alheia na calada da noite. Mas, em contraponto a esse tipo de baixaria, que infelizmente ainda sobrevive no meio do surf, havia a louvável organização da categoria profissional, que se reuniu diversas vezes durante o evento para reivindicar seus direitos. Ainda que em momento e de modo discutíveis. A organização do Op Pró soube driblar bem todos esses entraves e até mesmo a completa falta de ondas. Primeira etapa concluída com êxito.



O ciclo de evolução natural passa pela fase de polimento. Hoje, o surf já aprendeu a conviver com a imprensa (e todos os seus desvios). Os atletas sabem se comportar esportivamente diante de maus resultados e o público, cada vez mais, começa a entender a competição. Concretamente isso ficou comprovado na segunda etapa: o Sea Club de Surf. Mais uma vez as "autoridades" deram sua parcela de contribuição contra o sucesso do evento... Aproveitando as pesadas chuvas que destruíram o Rio de Janeiro, a Prefeitura de Ubatuba declarou estado de calamidade pública no município. Na verdade, a cidade sofreu pouco, quase nada, e a calamidade ficou resumida à atitude do prefeito. E o campeonato não se abalou. Mesmo sem público, que assustado pelo alarde das notícias de calamidade não arriscou descer a serra, o Sea Club transcorreu na mais perfeita ordem, com boas ondas e excelente organização. Sem dúvida nenhuma, a melhor etapa do Circuito Brasileiro, a nível de organização, até agora.

A evolução continua. Esperado para julho, em Ubatuba, o Sundek Internacional, que será um dos quatro maiores campeonatos de surf do mundo, com premiação "duplo A" (dobro da premiação normal, 70 mil dólares em dinheiro). Nesse processo de crescimento do surf brasileiro, não pode ser esquecida a participação da Rede Globo de Televisão, que após alguns acertos nos termos contratuais entre os patrocinadores, tem levado a cerca de 50 milhões de pessoas o que rola de melhor no Circuito Brasileiro e no surf mundial, através do programa *Esporte Espetacular*. E ao contrário do que acontecia antes, em todos os veículos de massa, a emissora está tratando o esporte de maneira séria, ágil e jornalística, graças ao empenho do diretor Marcos Mora, do editor Emanuel Matos e do diretor de eventos Filipe Zander.

Superada a primeira fase de acertos, o surf caminha para a estabilidade definitiva enquanto esporte sério e profissional.

Paulo Lima

fotos shoth hori / sundek

elfstedensurftocht

MARATONA NA ÁGUA

Imagine uma competição de surf à vela pelos rios holandeses, num percurso de 220 quilômetros, através de pelo menos doze cidades diferentes. Esse é o prato da 5ª Elfstedensurftocht, a maior maratona de surf à vela do mundo, que mobilizou o final de inverno europeu neste início de 88.

Segundo os próprios organizadores, a prova é "exclusiva para atletas lutadores e fortes". Não por menos: a temperatura média das águas holandesas nessa época do ano raramente ultrapassa zero graus centígrados. Para complicar ainda mais a difícil trajetória dos competidores, centenas de pequenas pontes, todas baixas, bem próximas do nível da água, pontilham o percurso desde o início até a reta de chegada. Dificuldades que ficam ainda mais assustadoras quando o vento resolve não colaborar – o que acontece normalmente.

O recordista da Elfstedensurftocht é Bart Verschoor, um atleta incrivelmente forte e bem preparado, que em 86 alcançou o objetivo depois de vencer os 220 quilômetros em 23 horas e 33 minutos. Uma marca que muito improvavelmente será superada tão cedo.

PRÊMIO NOBEL PARA UM SURFISTA

O doutor Donald J. Cram, titular dos laboratórios da UCLA University, Estados Unidos, ganhou o Prêmio Nobel de química em 87, graças às elogiadas pesquisas no mundo molecular. Essa notícia, por incrível que pareça, foi publicada em destaque de página na edição de março da revista *Surfing*. E por justa razão: o dr. Cram é surfista fanático, habituê das ondas de San Onofre e entusiasta ferrenho dos esportes de ação e das aventuras. Dado importante é a atual idade dele: 68 aninhos.

Aliás, na praia o doutor não é doutor. Entre os amigos de areia, ele é Crambo, conhecidíssimo pelo estilo seguro sobre a prancha e pelo domínio dos segredos da guitarra elétrica e do rock. A vida de surf de Donald "Crambo" Cram começou em 1958. De lá pra cá, ele já viajou o mundo atrás de boas

CURRENTS

SURFER WINS NOBEL PRIZE

reprodução surfing

ondas. No Havaí, por exemplo, ele garante ter surfado ondas de até 15 pés! Na África do Sul ele encarou Jeffrey's Bay em condições críticas de temperatura, sem ao menos vestir uma roupa de borracha. E. J. Oshier, surfista em San Onofre e amigo pessoal do doutor Cram, afirma que "ele é um bom garoto", sem sequer referir-se à adiantada idade de seu companheiro de arrebentação. A propósito, E. J. Oshier tem 71 anos...

ELO PERDIDO

Remontar pedaços da história nem sempre é muito fácil. E quando o objeto da pesquisa atende pelo nome de surf, nada muda. As "enciclopédias" brasileiras, por exemplo, há anos registram o início do surf por aqui com subjetivos comentários a respeito de Paulo Preguiça, local do Posto 6, em Copacabana, Rio, que

ÁLBUM DE RECORDAÇÕES

reprodução veja em são paulo

já na década de 30 deslizava sobre as ondas numa espécie de tábua oca...

O problema é que existem poucos registros a respeito disso ou mesmo sobre outras "teses" dos primórdios do surf nestes costados da América do Sul. Existe espaço, porém, para algumas surpresas nesse quebra-cabeça histórico. Isso aconteceu recentemente, quando o encarte *Veja em São Paulo* da revista *Veja* (a popular *Vejinha*) trouxe uma reportagem com Jua Hafers, um brasileiro de 65 anos que hoje vive em Nova York. Hafers soma tantas aventuras em seu currículo quanto Indiana Jones, e hoje desfruta de uma glória rara entre brasileiros e americanos, principalmente aqueles de contas bancárias bem robustas.

E entre as fotos do álbum de recordações desse diplomata sem diploma publicadas na *"Vejinha"*, o inesperado: Hafers em 1936, posando ao lado de uma enorme prancha de surf em plena Praia do Gonzaga, em Santos (SP). Algum registro disso nos compêndios de nossa História do Surf?

SKATE SHOW!

Um novo conceito na realização de eventos esportivos. Não é exagero, é só somar: um campeonato que reúne os 24 melhores skatistas verticais (modalidade half pipe) do Brasil e a maior premiação já oferecida em competições desse esporte por aqui; show de skate com dois dos melhores skatistas verticais do mundo, o norte-americano campeão mundial Tony Hawk e o seu compatriota Lance Mountain; um show de rock com uma das melhores bandas brasileiras da atualidade, os Inocentes; discotecagem de dois ativos DJs Arthur Veríssimo; half-pipe gigante e um espetáculo de iluminação. Tudo somado?

Esse é o Sea Club Overall Skate Show, que aconteceu neste mês de abril (dias 9 e 10), no Projeto SP (rua doutor Sérgio Meira, 238, São Paulo). Produzido e realizado pela equipe das revistas *TRIP* e *OVERALL*, com apoio do Projeto SP, 89 FM, Unicatur, Brazilian Palace Hotel e Rohr, o Sea Club Overall Skate Show surgiu para dar nova escrita aos eventos esportivos no Brasil, em particular àqueles de muita ação, como é o caso do skate.

Perder um encontro assim?

fotos daniel bourqui

CATÁLOGO DE ARTE

Nada menos que sensacional o catálogo da coleção de inverno 88 da OP. O trabalho, a exemplo de outras iniciativas da Ocean Pacific, modifica radicalmente a estética visual de peças promocionais, em particular aquelas ligadas à moda. Com fotos de Ernesto Baldan, produção de Marcelo Marinho e direção de arte da Jarbas Propaganda, o catálogo de inverno 88 da OP poderia ser vendido em banca de jornal, como revista. Os de bom gosto adorariam

(Em tempo: não perca de vista também o material de promoção e divulgação da Divisão Jeans da Alpargatas; conforme já comentamos por aqui na edição anterior da *TRIP*, as marcas US Top, Top Plus, Jeaneration, Safári e Sea Club vêm sendo dignamente defendidas quando o assunto é peça promocional.)

FÔLEGO BRASILEIRO

Em 1968, um médico americano chamado Kenneth Cooper desenvolveu pesquisas novas sobre condicionamento físico. A idéia era basicamente a de exercícios ritmados com acompanhamento musical. Nome: aeróbica.

Nos anos seguintes, a ginástica aeróbica foi ganhando adeptos paulatinamente. Até que na virada dos anos 80, a coisa transpôs os limites da geografia americana, alcançando países de todo mundo em grande medida, inclusive o Brasil. Foi o Capitão Coutinho um dos pioneiros da aeróbica por aqui, dando largada para uma explosão de academias e aparecimento de grandes mestres no assunto. Estima-se que cerca de 500 mil pessoas praticam aeróbica hoje no Brasil, o que coloca esse esporte num ritmo frenético de ascendência só comparável ao que ocorreu (e ocorre) com o surf.

A maior prova dessa grande movimentação da ginástica aeróbica veio recentemente, com a participação massiva de grandes empresas como patrocinadoras. Foi o caso, por exemplo, da Chambourcy/Nestlé e da Omino (divisão de moda jovem da Hering), que bancaram o Primeiro Campeonato Brasileiro de Aeróbica, ano passado, em várias cidades do País. E os nomes dos campeões ficaram anotados: Renata Azevedo, campeã individual de Santos (SP); Patrícia Lobato e Sérgio Simphronio (dupla mista), da capital paulista. Esses atletas representaram o Brasil no Crystal Light National Aerobic Championship, o mais importante encontro da aeróbica nos Estados Unidos, entre 10 e 13 de dezembro último. Apesar de não contar pontos nesse campeonato (que é americano), o Brasil pôde, pela primeira vez, mostrar o que sabe ao lado de países destacados na aeróbica, como Japão e Canadá, além dos Estados Unidos. Carreira de muito fôlego pra aeróbica brasileira.

Patrícia Lobato e Sérgio Simphronio, a dupla campeã, dá aula e treina numa das mais conceituadas academias de ginástica de São Paulo, a Training Club (av. Horácio Lafer, 73, fone: 282-1122). Graças à seriedade de centros esportivos como esse – o que infelizmente não é regra – o Brasil começa a escrever aeróbica com A maiúsculo.

ME CHAMA...

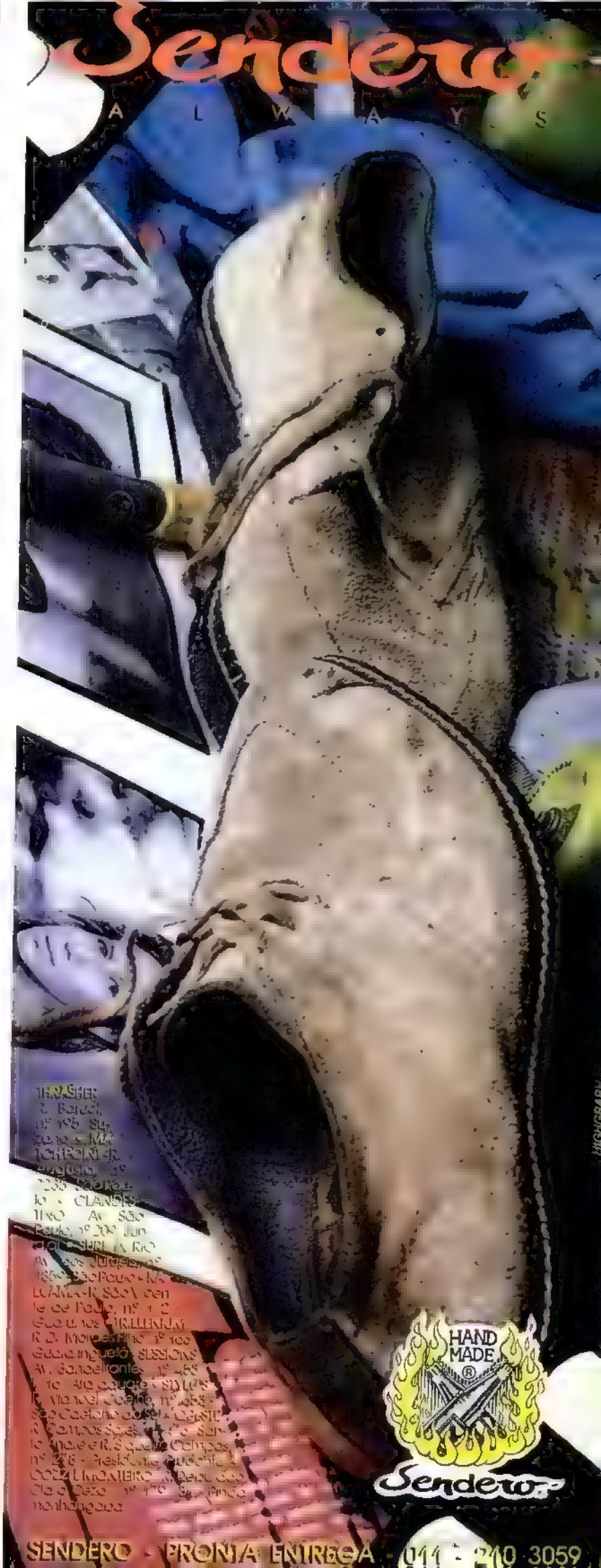
A Tropical Brasil está de telefone novo: (0482) 37-1152. O shaper, técnico de equipe e big boss da marca, Avelino Bastos, não pára de incrementar os negócios. E ainda sobra energia pra injetar no surf amador e profissional. Ponto.

bagz/divulgação

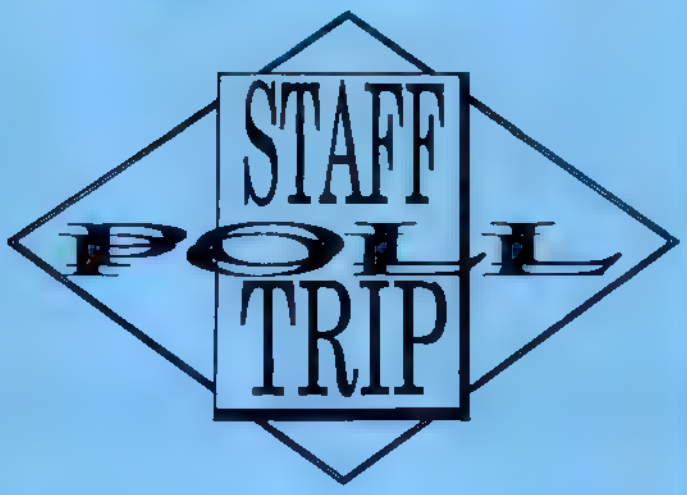
O FIM DAS TOALHAS AÉREAS

Quando bate vento na praia, a toalha levanta...

Pra acabar com essa novela, mais uma idéia criativa da Bagz: uma toalha de estampa exclusiva que pode ser fixada na areia com pininhos especiais, à prova de vento. E outra: a peça vem acompanhada de uma sacola, disposta a carregar o que for necessário, de parafina a bronzeador. A produção da Bagz é limitada. Pode ser encontrada na loja O'Neill, na Rilocenter, praia de Pitangueiras, Guarujá (SP).



VOCÊ ESCOLHE OS CAMPEÕES



Dê seu voto. Quem são os melhores surfistas do Brasil? Preencha o cupom e diga quem são os top ten, na sua opinião. Em breve, o Jornal Now e revista TRIP reunirão todos em uma grande festa para premiar os 10 surfistas que você escolheu!

fotos átila sbruzzi/tiki

1 _____
2 _____
3 _____
4 _____
5 _____
6 _____
7 _____
8 _____
9 _____
10 _____

Envie para avenida das Américas, 16.385/204, CEP 22790, Recreio dos Bandeirantes, Rio de Janeiro – RJ.

O MELHOR ANÚNCIO DA TRIP

Criatividade tem peso dois aqui na *TRIP*. É por isso que, a cada edição, consultamos alguns profissionais de criação, de comunicação, gente que almoça e janta boas idéias todo dia. Nossa intenção é clara: valorizar os anúncios melhor elaborados.

Os leitores podem participar também. Para isso, basta escrever para Editora Trip, rua Cerro Corá, 1.646, São Paulo (SP), CEP: 05061. Indique na sua carta o melhor anúncio desta edição (e garanta assim, automaticamente, a inclusão de seu nome e endereço entre os leitores preferenciais da *TRIP*).

Os profissionais consultados agora foram Mário Cohen, presidente da Publitec Futura, agência de publicidade; Eduardo Fischer, presidente da Fischer, Justus, Young & Rubican; e Heloísa Padilha, gerente de mídia da Brinquedos Estrela.

MARIO COHEN: Adidas, página 21

EDUARDO FISCHER: Wrangler, páginas 84 e 85

HELOISA PADILHA: Wrangler

LEITORES: Sundek, páginas 18 e 19

O INCRÍVEL HOMENDOIM

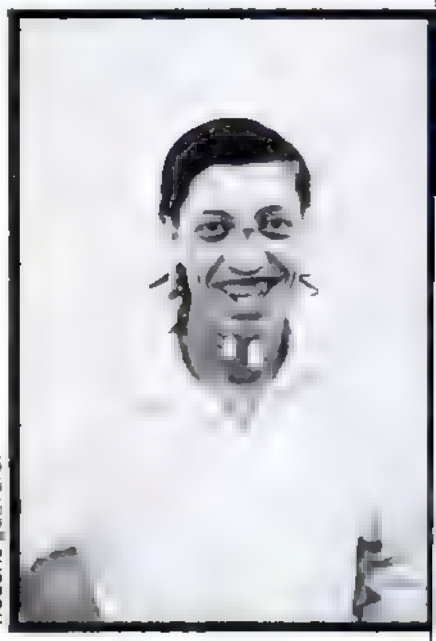
O que é isso?

Ou quem é esse?

Um ser de outro planeta? Um mutilado de guerra? Um campeão de verruga?

Nada disso. Trata-se, pura e simplesmente, de uma criatura híbrida: meio homem, meio amendoim. Isso, o Homendoim.

A foto, de nosso colaborador Frèdèric Pauvarel, foi conseguida numa das raríssimas oportunidades em que o Homendoim sai às ruas, em São Sebastião (SP). Seu temível e horroroso intento: vender amendoim. Mas quem chora de rir por mais de 10 minutos sem sucumbir come um saquinho de graça.



frèdèric pauvarel

Receba seis edições da TRIP em sua casa ou escritório. Para tanto basta remeter um cheque nominal para GAF P&P, Departamento de Assinaturas, rua Cerro Corá, 1646, Capital, São Paulo – CEP 05061, no valor de Cz$ 1.200,00 (mil e duzentos cruzados), com os dados abaixo preenchidos. Não é preciso recortar o cupom. Maiores informações pelo telefone (011) 260-2964.

Válido até 15/06/88.

Nome
Endereço
Telefone
R.G.

foto: André Wanderley

Realce

ANOS

A B R I L • M Ê S D E A N I V E R S Á R I O

5 PROGRAMAS SUPER ESPECIAIS

1

02/04
- Os brasileiros no Mundial de Porto Rico
- As irmãs Isabela e Mariana Nogueira no Body Board
- Skate nacional
- Os brasileiros nos campeonatos do Havaí

2

09/04
- Vôo duplo com a câmera na asa
- Musicais com Colin James Hay, R.E.M. e Terence Trent D'Arby
- Skate com Steve Caballero
- Surf: perfil com Kerry Terukina, Blitz na África do Sul, final do Trials do OP PRO na Califórnia e Pipeline em fevereiro 88
- Entrevista com Xandinho, o 4º colocado no Mundial de Body Board no Havaí

3

16/04
ESPECIAL HAVAÍ
- Entrevista com Tom Carrol
- Skim Board em Waimea
- Marvin Foster com Zodiac em Ala Moana
- Free Surf inédito em Pipeline, Sunset e Off the Wall 87/88
- Musicais com Talking Heads, UB 40 e New Order

4

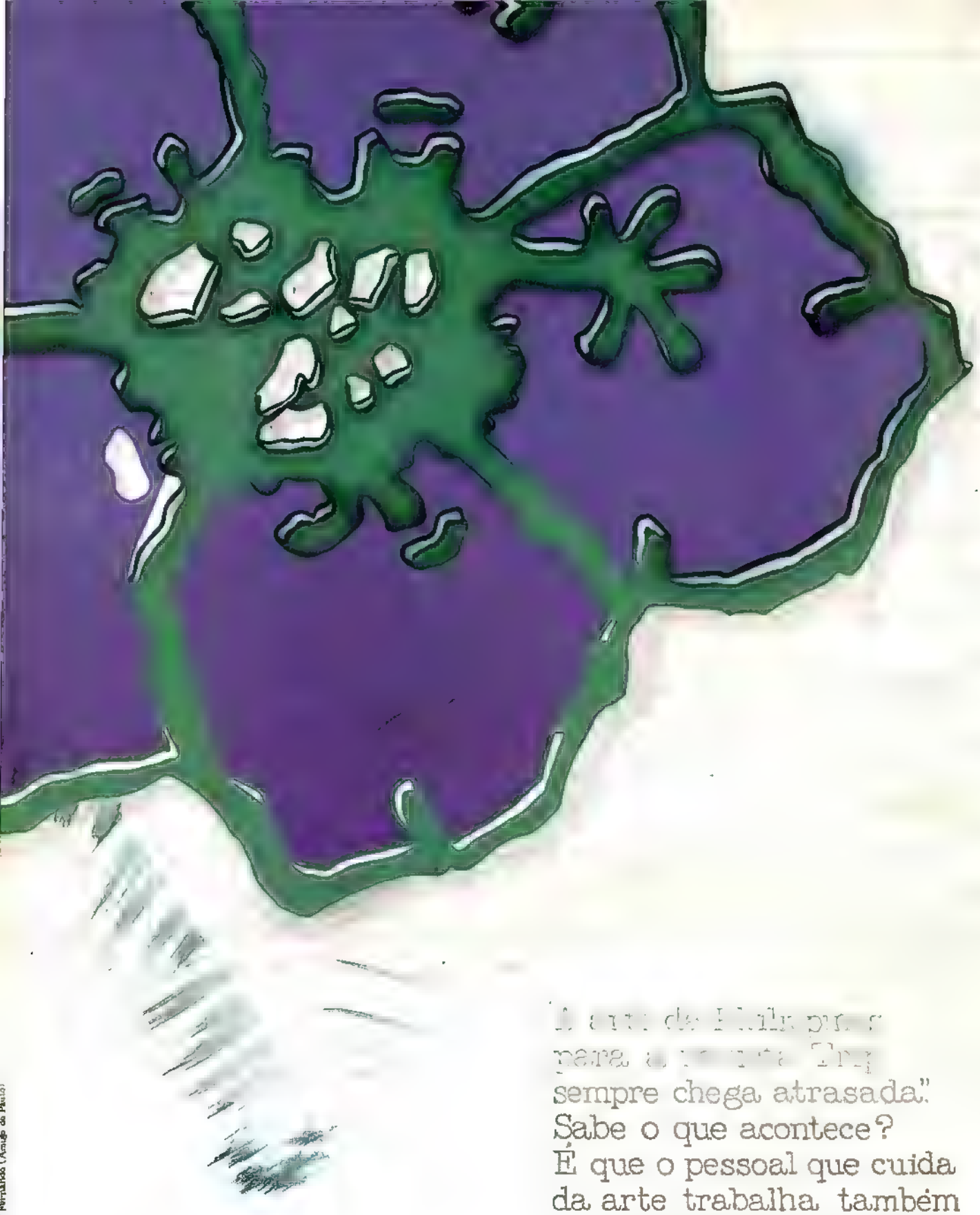
23/04
ESPECIAL AUSTRÁLIA
- Entrevista com Cheyne Horan
- Musicais com The Church e Australian Crawl com a música "Errol"
- Perfil com Glen Winton
- Cobertura do Circuito Mundial de Surf – Bells Beach '88
- Surf em Kirra, Burleigh Heads e Duranbah

5

30/04
- Musicais Prince, Pil e INXS
- Surf de peito em Pipeline
- Surf: África do Sul e as finais do Bells Beach '88
- Entrevista exclusiva com o campeão mundial de Body Board Mike Stewart (recheada c/ondas de 10', 12' em Pipeline, fev. '88)

com: Antonio Ricardo, Patricia Barros e Ricardo Bocão

TV CORCOVADO – CANAL 9, RJ – SÁBADO 18:30 HS
TV PAMPA – CANAL 4, RS – SÁBADO 12:00 HS
TV CURITIBA – CANAL 2, PR – DOMINGO 18:00 HS
TV CAPITAL – CANAL 8, DF – SÁBADO 17:00 HS



[illegible] da Philippines
para a [illegible] The
sempre chega atrasada".
Sabe o que acontece?
É que o pessoal que cuida
da arte trabalha também
no lançamento da coleção.
A coleção saiu, mas a
arte ficou inacabada.

the Philippines

Tel: 825-1144

Concepção: Paulo Maya (da Philippines) - Arte: Hernandes (Amigo do Paulo)

BOOGIE!

Morey Boogie®
Bodyboards

Morey Boogie Bodyboard é uma obra artesanal feita por CLARK FOAM PLÁSTICOS LTDA. Rua Mabé, 373/381 – Vigário Geral – CEP 21241 – Rio de Janeiro – Fone (021) 372.5037

BILLABONG

clerrot/presse sports-sigia

Próxima *TRIP*, máquinas na pista

SIDÃO TENUCCI

entrevista

FRAI IK DA GUARDA

Franklin morava a 200 bajidas por minuto na maior cidade da América do Sul. Pilotava motocicletas, montava cavalo de salto, frequentava clubes, boates e atravessava o sinal vermelho. Um dia largou tudo, queimou as roupas, as fotos, o tapete e o liquidificador. Foi morar na Guarda, Santa Catarina, um dos melhores points de surf do Brasil. Não troca sua casa, seu cachorro e sua prancha de joelho por nada. Hoje ele é o Frank da Guarda.

PRAIA DA GUARDA — 5 DE MARÇO 1988

TRIP Estamos aqui na casa do Frank, depois de um belo rango. Vamos falar com o menino daqui a pouco.

FRANK Tá gravando aí?

TRIP Tá, e se eu ficar mais uma semana aqui neste embalo de comida do Frank, vou ficar bem, vou ficar em riba. Sr. Frank vamos lá...

FRANK Vem cá, já tá funcionando o gravador aí? Já tá valendo?

TRIP Claro, já tá! Bola no meio de campo.

FRANK Bola no campo...

TRIP E o seguinte, brother... A maioria das pessoas que trabalham na cidade, juram ou já juraram um dia jogar tudo pra cima e morar no meio do mato, mas você é o único que realmente assumiu esta decisão. Quando foi isto, como foi essa virada, como é o meio do mato?

FRANK Uma coisa medonha, aquele horror, aquela falta de mordomia, falta de conforto, mosquitos na tua cara...

TRIP Como é que é? Como é que foi a virada?

FRANK A virada foi assim: eu morava em São Paulo, levava uma vida tipo padrão de classe média, clubes, gatinhas, boates, aqueles lances todos. E surgiu uma oportunidade de ir para a Europa. Dar uma banda, conhecer. Eu não pegava onda nessa época e acabei indo para a Europa, descolei uma grana e acabei indo.

TRIP Isto há quantos anos?

FRANK Isso aí foi em 1970, mais ou menos. E, porra, pintou a grana e fui pra Europa e acabei ficando lá um tempo. Aí voltei pro Brasil, bicho, e parecia que eu tinha dado uma marcha a ré, Sidão. Falei: pô, cara, um lance tão perto daqui e ao mesmo tempo tão longe, uma vida tão fútil, cara! Tô vendo que estou passando a minha vida aqui e que ela não está me levando a nada. Continuo com os meus problemas, mas tô tendo nenhuma perspectiva de vida aventureira na minha frente. Não tava vendo nada de tesão na minha vida morando numa cidade. Eu poderia ter sido um industrial, poderia ter sido um empresário, um comerciante, mas eu via que estava faltando alguma coisa. Eu realmente, na cidade, não podia dar asas aos meus sonhos, não podia concretizar minhas aventuras. Daí resolvi passar uns dias na praia. Nada a ver com o surf. Fui para uma praia, tirar uma onda de garotão daquela época.

TRIP Na praia da Guarda?

FRANK Não. Foi nas praias de São Paulo. Tava indo pra Saquarema e acabei parando no litoral, lá na Rio-Santos. Acabei parando lá e conheci umas figuras que estavam mais ou menos nessa batida naquela época e já estavam morando nas praias. Era o Ricardo Ferraz, que hoje mora nos Estados Unidos, na California. Ricardão, Zé Maria Whitaker Queiroz, que hoje está morando em Florianópolis, uma rapeize meio pioneira, Sérgio Lunardelli, Lalado! Estes realmente foram os pioneiros na região, foram realmente os desbravadores.

TRIP E moravam onde?

FRANK Moravam na Barra do Sahi, há 16 anos.

TRIP E depois disso, como é que você veio para a Guarda?

FRANK Eu vim para a Guarda porque eu pegava onda. Vim para o Sul e vi que aqui era um paraíso. Aqui tinha altas ondas, não tinha ninguém, era uma coisa incompreensível, cara. Porque uma cidade a 50 km de uma capital, meu irmão, o melhor point de ondas, de repente um dos melhores points de ondas no Brasil, um dos únicos que realmente é um point. Saída de boca de rio, *river mouth*. Não existe muito esta geografia no Brasil.

TRIP As pessoas estão muito acostumadas com a cidade e para romper este cordão umbilical é muito difícil. Como é que você conseguiu?

FRANK Minha ligação com a cidade nunca foi forte. Minha infância, minha juventude, foi quase toda ao ar livre, ou na praia ou no campo, com a família. Eu nunca fui uma pessoa de curtir cidade, nunca fui um urbanóide. Aliás eu sempre achei os caras assim muito estranhos. Sabe, se você for analisar, não há nada mais repousante do que você parar, ficar num lugar tranqüilo, escutar os passarinhos cantando. Não há nada mais repousante do que ver um rio, uma cachoeira. Então, isto é fácil. O difícil é você morar na cidade, não é você morar aqui!

TRIP Eu queria saber o seu nome verdadeiro, completo.

FRANK Meu nome verdadeiro, completo, é: Franklin da Guarda.

TRIP Franklin da Guarda? O verdadeiro nome, completo? Então tá. Idade?

FRANK 39 anos.

TRIP Criança de colo.

FRANK Sou moço, sou um galo.

TRIP Você é paulistano, nasceu em São Paulo?

FRANK É, eu morava perto da Faria Lima. Levava uma vida completamente diferente. Minha transação na cidade era outra. Eu tinha uma motocicleta, montava a cavalo, levava uma vida bem diferente, bem playboy, um lance assim.

TRIP Você era high society?

FRANK Não, eu era revoltado. Eu ia

arquivo pessoal

Frank ainda garoto: cena de um passado que foi literalmente queimado.

mas eu não aceitava os lances. Eu ia mais por conveniência...

TRIP Você montou a cavalo...

FRANK Montei cavalo de salto. Fui para Europa com cavalo! Mas o cavalo em si é legal, o que acaba com tudo aquilo é o ambiente, as socialites em volta, o falso ego predominando em cima de tudo. Isso é que acaba, por que o esporte mesmo em si, a equitação, é chocante. O cavalo, o animal. É o fru-fru-fru em volta, isto é que acaba com tudo...

TRIP Você acha que o surf pode chegar a isso?

FRANK Acho que o surf, hoje, é um surf mais voltado pro profissionalismo, justamente porque sabe que as pessoas não tem outra opção de vida livre. Você tem que convir comigo que, de repente, é até um privilégio ser um surfista profissional e ganhar o seu dinheiro através do surf. Mas isto, na realidade, acontece em proporções mínimas aqui no Brasil. E tem o free-surf, uma coisa que você faz totalmente de coração. É um surf que você faz quando tá a fim de fazer. Você não tem nenhum vínculo obrigatório com nada. Você quando vê uma gaivota voar, você vê o logotipo da Coca-Cola no peito dela?

TRIP Não normalmente...

FRANK Não tem, né?

TRIP Quem eram os surfistas da tua geração?

FRANK Minha geração era o Perdigão, Fumaça, Bento e outros mais perdidos por aí, isso aqui no Sul. Nossa, aqui é um lugar rico, a fauna aqui é rica.

TRIP Aquela geração do começo, lá das praias em São Paulo.

FRANK Era Zé Maria, era Thyola, era você, era Brito. Só que a gente surfava em locais diferentes, né?

TRIP Tem uma coisa que eu sempre quis saber. Como é a tua experiência espiritual? A fase Hare Krishna, você continua nela?

FRANK A minha experiência espiritual autêntica é uma coisa válida para qualquer pessoa, é uma coisa altamente benéfica... A linha Hare Krishna é baseada na Vaysynava, que é a filosofia e a religião mais antiga do planeta. Todas as outras religiões que apareceram, a católica, a muçulmana, a judaica, todas elas são ramificações da filosofia Hare Krishna, que é um conhecimento autêntico. É o conhecimento, nada mais que isso. Se você consegue uma realização espiritual, você provavelmente vai ocupar uma posição de vida mais elevada do que agora, na condição de um homem autorealizado. Mas você pode correr o perigo também de passar o tempo futilmente na especulação filosófica, achando que está sendo uma pessoa exitosa e tudo isso não passar de uma farsa. Esse é o perigo, porque, olha, vai aí uma máxima: "Existir é muito perigoso!" Em qualquer forma. Na forma humana, na forma de uma árvore. Imagine como é perigoso, agora, um bambu ali, uma mangueira: chega um cara embaixo e mete um machado nela, derruba porque precisa para fazer uma canoa. Ou na forma humana cai esse telhado na cabeça da gente...

TRIP Existir é muito perigoso mas é a única forma. Você preferiria não existir?

FRANK Eu não posso preferir nada porque eu já existo. Mas eu creio que o não existir é menos perigoso do que o existir.

TRIP Quais os princípios deles?

FRANK Você não deve se intoxicar, você não deve comer carne, porque é um alimento adquirido através de violência, você não deve fazer sexo ilícito...

TRIP O que é sexo ilícito?

FRANK Sexo ilícito seria você estar fazendo sexo toda hora, com todo mundo.

TRIP Você continua seguindo os preceitos da filosofia?

FRANK Alguns sim, alguns sim. Mas é porque é muito difícil você virar santo hoje em dia, né? Em outras palavras, eu sou um mau filósofo, eu aceito tudo, a literatura, acho chocante, pó, mas tem uns lances que eu não consigo...

TRIP Ficou claro que a filosofia tem preceitos muito bons, só que você é um mau devoto e não consegue segui-la à risca. É melhor ser um mau devoto do que não ser devoto de maneira alguma?

FRANK Mas isso é, sem dúvida. Exatamente isso que você acabou de falar: mais vale um mau devoto do que... (*Frank bate no gravador*) Eu quero saber o seguinte, eu quero saber o que aconteceu de vocês virem aqui querer entrevistar a mim. Que lenda é essa? Qual é a história?

Apesar da fama, a praia da Guarda manteve-se bastante isolada ao longo dos anos. Descendo ondas perfeitas, tantas que nem pôde guardar na memória, Frank fez dessa praia uma parte de si mesmo. A começar pelo sobrenome.

sérgio coimbra

arquivo pessoal

Manobras mais rápidas do que as do surf, com a vantagem de ver ondas dobrando de tamanho: o kneeboard entrou

TRIP Eu te explico. O pessoal da *TRIP* falou comigo assim: você é amigo do Frank, então você é um cara que pode entrevistar o Frank. Bom, eu não perguntei "por que o Frank?" Porque eu acho que não tem explicação. Porque o Frank é campeão do mundo? Não, porque é um cara que interessa pra filosofia da *TRIP*, porque você tem idéias sobre ecologia, idéias sobre a vida – sobre filosofia, sobre surf, coisas que têm a ver com o que o público da revista gosta de ler e saber. Então, o que você tá falando aqui muito mais gente vai saber, só isso!

FRANK Sim.

TRIP Então eu quero saber....

FRANK Então é o seguinte, a fita tá correndo aí, vou falar tudo de novo. Você quer saber qual a diferença entre o surf de outra época e o da atualidade? Acho que tanto o cara que surfou há 40 anos atrás, surfa há 15 ou tá surfando agora, eu acho que todos eles estão desfrutando do surf, estão tirando uma experiência, aprendendo alguma coisa. Claro que cada um dentro de um nível de compreensão. A grande diferença que tem é que nós, eu, você, toda essa rapaziada do começo do surf em São Paulo e também no Rio de Janeiro e no Brasil, nós tivemos melhores condições para desfrutar do surf. A nossa intimidade com o surf foi maior, porque chegamos em muitos lugares que eram totalmente virgens. As pessoas nunca tinham visto ninguém dentro da água com uma prancha, o tratamento era outro, era ameno. O surfista antigamente era um herói, era herói, porra! As primeiras vezes que fui pegar onda na praia da Guarda, um pescador veio falar pra mim que eu ia morrer lá dentro.

TRIP Como é a história de você ter queimado seu passado fotográfico?

FRANK Eu queimei meu passado fotográfico, primeiro porque ele era totalmente medíocre. E depois, essas fotos foram queimadas junto com outros utensílios pessoais. Eram coisas que não tinham mais nada a ver comigo, eu já estava numa outra batida de vida, falou, eu já não tava mais... Tudo aquilo já eram cinzas, antes mesmo de eu queimar. Tinham muitas coisas na minha vida que estavam me perseguindo. Eu já estava saturado do cheiro delas, da forma, sabe, de toda aquela bagagem inútil que todo mundo tem. Não sei quantas camisas, não sei quantas calças, não sei quantos sapatos, eu não sei quantas pranchas, eu não sei... No fim, você vê que isso tá se tornando um tamanho incômodo, que só tá atrapalhando na tua vida.

TRIP Então resolveu queimar, literalmente, uma etapa da tua vida?

FRANK Literalmente, queimei uma etapa da minha vida. Fiz uma fogueira na frente da minha casa. Sabe o que tinha lá? Foi tapete, foi quadro, foto, foi calça, foi sapato, foi liquidificador, uma porção de coisas de uso pessoal.

TRIP Sentiu alguma diferença depois disso?

FRANK Senti uma grande diferença, senti mesmo.

TRIP Mas, vem aqui, até você precisa de um mínimo de dinheiro, certo?

FRANK Sim, claro, claro.

TRIP Quanto você ganha por mês, o total?

FRANK Aqui, vida de rei. Comendo todo dia, tomando batida todo dia. Você vive aqui, quer dizer, eu vivo aqui com uns quatro paus por mês.

TRIP Mas como é que você ganha essa grana?

FRANK Ahh, isso aí é um problema enigmático, que não vai ser desvendado agora. Mas eu vivo com pouco, sou uma pessoa de sorte na vida. Pra mim, tudo é lucro.

TRIP Agora, pra se ganhar quatro paus por mês não é preciso um grande esforço, é relativamente

arquivo pessoal

quase que por acaso na vida de Frank, e provavelmente não sai mais. Aqui, expediente de rotina na Guarda.

simples, mesmo aqui na Guarda, certo?

FRANK Quatro paus por mês até um cego de ouvido ganha. Não é verdade? Quatro mil, você sentado aqui, se você ficar um mês sentado na minha cadeira aí, quando chegar no fim do mês, se você olhar aí ao lado tem uns 3.800, quase quatro...

TRIP É o que você faz então?

FRANK É mais ou menos o que eu faço.

TRIP Você não precisa tanto de gente, nem de movimento, nem de TV, cinema, festas. Isso tudo não faz mesmo falta pra você?

FRANK Não faz falta, porque já fazia parte da minha natureza, entende? Eu sou uma pessoa que realmente gosta disso que você tá vendo em volta de casa. De olhar aqui assim, ó, e ver esse bambu lindo, de ver a lua nascer em cima do morro. Daqui a pouco você vai olhar ali e vai ver o pôr-do-sol. São coisas que na cidade você não tem tempo. Na cidade ninguém pára pra ver a lua, pra ver um arco-íris, ninguém pára pra tirar um passarinho que caiu ali. As pessoas não pensam mais, o *modus-vivendi* dessas pessoas alterou totalmente. Aquilo é uma paranóia generalizada, desde o cachorro do teu vizinho até a empregada que vai buscar o pão pra tua mãe. Todo mundo vive naquele burburinho, todo mundo fica pensando que é impossível sair dali, que aquela é a última opção, que sair fora é coisa muito difícil, muito longe, quando na realidade é uma coisa tão fácil que passa desapercebida. O grande acontecimento na vida do homem é esse. Você tá entendendo o que eu estou dizendo? Você tá entendendo? Você perguntou pra mim como acontece, como é essa mudança, e eu acabei de responder pra você agora como é que é: é assim, no "desapercebido" que aparece a solução. E as pessoas, elas acham que não, que não pode ser, é muito simples.

TRIP Um assunto ligado à questão do isolamento: sexo, como é que fica?

FRANK Sexo...

TRIP Como é que você se vira aqui na Guarda, isolado?

FRANK Bom, aí tem duas fases. Tem a fase existencial do lance, uma procura de auto-realização, uma procura de verdade, qual o sentido da tua vida, da tua existência, que atitude se deve tomar, que conduta você deve ter, qual sua postura diante de tudo. Daí que o sexo, durante esse tempo, ficou afastado, porque a situação, sabe, exigia isso. Mas eu vejo o sexo, hoje em dia, como uma coisa normal.

TRIP Você tem namorada?

FRANK Namorada? Eu tenho muitas namoradas na minha vida, sou amante de todas.

TRIP É a última fase?

FRANK Essa é minha última fase.

TRIP Você já pensou em casar? Em morar com uma mulher só?

FRANK Pôr uma gata aqui dentro de casa, um broto aqui? Só se for uma gata, uma gata mesmo!

TRIP Seria uma boa pra você?

FRANK Pô, você sabe que mulher é uma coisa altamente sensual, é uma coisa que... ela te põe em perigo toda hora, todo minuto. Você tá em perigo com uma gata do teu lado, com uma mulher do lado você perde o controle. Entrando em termos agora mais profundos, a mulher do teu lado desvirtua totalmente a tua meta, ela desvirtua a meta porque, de uma certa forma, te domina. E no fim você acaba fazendo uma série de coisas que você não quer só para satisfazer a mulher. Eu acho mulher ótimo, mas sou um cara extremamente perspicaz na escolha... Porque eu sei que com uma mulher aqui dentro de casa eu vou correr perigo, de todas as maneiras. Vou acabar enlouquecendo, vou acabar deixando de realizar uma série de coi-

sas que eu gostaria de realizar.

TRIP Não pode ajudar, de repente?

FRANK Digamos do lado material, para minha satisfação material, para a construção da minha família, para o meu apego ao lar, meu apego por ela, por todas aquelas aventuras que eu deixei de realizar na minha vida por ela, por todos os outros amores que podia ter, de inúmeras viagens que eu deixei de fazer por causa dela...

TRIP Isso ajuda?

FRANK Exatamente! Eu é que pergunto: isso ajuda?

TRIP Ela não pode te acompanhar em tudo isso?

FRANK Ela poderia me acompanhar, claro, ela poderia me acompanhar, mas eu não sei se estaria contente caso ela estivesse comigo em tudo isso. Acho que ficaria mais satisfeito se ela me acompanhasse só em algumas dessas coisas. Companhia parcial, no caso, porque de outra forma você fica comprometido. E minha meta não é bem essa de se comprometer, minha meta é justamente o contrário, é de me descomprometer totalmente com tudo!

TRIP Quais seus maiores medos?

FRANK Meus maiores medos? É o seguinte: é mulher dentro de casa e altura... Deixa eu ver se acho uma definição pra você, do que eu tenho medo... Eu tenho medo dessa ignorância, da inconseqüência, dessa geração que tá deixando o mundo aniquilado, da falta de conhecimento verdadeiro dessas pessoas que estão dirigindo o planeta, especialmente o Brasil. Medo dessas pessoas que não estão fazendo idéia de quão catastrófico tudo isso está sendo para gerações vindouras. O meu medo é que teu filho não veja mais nada disso que nós estamos vendo aqui.

TRIP Você acha que os atuais comandantes da política nacional estão comprometendo tudo?

FRANK Toda uma geração, todo um futuro de um lugar lindo, altamente opulento. Porque tudo aqui é opulento. Como pode um lugar desses ser tão opulento e ao mesmo tempo você ver tanta miséria, tanta ignorância em cima disso?

TRIP O que você costuma sonhar?

FRANK Nossa, você não acredita! Agora você falou uma coisa, que isso pra mim é uma coisa que também é um enigma... Você sonha?

TRIP Eu sonho, mas não me lembro muito. Você não lembra de seus sonhos?

FRANK Bem, em termos de surf, eu já peguei uma onda surreal, ela era interminável. Ela ia até o horizonte, era um bowl...

TRIP No sonho isso?

FRANK No sonho. Ela era de uma cor verde-esmeralda, muiiiito limpa, e essa onda é a onda da minha vida. Sabe como ela era? Uma onda de uns seis pés, tubular, mas tinha uma característica que ela era... como se fosse um cilindro cortado no meio, então o teu surf na realidade não era numa onda só, de um lado da parede.

TRIP Um half-pipe!

FRANK Exatamente, um half-pipe, interminável. Ela ia até o horizonte, cara, com um terral dos dois lados...

TRIP Escuta, Frank, por que o kneeboard, o surf de joelho? Por que essa opção?

FRANK Vou matar tua curiosidade. Isso aí aconteceu quando eu pegava de fun-shape. Apareceu uma prancha, uma Gordon-Smith, biquilha, 5'5", lá na casa onde a gente morava. Eu não sei como é que apareceu a prancha lá. Imagine uma 5'5": você jamais vai pensar em levar uma pra pegar onda, não é verdade? Então, daí surgiu a conversa, que o George Greenough tinha uma prancha que nem essa e tal, e que "essa prancha serve pra pegar de joelho, não sei o quê, vamos experimentar...". E a prancha acabou indo parar na mão da galera. Isso foi em 72, na Baleia, Camburi, em São Paulo. A prancha então veio parar na minha mão – e eu estava acostumado com fun-shape, tava tendo uma dificuldade de ficar em pé nas ondas, de manobrar a prancha. Nunca tinha visto aquilo na minha vida, meu irmão! Sou um cara de 1,66 de altura, 75 quilos, a prancha era realmente pequena naquele tempo. Eu não tinha o surf no pé, não tinha a experiência naquela prancha. Daí começou aquele negócio de "não, pega de joelho, pega de joelho, não sei e tal"... E pega uma onda e pega outra e, porra, passa uma onda que eu já estava com uma certa dificuldade de passar, e pega um tubo e pega outro, pega outro, e quando eu vi já tava pegando de joelho com a pranchinha há quase nove meses.

TRIP Daí você continou o kneeboard direto.

FRANK É, aí eu virei um kneeboarder. Mas, lá em São Paulo, eu era um kneeboard meio marca-barbante. Porque a onda lá é boa, mas não é uma onda *special* para knee-riders. Você sabe que o papo de kneeboard é um lance mais ou menos como é o kart para o automobilismo, né?

TRIP Qual a diferença?

FRANK A diferença é isto justamente que eu vou te falar: eu acho que o kneeboard está pro surf de pé como o kart está para o automobilismo. No kneeboard você tem um centro de gravidade mais baixo, você tem uma estabilidade muito maior, você pode ir em determinadas partes da onda que você em pé não vai. Não por falta de habilidade sua, mas por causa de leis, meu irmão, da gravidade. Também depois, porque a tua posição na prancha já é uma posição, digamos assim, de *over-drive*, né cara? Não é um lance que você vai, fica um pouquinho mais atrás, afunda mais um pouco a frente... Você subiu na prancha, tua opção de movimento é só uma: ou você vai pra frente ou você vai pra trás. Uma vez que você vai pra frente, você não volta mais pra trás. No surf você pode atrasar um pouco. Se você tá com muita velocidade, você dá uma freada na prancha, não é esse o jogo? Você pisa mais atrás, levanta um pouco a frente.

TRIP É a sensação do tubo, é diferente?

FRANK É totalmente diferente. Olha, você não vê que agora estão aparecendo manobras no surf, que as posições dos surfistas nas pranchas são quase que idênticas às dos knee-riders? Não tem esse grabrail? Não tem esse lance? Já é um meio kneeboard, tem surfista que já tá ajoelhando dentro do tubo, porque numa onda de um metro e meio, em pé, o teu visual, a tua posição perante a onda é o teu pescoço pra cima do lip, normalmente, não é verdade? Você num kneeboard, numa onda de um metro e meio, a tua cabeça tá abaixo do nível do lip da onda. Então, sabe o que acontece visualmente? Toda a onda dobra de tamanho.

TRIP E o tubo é mais fácil.

FRANK É muito mais fácil. Imagine uma onda que você tem que fazer um puta esforço pra se abaixar, se colocar, não deixar o lip bater no teu ombro, na tua cabeça, e ficar com uma boa base. Tudo isso você já vem vindo, do começo da onda, com todos esses requisitos numa kneeboard. A prancha é muito mais veloz, em todos os movimentos. Você faz uma manobra de surf em pé, você projeta a manobra, aí você faz aquela curva, você traça aquela tangente, você já vem acelerando ou reduzindo aquela velocidade numa determinada distância. O kneeboard, meu irmão, é tudo a jato. Quando você pensa que vai fazer uma curva, você já começou a fazer. É uma coisa mais direta. Surf é um lance mais hidráulico, kneeboard é um lance mais mecânico.

TRIP E família? É o quê?

FRANK Minha família, coitados, são umas pessoas bonissimas. Eu não sei também o que acontece ali — aliás tem um ditado que diz "quando a esmola é muita o santo desconfia". Eu também não sei o que acontece, que tudo na minha vida dá certo. Mas, eu não levo muita fé nesse tipo de relacionamento. Eu acho legal, eu tenho, você tem, mas aquele lance, aquela corrente, a família, isso eu acho altamente prejudicial. É um lance que te prende totalmente.

TRIP Limita?

FRANK Limita pra cacete. Essa garotada de hoje em dia tinha mais é que fazer a mala e ir à luta, viu? Tu pode dar esse recado aí, desse jeito é mole, ficar na casa do papai. Fala aí: "O Frank mandou um recado pra garotada aí para fazer as malas, sair de casa, abandonar mesada, porque tá muito cômodo. Isso aí não é uma coisa de surf." Você põe assim: "Não é do surf!" Surf você tem que pegar no duro e comer no roco.

TRIP Comer no roco?

FRANK Né, cara?!?! É muito cômodo você pegar dinheiro do papai, carrinho da mamãe, tudo pago, vem aí tirar onda de surfista. Agora, porra, vem aquele cara que batalha pra cacete, esse é outra pessoa. O que eu tô dizendo é que existe uma diferença, não é a mesma consistência.

TRIP Qual é teu cuidado com a alimentação?

FRANK Procuro não comer alimento que seja obtido através de violência, ou seja, eu não como nenhum tipo de cadáver. Eu gosto de acordar muito cedo, não bebo, só socialmente, uma cerveja vez ou outra, um vinho. As atividades físicas que eu faço são braçais mesmo, aqui em casa, que

Somando experiência de vida e conhecimento vedico (hare krishna), Frank vive sozinho numa casa bastante simples. Pra ele, o isolamento não existe: "Aqui ninguém te isola como na cidade, aqui você é um ente querido."

precisa cortar lenha, empurrar canoa ali fora... Mas não faço nenhum tipo de preparação física. Eu nado todo dia, né cara? Procuro não ficar escancarando, escancarar é foda.

TRIP Dá pra perceber em tudo que você é um cara que curte ficar sozinho.

FRANK **Eu acho que esse negócio de sozinho, de isolamento, é muito mais fácil de acontecer na cidade do que aqui. Aqui ninguém te isola. Você é um ente querido de todos, você encosta numa árvore ela tem sombra...**

TRIP Você toca algum instrumento?

FRANK Toco, viola de dez cordas. Tá lá em cima, mas tá arrebentada, sem encordoamento. Eu toco variado, muitos tipos de som, mas levo mais uns blues, aquele tipo de som que você acaba de pegar onda, vem com um amigo pra casa...

TRIP *After surf session!*

FRANK Exatamente. Porque, pôe aí também que surf não é só o cara pegar a prancha, entrar dentro da água e descer as melhores ondas. O surf é aquela manhã que você acorda, que você escuta o barulho do mar, e que você devagarzinho chama teu companheiro de surf para acordar e vai caminhando pra praia, à noite, só vendo o branco das espumas e o vento terral soprando na nuca. E quando você entra dentro d'água é que você realiza que o sonho é pura realidade. E você vê também, cara, que no primeiro tubo você não se molha e jamais se molhará! ...Isso é que é o surf.

TRIP Bom, Frank, correm várias lendas a teu respeito. O que você acha disso?

FRANK Eu não vou responder se eu sou lendário ou não, por que quem faz a lenda é o espectador e não o personagem. Eu sou uma pessoa normal como todas as outras pessoas da Terra. Só que aconteceu que eu tive a felicidade de ter uma opção satisfatória de vida e me acomodei nessa situação. Mas sou uma pessoa totalmente normal, eu não tenho nada de especial, eu sei disso.

TRIP Falam algumas coisas, que quando você mudou pra Guarda, corria o boato que sua casa era mal-assombrada, que teu cachorro comia gente, que você era bruxo...

FRANK Olha, pra começo de conversa, meu cachorro comer gente é meio difícil – como é que ele vai comer gente, coitado? Um forasteiro chegando numa comunidade pesqueira, digamos, uma pessoa totalmente estranha ao cotidiano de vida deles, e daí que aconteceram muitas coincidências, eu acabei vindo morar numa casa que tinha cara de mal-assombrada, onde não morava ninguém há anos. Eu nunca tive problemas com fantasmas, nunca fui aborrecido por nenhuma assombração na casa. E depois, você sabe como é que é, você chega de fora, é uma pessoa mais reservada, você não fica assim se expondo muito, então criou aquela aura em volta de minha pessoa e é tudo ilusão. **Em questão de bruxarias, até agora não acabei o curso. Eu tô esperando a nova apostila chegar, porque faz 112 anos que eu já paguei e até agora não recebi nada.** Mas, pode ficar tranqüilo, pode falar pros menudos, pros surfistas em geral, que eu não mordo. Dependendo da situação, eu solto meu cachorro.

TRIP E os planos pro futuro?

FRANK Meus planos, a hora que acabar esta entrevista, é pegar minha prancha que está aí embaixo, pegar umas ondas, sair da água, voltar aqui em casa e daí pra frente eu não sei. Fica difícil falar, mas acho que no futuro da cidade vai ser difícil até de pegar a prancha.

SURF EM ALTA-VELOCIDADE

Nesta modalidade de surf, ajoelhado na prancha, o knee-rider deve fazer as mesmas evoluções do surf em pé. Existem três articulações atuantes: cintura, joelho e tornozelo. No surf de joelho a cintura é a mais utilizada, sendo que as outras duas, embora também necessárias, têm uma atuação bem mais reduzida. No kneeboard os tubos acontecem constantemente. É que a proximidade da água, decorrente da postura do surfista, amplia as dimensões da onda e reduz a resistência ao ar. Tudo isso, somado ao baixo centro de gravidade, proporciona freqüentemente velocidades incríveis.

Hoje, este esporte conta com uma entidade que o representa, a Associação Brasileira de Surfe de Joelho (ABSJ), filiada à Associação Brasileira de Surf Amador (ABRASA). A ABSJ tem seu calendário de provas e bastante gente nova está nesse esporte atualmente.

Eu venho praticando kneeboard há 16 anos e a experiência adquirida em tudo que o envolve tem sido bastante positiva. O surf de joelho corre nas minhas veias, é o ar que respiro. É a minha vida e a de muitos atletas no Brasil. O kneeboard, seguramente tem todo um futuro pela frente.

Sérgio Peixe

1º lugar no Ranking Brasileiro de Kneeboard-Vice-campeão mundial amador em Porto Rico 88

Telefones de contato da ABSJ:
Rio de Janeiro – (021) 327-8371 – Sérgio Peixe
(021) 722-6491 – Beto Galindo
São Paulo – (011) 440-8532 – Paulo Musgo
Paraná – (041) 422-0013 – Beto Freire
Santa Catarina – (0482) 33-1287 – Marcos Breda
Rio Grande do Sul (0512) 33-4251 – Alexandre Torrano

OCEAN PACIFIC

São Paulo Criação

SUNDEK
SOLAR ENERGY

EDITORIAL

marcos prado

Quando se pretende praticar um jornalismo de qualidade, torna-se necessário reunir outros itens na bagagem, além do bloco de anotações e da câmera fotográfica. Determinação, boas idéias, sorte, coragem e faro apurado são alguns deles.

A equipe de reportagem da *TRIP* que trabalhou nos últimos meses no Rio de Janeiro (Fernando Costa Netto, o Dandão, e o fotógrafo Marcos Prado, surfistas há mais de dez anos) mostrou todas essas qualidades. Subimos várias vezes o morro da Rocinha, apenas alguns dias antes do caldeirão ferver. Estivemos queimando algumas fichas no Fliperama 2, horas antes do lugar ser tomado pelo batalhão de choque da PM e virar capa dos mais importantes jornais e revistas do País. Da mesma forma, subimos nos trens de subúrbio para captar as emoções e imagens dos surfistas ferroviários, os pingentes da era *Blade Runner*.

Enquanto Marcos e Dandão desviavam de fios de alta tensão a 80 km por hora, a *TRIP* ia a 200 em direção ao seu objetivo: jornalismo de impacto calcado na força da imagem e modernidade do texto. Além, é claro, de muito surf de primeira linha. Nesta edição, a primeira parte da viagem do Indiana Jones/Aaron Chang brasileiro, o fotógrafo Roberto Price, que rodou pelo Tahiti, Indonésia, Austrália e Ilha de Páscoa junto de alguns dos melhores surfistas do Brasil.

De quebra, publicamos na íntegra a única entrevista de Frank Zappa a um jornalista brasileiro. O homem se chama José Nogueira, vive em Nova York e é correspondente de vários dos principais órgãos de imprensa brasileiros.

Esperamos que você goste.

PAULO LIMA

FRANK DA GUARDA
Os joelhos na prancha, os pés na areia 4

SURF TRIP
Uma geral no 5.º continente 20

TAHITI
Aita pea pea: os primeiros brasileiros no arquipélago 24

FRANK ZAPPA
Incrível: Zappa sem zíper 38

SURFISTAS FERROVIÁRIOS
A morte na primeira curva 48

FAVELA
O morro não é uma droga 58

BRAÇO DE FERRO
Concentração no banheiro, cotovelo na mesa 70

QUARTOS
O universo das quatro paredes 78

SALADA
O frigir da borracha 89

Capa: Danse Nunes fotografada por Ernesto Baldan
Produção: Mari Stockler
Assistente: Zeca Martins
Medalha: Troféus Piazza/acabamento Polyester
Cabelo e maquiagem: Arma do (Boys)
Piscina: Hobby Sports

A imagem tri-dimensional da capa é um holograma impresso em plástico, que pode ser melhor observado sob a luz direta do sol ou uma fonte pontual como halógena ou incandescente.
O holograma foi produzido pela Holográfica Produções Ltda., São Paulo – Brasil

EDITOR: Paulo Anis Lima
DIRETOR ADMINISTRATIVO: Carlos G. Sarli
CONSULTORIA DE MARKETING: Wanderley Pedreschi
EDITOR DE ARTE: Rafic Jorge Farah
EDITOR CONTRIBUINTE: Eduardo Borgerth
DIRETOR DE REDAÇÃO: Otávio Rodrigues
PROJETO GRÁFICO: Rafic Jorge Farah

ARTE
DIREÇÃO: Reynaldo (ZAPI) Maldonado
ASSISTENTE: Cássio Leitão Camarero
TRÁFEGO: Rosana Vianna
ARTE-FINAL: Maria Amélia Mandarino Gomes

REDAÇÃO
PRODUÇÃO: Juliana Cristina de Souza
REPORTAGENS ESPECIAIS: Arthur Veríssimo
MARKETING EDITORIAL: Fernando José da Costa Netto, Maira Mariotti
FOTOGRAFIA: Ernesto Baldan
FOTO STAFF: Ailla Sorozzi, Dennis Magalhães, Marcos Prado, Roberto Price, Shoiti Hori

COLABORADORES
FOTO: André Reichmann, Ângelo Palumbo, Araquém Alcântara, Carlos Eduardo de Campos Luiz, Daniel Bourqui, Edson Neves, Fauze Mehlen, Gilberto Fernandes, Klaus Mitteldorf, Jair Borelli, Levy Cruz Paiva, Mickey Hoffmann, Paulo Filgueiras, Paulo Galvão, Petrônio Vilela, Tico Ohara

ESTÚDIO: Álvaro Ehlis, Armando Prado, Bob Wolfenson, Charlie San Juan, Elisabetsky, J.R. Duran, Paulo Vainer, Vitor Amatti

TEXTO: Aluízio Lacerda, André Christovam, Dagomir Marquezi, Eduardo Faria, Fábio Bolota, Fernando Naporano, Giovanni Mancuzo, Dr. José Ângelo Gaiarsa, José Fucs, Kid Vinil, Lu Gomes, Luiz "Feio" Sala, Luiz Roberto "Formiga" de Moraes, Marco Bueno, Pepe Escobar, Rosaldo Cavalcanti, Sidão Tenucci, Simone Gontier

CORRESPONDENTES:
USA: Havaí – Bill Barnfield; Califórnia – Annibal Neto e Adrian Kojin. ITÁLIA: Milão – Pepe Escobar
FRANÇA: Jean Michel Potier e Frédéric Pauvarel.
PORTO RICO: Norman Grosskreutz.

DEPARTAMENTO FINANCEIRO
GERÊNCIA: Shoiti Hori
ASSISTENTE: Sylvia Corrêia Hering
DEPARTAMENTO COMERCIAL
DIRETOR: Marco Aurélio dos Reis
ASSISTENTE: Marta Maria Cassão

REPRESENTANTES
SÃO PAULO: Carlos Eduardo dos Santos, Selma Pina, fones: (011) 260-9820 / 260-8056
RIO DE JANEIRO: Paula D'Orsi, fone: (021) 226-8247
SANTA CATARINA: Valéria Arruda, fone: (0482) 23-2116
RIO GRANDE DO SUL: Dennis Magalhães, fone: (0512) 31-6619
NORDESTE: Claude Mottta, fone: (085) 234-1660
ASSESSORIA JURÍDICA: Matheus Martins da Costa, Silvio G. Shützer, J.C. Gamboa, Hélio Dias de Moura
MARKETING DIRETO: Gaf P & P – Alkhemar Freitas Filho (SP – 011 – 260-2964)
IMAGEM: São Paulo Criação

SERVIÇOS GRÁFICOS
FOTOLITOS: Colortek, Linoart, Marprint
COMPOSIÇÃO: Lidio Ferreira
IMPRESSÃO E ACABAMENTO: Divisão Gráfica da Editora Abril S.A.
DISTRIBUIÇÃO: Fernando Chinaglia S.A. – Rua Teodoro da Silva, 907, Rio de Janeiro (RJ)
EXTERIOR: Distribuidora Jardim de Publicações Ltda. – Quinta Pau Varais Azinhaga dos Fetais – Camarate – Lisboa

Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião da revista. TRIP não publica matérias redacionais pagas e é uma publicação bimestral da TRIP Editora e Propaganda Ltda., administração, redação e publicidade à Rua Cerro Corá, 1646, São Paulo (SP), CEP: 05061. Fones: (011) 260-9820 / 260-8056.

BMX Acrobike R2. Só para pilotos.

A BMX ACROBIKE R2 foi além das bicicletas normais.
Ela é a única equipada com um rotor giratório 360° de guidão, que permite infinitos giros, iguais aos das hélices de um helicóptero.
Ela tem apoio traseiro, dianteiro e plataforma central, numa estrutura monobloco, garantindo segurança total nas piruetas.
Ela é leve e tem a resistência e a durabilidade Monark.
A BMX ACROBIKE R2 é perfeita para pilotos e acrobikers.

EARTH,

Skate: Oscar • Osmar • Daniel Bourqui

WIND &

Vão Livre: Maurício Barcellos

SEA CLUB.

Você está vendo as feras que Sea Club está patrocinando na terra, no ar e na água.

SURF TRIP

sean dovey

Duranbah, um dos picos mais procurados em Queensland.

roberto price

Alugar um carro é fundamental.

Por Álfio Lagnado

COMO IR: Existem duas maneiras para se chegar na Austrália. Uma é via Buenos Aires, passando sobre o Pólo Sul até Auckland, Nova Zelândia, e depois Sidney. Uma parada na Nova Zelândia vai valer a pena, principalmente para surfar Raglan, uma esquerda longa e alucinante (dá para alugar um carro e, para se hospedar, o melhor é o Raglan Motel, fone 25-8153). Outra forma de alcançar a Austrália é via Santiago, Ilha de Páscoa, Papeete e então Sidney. Uma parada no Tahiti também vale boas horas de surf, mas os preços por lá são absurdos. A passagem aérea custa em média 1.550 dólares. Mas é sempre bom fazer uma pesquisa nas agências antes de viajar, pois dependendo da época e circunstância, esse valor pode variar.

TRANSPORTE LOCAL: Um carro é fundamental para se conhecer os melhores picos, já que na Austrália existem centenas deles. Para alugar um automóvel gasta-se entre 100 e 200 dólares australianos por semana, dependendo da locadora. Se você ficar mais de dois meses por lá, é aconselhável comprar um carro usado e depois vender. As passagens aéreas para viagens locais são caríssimas, mas os ônibus interestaduais são boa opção.

ONDE FICAR: Chegando em Sidney, o lugar indicado pra se ambientar com a Austrália é Bondy Beach. A acomodação na área é barata e sempre existe um certo movimento, com uma quantidade razoável de meninas na praia compensando a ausência das melhores ondas. Para se hospedar, consulte primeiro o The Lellen Beach In, fone 30-5333, que cobra mais ou menos 25 dólares australianos por duas pessoas. Um táxi do aeroporto até lá custa perto de 15 dólares desses.

MELHORES PICOS: A Austrália inteira tem onda, mas estes são imperdíveis! Sidney: North Sidney (Narraben, Newport, Avalon, Dewhy, Manly, etc.); South Sidney (Cronula, Wolongong, Shark Island). Byron Bay: para a maioria, este é o real paraíso do surf no continente, pelas boas ondas, tranqüilidade e infraestrutura de indústrias de surf (hospedagem no Youth Hotel, a 8 dólares australianos por dia e comida ótima). Melbourne: é a área de Bells Beach - não precisa falar mais nada (fique no Caravan Park, mais ou menos 20 dólares australianos por dia). Queensland: também apontado como um dos melhores lugares, com picos como Kirra, Burley Heads, Duranbah, Currunbin, Snaper Rocks, etc (existem milhares de motéis na região, que têm preços em torno de 30 dólares australianos por dia, pra duas pessoas).

roberto price

Além do carro, um quiver básico.

roberto price

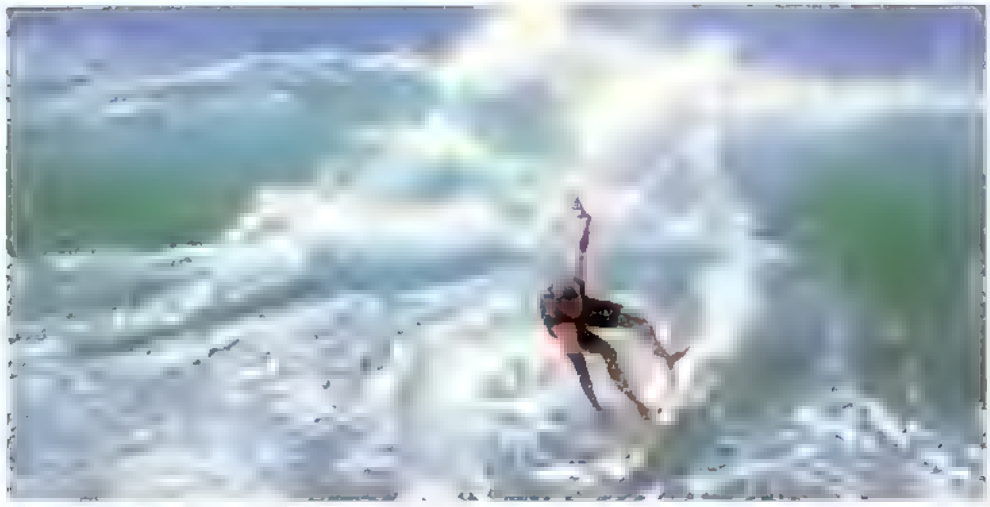
Um país surfável de ponta a ponta.

MELHOR ÉPOCA: Fevereiro, março e abril são os meses de melhores ondas. Como inimigo, o clima um pouco frio.

EQUIPAMENTOS: A Austrália em termos de onda é bastante similar ao Sul do Brasil no inverno, um pouco mais consistente e com ondas mais fortes. Um quiver normal com uma gun pra surfar o sul gelado, é suficiente. Não se preocupe com eventuais ausências na bagagem, pois existem mais surf-shops do que postos de gasolina. Nelas há todo tipo de roupas, pranchas e equipamentos.

OUTROS TOQUES: *Pra se comer o lance é junk food, com gastos diários de 30 dólares australianos. * Pra quem gosta de jornadas além das fronteiras, Bali (mais ou menos 600 dólares australianos), Fiji e G. Land. * Não deixe de comprar o livro **Surfing Austrália**, de Nat Young, que dá toques de todos os picos, ventos, swells, etc.* Pra ver canguru, só no Zoológico.

sean dovey



Bondy Beach: o melhor lugar para se ambientar.

unicatur

APROV
grandes emoções e as grandes vitórias do homem.
TODO O CORPO
Desodorantes com fragrâncias modernas seguindo as tendências internacionais. Nas versões Silver e Gold.
TODO DIA
Shampoo com PH neutro, que trata, protege, e não danifica os cabelos mesmo com uso diário.
DEODORANT
Cologne for Men
APROV
aerosol
Conteúdo 90 g
Gold
SHAMPOO
para USO Frequente
APROV
SUAVE
Conteúdo 240ml
DEODORANT
Cologne for Men
APROV
aerosol
Conteúdo 90 g
Silver
TERRA
Friasi
RESPEITO POR VOCÊ

SUSPENSÃO REFORÇADA

R. Monsenhor de Andrade, 442/446 - SP
Fone: 229-5827 - 267-3534

PERFORMERS '88

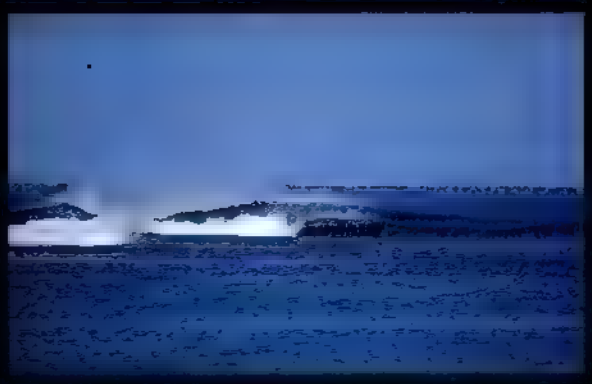
ALEXANDRE "PICURUTA" SALAZAR

IDADE: 27
PRANCHA DE SURF: New Advance
POINTS FAVORITOS: Quebra Mar-Santos, Jeffrey's Bay, Rocky Point, Praia da Parede
SURFISTAS FAVORITOS: Tom Carroll, Almir Salazar, Tom Curren, Wagner Pupo
MÚSICA: Rolling Stones, Madonna, Smiths
MANOBRAS FAVORITAS: Batida de Back-Side, Cut-Back
RESIDÊNCIA: Santos, Brasil

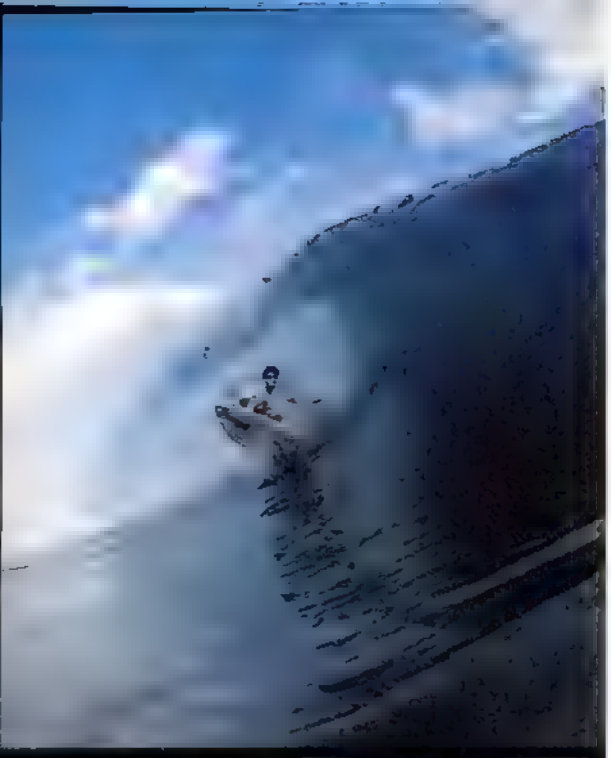
MAEVA,

Por Rosaldo Cavalcanti

Fotos Roberto Price



Água azul, areia branca, natureza de arrepiar: são iscas assim que fazem de Tahiti um dos lugares turísticos mais procurados em todo o mundo. Mas, o verdadeiro tesouro passa desapercebido da maioria: ondas perfeitas, fundo de coral, ninguém na água... Um paraíso para o surf, uma cena de filme, mini Pipeline sem crowd. A equipe de reportagem da *TRIP* foi e conseguiu voltar pra contar a história.



O quê? Altas ondas. Onde? No Tahiti? Pois é.

Para quem ainda não sabe, não leu, não viu, não escutou, aqui vai uma dica: O Tahiti é um paraíso pra quem gosta de curtir bons momentos, e bons momentos no paraíso significam paz, boas ondas e um clima ideal. A temperatura da água gira em torno dos 23 graus e lá fora, durante o inverno, é normal os termômetros oscilarem entre 27 e 32 graus.

Esta foi minha segunda *trip* ao Tahiti e ao desembarcar no aeroporto de Papeete, tinha comigo a certeza de que iria surfar excelentes ondas. De dentro do avião, eu viajava no visual do arquipélago. Apesar de serem diferentes umas das outras, as ilhas têm algo em comum: todas são cercadas por um anel de coral e esta é a razão de rolarem altas ondas na maioria das ilhas. Na verdade, a única ilha sem boas condições para o surf é Bora Bora. Bora Bora é um dos mais procurados centros turísticos do mundo, e lá um pedaço de pão pode te custar os olhos da cara. Aliás, fazer turismo no Tahiti é passatempo de magnata. Tudo, absolutamente tudo, custa caro no Tahiti.

Colonizado pelos franceses, que lá chegaram e se estabeleceram alguns séculos atrás, o Tahiti tem no turismo sua maior e talvez única fonte de renda. Graças à sua beleza natural, a "jóia do pacífico" atrai milhares de turistas todos os anos. Antes dos franceses, o lendário James Cook aportou no Tahiti e diversas lendas cercam sua chegada. Dizem que a tripulação de Cook, há vários meses no mar, já começava a dar sinal de delírio e que muitos marujos já tinham inclusive enlouquecido, sendo por isso sacrificados em pleno alto mar.

Ao chegarem no Tahiti, Cook e sua armada foram chorosamente recebidos pelos nativos polinésios, e imediatamente criou-se um inacreditável clima de cordialidade entre visitantes e visitados. Os nativos ofereciam presentes aos europeus, que de cara pensaram que realmente haviam enlou-

Rosaldo Cavalcanti em sequência, atrasando pra ficar dentro de mais um salão azul em Taapuna. Depois de algumas horas de surf e muitos tubos, você começa a procurar novos ângulos.

quecido. Alguns tripulantes tiveram crises nervosas e se recusavam a acreditar naquilo que estavam vendo. Se já não bastasse a beleza natural do lugar, os tahitianos não conheciam o sentido de propriedade privada e em sua sociedade nada tinha um verdadeiro dono. Sem serem fanáticos religiosos, os tahitianos se expressavam através de danças típicas, e com a chegada de Cook o clima de festa tomou conta da ilha.

Os tahitianos são tradicionalmente bastante hospitaleiros e não costumam carregar qualquer tipo de maldade em seus pensamentos. Cook e seus marujos ficaram chocados com a beleza das nativas e com a maneira natural como elas encaravam o sexo. Com o clima que tinham, os nativos não precisavam de muita roupa e na maioria das vezes andavam completamente nus. É compreensível que muitos homens tenham finalmente enlouquecido quando lá chegaram.

Depois de algum tempo vivendo como verdadeiros reis, os homens de Cook foram avisados que a data da partida se aproximava. Segundo as ordens que havia recebido da coroa inglesa, Cook precisava seguir viagem e assim deveria fazer sua tripulação. Foi aí então que uma tentativa de motim, liderada por alguns marujos que não desejavam partir, teve que ser contida e mais alguns homens foram sacrificados para que a ordem pudesse ser restaurada.

MINI PIPELINE

Nos dias de hoje, os tahitianos já não costumam andar nus pelas modernas ruas de Papeete, a capital, mas muitos dos antigos costumes foram preservados. Descendo do avião da Lan Chile que nos levou até lá, fomos recebidos por um grupo de tahitianos que, vestidos a caráter, tocavam e cantavam músicas típicamente locais. A princípio, isto poderia parecer "coisa pra gringo ver", mas na verdade este é o clima tahitiano: muita paz, felicidade e um carinho todo especial pelo estrangeiro. Apesar do Tahiti e do Havaí serem bastante parecidos, dentro d'água a vibração ali é a melhor possível. Chegar no pico e apertar a mão do local mais brabo é uma coisa normal, e se começar a sobrar a melhor onda da série para você, não pense duas vezes. Vá nela, pois ela é toda sua.

A qualidade de ondas diferentes é uma das melhores coisas do Tahiti. Só na ilha principal você vai, dependendo do vento e do swell, escolher entre mais de 15 picos diferentes. Muitos ainda desconhecidos e nunca surfados. Mas a melhor onda está a menos de 10 minutos do aeroporto; Taapuna, uma espécie de mini Pipeline. Quebrando sobre uma rasa bancada de coral, a onda conta com um dos take offs mais radicais que já experimentei. É impressionante!

A ondulação vem vindo a uma certa velocidade e você está no timing perfeito pra ela, mas quando atinge a bancada tudo muda. O tempo parece encurtar e na maioria das vezes você vai se sentir um segundo atrasado para o drop. Mas como em toda onda boa experiência sempre ajuda, observar como os locais se posicionam dentro d'água é uma boa pedida. Eles sabem exatamente onde e quando a próxima onda boa vai dar.

Vetea "Poto" David mora praticamente em frente à Taapuna, e de sua casa, todas as manhãs, ele checa de binóculo as condições do seu pico favorito. Lá fora ninguém surfa Taapuna melhor que ele. Campeão mundial amador em 86, Vetea está hoje em dia correndo o circuito da A.S.P. e passa pouco tempo em casa. Vetea e eu nos conhecemos há cerca de um ano e meio atrás, na Austrália, e desde então ele sempre me hospeda na sua casa. A família David é bastante conhecida na ilha, onde Vetea é o maior ídolo local.

"Onde vão ficar hospedados?", nos perguntou o chefe da imigração. "Chez Vetea David", respondi prontamente. "Ah, sim claro. Ele chegou semana passada da Austrália", completou meu mais novo amigo.

É realmente impressionante como é cordial o povo tahitiano. Sempre com um sorriso entre os dentes, a impressão que fica é que a palavra problema não existe no vocabulário local. "Aita pea pea", que significa "tudo bem", é uma expressão tahitiana bastante usada pelo povo e passa perfeitamente a ideologia da vida local.

SEM CROWD

Saindo de Papeete, você pode escolher entre muitas outras ilhas. Moorea, a apenas 50 minutos de barco, é a mais próxima e junto com Bora Bora a mais bonita do arquipélago. Moorea, como todas as demais ilhas, é de formação vulcânica e entre a montanha e o mar são apenas 15 minutos de carro. Praticamente só existe uma estrada em Moorea, que costeia toda a ilha. Em menos de duas horas, é possível dar a volta na ilha e, com um pouco mais de tempo, pegar a outra estrada que leva quase até o topo da montanha pode virar um dos melhores passeios da sua vida.

Hapeete é o pico mais conhecido de Moorea, e lá foram filmadas algumas das melhores cenas do *Tahitian Dreams*. Além de Hapeete, existem vários outros picos em Moorea. É só pegar o carro, dar a volta na ilha e pron-

Surfar a 25 minutos de distância da praia é sem dúvida uma experiência inesquecível. Rosaldo com os visuais da ilha de Moorea ao fundo.

Top local no Tahiti, Vetea é o mais novo de uma família de

Claudio Valle pronto pra encarar mais um tubo em Taapuna.

to. De acordo com o vento e o tamanho do swell, um ou outro pico vai estar quebrando perfeito e sem crowd, principalmente se for num dia de semana.

O Tahiti é um paraíso, e quando me lembro de uma sessão de surf que tivemos em Hapeete tenho vontade de largar tudo e pegar o primeiro vôo de volta. Imaginem a seguinte cena: mar completamente azul, ondas de 4, 6 pés quebrando sozinhas numa barreira de coral lá no outside. De dentro do carro, nós não acreditávamos no que estávamos vendo. A mais ou menos 1,5 km da praia as esquerdas pareciam perfeitas, e pelo visto, até aquela hora, nove da manhã, ninguém tinha chegado para surfar. Havia chegado em Moorea naquela mesma manhã e aquele seria meu primeiro surf na ilha. Foram quase três horas de surf como poucas vezes fiz na minha vida. Não havia absolutamente ninguém na água e as esquerdas rolavam peeerfeiiitas.

Dentro d'água, com exceção de mim e o Cláudio Valle, só mesmo os peixes. Depois da primeira hora de surf já tínhamos tomado alguma intimidade com o pico e agora sabíamos exatamente onde e como quebravam as ondas. Já estava começando a ficar cansado quando mais um surfista chegou. Era um australiano chamado Dave e estava curtindo a ilha com sua namorada que o esperava na areia. Perguntei para Dave como tinham estado as ondas nos últimos dois dias, mas ele também havia acabado de chegar na ilha.

Quando já estava me preparando para sair da água aconteceu um lance muito engraçado. Olhei para o canal e vi que mais um surfista estava chegando. Ele começou a se colocar no pico e depois de uns 15, 20 minutos o cara virou pra mim e perguntou no mais claro português possível: "você também é brasileiro?". Fiquei chocado, mais um brasileiro no paraíso? Apertamos as mãos e entre as séries que vinham trocamos algumas idéias.

O cara era mineiro, imaginem! Mineiro e surfando em Hapeete. Nunca esperava encontrar um mineiro em Moorea. Não que eu tenha algo contra os mineiros. Não é isso, muito pelo contrário. Já ouvi dizer que as mineiras são lindas... Mas, como Paulo, esse mineiro, me contou, "não costumam aparecer muitos brasileiros no Tahiti. Fora vocês, só dois ou três ano passado e talvez um ou dois no retrasado". Paulo saiu do interior de Minas em 1974 e desde então tem morado nas mais diferentes partes deste imenso planeta Terra. Paulo chegou em 80 em Moorea e depois de ficar apaixonado pelo lugar, casou com uma tahitiana e então fixou residência. Paulo é um paradoxo. Vivendo há quase duas décadas fora do Brasil, ele viajou com as coisas que eu lhe contei: inflação 600%, guerra nas favelas, Nova República, praias poluídas. O Brasil não mudou muito desde 74, deve ter pensado o Paulo. Vivendo em Moorea, problemas como estes não existem pra ele, mas, ele mesmo disse: "Eu ainda gosto pra caralho daquela merda lá".

Vetea "Poto" David: *going off* num dia pequeno de Taapuna.

Qual o surfista que nunca sonhou com um tubo como este. Rosaldo a la Rory Russel em Taapuna

Arsene Harehoe no quintal de sua casa em Taapuna. Um dos maiores destaques durante o último Mundial Amador, Arsene já foi várias vezes campeão tahitiano.

O PARAISO DE GAUGUIN

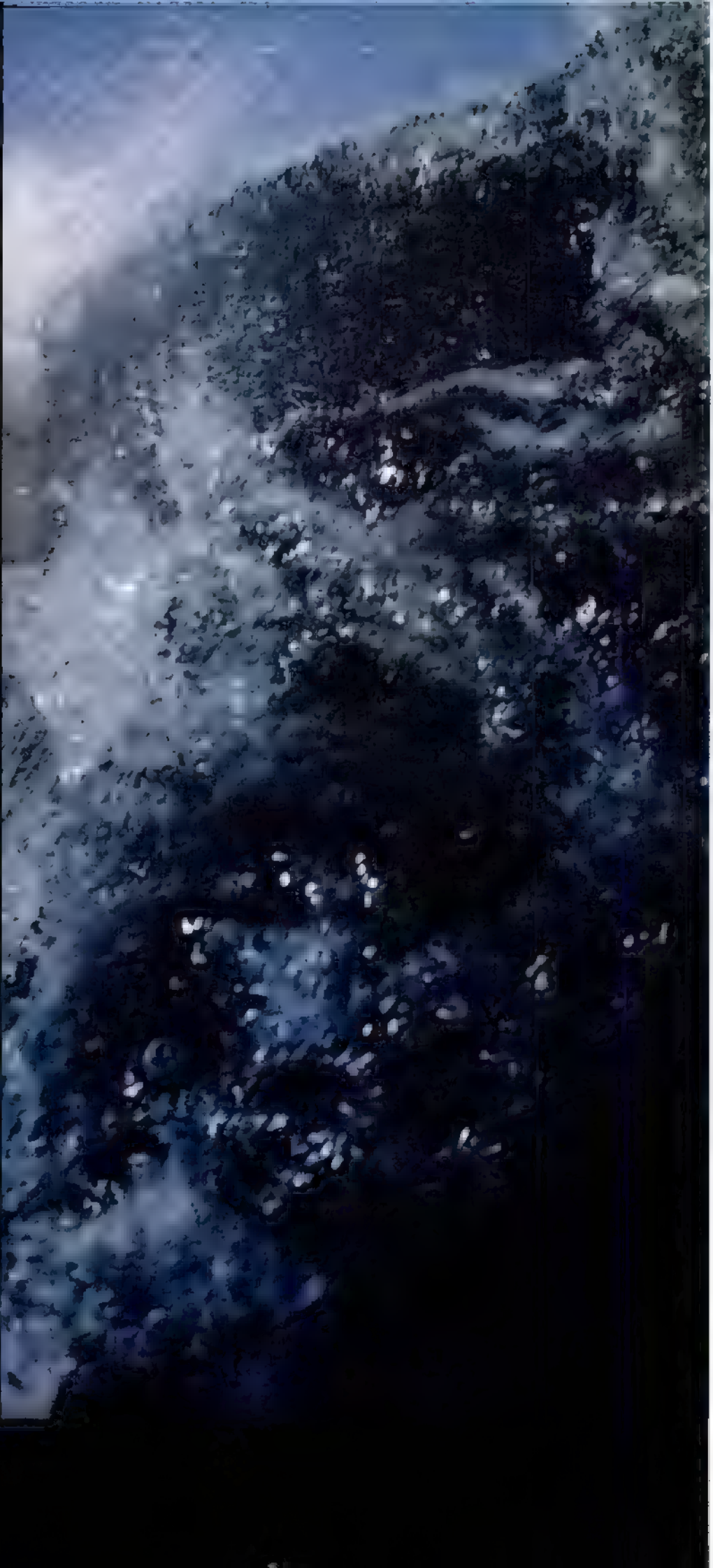
Hapeete não é o único pico em Moorea. Existem outros, muitos outros. É só procurar pra achar, mas nesta busca o grande lance é contar com um barco. De barco, o Tahiti é ainda mais alucinante, em todos os sentidos. Pra pegar ondas então nem se fala. Seria o fim daquelas remadas intermináveis e poderíamos conhecer melhor outros picos e a ilha em geral.

Só que um barco no paraíso custa caro e caro no Tahiti pode significar dezenas, talvez centenas de dólares. Fomos dar uma checada nos preços dos hoteis naquele dia, pois queríamos dormir em Moorea para surfar Hapeete no dia seguinte. Acabamos dormindo num lugar barato que eu já conhecia, e a conta ficou beirando os 10 dólares para cada um por uma noite. Só a dormida. Café da manhã e essas outras coisas correriam por nossa conta. Em alguns hotéis os preços chegavam a assustar e só mesmo nos melhores hotéis de Paris e Nova York eram cobradas diárias como aquelas...

Passeamos pela ilha e surfamos um pico diferente no dia seguinte. Fomos até onde Vetea apontara a melhor onda do Tahiti, Temae, que não estava quebrando. Segundo "Poto", Temae quando está bom quebra bastante parecido com Jeffrey's Bay, mas com a diferença que em Temae você não precisa de long john. De volta a Papeete não nos sobrou muito mais dias pra curtir o paraíso.

Nossos últimos três dias em Papeete foram inesquecíveis. Pegamos Taapuna clássico na véspera de partir e ao entrarmos no boing da Lan Chile estávamos mais que satisfeitos. Tínhamos encontrado altas ondas num dos melhores lugares do mundo, e assim como Paul Gauguin, eu estava definitivamente apaixonado pelo Tahiti. Voltar ao paraíso é só uma questão de tempo...

Hapeete é uma onda a tanto. Manobras como esta são uma espécie de desafio para o surfista que procura, a cada onda, quebrar os seus próprios limites. Rosaldo contrariando as leis da natureza.



COMO IR: A única companhia aérea que voa para o Tahiti, saindo do Brasil, é a Lan Chile. São cinco horas até Santiago (Chile) e de lá mais doze horas até Papeete. O vôo ainda te dá direito a uma escala na ilha de Páscoa, onde rolam boas ondas. Preço: SP/Santiago/Papeete/Santiago/SP: 1.700 dólares ida e volta, de 6 a 30 dias. Na baixa estação o preço cai para 1.400 dólares.

TRANSPORTE NA ILHA: Um carro é uma boa pedida no Tahiti. Além das ondas, o carro vai te ajudar a conhecer melhor a ilha, que é muito bonita. Em Moorea existe a opção de alugar uma moto, o que pode tornar sua viagem um pouco mais barata. Mas o grande lance é um barco. A melhor maneira de surfar e conhecer o Tahiti é por dentro d'água. O único problema vai ser o preço. Comprar, nem sonhar! Os preços são um absurdo. Alugar é uma opção, mas vá se preparando para pagar uns bons trocados de dólares por dia. Se você estiver disposto a gastar pouco, a solução vai ser usar os ônibus que existem nas ilhas. Tanto em Moorea como em Papeete o serviço de ônibus é razoável, e pra viajantes mais "fave a" esta é a melhor opção. Dentro do ônibus sempre rola o maior som e o clima é o mais *cool* possível. De uma ilha para outra, você pode escolher entre o avião (mais caro) e os barcos, que partem diariamente do porto de Papeete.

ONDE FICAR: Em Papeete, assim como nas demais ilhas, existe uma enorme variedade de hotéis e pensões, que podem variar entre 10 e 300 dólares por dia para cada pessoa. Em Moorea, uma boa opção é o hotel Pauline's, onde se hospeda a maioria dos surfistas. Apesar de nunca ter sido roubado, já ouvi várias estórias sobre turistas que tiveram problemas como este no Tahiti. Portanto, *"keep your eyes open"*.

EQUIPAMENTOS: Cordinhas, parafina, botinhas contra os corais (para os mais atrapalhados como eu) e colete de borracha para o fim de tarde, são alguns itens importantes na sua trip ao Tahiti. Seu quiver pode variar entre uma 6' 2", para os dias pequenos, uma 6' 4" e uma 6' 8", para os dias maiores. Uma prancha no Tahiti pode custar os olhos da cara, portanto trate de levar pranchas boas e fortes. O drop das ondas tahitianas são sempre pesados, e na maioria das vezes uma vaca pode resultar na prancha partida em dois lindos pedaços. Uma caixa de primeiros socorros também pode se tornar indispensável, caso você se machuque nos corais.

MELHORES PICOS: Taapuna – Uma das melhores e a mais famosa onda de todo o arquipélago. Quebrando de 2 até os 8 pés quando começa a fechar, Taapuna é um dos tubos mais ocos do mundo. Muitos surfistas comparam a onda com Pipeline, no Havaí. Temae – Considerada pelos locais como a melhor onda do arquipélago, Temae é uma das direitas mais longas do mundo. Quebrando sobre um raso fundo de coral, esta onda num dia bom pode chegar até 10 pés. Hapeete – Outro dos mais famosos picos do arquipélago, Hapeete está localizado na ilha de Moorea e quebra de 2 até 10 pés. Fiti – Outra direita supercons stente. Fiti tem um dos *take offs* mais radicais do arquipélago. Localizada na ilha de Huahine, Fiti oferece boas ondas sem muito crowd.

MELHOR ÉPOCA – Assim como no Havaí, de acordo com a epoca do ano, um lado da ilha vai estar mais consistente que o outro. Normalmente, os meses entre maio e outubro são os melhores para picos como Taapuna e Temae.

OUTROS TOQUES: * Apesar de caro e pouco conhecido entre os surfistas brasileiros, o Tahiti é um dos melhores lugares do mundo para a prática do surf. Existem vários picos ainda virgens e não se espante se você surfar boas ondas sozinho. * Todo brasileiro precisa de visto que pode ser obtido no consulado da França, mas você pode esperar até 15 dias por ele. Por isso, peça seu visto com antecedência. * No mais, é isso aí. Compre seu bilhete e saia batido, pois o paraíso te espera...

Apoio Cultural

S U R F W E A R

Foto: Edson Neves

TOP BODY BOYS

TOP BODY SHORTS

X A N D I N H O

E S T E V E S

M A D E I R A

A genialidade de um Beethoven, a popularidade de um John Lennon, o descaramento de um Bocage. Em quantas pessoas você apontaria essas qualidades? O jornalista José Nogueira deu sorte: num enredo típico de histórias em quadrinhos, acabou diante de um cara assim, numa sala 4 por 4 e com tomada pra gravador. Meia hora de papo foi suficiente para descobrir tudo. O homem se chama Frank Zappa, tem 47 de idade, 25 de rock, age como um garoto de 15, com o *go for it* de um de 22 e o equilíbrio de quem tem quase 50. E sola as idéias tão bem quanto as notas na guitarra.

gamma-sigma Paris, 88

ZAP

PA

O Zappa é um ídolo, claro. Isto da gente se aproximar dos ídolos é uma armadilha, como você muito bem deve saber. De repente, há o perigo de que eles pessoalmente sejam uns imbecis, ou apenas medianamente interessantes (o que é ainda pior) e não possam mais servir de ídolos. Aí temos que ficar procurando outros, o que dá um trabalhão, fora a desilusão. Às vezes tenho fugido de conhecer alguns, porque desconfio que vai ser uma catástrofe. Mas quando a gente conhece e o ídolo mantém a imagem, é uma alegria total; é como se nossa escolha se confirmasse, se a idolatria, sempre uma coisa meio besta, se justificasse. Nessas alturas penso sempre que ainda não está tudo perdido, que ainda vale a pena viver.

Aliás, a história desta entrevista começou muito mal. Um dia li no jornal que o Zappa estava fazendo uma turnê pela East Coast, e que se apresentaria em Nova York e em alguns lugares aqui perto — Albany, Long Island. Comecei logo a agitar para pegar um dos shows. O mais fácil é ir direto na gravadora, mas neste caso a Barking Pumpkin, que é uma pequena gravadora que o Zappa inventou para não ficar dependendo das grandes, não tem escritório na East Coast. Depois de "n" telefonemas DDD para a Califórnia, consegui chegar na *management agency*, que ficou absolutamente fria com a perspectiva de um show do Zappa ser comentado numa publicação brasileira. Paciência. Entretanto soube que os ingressos normais — aqueles que as pessoas pagam — estavam esgotados. Só seria possível comprar na porta, o que é pouco certo e muito caro.

Logo depois fiquei sabendo que alguém estava negociando uma ida do Zappa ao Brasil. Opa! Se ele fosse aos trópicos poderia pedir mesmo o impensável — uma entrevista. Liguei para o *managing agent* e pedi a entrevista (condicionada à ida ao Brasil) e entradas para o show. Como era de esperar, a entrevista ficou numa possibilidade remota. As entradas, eles prometeram mandar.

UM SHOW HISTÓRICO

Prometeram, e não cumpriram. No dia do show — que ia ser aqui na cidade, no Radio City — o agente deles em Nova York me ligou e disse simpaticamente que o Brasil não tinha nenhum interesse para o Zappa e que portanto eu não ia ter ingressos. Da entrevista, nem uma palavra. Já estou habituado a levar com a porta na cara — normalmente os caras falam que têm poucos ingressos para a imprensa internacional, que ficou muito complicado, besteiras. Agora o que não é habitual é eles falarem assim abertamente que o país da gente não tá com nada — um pouco demais para quem se diz profissional de relações públicas. Fiquei emputecido e liguei para quem pude reclamando — para o escritório da Califórnia. Esta gafe do cara de Nova York acabou por jogar a meu favor, como você vai ver.

O cara da Califórnia pediu mais ou menos desculpas e disse que numa "próxima oportunidade" me daria ingressos. Aí o Zappa voltou para fazer o show no Nassau Coliseum em Long Island, a uns 50 km daqui. Ia ser o último espetáculo nos States antes de embarcar para uma turnê de dois meses e meio pela Europa. Nem me incomodei em procurar ingressos, pagos ou não. O assunto estava encerrado, como tantos outros que nascem e morrem antes mesmo de a gente sentir a excitação da possibilidade.

Aí é que jogou a sorte. Como houve aquele insulto às nossas cores, o *managing agent* achou melhor me dar uma canja — nunca se sabe, pode ser que a ida ao Brasil um dia se concretize, e ele entretanto deve se ter informado que os trópicos são um bom mercado para discos. Sem que esperasse, os caras da Califórnia me telefonaram. No último dia em Nova York, Zappa iria dar entrevistas à imprensa européia — das duas às sete da tarde, meia hora cada uma, no quarto do hotel. Só para imprensa européia evidentemente, mas havia uma vaga para mim! Quanto ao show, claro, com certeza, pois não, os ingressos estavam à minha disposição...

Foi o melhor show que vi até hoje — e olha que tenho visto shows! A maioria, já esqueci. De alguns me lembro de momentos na brasa, de gestos maravilhosos, instantes privilegiados. Mas este fica para a história como duas horas — duas horas! — de perfeito êxtase, o som me atravessando como o medo atravessava o Poe, pegando uma a uma cada fibra do corpo.

O HOMEM DO 902

A entrevista ia ser no Mayfair-Regency, na 65 com Park Avenue, um hotel sério e caro onde ficam os turistas com muita grana e pouco tesão. O tipo de lugar com uma portaria cheia de dourados *french revival* e uns porteiros que olham para a gente assim "o que é que este cara vem fazer aqui?". Cá embaixo já estava uma daquelas garotas impraticáveis que trabalham nas gravadoras. Não sei onde é que eles vão pegar estas figuras, nem o que é que as aterroriza, mas funcionam sempre como se fossem funcionárias do PC em risco de cair em desgraça. Até nem são feias, mas vestem-se sempre com uma seriedade de secretária de administração e falam com você com uma frieza monocórdica. Não adianta dizer gracinha, piscar o olho ou botar a língua de fora; aquilo ali é sério, importante, profissional. Enfim, lá fiquei tentando conversar com a fulana, depois de ela me ter dado as instruções de praxe: "Quando chegar o momento vou levá-lo até o nono andar, o quarto dele é o 902. Aí você entra com a sua fotógrafa e tem meia hora para tudo. No quarto tem tomada de força para o flash dela, pode usar gravador. Cinco minutos antes do final minha colega que fica lá em cima lhe fará um sinal."

Bem, às duas e trinta em ponto lá subimos os dois; a fulana nos deixou no patamar. Cruzamos na entrada com uma turma da RAI que estava saindo. O 902 é uma suíte com uma salinha de 4x4 metros, três sofas, uma TV e duas mesas. No sofá, de perna cruzada, fumando pacatamente, ELE. Camisa branca de black tie aberta, calça preta, cabelo meio solto, pele lisa sem espinhas, mãos finas com as unhas curtas, respiração pelo nariz, olhos pequenos bem abertos com olheiras, tom de pele normal, pulsação baixa, pressão arterial saudável. O aperto de mãos é firme, a pele fria e seca.

E pronto, acabado o tempo lá veio a mulher nos levar para baixo. Fiquei com a sensação de que poderíamos ter falado muito mais, mas se a entrevista fosse de duas horas seria a mesma coisa. De saída ainda lhe disse: "Tem muita gente que pensa assim, a coisa é que nunca conseguem ser ouvidas. São as pessoas como você, que chegaram a um certo nível de popularidade, que têm a possibilidade de dizer certas coisas. O que é uma pena é que quando chegam lá geralmente esquecem". E o Zappa respondeu: "É por isso que eu nunca me calo. Pode parecer que estou falando sozinho, mas sei muito bem que estou espaldado pelo senso comum". Isto infelizmente não ficou no gravador, mas nunca vou me esquecer. *So long, and take it easy.*

INICIAÇÃO À ZAPPALOGIA

Contam as lendas que certa noite, em um de seus shows, Frank Zappa desafiou a platéia – se alguém se julgasse mais louco do que ele, que subisse ao palco. Um rapaz subiu, baixou as calças e defecou. Zappa então aproximou-se do cocô... e comeu um pedaço!

É apenas uma lenda, entre tantas outras. Afinal, Frank Zappa é uma lenda. E a lenda cresce ainda mais de dimensão quando se fica sabendo que esse doido que come cocô no palco é um "careta" irremediável. Zappa usa, e sempre usou, duas "drogas": cigarros (aos montes) e café. O resto, ele não tolera, e não permite que seus músicos consumam durante o trabalho.

Está por fora, portanto, quem vê a figura e diz que ele "tomou todas". Está mais por fora ainda quem o chama de "roqueiro". Frank Zappa, antes de tudo, é um Compositor Contemporâneo, como um Igor Stravinsky, um Edgar Varèse, Duke Ellington, os irmãos Gershwin, etc. É também um dos maiores guitarristas que o mundo já conheceu – como Hendrix, Jeff Beck, Jimmy Page. Só que nenhum deles conseguiu ir tão longe. Nos jornais e revistas Zappa raramente aparece, se comparado a um David Bowie ou a um Mick Jagger. Mas tente pedir a Bowie ou Jagger que componham peças para a Sinfônica de Londres.

Frank Zappa nasceu em Baltimore, uma das cidades mais tradicionais da costa leste dos Estados Unidos, no dia 21 de dezembro de 1940. É um capricorniano obcecado pelo trabalho e avesso a qualquer tipo de festa e badalação. Um estúdio é o habitat natural de Frank Zappa, é lá onde ele se sente feliz.

Aos dez anos, mudou-se com a família para a Califórnia, onde mora até hoje. Passou a adolescência ouvindo discos de rhythm and blues e rock and roll, ao mesmo tempo que desbundava com as experiências concretas e atonais de Stockhausen e principalmente Edgard Varèse. Uma das primeiras apresentações públicas foi um concerto para aros de bicicleta, aos 22 anos.

SEMPRE O MÁXIMO

Em 1966, com sua banda Mothers of Invention, Zappa lançou o primeiro álbum duplo da história da música pop, "Freak Out". Como resumir o que aconteceu nestes últimos 22 anos de trabalho ininterrupto, explosivo, inovador, "sério" e debochado? O que dizer de seus álbuns conceituais, de sua música "erudita", de suas canções propositalmente estúpidas, de suas colagens, de seus fantásticos solos de guitarra, de suas letras de gênio, de um trabalho jazzístico, de suas míni-óperas, de seus filmes, de seus vídeos, de seus cem, duzentos álbuns (o próprio Zappa deve ter perdido a conta), de sua briga para ser independente de gravadoras e jabaculês, de seu único videoclip (onde Ronald Reagan é eletrocutado e vira um repolho de terno), das calcinhas sujas penduradas em varais no palco, de seus shows perfeitos, etc, etc, etc?

E os músicos revelados por Zappa? George Duke, Jean-Luc Ponty, Ian Underwood, Ike Willis, Adrian Belew, Steve Vai. Dweezil, seu filho, já é uma fera da guitarra aos 18 anos. Para os músicos que o acompanham, Frank Zappa é um "chato". Extremamente exigente, ele quer música no palco e nos discos, não garotos bonitos dublando máquinas. Ao público, ele sempre dá o que considera justo: o máximo

Mas um dos aspectos mais marcantes em Frank Zappa é sua visão crítica do mundo e sua absoluta liberdade de pensamento. No auge do movimento "paz & amor", Zappa gozava dos hippies. Esculachou os gigantes do rock, o jazz ("não morreu, mas está cheirando mal"), a febre da discoteca, os punks, todo mundo que se leva a sério. Não é fácil ser absolutamente livre no show-business. Ninguém toca Zappa em rádio, suas aparições em tevê são raríssimas. A imprensa "in" o boicota. Frank Zappa tem tudo para entrar em falência, mas ele não pára de lançar discos, um após o outro, vários por ano, não por força de contrato, mas pelo prazer de fazer música. Seu reconhecimento vem através de um público fiel, que se renova há mais de 20 anos.

Sob qualquer aspecto, Frank Zappa é único. Quem conhece, costuma virar um seguidor fanático. Quem não conhece, não imagina o que tem perdido nesses 22 últimos anos.

Dagomir Marquezi

Esse negócio sobre votar que você está dando a maior força. Você acha que faz alguma diferença?

ZAPPA Vai fazer.

Por que você pensa que a platéia, por ser tão jovem e gostar da sua música, será provavelmente um público mais liberal?

ZAPPA O que eu penso é: se eu começar com o meu público, então outras pessoas irão falar às suas platéias. Sting tem feito isso. John Cougar Mellencamp tem feito isso. E estamos tentando conseguir um patrocínio para propagandear a coisa toda mais amplamente, de modo que lá pelo 4 de julho, que é um grande feriado aqui, nós tenhamos registrado 5 milhões de novos eleitores naquela faixa de idade. Este é o objetivo. E não sou só eu fazendo isso nos meus concertos, vai ser com a cooperação dos times de baseball, com a cooperação dos parques de diversão – a Disneylândia disse que permitiria às senhoras da League of Women Voters ("Liga das Eleitoras") registrarem pessoas na Disneylândia. Estamos tentando colocar todas essas coisas juntas.

Você acha que vamos ter outro presidente republicano?

ZAPPA A única coisa que impediria George Bush de vencer seria se Mario Cuomo topasse se candidatar na convenção do Partido Democrático, por favor!

Não acho que isso vá acontecer.

ZAPPA Bem, muita gente acha que não, mas eu preciso manter a esperança.

Você acha que Michael Dukakis pode conseguir?

ZAPPA Não acho que ele seja elegível.

Ele é muito liberal para a "Middle America"?

ZAPPA Ele é muito brando. Não tem açúcar, quer dizer, Bush aparece, não interessa o que ele seja, ele é um indivíduo, quando aparece tem os balões, tem os chapéus de palheta, você sabe, tem a banda, todo aquele trabalho e ele parece presidenciável. Dukakis não, ele parece amadorístico.

Ele parece o governador de Massachussetts.

ZAPPA Ele parece com um cara que está recebendo as contribuições de todo mundo que quer um restaurante grego. É isso que está acontecendo.

Você acha que essa onda conservadora, que começou com Reagan, é só uma onda passageira ou você acha que realmente vivemos em um período de conservadorismo?

ZAPPA Bem, deixa eu dizer só isso: o verdadeiro conservadorismo é uma coisa que eu sou a favor. Significa menos impostos e menor governo. Eu acho que isso é o verdadeiro conservadorismo e muitos americanos concordariam com isso. Mas o que os republicanos chamam de conservadorismo é realmente fascismo com um pouquinho de dogma religioso no meio. Eles destruíram o sentido da palavra. E as idéias de liberalismo em termos de assistência social e tudo mais foram pervertidas pelos democratas, numa mixórdia de interesses especiais, capazes de influenciar políticas pela ação dos seus comitês de doações. Nada disso leva a um bom governo. Um bom governo deve ser prático, você não pode gastar mais do que ganha, e se o governo é muito grande ele não pode funcionar; tudo que faz é arrumar um monte de empregos para pessoas que, em primeiro lugar, não podiam ser empregadas.

Mas parece que o que se tem é um pacote, como o pacote republicano, você tem que ter esse tipo de política de guerra fria, de política externa nas Américas do Sul e Central, você precisa ter tudo isso, essa política abortiva...

ZAPPA Bem, é por isso que não sou republicano. Porque a plataforma é estúpida. É muito estreitante, acho que funciona em detrimento da civilização, naturalmente. Você sabe, não interessa o quanto você goste de ter responsabilidade fiscal e todos os aspectos práticos de um sistema governamental correndo regularmente, a agenda social que vem com o pacote republicano é algo realmente abominável.

Sobre a América Central e a América do Sul, você não acha que esse tipo de política é a pior para os Estados Unidos a longo prazo?

ZAPPA A pior. Não gosto da política do governo Reagan em qualquer lugar do mundo, porque a acho pessimamente concebida, pessimamente executada e de vista muito curta. Uma das coisas que falo pra garotada, sobre o negócio de registrar para votar, é que existe gente neste país que pensa que a democracia é tão importante que eles querem exportá-la para a América Central, e eu acho a democracia tão importante que nós deveríamos tê-la nos Estados Unidos. Por isso peço a eles que se registrem para votar.

O fato é que, tradicionalmente, os EUA nunca exportaram democracia.

ZAPPA Sim, só exportaram oportunidades de negócios para os amigos do presidente.

Sabe, do ponto de vista sul-americano é muito estranho, porque os EUA sempre venderam a idéia de que a democracia é o melhor sistema, mas lá no fundo não é isso que querem. Eles querem Pinochet, que é com quem se sentem seguros.

ZAPPA Bem, há muitas mentiras envolvidas na política americana. Acho que para a maioria das pessoas fora dos Estados Unidos entenderem os americanos será preciso pegar o seguinte conceito:... – (*Começa um ruído de sirene.*)

Isso é Nova York, sempre à beira do desastre. Você viveu aqui certa vez. Você gostou?

ZAPPA Adorei, mas tenho quatro crianças e jamais poderia viver aqui com crianças. (*A sirene pára.*) Bem, os americanos são basicamente gente boa. Contudo é uma sociedade jovem, tem apenas um par de séculos de idade, o que chamam de cultura é um embaraço e as tradições são igualmente embaraçosas. Este país foi fundado por fanáticos religiosos e nós estivemos tentando crescer e superar esse fanatismo por duzentos anos. Os colonos originais, como eram chamados, eram pessoas que dormiam em camas com uma tábua no meio. Eles estavam fodidos e sua política e ideais têm persistido anos e anos, e eu gostaria que este aspecto da cultura americana fosse embora e as pessoas saíssem dessa. Fora dos Estados Unidos, existem culturas com milhares de anos. Elas devem olhar para os EUA e dizer: "Que porra sabem eles?" Nós não sabemos nada. Por outro lado, os americanos são muito energéticos e basicamente boa gente; todavia são estúpidos, porque continuam elegendo esses mongolóides para dirigir o país. E este é o problema. Os americanos querem viver numa boa, todo mundo que veio para os EUA foi para viver numa boa. Tem uma festa acontecendo aqui, todo mundo quer se divertir. Mas quem é que está tomando conta da loja? Você acaba nas mãos de caras como Reagan e Bush.

E tem sido assim tradicionalmente. Falo de Eisenhower...

ZAPPA Ele jogou golfe por quarenta anos...

Ele era um general... Bem, ainda tratando de política, mas de uma postura mais social, a revista *Rolling Stone* acaba de lançar esse livro sobre seus 25 anos onde diz: "25 anos têm sido uma longa e estranha viagem". Os últimos 25 anos têm sido mesmo uma viagem, mas havia aquele tipo de esperança nos anos 60 que agora achamos ingênua...

ZAPPA Era ingênua.

E você representou um bocado disso, definitivamente. E você, nestes 25 anos, viu esse tipo de coisa entrar em erosão...

ZAPPA Bem, nos 60 eu já não confiava nisso, sobretudo a partir do ponto em que virou notícia nacional que tinha uns cabeludos protestando e tal... Quando a revista *Time* escreveu sobre o assunto, ele já estava morto. Aquele pessoal, os freaks de Los Angeles com cabelos compridos e roupas esquisitas, esteve nas ruas por um ano e meio antes de surgir o primeiro artigo sobre penteados unissex na *Newsweek*. Ninguém fora de L.A. sequer desconfiava do que estava acontecendo, porque a imprensa era tão devagar na cobertura daquilo que a próxima coisa que se sabia era das pinturas que Peter Marx fazia nos ônibus. Foi tudo reduzido a símbolos, a ferramentas de merchandising, e então se transformou numa moda passageira. E uma marcha pela paz virou um evento social. Era para onde você ia para transar. O problema era que você geralmente acabava embrulhado com uma garota em um cobertor fedorento e ela tinha chatos, mas era só isso que havia. Aquilo foi o acontecimento social da temporada.

Mas de certo modo havia definitivamente uma mentalidade nos anos 60, havia uma esperança que basicamente nunca se tornou realidade, e que os anos 70 parecem ter destruído completamente.

ZAPPA Aqui está o meu modo de encarar isso: como um pacote básico, a natureza humana é mais ou menos assim: desde que nascem, as pessoas querem possuir coisas. Elas almejam possuir objetos, e este é o motivo essencial que faz do comunismo um sistema condenado. Ninguém em seu estado normal está disposto a trabalhar e dar os frutos do seu trabalho para o Estado. Elas querem alguma coisa de volta, elas querem dizer isto é meu, minha casa, meu carro, minhas roupas, certo? A mesma coisa com os hippies. Esses caras que dizem que dinheiro não interessa, eles querem ter a sua casa própria, o seu próprio carro, mesmo que seja um Volkswagen pintado com margaridas. Você sabe, debaixo daquilo tudo você precisa possuir, você precisa consumir. Isso parece ser parte do pacote básico da natureza humana, certo? E em algum ponto do caminho, o desejo de possuir mais foi se insinuando, igual os pais deles, e os hippies viraram exatamente aquilo que seus pais eram, piores ainda, quando você os vê se transformando em yuppies, o que é muito pior. Portanto, como movimento é um fracasso, mas como experimento antropológico é um brilhante sucesso.

Se você coloca desse jeito... Você tem quatro crianças, como são educadas?

ZAPPA Bem, a primeira coisa que fiz foi mantê-las o mais longe possível da religião. A segunda foi tratá-las como adultos desde o começo – em outras pala-

A verdade é que os jovens norte-americanos sempre se interessaram pouco por política. E como votar é coisa voluntária por lá, quem vem determinando o rumo do país é a geração mofada, medíocre, como essa de Ronald Reagan, George Bush e Michael Dukakis. Estes dois últimos, aliás, disputam em novembro a presidência, cada qual com seu "pacote", mas ambos repetindo, provavelmente, todas as nojentas atitudes de seus predecessores (Nixon, Gerald Ford, Jimmy Carter e agora Rony, The Beast). Acontece que as contas já mostraram a grande força dos votos dos jovens, ou seja, se eles votarem em massa nessas eleições, poderão até determinar o vencedor. Não vai fazer muita diferença, a princípio, mas... É exatamente a campanha que Zappa vem fazendo, ele e outros do rock também. Na foto de cima, o staff do governo Reagan durante a posse (da esquerda pra direita, George Bush, que é o atual vice, depois Reagan, Paul Laxalt e Howard Baker). Abaixo, cenas de uma montagem zappiana para Thing Fish (Coisa-Peixe), que é nome de disco e sacanagem pura. Em qual dessas turminhas você votaria?

reprodução shobi lim/sundek

"Informação não é conhecimento
Conhecimento não é sabedoria
Sabedoria não é verdade
Verdade não é beleza
Beleza não é amor
Amor não é música
Music is THE BEST!"

(Mary, aquela deliciosa católica de Canoga Park, na ópera *Joe's Garage*)

Não pense que Frank Zappa é coisa antiga, apesar de seus mais de 25 anos de estrada e 47 de idade. Não compare este senhor bigodudo e de nariz peculiar com as demais "lendas vivas" que hoje descansam sobre glórias passadas. Quando Zappa começou a submeter suas músicas às gravadoras americanas, seu trabalho foi rejeitado sob a alegação de que lhe faltava "potencial comercial". Mas ele furou o bloqueio e hoje, depois de haver colecionado incontáveis elogios por suas inovativas criações de maluquices clássicas, funk biônico e rock em geral, e depois de ter levado a guitarra às últimas conseqüências com seus solos inigualáveis, este mestre da música contemporânea continua mais inspirado e irreverente do que nunca.

FRANK ZAPPA

HOT RATS

Eu seria capaz de jurar sobre *We're Only in it for the Money* que o mestre encontra-se hoje no auge do seu monumental talento musical, mas prefiro não arriscar – sabe-se lá o que ele anda fazendo na sua Cozinha de Pesquisa da Utilidade do Bolinho, o superequipado estúdio digital montado no porão de sua casa em Laurel Canyon, L.A.

De uma discografia que já ultrapassa os 50 itens, apenas seis álbuns acham-se disponíveis no Brasil, o que é muito pouco. Ouvir só estes discos é como sentir-se um cego tentando adivinhar como seria um elefante apenas segurando a sua tromba. Por um lado, ele é um tremendo gozador que já satirizou de tudo, dos hippies aos yuppies. Por outro lado, ele é um compositor sério de música orquestral, sua grande paixão. E, seja qual for a sua música, ela é participatória. Ela exige que as pessoas acordem e reajam contra a babaquice institucionalizada. Ela interage com quem está ouvindo. Zappa não é uma moda e sua música não é um produto. Ele tem algo a dizer e o diz muitíssimo bem, combinando idéias literárias com impressionantes acompanhamentos musicais.

COISAS INDESCRITÍVEIS

Mas segurar na tromba do elefante já basta para desbundar qualquer pessoa, e os seis álbuns brasileiros editados pela EMI-Odeon são uma excelente introdução ao universo zappiano. Há neles canções memoráveis. O duplo *Sheik Yerbouti* é uma mina de letras insidiosas e afinada musicalidade. Basicamente gravado ao vivo com algumas overdubadas, o álbum dá uma gozada geral nos anos finais da década de 70, com destaque para a discotheque ("Dancin' Fool") e o punk ("Tryin' to Grow a Chin"). Liricamente, os tópicos abrangem do sexo anal em "Jewish Princess" ("Ela mexe e rebola seu buraco pré-umedecido"), à viadagem enrustida de "Bobby Brown" (um divulgador de discos que canta o imortal refrão "Oh Deus eu sou o sonho americano/Mas agora cheiro à vaselina/ Sou um rapaz ou uma moça?... Não sei qual dos dois"). Todo disco do Zappa oferece pelo menos um estelar solo de guitarra, e *Sheik* tem "Yo Mama".

Tinseltown Rebellion, outro disco duplo, fornece remarcáveis releituras ao vivo de alguns clássicos da zappalogia básica (isso mesmo, um dos ramos da ciência que estuda a obra do mestre!), entre eles "Brown Shoes don't Make it", uma suíte-rock inspirada em *Os Planetas*, de Holst, que narra a tara de um político por uma ninfa de 13 anos, que já sabe como ser depravada. E uma versão pervertida de "Peaches en Regalia" (do LP *Hot Rats*), talvez a canção instrumental zappiana definitiva.

Em *Ship Arriving Too Late to Save a Drowning Witch*, Zappa continua com sua sátira aos fenômenos sociais, desta vez com a ajuda da filha Moon Unit em "Valley Girl", sobre as garotas shopping-center. E em *Them or Us* (mais um duplo) é a vez dos filhos Dweezil e Ahmet. O primeiro sola sua guitarra na regravação de "Sharleena" e o segundo divide com o pai os créditos autorais de "Frogs with Dirty Little Lips". Grandes solos de Zappa na torturante instrumental "Sinister Footwear" e em "Them or Us", a faixa-título, e um tratamento de big band para o clássico "Whipping Post", dos Allman Brothers, com Mr. Big Note solando em cima de uma batida reggae. E em "The Planet of my Dreams" ele resume seu desprezo pela civilização em entropia.

FZ Meets The Mothers of Prevention é outro disco tipicamente eclético, cheio de faixas instrumentais bem-humoradas e, como sempre, musicalmente sofisticadas, como "Aerobics in Bondage" e "Alien Orifice", feitas em um supersintetizador/sampler/estúdio digital chamado Synclavier. É uma mistura de rock com música de câmara, um troço indescritível.

Em *Jazz from Hell*, seu último lançamento, continua a saga do Synclavier. Aqui a fusão rock-música de câmara sofistica-se mais ainda. São composições intrincadas, que necessitam várias escutadas para serem digeridas. A única faixa executada por músicos é "St. Etienne", um solo de guitarra gravado ao vivo, com Frank tirando um monte de truques da sua cartola. Comparado a este solo, o que Steve Vai anda fazendo atualmente não soa assim *tão* impressionante.

Sim, Frank Zappa continua fazendo arte em um ambiente hostil aos sonhadores. Não existe ninguém igual a ele. Se você tiver ouvidos, você precisa escutar.

Ivo Gomes

Apoio Culturas

vras, se uma criança está dizendo alguma coisa para você, é preciso ouvir o que esta criança está dizendo sem falar que é apenas conversa de criança. Você ouve quais são as idéias e discute estas idéias. E uma das coisas da educação que usávamos em casa era: se a criança queria fazer alguma coisa, minha reação imediata era dizer não, não pode fazer isso. Se a criança revisasse o caso comigo e conseguisse provar logicamente porque ela deveria ter aquilo, ela conseguia.

Você está contente com seus filhos? Acha que são bons seres humanos?

ZAPPA Se eu fiz um bom trabalho? Oh, sim, eles são demais.

Você acha que eles são bons músicos?

ZAPPA Bem, você ouviu Dweezil na noite passada. O que você acha? Ele é um bom músico?

Bem, acho que sim, mas você é um crítico mais duro do que eu.

ZAPPA Dweezil é um músico excelente. Ele não é apenas um guitarrista, ele é um músico excelente, uma pessoa que ama a música e toca muito musicalmente. It's great.

Você deve se sentir muito feliz com isso.

ZAPPA Bem, estou feliz com isso, mas por outro lado não tenho responsabilidade por isso. Não o ensinei a tocar, ele aprendeu sozinho.

Ele cresceu numa atmosfera de música... Você se considera um anarquista, em algumas circunstâncias?

ZAPPA Sob circunstâncias ideais, eu diria que sim. Agora, na realidade, a anarquia não pode ser um sistema bem-sucedido – ou um não-sistema, se você preferir – a menos que a evolução tenha atingido um ponto onde as pessoas estejam dispostas a assumir as responsabilidades da anarquia. Anarquia implica em cada um ser capaz de tomar conta das suas próprias necessidades sem precisar de nenhum governo, nenhuma ordem imposta de fora do sistema. Mas esta ilusão, no estágio atual, é uma impossibilidade, um sonho impraticável.

Mas existe uma diferença entre um estado anarquista, que é realmente impossível, e ser anarquista, no sentido de tentar lutar contra o poder com valores anarquistas. Que'r dizer, perturbar, provocar...

ZAPPA Você está usando a palavra errada. Semanticamente, o modo correto de descrever isso é: anarquia é o sistema onde não existe coerção imposta de fora, certo? E eu diria que o que você está descrevendo é um ponto de vista mais libertário, ou um ponto de vista independente, onde você resiste ao governo não porque é um governo, mas porque a sua política está errada ou é corrupta. Eu resisti em princípio, porque discordo do modo que esta política está sendo desenvolvida, discordo do conteúdo dessa política, e estou ofendido pelo fato de que as pessoas que a conduzem serem basicamente criminosas. Este governo é impressionante, bateu o recorde mundial de processos criminais. O que faz um cara normal? Senta e aceita? Esquece? Compra um Porsche? Então eu falo sobre isso.

Desde o começo você usou o fato de que era um grande músico e o fato de que a sua música era abrangente, todo mundo gostava, como uma espécie de provocação em outros assuntos. Não apenas musicalmente você foi inovador, é claro, mas também... ontem mesmo, qual era o significado de todas aquelas roupas penduradas no palco, em vez dos lasers usuais?

ZAPPA Quer que eu explique para você? Sabe de onde vêm aquelas roupas? Todas aquelas roupas íntimas foram dadas a nós entre 2 de fevereiro e 25 de março por pessoas das platéias americanas.

Porque você acha que fazem isso?

ZAPPA Elas gostam de nós, sabe, é um símbolo, tome minha calcinha, tome meu sutiã. E então, nestes concertos, quando as pessoas dão essas coisas para nós, eu falei para um cara da equipe, o cara do computador: seu outro trabalho é coletar as calcinhas todas as noites. Elas são guardadas em grandes latas de lixo plásticas e são transportadas de cidade em cidade e penduradas num varal. E quando mais calcinhas chegam ao palco, elas são acrescentadas à coleção. Ele tem que enrolar e guardar isso toda noite.

Mas voltando àquele tipo de provocação. Você foi sempre... Quer dizer, o pessoal do *establishment*, as autoridades estabelecidas, sempre odiaram você por algum motivo.

ZAPPA É claro que odiavam. Me deixa explicar uma coisa: você entrou na pista errada se pensou que foi por causa da música. A música foi o veículo que induziu às entrevistas, e a informação estava nas entrevistas. Alguns sons continham letras que podiam ser consideradas políticas ou sociais, mas o verdadeiro impacto estava nas entrevistas impressas. Se eu não tivesse sido um músico, eu nunca teria feito as entrevistas. Existem algumas coisas que são muito complicadas para se cantar a respeito.

E agora na Europa, você vai manter mais ou menos o mesmo show?

ZAPPA Vou precisar mudá-lo. Tenho um problema com todo este material novo sobre Jimmy e Tammy e Swaggart, que precisa ser traduzido.

Imagino se na Europa vai haver algum impacto.

ZAPPA Na Itália vai ter um grande impacto, porque, conforme as duas entrevistas que acabei de dar, esses tagarelas têm feito manchetes na Itália.

É muito importante falar sobre essa gente. E Swaggart... Acho Swaggart mais perigoso que Tammy e...

ZAPPA O velho Jimmy e Tammy não são perigosos, são apenas criminosos. Swaggart ainda é perigoso, porque ele está fazendo turnês mundiais. Ele vai para a América do Sul, vai para a Ásia, se estabelece e ninguém sabe o que ele está pregando a essa gente. Ele está conduzindo a sua própria política externa pseudo-religiosa.

Billy Graham faz isso também. Ele consegue encher um estádio no Brasil, o que me deixa louco, porque eles nem mesmo conseguem entender o que ele está dizendo.

ZAPPA Mas ele é importado

Ele tem um bom pacote.

ZAPPA É isso que é. As pessoas gostam de pacotes como este.

Você nunca pensou em ir ao Brasil?

ZAPPA Eu sempre quis ir ao Brasil. Mas o problema é o tamanho do nosso equipamento, você viu. Só para transportar isso até lá fica muito caro. Assim, para eu ir ao Brasil, alguém precisa pagar um bocado de dinheiro só para levar isso até lá. E quando alguém pagar a quantia certa, eu irei. É o mesmo problema com o Japão. Só os custos de transporte e manutenção...

Tenho certeza de que você iria gostar. Não apenas musicalmente – musicalmente com certeza – mas politicamente. Então, você acha que a música mudou bastante – não só no sentido comercial... Hoje em dia temos muito mais música sintética, feita por máquinas...

ZAPPA Não há nada errado com a música feita por máquinas se o seu conteúdo é interessante.

Isso não parece ser o caso de muitos grupos.

ZAPPA Não é. Eles usam máquinas para manufaturarem uma batida fixa que seja muito próxima de uma marcha para você poder dançar.

Você acha que a qualidade da música pop em geral diminuiu por causa disso?

ZAPPA Não, diminuiu devido à qualidade da liderança nas companhias gravadoras.

Então você acha que é um problema comercial?

ZAPPA É um problema completamente comercial. Não é que as pessoas que fazem música sejam menos criativas; é que as mais criativas não conseguem um contrato.

Você acha que se está chegando num ponto onde fica muito caro lançar um artista novo que eles simplesmente...

ZAPPA Oh, não, não, não. Eles estão felizes em gastar muito para lançar um artista novo, desde que estejam convencidos de que o conteúdo seja inofensivo para conseguir ser tocado no rádio. Você tem dois filtros: tem o cara do departamento artístico e de repertório da gravadora, e depois tem o cara do rádio. O radialista vai tocar um certo tipo de música porque se ele tocar alguma coisa diferente, ou ele perde sua audiência para outra estação ou vai ter problemas com a FCC (*Federal Communications Comission, entidade governamental que fiscaliza as rádios*), e portanto ele não vai se arriscar. O cara da gravadora não arrisca, o radialista não arrisca, então o que fazem os músicos? Tiram todo o conteúdo de sua música porque eles precisam ganhar a vida.

Antes nós tínhamos grandes guitarristas, e hoje temos cada vez menos. Ainda temos alguns bons, como Clapton e todos que ainda estão tocando, mas na nova geração...

ZAPPA ... Você tem modelos. É mais importante ser bonito do que tocar bem.

É a televisão que também faz diferença, certo. É preciso vender para a MTV. E sobre Michael Jackson?

ZAPPA Este é um caso triste.

Sinto pena por ele.

ZAPPA Ele é um mutante. Acho que ele não percebe o que tem feito com o seu próprio corpo. Eu estava até explicando a uns caras que, quando você faz cirurgia plástica no nariz e retira toda aquela coisa fora, os pelos do nariz também são retirados. Se você não tem esses pelos, você não consegue filtrar o ar e fica sujeito a doenças a toda hora. É por isso que ele usa máscara e dorme com oxigênio, senão ficaria resfriado todo dia.

Ouvi que agora há uma moda no Japão de inalar oxigênio, por causa dele. Todo mundo está comprando e inalando essas latas de oxigênio de 5 dólares porque é muito chic.

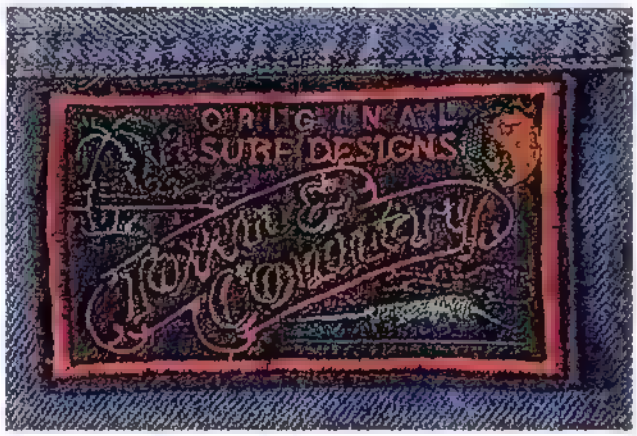
ZAPPA Isso também queima os seus pulmões!

2 fábricas. 22.000 funcionários. 9 restaurantes: 400.000 refeições por mê 5 ambulatórios, 2 enfermarias: 14 médicos, 25 en fermeiros e auxiliares de e fermagem. 2 linhas de ôn bus circulares. 26 "cartei ros": 400 quilos de corres pondência por dia. 2 gráfi cas. 1 revista mensal: 25.000 exemplares. 1 "corpo de bombeiros": 5 bombeiros, 458 auxiliares 2 padarias: 20 mil pãezinl por dia. Essa verdadeira c dade, que recolhe mais in postos que a maioria dos municípios brasileiros, ch ma-se General Motors do Brasil. A capital do automóvel.

GENERAL MOTORS, BRASIL. UMA CIDADE COM MAIS HABITANTES QUE GENERAL CÂMARA (RS), MAIS MÉDICOS QUE GENERAL CARNEIRO (PR), MAIS BOMBEIROS QUE GENERAL MAYNARD (SE), MAIS RESTAURANTES QUE GENERAL SALGADO (SP), E MAIS FÁBRICAS QUE GENERAL SAMPAIO (CE).

TECNOLOGIA A SERVIÇO DO HOM

AUTÊNTICO



SANTO AMARO 1298
(011) 531 7477
CEP 04506
LOJAS
SÃO PAULO
GUARARAPES 201
SANTOS
SHOP MIRAMAR L 57

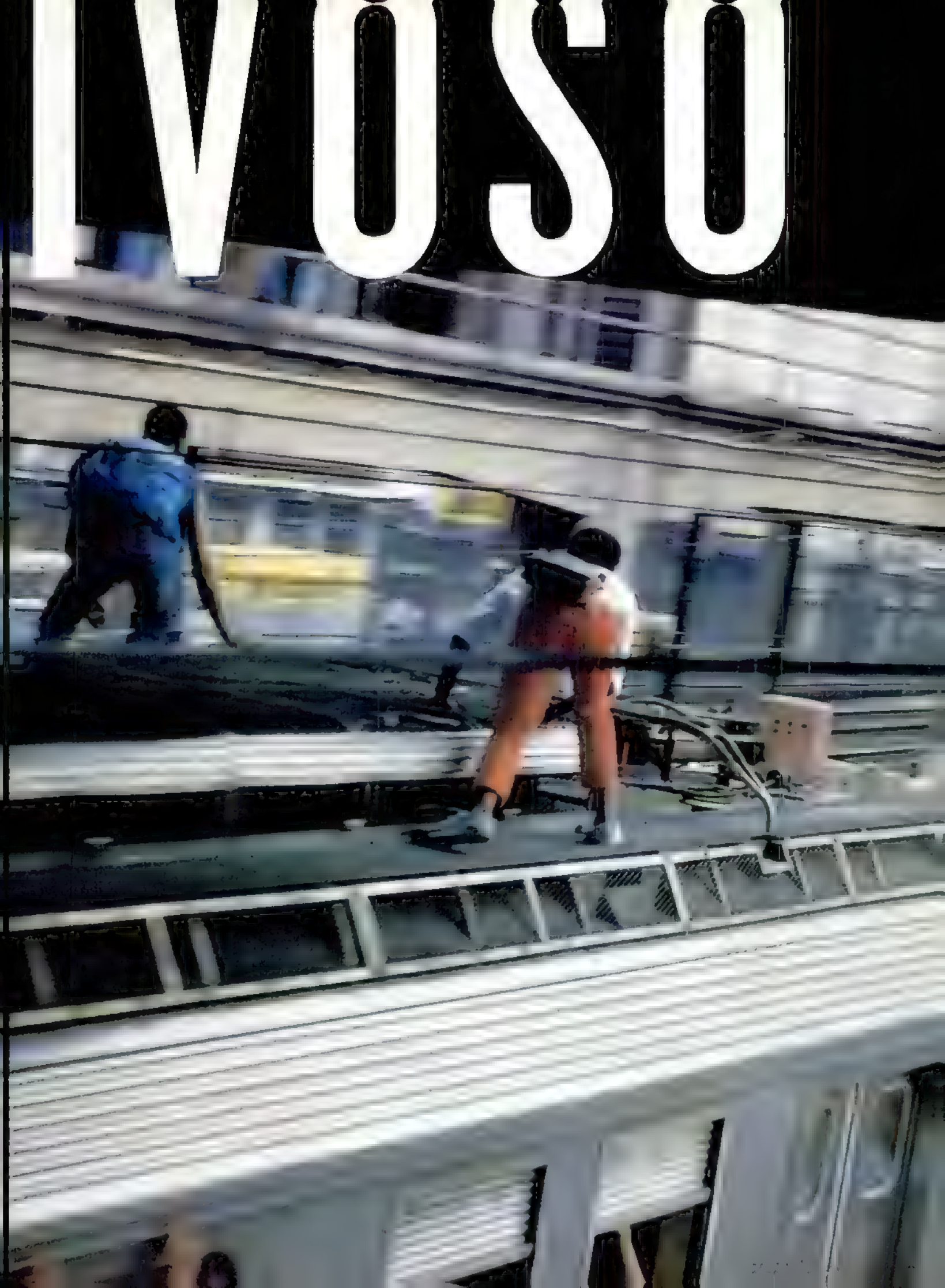
MAR RA

Reportagem Fernando Costa Netto

Fotos Marcos Prado

Amanhece no Rio. Milhares de pessoas disputam alguns centímetros quadrados nos vagões sujos e superlotados da Rede Ferroviária. Não há lugar para todos, não há trem que chegue na hora. E aparece um tipo fantástico de atleta urbano, o "surfista ferroviário". Equilibrados nas capotas dos trens, centenas de garotos arriscam a vida diariamente pra conseguir chegar no trabalho. E descobrem a adrenalina dos esportes mais radicais.

Vösö



"A imprensa sempre veio aqui pra matar o pau na gente, pra falar o que eles querem, nunca pra escutar o que nós temos pra falar."

Manhã cinza no Rio de Janeiro. A primeira impressão é de que se está chegando em algum lugar do futuro, caótico, com milhares de pessoas subindo e descendo escadas, entrando e saindo apressadas dos trens superlotados. Subúrbios, Nilópolis, Mesquita, Édson Passos, São Cristóvão, Leopoldina, grids de largada para uma maratona que dura cerca de quatro horas até o centro da cidade. Esse é o clima para a chegada dos primeiros atletas dos trilhos urbanos, os surfistas ferroviários, que enfrentam a superlotação pulando da plataforma até a capota dos trens.

Agachados ou em pé, fazendo estilo como se estivessem surfando uma onda, os atletas descobrem aí a sensação de deslizar no espaço, o tesão do vento na cara, a 80 quilômetros por hora. O destino é o local de trabalho, que pode ou não ser alcançado. Vai depender dos obstáculos: linhas de corrente elétrica, a cerca de um palmo da cabeça, ou um túnel inesperado, ou um trem em sentido contrário, ou a repressão policial. Centenas de garotos, entre 10 e 20 anos, que descobrem a adrenalina como forma de protesto. Imagens lisérgicas, chocantes, matéria-prima para um filme de Ridley Scott. O "surfista" Jorge Peixe dá o enredo:

— Isso aqui é só o início da revolta do povo!

A MORTE DO LADO

Diariamente, um milhão e duzentos mil habitantes do Rio enfrentam a guerra nas plataformas ferroviárias. Dentro dos vagões o espaço é tão pequeno que quem usa óculos leva desvantagem. A tensão só pode ser contida porque existe complacência nessa miséria, porque não há outra forma de se locomover na cidade. As velhas levam pisões, desembrulham palavrões cabeludos enquanto dois ou três malucos conseguem a proeza de jogar baralho, em pé, colados uns nos outros. Tudo muito pouco pra quem tem menos de 20 e uma porrada de sonhos na cabeça.

UM ESPORTE DE 4 MIL VOLTS

Ano passado, a Companhia Brasileira de Trens Urbanos (CBTU) registrou 465 acidentes de surfistas ferroviários. É bem mais do que uma tragédia por dia. Só este ano, até o mês de abril, a soma era de 60 mortes apenas no Ramal Japeri, sem incluir aí feridos e inválidos.

A janela é a saída. Alguns movimentos ágeis são o bastante pra se alcançar a capota ou, no mínimo, a lateral do trem. O trilho é feito um brilho que não tem fim, a morte vai do lado o tempo todo, na reta, na curva, disfarçada no escuro do dia às 5 ou 6 da manhã. Jorge Peixe, Bazuca, Formigão, Japonês e Rambo 3 são identidades secretas de garotos que moram longe do trabalho, ganham em média o miserável salário mínimo e são, aos montes, subempregados. E quando chega o trem, sempre lotado, não há tempo pra esperar o próximo, não há saco pra agüentar os atrasos, não há porque não subir na capota. A sensação de liberdade garante o handcap pra encarar o perigo.

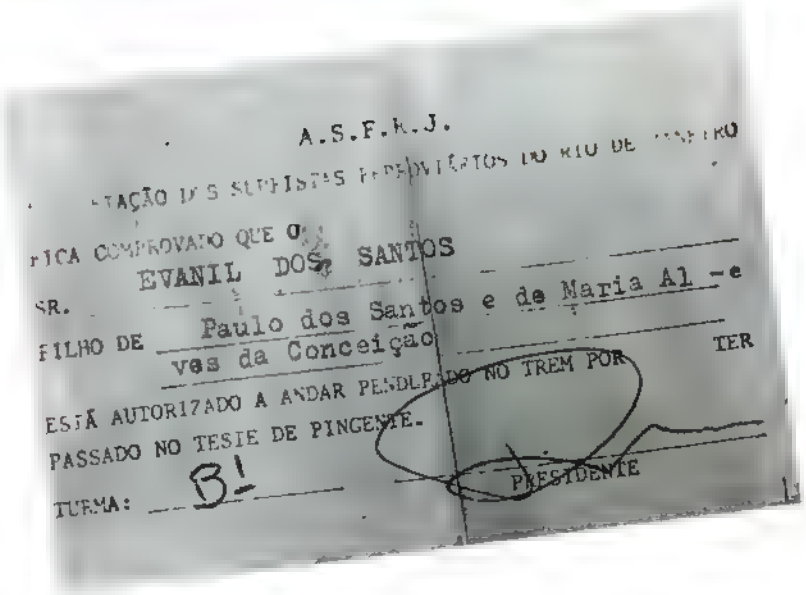
É como dropar uma onda – e é como eles se expressam contra as condições nojentas do transporte urbano.

– Se o trem viesse vazio, a gente ia andar dentro dele, e não lá em cima, arriscando a vida. E o cara não pode dar mole, aí em cima não tem esperto.

Um descuido significa uma carga de 4 mil volts nos fios. Uma curva repentina, uma distração, e o atleta morre estampado na parede do túnel. Algo que exige técnica, concentração, ousadia e determinação comparáveis àquelas que fazem caras altos e atléticos droparem Waimea em dias de ondas grandes. Um esporte de alto risco.

– Isso começou como uma necessidade. Agora tá virando esporte e o cara tem que saber fazer.

O surf dos trens já está fazendo filhos. Começam a aparecer os primeiros surfistas rodoviários: garotos nos ônibus, agarrados ou pendurados do lado de fora, única maneira de enfrentar a superlotação dos transportes coletivos na hora do rush carioca.


A.S.F.R.J.

ASSOCIAÇÃO DOS SURFISTAS FERROVIÁRIOS DO RIO DE JANEIRO

FICA COMPROVADO QUE O

SR. EVANIL DOS SANTOS

FILHO DE Paulo dos Santos e de Maria Al - e ves da Conceição

ESTÁ AUTORIZADO A ANDAR PENDURADO NO TREM POR TER PASSADO NO TESTE DE PINGENTE.

TURMA: B!

PRESIDENTE

"Essa é nossa forma de revolta contra a péssima situação disso aqui."

"Isso aqui é só o início da revolta do povo."

"Por que não tem surfistas na linha Santa Cruz? Porque os trens andam vazios, ou melhor , não vão superlotados."

"A linha de Japeri é a mais precária, que precisa de mais assistência."

"Tenho 17 anos. Ando aí em cima desde os 16."

"Se o trem viesse vazio a gente ia andar dentro do e não lá em cima, arriscando nossas vidas."

"Isso começou como uma necessidade, agora tá virando esporte, o cara tem que saber fazer."

MISÉRIA É CRIME

Metade das crianças do Terceiro Mundo não chega aos 5 anos. Pieter Botha, primeiro ministro da África do Sul, acha o fim do apartheid "uma bobagem". Nenhum dos surfistas ferroviários sabe isso na ponta da língua, mas todos tem um sonho em comum, que é comum, é simples: melhores condições de vida.

— Eu nunca deixei minha mãe andar nesses trens. Quando ela precisa ir até o Centro, eu dou dinheiro pra ela ir de ônibus. De trem ela não anda.

O Ramal Japeri é um dos mais congestionados do Rio. É aí que se encontram muitos dos atletas urbanos, todo dia. Os "surfistas" não têm líderes, mas são unidos e organizados o suficiente para se ajudarem quando preciso. Alguns possuem uma "carteira de habilitação", que dá certo status nas comunidades dos subúrbios, porém não vale nada para a polícia. Aliás, a hora é de repressão. Os garotos estão enfrentando a violência em dose dupla, primeiro na porrada mesmo, dura e seca, e depois nas linhas tortas dos tribunais. Uma nova lei torna a reincidência dos "surfistas"crime inafiançável. Ou seja, quem for agarrado arriscando a vida por falta de transporte digno, aqui no Brasil, poderá estorricar na cadeia por até 5 anos.

Só que a investida corajosa dos "surfistas" está pegando despreparada até a Lei. O delegado manda prender. O promotor argumenta: "Se surfistas de trem causam danos ao tráfego ferroviário, surfistas na praia causam, então, perigo ao tráfego marítimo". E o juiz despacha: "Não há nenhuma referência pelo condutor ou pelas testemunhas de que os indiciados estivessem colocando em perigo a segurança do tráfego ferroviário. O fato de estarem viajando como pingentes e arriscando suas vidas é penalmente irrelevante. O nosso direito não pune a autolesão. O surfista de trem está tentando o suicídio, o que é uma infração penal..."

E em Japeri as ondas continuam quebrando, todo dia, bem cedinho.

Durante quase uma semana, os repórteres da **TRIP**, Fernando Costa Netto e Marcos Prado, respiraram o dia-a-dia das plataformas ferroviárias do subúrbio do Rio. Mais do que simplesmente registrar a ousadia, a coragem dos surfistas ferroviários, eles conseguiram estampar nesta reportagem a situação-desespero que acompanha todo dia mais de um milhão de usuários de transportes ferroviários em Corcovado City. Para isso, nada foi evitado. Inclusive o risco—ou a glória—de perder a vida ao lado dos "surfistas", subindo na capota dos trens.

"A polícia quando pega a gente desce a porrada, humilham a gente, chamam de ladrão. Só que ladrão não acorda às 4 horas da manhã para trabalhar."

"O cara aí em cima só não pode dar meia. Aí em cima não tem asperto, não tem malandro." DEPOIMENTOS DE JORGE PEIXE

No momento exato em que fechávamos esta reportagem, um telefonema na redação informava sobre a morte de Rambo 3 (Stallone). Ele escorregou da capota do trem e caiu na linha.

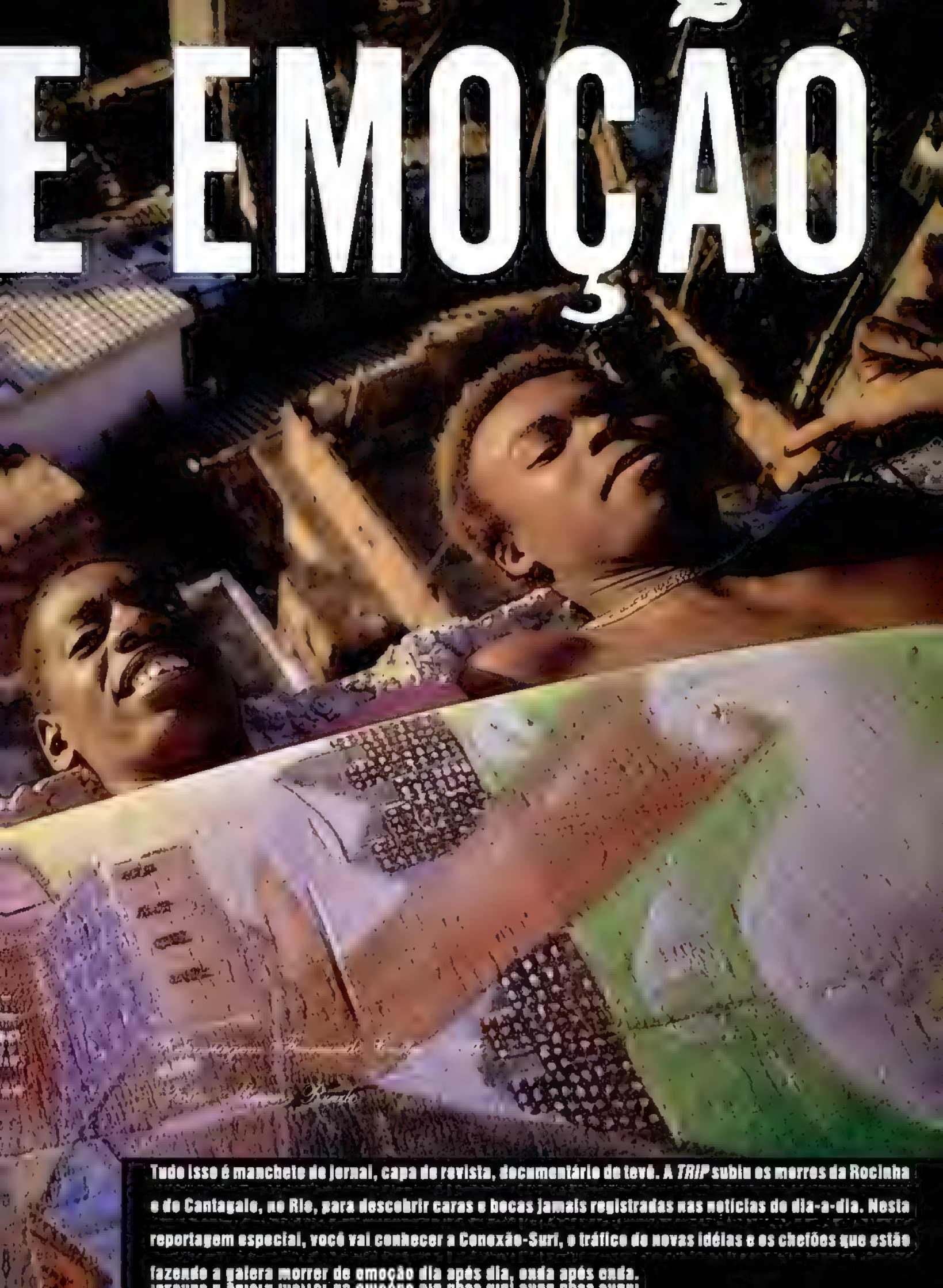
PRATIQUE
BASQUETE
COM GARRA.
PANDA
PANDA
A GARRA DO URSO

Hang Loose
CUSTOM
LIKE HAWAII

Morre de brilho, morre de balas perdidas, morre de miséria, morre de fome ...

MORRO D

marcelo regua



E EMOÇÃO

Tudo isso é manchete de jornal, capa de revista, documentário de tevê. A *TRIP* subiu os morros da Rocinha e do Cantagalo, no Rio, para descobrir caras e bocas jamais registradas nas notícias do dia-a-dia. Nesta reportagem especial, você vai conhecer a Conexão-Suri, o tráfico de novas idéias e os chefões que estão fazendo a galera morrer de emoção dia após dia, onda após onda.

Morro é sinônimo de favela no Rio de Janeiro. Favela significa miséria, e também bandidagem, tráfico de drogas, metralhadoras Uzi de alto poder de fogo (dezesseis tiros por segundo), violência sexual e toda forma de corrupção e impunidade. Poderíamos convidar um sociólogo para apreciar tudo isso, e ele provavelmente encontraria fundamentos infindáveis para suas teses, baseadas na opressão social e na natureza violenta do ser humano. Preferimos subir lá.

A equipe de reportagem da revista *TRIP* esteve em dois dos mais temidos morros do Rio de Janeiro. Descobriu que os caldeirões de pólvora com cocaína formam uma mistura homogênea, que carrega ingredientes pouco comentados em reportagens sensacionalistas. Dessa mistura, portanto, fazem parte doses iguais de compreensão, ambição sadia, convivência fraternal, lares aconchegantes com quadros na parede, geladeiras, sofás, televisores e aparelhos de som. E por mais "incrível" que possa parecer, amor e esporte.

Não, não subimos os morros errados. Estamos falando da Rocinha, do Cantagalo. A primeira é considerada pela Organização das Nações Unidas como a maior favela do mundo, com 15 mil barracos (construídos em alvenaria, ao contrário do que muitos pensam) e 250 mil habitantes. Também não fechamos os olhos para o crime organizado, fortemente armado, com ramificações na polícia, no governo, que fatura anualmente meio milhão de cruzados. O tráfico de drogas emprega hoje no Rio uma população estimada em 30 mil pessoas, entre seguranças, vigias, gerentes de ponto, vendedores e mensageiros.

tem um projeto chamado Surtavela, que procura divulgar o surf. Temos o apoio de algumas microempresas e semana passada fizemos uma exposição ao público apresentando nosso projeto."

"Pelas nossas estatísticas, existem 33 surfistas aqui no Camagaio. Estamos fazendo um intercâmbio bem proveitoso com o pessoal da Rocinha, que é uma favela bem avançada também. E apesar da falta de recursos, da falta de grana pra comprar pranchas, da falta de patrocínios, estamos mostrando muita garra e levando adiante, pelo amor ao surf. Aqui no Camagaio o surf tem servido como uma grande terapia."

"Através do [illegible] de [illegible] [illegible] [illegible] bem [illegible] a [illegible] [illegible] [illegible]

Julinho, Rocinha.

Descendo a Rocinha.

OS PNEUS DO FERRYBOAT

Da mesma forma, vivemos sob a inoperância dos órgãos (in)competentes. O Ministro da Justiça empurra para o governador, que culpa o prefeito, que culpa a polícia militar, que briga com a civil. E todo mundo sabe que boa parte dos lucros do tráfico acaba nos bolsos de policiais e altos executivos do governo, em troca do silêncio, inatividade, conivência e, o que é pior, armas de uso exclusivo do exército.

O círculo vicioso não pára aí. Passa pela cultura da corrupção generalizada, baixo nível de educação, economia que esmaga as pequenas empresas e reduz a oferta de empregos, a inoperância de órgãos como BNH e INAMPS e mais uma infinidade de motivos que encheriam páginas de várias edições da *TRIP*.

Não subimos os morros pra procurar soluções. Fomos apenas constatar o que sentíamos: provavelmente ninguém, com certeza poucos dos milhares de habitantes das 450 favelas cariocas, gostariam de levar a vida que levam, tipo pneu de ferryboat (aqueles que vivem eternamente prensados entre a muralha do cais e a lateral das balsas, cujo eterno amassar garante a maciez das outras partes.

Viver nas favelas não é tão ruim, ou pelo menos não é muito pior do que a vida de milhões de pessoas que vivem em condições subumanas no Brasil. É assim que pensa a rapaziada do surf no morro. Eles são iguais a quaisquer outros preocupados com a saúde, alimentação, design das pranchas, o calção que usam, a organização das associações, a ondulação que está pra entrar. E principalmente, eles usam os meios que têm para, através do esporte, levar uma vida com mais sentido e satisfação. Mais do que tudo, os surfistas do morro demonstram o mesmo brilho nos olhos encontrado em qualquer beira-mar, rico ou pobre, entre aqueles que já desceram uma onda. Olhos de quem gosta de estar vivo.

Paulo Lima

Camelinho, Cantagalo.

"O que tem do outro lado do morro? Tem toca de urubu. E tem alemão, os refeitados, os caras queimados aqui no morro e na cidade. Eles ficam perambulando por aí pelo mato. Já jogaram um monte de nego lá embaixo. Tá cheio de caveira aí! São uns caras pretão, assim que nem carvão..."

"Patrocínio tá mal. Deve ser pela discriminação do cor. O patrocinador não quer aliar a imagem de sua marca com a galera do morro e assim vai."

Cantagalo. Vista panorâmica.

"O skate não tá muito consistente na favela, mas serve como treinamento aos surfistas daqui. Berço é o técnico. O treino é elaborado: com prancha na piscina, simulação de queda, skate como esporte aliado no lance do equilíbrio. Tudo isso faz parte do projeto Surfavela."

"Mas quando tem guerra, sai de perto. É bala pra todo lado. É se jogar debaixo de um carro e esperar acabar. Mas tá tranqüilo, eles tão tudo unido."

"Da maneira forma isto aqui é uma grande família, com suas tradições, folclore, cultura própria, um negócio bem nosso que parte ao pra divulgar lá embaixo. Mas a marginalidade que impõem ao gente impede tudo."

"A gente dá o maior valor pra essa natureza toda. Inclusive tem um lugar ali em cima que ninguém conhece, uma lagoa natural, muito linda. Já ao pés do morro."

"A gente tem consideração com o pessoal dos outros morros, certo? Cada quiera legal, sim, mas é o tal negócio: qualquer lugar que você for e chegar bem chegado, com bom contato, entra e sai na moral. Só não pode chegar vacilando."

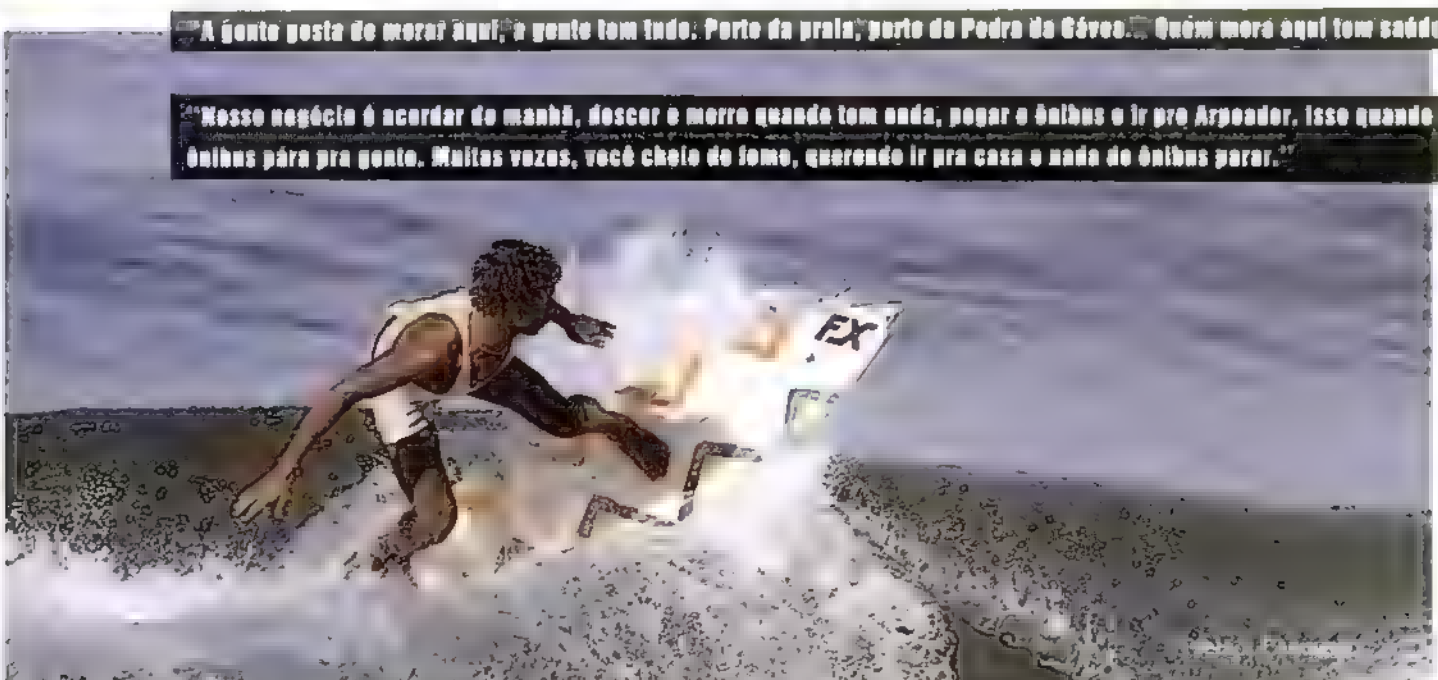
marco prospari

Bonito, da Rocinha, justificando o apelido com uma boa colocação nas ondas do Pepino.

"Tem comércio bom por aqui, negó ganhando um bom dinheiro. Mas ninguém apóia surf, só futebol. O fato da molecada começar a usar roupas de confecções ao surf deve chamar a atenção. E logo, qualquer inscrição de campeonato tem que pagar 5, 10 mil. É difícil ter uma prancha. Tudo isso desanima."

"A gente gosta de morar aqui, a gente tem tudo: Perto da praia, perto da Pedra da Gávea... Quem mora aqui tem saúde."

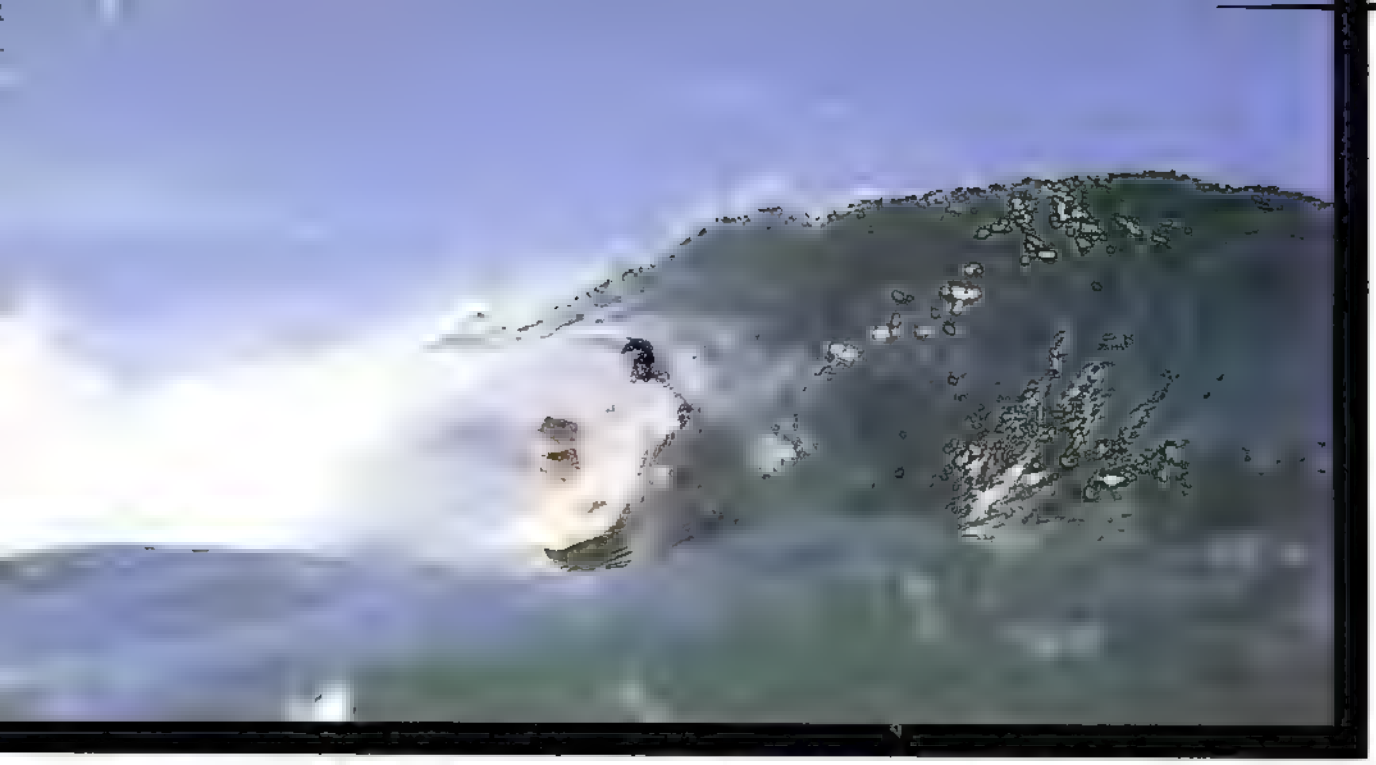
"Nesse negócio é acordar de manhã, descer o morro quando tem onda, pegar o ônibus e ir pro Arpoador, isso quando o ônibus pára pra gente. Muitas vezes, você cheio de fome, querendo ir pra casa e nada de ônibus parar."



"O que falta no surf do Brasil é integração, intercâmbio direto. E fim do localismo, que isso já era. Só assim o surf vai ficar valido. Paz, amor e muita onda pela frente!"

"A gente tá fazendo um intercâmbio entre os dois morros, Rocinha e Cantagalo, pra fazer contraste e alegar a molecada surfista. As mulheres hoje? Tem a Bochecha, que é revelação, Anderson, Jairo, Tiola..."

"Polícia no morro? Tem um posto policial ali embaixo, mas dentro do morro mesmo não tem não. Uma vez eles subiram, e foram uma boia sem-sem. Saiu até no jornal. Outra vez a maior guerra de dinheiro, de quadrilha, e eles entraram



Betinho, o back side mais arrojado da Rocinha.

SURFAVELA

A vida do morro é tranquila. Pelo menos aparentemente. Todos os dias, milhares de pessoas descem a ladeira ou pegam o elevador no Brizolão e rumam ao trabalho.

Para os surfistas do morro, o trabalho é dobrado. Eles dão duro também dentro d'água, há cerca de 15 anos. Tudo começou no início dos anos 70, com Beto Bolinha, Suruba, Betinho e alguns outros da Rocinha. No Cantagalo, os pioneiros foram Celso Saquarema, Paizão e Berzó. Hoje, esses dois morros têm o maior número de pessoas dedicadas ao esporte, cerca de 60 segundo algumas contas. Para Wanderley Berzó, as coisas deviam estar bem melhores:

— Pelo tempo que alguns surfistas do morro têm de surf e pela dedicação ao esporte, já era pra bons profissionais terem pintado. Mas, a falta de recursos e a discriminação ainda são grandes.

Tanto Rocinha como Cantagalo têm história parecida quanto ao nascimento do surf, a organização e dificuldades de patrocínios. Mas, no morro o free surf tem valor. É com essa mentalidade que os atletas vêm tocando projetos como o Surfavela, que promove campeonatos internos, treinamentos físicos específicos e coisas do tipo. Anderson, Doidão, Tiola, Bochecha, Jairo, Dudu, Alexandre Preto, Jorge, Celso Saquarema, Betinho, Serginho, Xanxo, Jorge Ula e Júlio são alguns dos nomes que hoje levam o surf adiante nesses quilombos vivos do Rio. Eles respondem pelo esporte como podem. Os depoimentos e fotos que reunimos aqui compõem um pedaço em corpo e espírito do Rio, que pouquíssima gente conhece.

Fernando Costa Netto

Bochecha: surf de nível e sem patrocínio.

Patrulhinha, fim de festa.

"O morro não vota em ninguém. Só tem corrupto, todo mundo rouba."

"Os bandos? É o trabalho deles. Ninguém mexe com eles, eles não mexem com ninguém. Muito pelo contrário, dão o maior apoio pro pessoal mais carente, com cargas de mercadoria, nutrição, apóiam as escolinhas comunitárias..."

SKATING. O RADICAL DA RAINHA

O novo Rainha Skating tem a sua cara: cano alto, cores vibrantes e estilo arrojado. E tem as qualidades d.
Rainha: o couro resistente, a lona reforçada e a borracha amortecedora, que juntos encaram todas as manobras
Com um Rainha Skating você entra de sola... e sai com ela inteirinha. Por isso, você vai ver que logo mais, só vai dar
fera com ele. Rainha Skating. O pisante chocante e arrepiante da Rainha.

RAINHA
RAINHA
Skating
RAINHA

Mano a Mano

Almeida Prado
Fotos Vitor Amatti

Concentração no banheiro, murros no peito, troca de tapas e línguas de fora. Vai começar mais uma sessão de braço de ferro, um esporte que mistura rituais de força e uma incrível ação psicológica para intimidação dos adversários. Atrás de toda essa pompa de circo, os atletas brasileiros consolidam a imagem de melhores do mundo. Apoio? Por enquanto só o da mesa.

ALGUMAS REGRAS DA LUTA DE BRAÇO

Durante a disputa, os adversários não podem tirar a bunda do assento. O cotovelo não pode sair da pequena almofada colocada sobre a mesa. Os pés não devem sair do chão. Quando é dada a largada por um dos dois juízes, os pulsos devem estar alinhados. Quem sair forçando com o pulso torto leva falta. Antes da largada, os ombros dos lutadores de braço têm de estar alinhados em paralelo com a mesa. Após o início da luta, daí sim pode-se desalinhar os ombros. A mão que não está sendo usada na luta deve ficar segurando em pino de metal grudado no canto da mesa.

Um, dois, três, já! Começa o jogo. Os adversários se olham nos olhos, furiosos, e dão o máximo de sua força – os braços incham, parece que vão explodir. E a galera delira. Isso é a luta de braço, o popular braço de ferro. O Brasil, pra quem não sabe, é um dos melhores do mundo no esporte, ao lado dos Estados Unidos e Canadá, sem dúvida os dois gigantes do bracismo.

E quem já não disputou uma boa luta de braço? Na escola, era o que não faltava. Mas, fora das salas de aulas, o esporte é super bem organizado, com regras definidas, exige treinamento difícil e até mesmo doloroso. Poucos sabem que o braço de ferro tem campeonatos em vários níveis, incluindo disputas internacionais. O último Mundial, na Inglaterra, em 87, reuniu 340 atletas, incluindo a rapaziada "glasnost" da Cortina de Ferro.

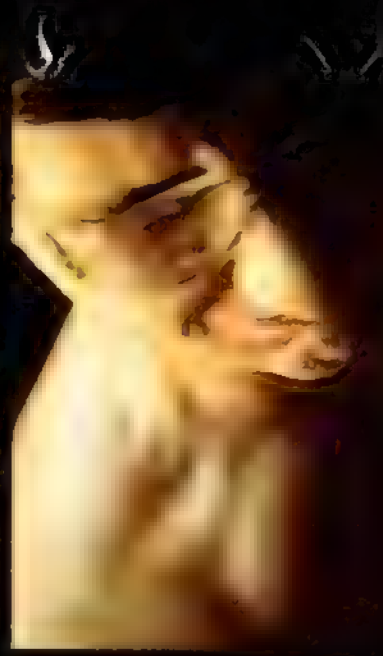
Nestas disputas, o clima é aquele do filme *Falcão, Campeão dos Campeões*, de Silvester Stallone. Os adversários se encaram; olham feio, alguns se chutam, outros se estapeiam para "despertar a adrenalina". "É uma mistura de comédia com competição esportiva", conta José Carlos Vidal, 34 anos, vice-campeão mundial duas vezes. No Brasil, o clima das provas é mais ou menos o mesmo – com um pouco menos de tapas...

TAPA NA CARA

A luta de braço é um esporte antigo. Teria começado na Europa, séculos atrás. No Brasil, ganhou impulso na década de 50, com a disputa de campeonatos organizados e divulgados pelo jornal paulista *Gazeta Esportiva*. "Foram anos de ouro", conta Humberto Panzetti, 27 anos, 124 quilos, 1,87 de altura, vice-campeão mundial em 85, terceiro colocado no Mundial de 87 e oitavo no Profissional Americano, no ano passado.

Panzetti é professor universitário na Unimep, em Piracicaba. Apesar do tamanho, ele é uma "moça", no bom sentido, claro. Ele não quer saber de briga. Para ele, o verdadeiro atleta tem que ser sociável, principalmente no braço de ferro, onde as dificuldades são tantas. Ele começou no esporte lutando judô, onde conseguiu um título brasileiro. Do judô, foi para o Jiu Jitsu e daí para o boxe, sempre se dando bem. Panzetti também se aventurou no sumô, "aquela luta de japonês forte que usa fralda". No sumô, foi campeão sul-americano – lutou até contra os próprios japoneses. Aí, foi para o levantamento de peso, onde conheceu a luta de braço na academia onde treinava. Daí pra frente, ninguém segurou. Panzetti é considerado, hoje, um dos atletas mais completos do braço de ferro.

José Carlos Vidal – o Vidal – é outra figura nesse esporte em São Paulo. Dividindo o tempo entre o Clube Sírio e uma academia, Vidal já foi vice-campeão mundial duas vezes. Mas ele diz que já ganhou de Roger, quatro vezes campeão mundial. Há muitos anos no esporte, no começo Vidal só usava a força bruta. De uns três anos pra cá, passou a usar a técnica.



Helder Durand Ribeiro Cabral, 26 anos, 88 quilos, 1,85, é um lutador que mexe com política. É assessor de um deputado paulista. Tem uma namorada, com quem sai apenas durante a semana para jantar ou dançar. Das brigas de rua, quer distância. Medo de armas. O braço de ferro surgiu na sua vida por acaso, quando foi visitar uma academia. Lá, viu o pessoal treinando e, na brincadeira, começou a disputar. Ganhou de todos. Isso foi há dez anos e hoje Helder tem um currículo respeitável: pentacampeão paulistano, tetracampeão paulista, duas vezes vice-campeão brasileiro, duas vezes campeão brasileiro, uma vez vice-campeão mundial e uma quarta colocação em outro Mundial. Ele também contou algumas manhas da luta de braço.

– Quando o adversário é menor, jogue o peso e a mão por cima dele. Se o adversário tiver o braço mais longo, entre no cruzado com os dois pulsos formando uma espécie de cruz.

Helder também é um cara preocupado com a pouca divulgação deste esporte; e dá uma sugestão:

– Promover disputas em campos de futebol, no intervalo dos jogos.

LOUCOS DE RAIVA

Ricardo Meuck, 25 anos, 95 quilos 1,80, está desde 79 no esporte. Ele também começou de um jeito curioso, assistindo a um programa de Flávio Cavalcanti, onde o apresentador oferecia 50 mil "cruzeiros" para quem ganhasse do campeão brasileiro da época, o Luciano, de Campinas. Com o estímulo da TV, Ricardo começou a treinar numa academia, pois desde criança era bom de braço. E o mais engraçado: quando ele entrou no seu primeiro campeonato, disputou justamente com Luciano, aquele da televisão. Ricardo perdeu, claro, mas recebeu estímulos do adversário.

De lá pra cá, muita coisa mudou. Ricardo foi campeão brasileiro, campeão paulista, campeão paulistano e conseguiu quarto lugar no mundial. Isso tudo aconteceu em 1982, o melhor ano de sua carreira. Ele também é um cara folclórico na luta de braço. Antes das disputas, durante os campeonatos, ele se tranca no banheiro para se concentrar e ficar "brabo". Para Ricardo, a luta se ganha também psicologicamente. Ele recomenda a todos que sentem à mesa "muito loucos de raiva", fulminando com o olhar. Para ficar "louco", ele usa alguns artifícios curiosos, como levar tapas na cara. Ele compara uma disputa de braço de ferro a uma briga de galo; o público vibra, torce, grita, esperando sangue. "É uma zona divertida", teoriza. Ele também é conhecido por uma enorme águia colorida tatuada no braço direito. Diz que fez a tatuagem quando descobriu que tinha um braço bonito. Ele também assume um defeito – é muito briguento. Mas jura que parou um pouco de brigar "pra não acabar dançando na frente de um cano".

Aos 23 anos, Cláudio Ruiz Daró, 80 quilos, 1,86, se confessa um "vagal". Acorda ao meio-dia, almoça, vai andar de bicicleta e depois vai treinar. Profissão? Estudante. À noite, saí para tomar cerveja com a rapaziada. Aliás, cerveja é seu hobby predileto. Bom no braço de ferro desde moleque, Cláudio diz que joga a sério faz cinco anos. Fã ardoroso do Deep Purple, ele também enfrenta o problema de falta de patrocinador, "até hoje, não consegui nenhum". Mesmo assim, teve algumas participações importantes. Foi campeão brasileiro, três vezes campeão paulista, uma vez vice-campeão paulista, uma vez campeão paulistano e ganhou três campeonatos regionais.

MANHAS E PEGADAS

Uma pergunta, no entanto, ainda está no ar: como se treina? Aí, as opiniões se dividem. Vidal prefere treinar mais com pesos e ir para a mesa de disputa no máximo duas vezes por semana. "A mesa machuca muito", justifica. Cláudio Daró, ao contrário, prefere só treinar na mesa.

– A musculação é apenas complementar, na mesa a gente trabalha todos os grupos musculares necessários para o braço de ferro.

Cláudio também fala que as manhas e técnicas só se conseguem em cima da mesa, usando força bruta e explosão. Ricardo Menck passa a mão sobre sua águia e explica sua teoria para treinamento:

– A força vem em último lugar, a técnica em segundo e a rapidez em primeiro.

O treino, pra ele, deve ter várias "pegadas", que variam de acordo com a mão do adversário. É mais um partidário da mesa.

Humberto Panzetti merece um parágrafo à parte. Além de campeão, é um teórico do braço de ferro. Pra ele, o treinamento do lutador de braço, no Brasil, está superado. Ele defende um trabalho isométrico, ou seja, exercícios que fortaleçam toda a parte de cartilagens do braço, bem como ligamentos e junturas. Panzetti condena o trabalho de movimento, de contração muscular. Para ele, o treinamento deve ser feito pressionando o braço, a mão e os dedos sobre uma estrutura fixa. Panzetti sempre treino dessa forma, lembrando que a mesa também é importante "pra se pegar as manhas e pegadas".

A luta de braço brasileira tem outras grandes figuras, como é o caso de Roger Pareja, quatro vezes campeão mundial, que atualmente treina nos Estados Unidos. E também Fausto Simplício, outra fera; e Maria Paquita, três vezes campeã do mundo. Aliás, Paquita é casada com Hugues Jorge, 66 anos, que foi vice-campeão no México, com essa idade. Paquita também já foi sete vezes campeã brasileira de levantamento de peso e quatro vezes campeã sul-americana na modalidade. Imagine só uma briga do casal!

Hoje, o esporte vive um momento importantíssimo. Os atletas querem se desligar da Confederação e formar uma Associação nacional, algo que traria muitas vantagens para o braço de ferro. A papelada já está em Brasília. Só falta o braço das autoridades.

GORDO EXIBINDO
Alguns atletas se trancam no banheiro para conseguir mais concentração. Outros, a maioria, trocam tapas na cara pra ficarem mais "brabos". A verdade é que a luta de braço tem um forte jogo psicológico, como forma de intimidar os adversários. A ostentação dos músculos, é claro, também conta. Aqui, Adilson Faria apresentando a munição.

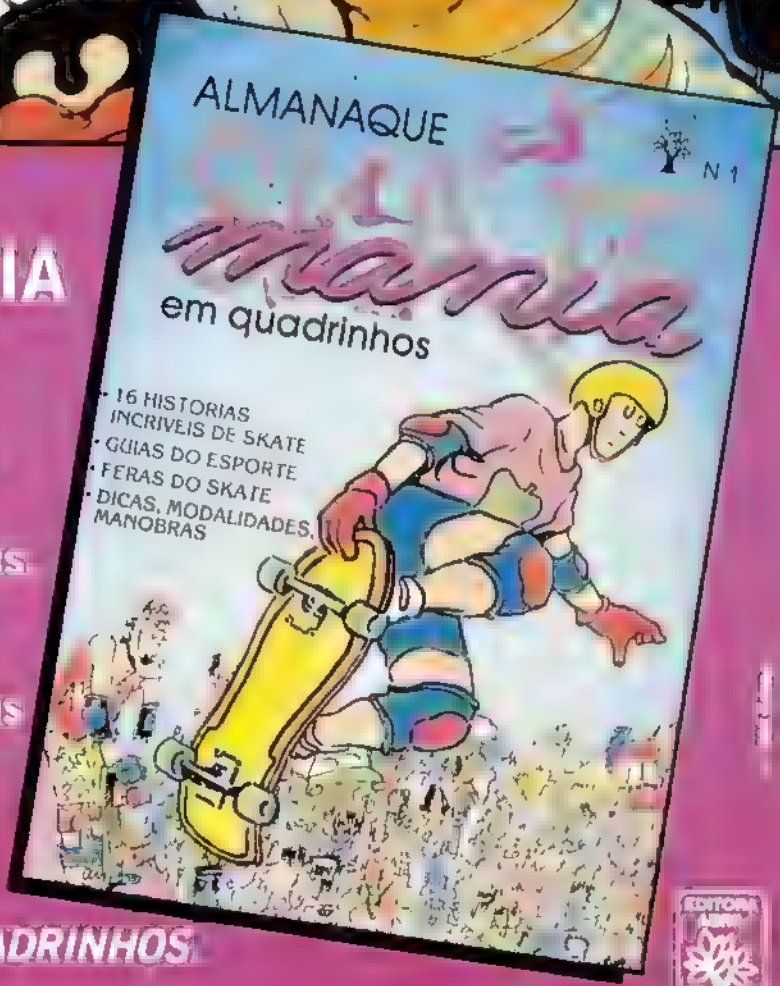
LUTA VIDAL X CAMISA LISTRADA
Segurem a mesa! José Carlos Vidal (esquerda) encara os muitos cavalos de força de Roberto Pareja (direita), irmão do supercampeão Roger Pareja. Provas como essa já tiveram melhores momentos. É que apesar da idade madura do esporte no Brasil, ainda falta apoio de entidades e associações para que o país continue saindo no braço.

LUTA GORDO X ROGER
Competições importantes, seriedade, juízes, regras implacáveis: o bracismo no Brasil alcança destaque internacional. Na foto, Adilson Faria (de barba) enfrenta Roger Pareja. Este último é quatro vezes campeão mundial, e hoje treina forte nos Estados Unidos.

ADRENALINA PURA!

CHEGOU SKATEMANIA EM QUADRINHOS !

- A primeira revista de Skate em quadrinhos.
- Histórias feitas por feras radicais.
- Para praticantes e iniciantes.
  E também:
- Reportagens com dicas de pistas e equipamentos.
- As manhas do freestyle, street, vertical e suas manobras.



AVISE A GALERA. E SKATE EM QUADRINHOS NAS BANCAS!

CY
CLO
NE
MARCELO BOSCOLI
ULUWATU

QUARTO MUNDO

PAULINHO E

Paulinho tem 24 anos, já foi casado e hoje divide o apartamento com o irmão, Amaro. O apartamento, na verdade, é a sobreloja de uma padaria na praia do Tombo, Guarujá. Embaixo da cama ficam as duas pranchas. Ao alcance da

mickey hoffmann

mão, sempre, a Bíblia: "Leio um pouco toda noite". Depois de uma sessãozinha de vídeo, é claro. Quem mantém a ordem por ali é a irmã: "Ela faz a limpeza, às vezes". Mas o quarto está sempre arrumado e o almoço sempre garantido: "Como na casa de minha mãe". A praia fica bem próxima, cerca de duas quadras.

Amaro mora com o irmão. Paulinho, no mesmo apartamento de cima da padaria. E também lê a Bíblia, principalmente quando está triste, deprimido. O quiter disputa com fotos de surf um lugar nas paredes. O que Amaro mais curte no quarto é o troféu de 1º lugar no Sundek 87. Pra sair, um Fusca 77

roberto pace

FERRUGEM

César Baltazar mora num condomínio com a família, na Barra da Tijuca, Rio. Mesmo assim, não há problemas: "Fico retirado no quarto com meu broto o quanto quero." Aliás, é isso que o Ferrugem mais gosta de fazer no quarto. Há também uma janela, só que ela não diz nada: "Uma vista normal, nada especial, nenhum broto se trocando...". Ele gosta de receber amigos em casa, desde que não fiquem até tarde: "Durmo cedo, horário de atleta". Quando está deprimido, Ferrugem põe hardcore. Quando está legal, o som é rock'n'roll. Antes de dormir, religiosamente, uma sessão de relaxamento. Relaxamento "de verdade!". O Fusca na garagem é 75. O Ferrugem é 65.

marcos prado

marcos prado

camilo c

PEPÊ LOPES

Esportista nato, 30 anos, Pepê é casado e tem uma filha de três meses. É isso que vem modificando bastante sua vida hoje: "Meu sono tem sido interrompido toda noite, porque a menina tem que ser alimentada". O quarto é branco e provisório (a casa titular está sendo reformada). Nessa onde está, o destaque da janela é o Cristo Redentor, sempre tão tranqüilo quanto o Pepê: "Nunca sofri de insônia". Antes de dormir, ele assiste uma tevezinha, um vídeo de surf ou de vôo livre, dá um beijo na mulher e sonha a noite toda. Livro Pepê não lê. Mas não perde os jornais diários do Rio: "Sou leitor assíduo". No quarto e em toda a casa ele só anda descalço. Na rua ele anda de Parati, de Gol ou de Kombi. Tudo depende.

marcos prado

fauza mahien

FRED D'OREY

Frederico D'orey tem 25 anos, 4 deles vividos nesse apartamento, no Rio de Janeiro. Até agora, não havia cortinas: "Pra mim, isso é fundamental, porque eu gosto de iluminação aconchegante, nada de luz de churrascaria." Fred mora sozinho. Uma empregada faz os serviços gerais, uma vez por semana, mas é ele quem mantém tudo organizado. As pranchas, por exemplo, ficam sempre na cozinha, e os sapatos — inclusive os das visitas — pendurados atrás da porta. O quarto é lugar dos livros: "Estou lendo ***A Casa Verde****, de Mario Vargas Llosa, e* ***20 Years of Rolling Stone****, uma compilação dos melhores momentos na trajetória dessa revista. Quando desce e ganha o mundo, Fred usa uma Marajó.*

É numa cama de viúvo, nem mole nem dura, que Marcelo experimenta os melhores momentos no quarto. Como companhia inseparável, um par de sandálias havaianas. As pranchas, ou pelo menos três delas, ficam sempre juntas. Marcelo tem 22 anos, mora com os pais, mas mantém sua soberania dentro de casa, especialmente no quarto: "Gosto de ficar aqui, descontraído, com a namorada". Além da namorada, Marcelo leva discos pra perto da cama. De dia, quando não sai, fica pensando em surf, escutando música (rock, de preferência) e folheando uma coleção de revistas. A coisa mais interessante que se pode ver da janela é uma montanha cheia de verde. Há também um edifício por perto, habitado quase que unicamente por velhinhos. Na garagem, uma Marajó, azul-escuro, ano 87.

TAIU

denjiro kato

Um quarto no 19º andar, um prédio no meio do Guarujá, litoral de São Paulo. Ali, Otaviano "Taiu" Bueno está bem armado: vista pro mar, TV, um sound system sempre pronto a entrar em ação. O melhor programa no quarto, pra ele, é ficar descansando. Uma ajudante cuida da limpeza e da comida, diariamente. Taiu agora tem 25 anos.

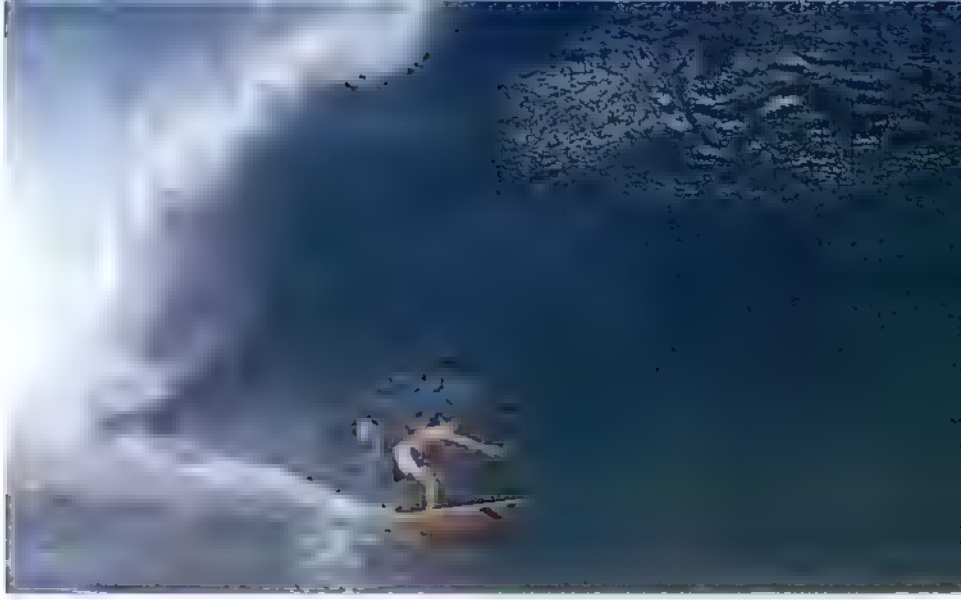
marcos prado

mickey hoffmann

marcos prado

Existem 11 pranchas no 401 desse apart-hotel da Barra da Tijuca, Rio. Felipe Dantas é dono de 7 delas. Não tem carro: uma bicicleta de corrida basta pra quem costuma dormir cedo, acordar antes dos outros e passar boa parte do dia dentro da água surfando. Às vezes, não sobe nem pra almoçar. Felipe divide seu espaço com dois amigos, Nelson Ferreira e Klaus Kaiser, desde que se separou da mulher. Quando está em casa, só anda de bermuda e mantém o rádio-tocafitas sempre ligado dentro do quarto. Quem garante a ordem é uma arrumadeira do prédio. Quem deita por último apaga a luz.

FELIPE DANTAS



h a sbruzzi

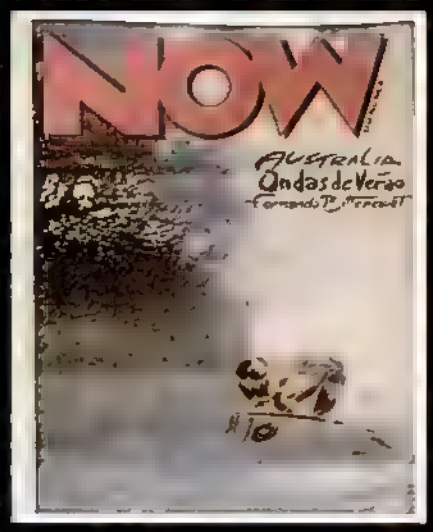
ANÉSIO AMARAL

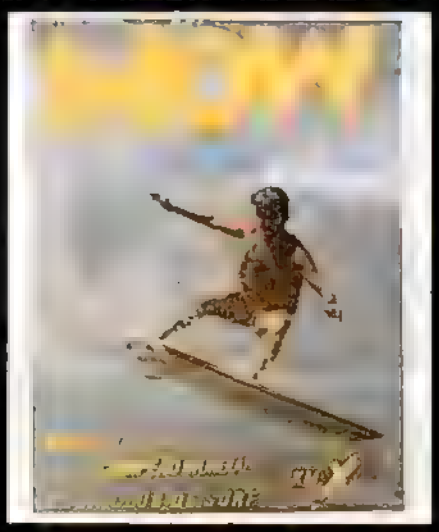
Anésio mora há 3 anos no Guarujá, mas tem uma casa em São Paulo também. Durante o dia faz uma refeição leve, à noite sai para comer. A faxineira aparece uma vez por semana, faz tudo. O troféu de 4º lugar no Pipeline Brazilian Nuts tem lugar de honra no quarto do Anésio. O aparelho de som também: "Comprei barato, no Havaí". A janela é classe, dá direito a um ótimo visual da praia. Pena que esteja quebrada: "Tá dando bronca, vou arrumar logo". Anésio tem 23 anos.

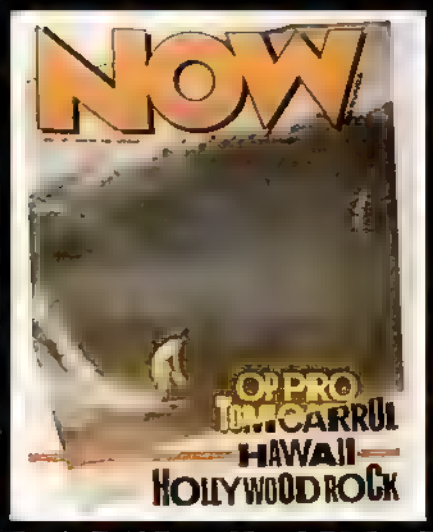
mickey hoffmann

NOW

OU NUNCA







TODO MÊS VOCÊ ENCONTRARÁ DIVERSAS PUBLICAÇÕES DE SURF NAS BANCAS. SÓ O NOW JORNAL SÓ O NOW CONTA HISTÓRIA POR TRÁS DAS FOTOGRAFIAS. INFORMAÇÃO E OPINIÃO DE QUEM FAZ A HISTÓRIA DO SURF NO BRASIL E NO MUNDO. NA PRÓXIMA VEZ QUE VOCÊ FOR AO JORNALEIRO, COMPRE QUANTAS REVISTAS SEU DINHEIRO DEIXAR. MAS LEVE TAMBÉM O NOW E FIQUE POR DENTRO DOS CAMINHOS DO SURF.

ASSINE AGORA: É MUITO FÁCIL. BASTA PREEENCHER AS INFORMAÇÕES ABAIXO E JUNTÁ-LAS A UM CHEQUE NOMINAL À EDITORA NOW LTDA. NO VALOR DE Cz$ 900,00.

AV. ALVORADA 250/209 BARRA DA TIJUCA RJ CEP 22793

NOME:
END:
CEP:
ESTADO:

PRINT RIP
Print Rip ®
R. TEODURETO SOUTO, 308 F (011) 278-5877 CAMBUCI SP
RETRÓPOLIS 15 E (013) 17-3306 BITANCHEIRIS

775
775
BUQUERQUE LINS, 775 SP

FILOSOFIA PRANCHÃO

Para manter o espírito nostálgico do pranchão, algumas regras quanto ao design das pranchas devem ser observadas:

— Somente poderão competir pranchas de 9 pés ou 3 metros de comprimento.

— A largura mínima permitida para um longboard é 53 polegadas.

— O out-line deve seguir os mesmos padrões de antigamente, ou seja, bico redondo e rabeta larga (pois seria muito mais fácil, por exemplo, surfar com uma prancha 9 pés gun do que com um longboard).

— Só é permitido longboard monoquilha ou com quilha do tipo starfin.

— O participante terá de ter 21 anos no mínimo e participar de apenas uma modalidade de surf em cada campeonato.

Quanto às manobras, existem aquelas que os juízes julgam mais importantes:

1.º) Hang ten
2.º) Hang five
3.º) Drop knee cut back
4.º) Cavalo de pau (dropar com a quilha pra frente)
5.º) Switch stance (trocar de pé)
6.º) Plantar bananeira, voltando pra posição de surf
7.º) Tubo

Outras manobras radicais, como floaters, off the lips, etc., não possuem tanto valor quanto as citadas acima, pois a intenção da competição é mostrar a classe e o estilo dos anos 50 e 60, ou seja, uma real volta ao passado.

Luiz "Feio" Sala

RIDE THE NOSE!

Muito mais leve e com o shape modernizado, o longboard (pranchão) está cada vez mais presente nas competições de grande porte. São Paulo, por exemplo, já conta com uma associação de longboard, que organizou um circuito estadual com três fases corridas este ano.

mickey hofmann

Hélio Coquinho, a base do longboard.

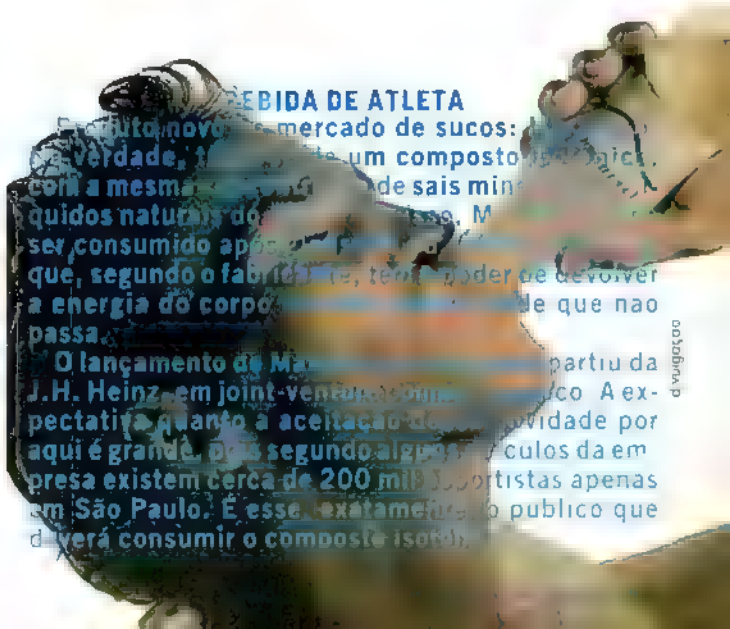
A ABRASP (Associação Brasileira de Surf Profissional) já tem incluído a modalidade em seus eventos no Circuito Brasileiro, desde o Sundek Classic do ano passado. Na Austrália e nos Estados Unidos existe, há algum tempo, uma categoria profissional para o pranchão. O mesmo está começando a acontecer por aqui, com a inclusão dos longboarders nas provas da ASP (Association of Surfing Professionals) realizadas no Brasil.

Essa divisão vem sendo debatida entre os noseriders brasileiros, que já reivindicam maior seriedade por parte dos organizadores e melhores premiações por parte dos patrocinadores. As provas internacionais serão uma boa arrancada rumo ao profissionalismo no longboard. Como fabricante de pranchas, tenho sentido um considerável aumento de encomendas de longboard. E muitos surfistas mais antigos, que estavam esquecidos no atual cenário do surf – como Wadih Mansur, Daniel Friedman, Thyola, Celsinho, Rico e Coquinho, entre outros – estão tendo oportunidade de brilhar novamente, fazendo parte de equipes ou defendendo suas próprias marcas.

Rodolfo "Neco" Carbone

VOLTA AO MUNDO

No fim do ano passado, o paulista Paulo Rollo partiu para uma viagem inusitada: a volta ao mundo de carro. Com apoio da *TRIP* e de diversas outras empresas (Itavema, Tkts, DHL, Ferrari, Coryntho, Cannon e Alfred Hotéis), Paulo iniciou sua trajetória pelo sul. O fotógrafo Dennis Magalhães, do staff da *TRIP*, deu com ele nas quebradas de Punta del Este, no Uruguai. Segundo Paulo Rollo, "a viagem vai indo bastante bem".



BEBIDA DE ATLETA

[illegible] mercado de sucos: [illegible] um composto [illegible] de sais min[illegible] quidos naturais do [illegible] M[illegible] ser consumido após [illegible] que, segundo o fabricante, tem o poder de devolver a energia do corpo [illegible] de que não passa.

O lançamento do M[illegible] partiu da J.H. Heinz, em joint-venture com [illegible]co. A expectativa quanto à aceitação de [illegible]vidade por aqui é grande, pois segundo algum[illegible]culos da empresa existem cerca de 200 mil [illegible]ortistas apenas em São Paulo. É esse, exatamente, o público que deverá consumir o composto isotônico.

divulgação

MILLION DOLLARS...

218 milhões de dólares! É esse, exatamente, o montante de investimentos da General Motors para fabricação do Kadett no Brasil. O automóvel, cujo projeto deverá seguir as tendências de "carro mundial", tem seu lançamento previsto para o primeiro semestre do próximo ano.

RETIFICAÇÃO

Na última edição da **TRIP**, publicamos a cobertura completa do Mundial de Porto Rico. Avelino Bastos, shaper e técnico da equipe Tropical Brasil, chefe da delegação brasileira àquele país, apareceu como sendo responsável pela reportagem do evento. Acontece que Avelino trouxe pra **TRIP** a maior parte das informações publicadas, porém Roberto Price e Átila Sbruzzi, entre outros do staff da revista, também contribuíram com muitas notícias do campeonato. Ou seja – e pra que fique bem claro – Avelino Bastos não é responsável pelo texto, bem como opiniões emitidas nessa matéria. E ponto final.

URGENTE

A assessoria de imprensa da ABRASP (Associação Brasileira de Surf Profissional) confirmou a sexta etapa do Circuito Brasileiro de 88. Essa fase acontece em outubro, na praia de Setiba, no Espírito Santo.

A EMCATUR(Empresa Capixaba de Turismo) será a provável patrocinadora do evento. O prêmio e a pontuação serão dobrados, já que a prova é classificada como Duplo-A.

João Maurício, mais vivo do que nunca

MORTE E RESSUREIÇÃO DE JOÃO MAURÍCIO JABOUR

Não é a primeira vez que um surfista profissional brasileiro é assassinado durante uma viagem ao exterior. Este assassino, que livremente circula pelos melhores points do mundo, já foi identificado: o boato.

A vítima mais recente foi João Maurício Jabour, cuja família recebeu um telefonema de pêsames durante sua viagem à Austrália. Daí para as versões foi um passo. Johnny teria "batido de moto em alta velocidade numa estrada qualquer perto de Sidney". Para alegria da rapaziada do surf e xilique dos boateiros, João apareceu são e salvo e com o surf mais afiado do que nunca. P.L.

A ARTE DOS QUADRINHOS

*Quase uma década depois, começam a ser editados no Brasil os quadrinhos de alguns mestres desta arte, e em tamanho normal! A novíssima **Animal** (VHD Diffusion), quebra o ineditismo do herói (?) Ranxerox por estas plagas. Criado pelo roteirista Stefano Tamburini e pelo desenhista Tanino Liberatore (morto em 1986 por uma overdose de heroína), Ranxerox é um ciborg que serve a uma ninfetinha tarada e viciada em pico – imperdível! **Animal** é uma revista muito bonita, que dedica ainda algumas páginas à música e aos quadrinhos brasileiros. Mas estes, apesar de alguns bons desenhistas, infelizmente continuam sofrendo com a falta de roteiristas – os argumentos são lastimáveis.*

*De sua parte, a Editora Abril continua colocando nas bancas preciosidades como **Ronin**, personagem criado pelo espetacular Frank Miller (responsável, entre outras, pelas novas versões de Batman e o Demolidor); a coleção **Graphic Novel**, que em seu terceiro número apresenta "A Morte do Capitão Marvel", de Jim Starlin; e **Aventura e Ficção**, cujo n.º 11 traz "The Nam", os sensacionais quadrinhos sobre a Guerra do Vietnã. E, é claro, ainda tem **A Espada Selvagem de Conan**, que na edição 42 apresenta o bárbaro cimério desenhado pelo mestre John Buscema em um empolgante argumento de Roy Thomas sobre uma deliciosa rainha pirata. Diversão garantida.*

Lugoma

PAULISTAS NÃO VÃO AO SUL SÓ PARA CASAR

A galera que vive no sul do país, especialmente no litoral de Santa Catarina, procura várias formas de preencher as longas temporadas de inverno rigoroso que esfria a vida da região. A maioria pratica um esporte altamente perigoso chamado casamento..

shoji hori

Não foi o caso destes dois, que já casados, não tiveram alternativa se não desenvolver novos e competentes equipamentos para surf. Primeiro foi o paulista Marcelo Braga Teixeira, o Marcelão, que ao lado de Alfredo Bahia, Urso, Chico e Henrique Teixeira, Zico, Flávio Labarre e outros, bagunçava a região de Itanhaém (litoral sul de São Paulo) nos anos 70. Marcelo desenvolveu todos os materiais necessários para a produção de cordinhas (leashes) de alta resistência para surf e bodyboard. O nome já assume um compromisso: cordinhas Não Quebra. Testadas e aprovadas por nossa equipe em Maresias-8 pés.

shoji hori

Agora é a vez de outro paulista radicado em Floripa, o velho Pinguim, mostrar como usa a cabeça. Lançou por aqui (com o perdão do trocadilho) em primeira mão, luvas tipo mão-de-pato criadas pela equipe olímpica americana de natação, iguais às usadas por Glen Winton no último inverno havaiano. A idéia é aumentar a área da mão potencializando a remada. Recomendamos este acessório para surfistas com atividade diária, ou para caídas curtas de 30 a 40 minutos, pois apesar de facilitar muito a remada e principalmente a entrada na onda, exige o dobro do tríceps e ombros do atleta.

ASILEIRO DE SURF PROFISSIONAL

CIRCUITO OLYMPIKUS

A terceira etapa do Circuito Brasileiro de Surf Profissional, o Niasi Tribuna FM de Surf, veio provar duas coisas decisivas no desenrolar das competições sérias de surf no Brasil. Primeiro, os eventos não dependem única e exclusivamente da boa vontade das marcas ligadas diretamente ao mercado de surf, o conhecido surf wear. Segundo, não são necessárias estruturas faraônicas para o desenrolar perfeito de uma competição de surf.

A pequena estrutura, montada rapidamente pelos organizadores, e o clima de inverno que chegou mais cedo este ano, não prejudicaram em nada o desenrolar do evento. O ponto principal estava garantido: a premiação. Foram distribuídos mais de 2 milhões de cruzados entre os primeiros colocados profissionais. O primeiro colocado, só pra se ter uma idéia, levou 350 mil, o segundo 200 mil.

PICURUTA AFIADO

Os surfistas amadores brasileiros simplesmente deram um show nas águas da praia de Pitangueiras, no Guarujá. O que se viu foi um surf seríssimo, praticado pela turma de amadores liderada pelo campeão mundial Fabinho Gouveia, da Paraíba. Tivemos inclusive resultados incríveis em algumas baterias. Neno do Tombo, surfista profissional top 16 do ano passado, perdeu de cinco a zero para Roberto Cavalero, surfista amador. Pedro Müller, o vice campeão brasileiro do ano passado, surfista profissional, também perdeu para um amador. Pedro perdeu para Fábio Gouveia. Isso não quer dizer que os profissionais estejam caídos, mas representa, com certeza, que os surfistas amadores vêm galgando rapidamente posições dentro do cenário brasileiro.

Outro ponto interessante a ser ressaltado na terceira etapa do circuito, foi a volta com todo gás de Picuruta Salazar. Contrariando a todos, que diziam que ele estava gordo, acabado, cansado, Picuruta mandou forte nessa etapa. Apesar de uma final controvertida e muito discutida diante do carioca Dadá Figueiredo, Picuruta mostrou um surf afiado e à altura dos melhores do Brasil, voltando a ocupar o posto que foi seu durante cerca de 10 anos, o posto de um dos melhores surfistas do Brasil.

AMADORES A MIL

O clima fora d'água era excelente. Um comentário unânime era o desempenho de alguns surfistas amadores ou da maioria dos amadores. Chamaram muita atenção Dodenir Braga, Douglas Lima, Flávio Padaratz (o Teco), Piu e lógicamente Fábio Gouveia. Eles realmente deram um show de surf em Pitangueiras. Outro ex-amador, atualmente profissional, que mandou forte também nesse campeonato foi Wagner Puppo.

Dos locais do Guarujá, Magnus Dias e Tinguinha também mostraram como faz diferença correr nas próprias ondas, ou nas ondas onde se treina diariamente. Magnus mostrou um surf profissionalíssimo, de primeira qualidade. Tinguinha, como já se sabe, é um dos melhores surfistas profissionais brasileiros. Davizinho Husadel, Paulinho do Tombo e Cláudio Marroquim foram outros destaques desse evento.

A categoria longboard mostrou realmente que veio pra ficar, ou melhor, que voltou para ficar. O longboard é um espetáculo à parte. Todo mundo na praia se apaixona pelos pranchões, e por ver pessoas que teoricamente não teriam mais idade pra estar surfando, arrebentando dentro d'água. Os finalistas do longboard do I Niasi Tribuna FM foram: Cisco, Jefferson Cardoso, Rodolfo Carbone (o Neco), Carlos Mudinho, Rico de Souza e Wadih Mansur. Esses atletas vêm evoluindo muito rapidamente. Isso mostra que eles têm treinado a sério. Mudinho, um dos primeiros surfistas do Brasil, mostra uma técnica e uma base de surf surpreendente. Ninguém na praia acredita como Mudinho está em forma e as manobras que ele consegue fazer. Rico de Souza já é conhecido de todo mundo. Consegue manter a forma através dos anos completamente inabalável. Confirmou com a sua performance porque foi vice-campeão mundial em Porto Rico. Neco, o Rodolfo Carbone, tem um estilo maravilhoso, um estilo de surfista clássico. Até seu corpo e seu visual mostram isso. A mesma coisa se pode dizer de Cisco, de Santos que com pranchinha ou com pranchão ainda mostra um surf altamente competitivo e é sem dúvida um dos surfistas de maior destaque no cenário nacional nos últimos anos. Jefferson Cardoso que ganhava vários campeonatos nos anos 70, volta agora com pranchão, mostrando que sabe tudo de surf, qualquer que seja o tamanho da prancha.

O MUQUE DO WADIH

Agora, Wadih Mansur merece um comentário especial. Wadih é o resumo do surfista dos anos 70, início dos anos 70, final dos anos 60. Ele representa toda uma geração, ou pelo menos, um lado de uma geração. Wadih é altamente extrovertido, muito sociável, conhece todo mundo na Baixada Santista e quase todo mundo no Brasil. Diz a lenda que ele sobe em qualquer morro do Rio de Janeiro, de Santos ou de qualquer parte. É conhecido, reconhecido, e tem salvo-conduto em qualquer bocada de qualquer lugar. Dá pra acreditar. Da mesma forma que Wadih cumprimenta e conversa educadamente com o prefeito, ele sabe pegar um malaco na rua e trocar idéia de igual pra igual. Figura altamente simpática, dentro d'água ele mostra que sabe tudo. Faturou na primeira etapa do Circuito Brasileiro de Surf Profissional o título do OP Pro no longboard e agora não deixou por menos, levou o título do Niasi Tribuna FM, pegando inclusive um tubo na final que arrancou aplausos de todo mundo que estava na praia. Wadih saiu do tubo dando soquinhos pro ar num estilo engraçado e que ao mesmo tempo impressiona bastante os juízes.

O melhor do show ficou pro recebimento dos prêmios. Depois de Picuruta ter assumido o apelido de Tony Carrado em público, dizendo algumas coisas muito engraçadas no palanque, do tipo "eu sou burro mesmo, mas dentro d'água a coisa é diferente", foi a vez de Wadih Mansur, que subiu ao pódium, agradeceu a Roberto Marinho, TV Globo, e depois de lembrar de dois ou três nomes de pessoas que o incentivaram além de seus patrocinadores (a Black Trunk, a Bolt e a 95 FM), agradeceu à revista **TRIP** e à revista **Surfer**, que segundo ele são as únicas que têm dado força ao longboard. Wadih mostrava o muque, fazia caretas, xingava o público e mostrava que é um atleta de carisma e principalmente que sabe tudo de longboard.

P.L.

Apoio Cultural

Patrocínio

Sendero
ALWAYS
THRASHER
HIGHGRAPH
HAND MADE
Sendero
SENDERO · FRONTA ENTREGA · 011 · 240 3059

CONFUSÃO

Bem, esta é a primeira vez que escrevo para vocês, e é uma pena que seja pra criticar e não elogiar. Eu queria saber o que foi que houve na matéria do Mundial Amador. No começo tem uma grande foto do Teco e uma minúscula minha. Isso causa a maior confusão na cabeça de quem ver. Vai ficar todo mundo pensando que eu sou o Teco e vice-versa.

Do meu ponto de vista isso é a maior queimação de filme. Se não for política o que é então? Acho que já fiz o bastante para receber um espaço considerável. E na capa diz "O Brasil campeão". Fábio Gouveia foi campeão. O Brasil ficou em terceiro, campeã foi a Austrália.

FÁBIO MARTINS GOUVEIA
JOÃO PESSOA – PA

ati a sbruzz

Sua lógica é perfeita, Fábio. Apenas que existem inúmeros outros fatores que contribuíram para que a reportagem sobre o Mundial de Porto Rico tivesse aquela apresentação. A *TRIP* não traz só informação em suas páginas. Melhor que isso, traz informação e qualidade visual, sempre. A foto do Teco, que abre a cobertura do Mundial, ganhou destaque pela qualidade e significação – coisa que o fotógrafo Atila Sbruzz soube e sabe captar como poucos. E não acreditamos que isso possa ter gerado confusão a respeito da identidade de vocês.

Quanto à sua vitória, à sua competência tudo é indiscutível. Acontece que Fábio Gouveia campeão é o mesmo que Brasil campeão. Ou, por acaso, João do Pulo não garantiu medalha de ouro pro Brasil quando bateu o recorde no salto triplo? Ou o Brasil não é tricampeão mundial na Fórmula 1, graças a Nelson Piquet? Desculpe-nos termos criado esse mal-entendido, mas simplesmente, como brasileiros, vestimos sua camisa, esticamos com você a mão pra segurar a taça.

WAVESKI

Fico surpreso por uma revista que trata basicamente de surf – esse que é mais que um esporte, é um tipo e uma filosofia de vida – e que se propõe a "registrar as novidades que começam a mostrar novos horizontes de emoção" (editorial da *TRIP* nº 7), não ter tratado, até hoje, de waveski.

Essa modalidade, surgida na Austrália e trazida para o Brasil há cerca de 7 anos, tem conquistado cada vez mais adeptos – principalmente em São Paulo. Já tivemos até um campeonato, nos dias 23 e 24 de abril, na Praia de Juquei – em São Sebastião, litoral norte de São Paulo. A competição foi uma realização conjunta da Federação de Surf de Juquei e Associação Paulista de Waveski, e contou com a participação de 10 representantes de São Paulo, um do Rio Grande do Sul e um da Bahia. Apesar das zebras, *feras despontaram*.

Nossas pranchas são de nível internacional – a Kuta-Reef está aí para comprovar, fazendo pranchas que estão entre as mais perfeitas do mundo. A *TRIP* não pode, ou não deveria ficar ausente e distante disso. É preciso incentivo às novas modalidades como forma de divulgação e promoção do surf em si.

Waveski é um esporte lindo, extremamente emocionante e, como praticante e leitor, tenho certeza que o assunto traria mais vida às páginas de nossa melhor revista de surf.

CARLOS FRAME
SÃO PAULO – SP

Temos uma lista imensa de sugestões, Carlos. É claro que o waveski nos interessa, assim como interessa a todos. Infelizmente, temos o espaço limitado, por isso temos de tratar um assunto de cada vez. Fique de olho na *TRIP*, que em breve o waveski ganhará sua vez. Bastante obrigado pelos toques.

LEITOR ARDENTE

Não tenho como começar esta carta, pois se começar da maneira habitual, como uma carta para um parente ou amigo ("Venho por meio desta desejar felicidades, etc"), seria até careta, pois devido a revista que vocês publicam não teria nada a ver mesmo. Parabenizá-los também não seria necessário, pois estaria tomando espaço da carta e dizendo coisas que vocês estão carecas de saber.

Sou um ardente leitor da Revista *TRIP*, simplesmente adoro suas reportagens sobre ecologia, surf, trips, as reportagens (principalmente "páginas negras"). Além de leitor, sou colecionador da revista, e gostaria de completar a minha coleção, pois não tenho os nºs 1 e 2.

Não é à toa que acabo de fazer minha assinatura. Ah! Já ia me esquecendo, também sou um dentre tantos ouvintes da Rádio Rock, 89 FM de São Paulo 24 horas no ar, papo sério. Demais mesmo, ótimo som, clima, DJ's, e toda a programação especial (*Flash Rock*, *Independência ou Morte*, *Ondas Tropicais*, *89 Decibéis*, *Trip 89*, etc e todos).

Nesta última edição, achei massa a "L.A. Woman". O melhor anúncio fica por conta da Sundek, páginas 22/23. Se possível, gostaria que vocês me descolassem um adesivo da *TRIP*, para pôr na prancha, e uma camiseta também.

LUIZ CARLOS DA SILVA JÚNIOR
MAUÁ – SP

FUNK 'N' RIO

reprodução shaiti hori/sundek

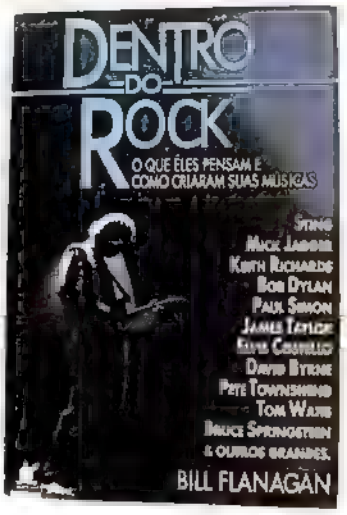
Imagine 1 milhão de brasileiros, concentrados no Rio de Janeiro, fazendo a mesma coisa nas noites de sábado e domingo. Não é televisão, não é barzinho, não é cinema nem teatro. Se você não consegue descobrir o que é, relaxe porque não é mesmo fácil. O antropólogo e crítico de música Hermano Vianna (o "hermano" do Herbert) levou alguns pares de anos para desvendar essa realidade invisível do Rio: os bailes funk.

No livro ***O Mundo Funk Carioca*** *(Jorge Zahar Editor, 115 páginas), Hermano desfia todas as informações e depoimentos que conseguiu para sua tese de mestrado. Entre muitas "novidades" para os habituês das zonas suis do Brasil, a estória da música do Run DMC que tem "you talk too much" no refrão e nos salões virou "taca tomate". Ou então conhecer o DJ (disc jockey) Marlboro, que se sujeita a ganhar pouco pelo prazer de animar um baile de 4 mil pessoas e grava* ***scratches*** *no LP do grupo Gueto. E pra quem acha que já sabe de tudo, o livro do Hermano ainda recupera alguns hábitos "esquisitos" da garotada dos subúrbios do Rio... como aquele do menino que corre na frente dos amigos pra entrar no ônibus, apenas com o propósito de alcançar a roleta primeiro e pagar a passagem dos outros.*

Tudo isso está em ***O Mundo Funk Carioca****, um registro musical ou literário ou poético, qualquer coisa, da realidade do Brasil. É algo sensacional.*

Otávio Rodrigues

AS IDÉIAS DO ROCK



reprodução shaiti hori/sundek

Você sabe o que pensam Sting, Bob Dylan, Tom Waits, Paul Simon, Keith Richards, David Byrne, Pete Townshend e Bruce Springsteen? Talvez nem eles saibam, mas o jornalista **Bill Flanagan***, ex-repórter da* **Rolling Stone***, hoje editor geral da revista* **Musician***, capturou algumas idéias de cada um desses superstars – e mais outros também. Pra complicar ainda mais, ele editou tudo isso num livro, lançado agora no Brasil (***Dentro do Rock***, Editora Marco Zero, 393 páginas).*

O propósito de Flanagan foi o de transcrever as entrevistas ou depoimentos mais fortes, mais significativos e verdadeiros dentre todos os que pôde arrebanhar ao longo de anos no meio da música. Ou seja: em tese, as babas ficariam de fora. Daí, Pete Townshend sai falando de drogas ("O mais interessante é que durante a minha lua-de-mel com a heroína, eu não compunha nada. Não trepava com ninguém, não conversava com ninguém."); Neil Young elogia Reagan ("Mas a verdade é que creio, sinceramente, que Reagan é um bom presidente e um bom homem."); e Lou Reed faz planos ("Eu quero ser o Kurt Weill do rock'n'roll."). Como se pode imaginar ***Dentro do Rock*** *é, basicamente, um livro de idéias. Se são boas ou más...*

O.R.

AS IDÉIAS DO PROFESSOR

reprodução shaiti hori/sundek

"Esta música é dedicada ao físico nuclear Mário Schenberg..."

Quem disse isso, ou quem dedicou essa, foi Gilberto Gil, na música "Oração pela Libertação da África do Sul". Não à toa. O professor Mário Schenberg é um desses gênios que têm estrela na testa, gente capaz de perceber a falta de ozônio na atmosfera e o andar de uma formiga debaixo do sofá.

Além de físico, o professor também é crítico de arte, e também viajou o mundo e guardou, no esticar dos anos, um conhecimento assombroso sobre inúmeras coisas. A ***TRIP*** *esteve com ele há pouco tempo, tentando uma entrevista, para descobrir que o professor tinha já dado descanso às idéias mais complicadas. Com todo o direito.*

As incríveis associações de conhecimento de Mário Schenberg, porém, estão felizmente registradas em quatro livros lançados agora: ***Diálogos com Mário Schenberg****,* ***Pensando a Física****,* ***Pensando a Arte*** *(todos da Editora Nova Stella), e* ***Entre-Vistas*** *(Editora Perspectiva). Os títulos dos livros, por si só, encaminham cada qual o Mário Schenberg que se pode encontrar lá dentro. Quem tiver juízo lê os quatro.*

O.R.

SPEEDBALL

reprodução shaiti hori/sundek

O novo livro de Pepe Escobar tem o sabor de uma galeria de arte moderna em Amsterdã: mesmo que não se entenda tudo, tudo é fascinante.

O título ***Speedball*** *não poderia ser mais adequado. O livro é uma overdose de informações atualizadas. Bares em Tóquio com inauguração marcada para setembro de 88, são como o velho Cotton Club para Pepe. Bandas da Califórnia que ainda estão mostrando as fitas demo nas FM's de L.A. já são velhas conhecidas de Pepe.*

Pepe canta a bola antes de chegar na geral. A orelha do livro escrita por Eduardo Bueno diz o seguinte: "Ele está muito à frente da média da mídia. É um dos únicos jornalistas em real conexão com o som, o mood, a velocidade dos anos 80. E quando o rebanho se aproxima, ele já está noutra. Ao natural".

Tome ***Speedball*** *que faz bem!*

P.L.

roberto price

Os pioneiros do Realce: Bocão, Patricia e Antonio Ricardo.

Depois da solidificação da presença dos esportes de ação na televisão, traduzidas pelos cinco anos completos do programa **Realce** *no ar, em cinco estados brasileiros (RJ, RS, DF e PR... atenção programadores paulistas, que vacilo!!), da abertura de espaço na quarta maior network do mundo (programa* **Esporte Espetacular**, *da TV Globo), agora é a vez da TV Cultura de São Paulo, com o programa* **Vitória**, *que através de emissoras educativas, chega a vários estados do Brasil, mostrando com criatividade e competência, semanalmente, tudo que acontece em termos de esportes alternativos, com destaque para o surf e o skate, apresentados com freqüência. O* **Vitória** *mostra definitivamente que nem só de superproduções vive a palavra qualidade. Com uma equipe composta em sua maioria por mulheres, liderada por outra mulher (Eliane), o programa tem quadros fixos como "Crítica", onde semanalmente um jornalista de cada área esportiva expõe seu ponto de vista sobre os esportes com os quais lida no dia-a-dia, "Causos", no qual uma personalidade esportiva conta um caso interessante de sua vida e outras.*

Buscando o lado humano e visual dos esportes, **Vitória** *vem praticando o mais puro e moderno jornalismo esportivo na TV. Apenas uma sugestão: certamente a escolha de outro dia e horário ajudariam a levar a mais gente a qualidade das imagens do programa. No horário em que é apresentado (domingo às 20 horas), o programa encara de frente um peso pesado de mediocridade e audiência, o* **Fantástico** *da TV Globo. Que tal o domingo à tarde ou a segunda à noite? Com certeza os programas de clip aguados, debates sem sal e enlatados estragados, tremeriam diante do sabor de novidade do* **Vitória**. **P.L**

pedro bergath

PEITO CRESCENDO

O surf de peito, que em outra encarnação se chamava jacaré, tem ganhado espaço à custa de muito trabalho da ASPERJ (Associação de Surf de Peito do Estado do Rio de Janeiro), entidade reconhecida pelo CND (o surf de peito foi reconhecido como esporte muito antes do surf), a entidade conseguiu recentemente, com a ajuda da Secretaria de Esportes do Estado, autorização para enviar uma delegação a Fernando de Noronha, com direito ao transporte em aviões da FAB. Além de dez bodysurfers, seguiram para a ilha os surfistas profissionais paulistas Paulinho do Tombo, Ricardinho Toledo, Picuruta e Almir Salazar, Pudi, Tarzanzinho e o carioca Mássimo. **P.L.**

reprodução shah han sundek

A GUITARRA-SKATE

Drew Steele é o guitarrista da banda Surf Punks, de Malibu, e inventor da "Skatar", uma guitarra construída em cima de um raro skate da Turning Point. Ele também construiu uma "Ski-tar" e uma "Bat-tar", esta usada para tocar exclusivamente o tema do seriado Batman. Os Surf Punks gravam pelo selo Enigma, de Los Angeles.

Lugoma

reprodução shoh hon/sundek

NEW
ORDER

SUBSTANCE

1987

SUBSTÂNCIA

Os apologistas da cultolatria à Nova Ordem podem gozar à vontade e se preparar para arrebentar a pista na próxima festinha de embalo. É que, para surpresa geral, a WEA editou na taba o comentadíssimo *Substance*, álbum duplo lançado pelo New Order na Inglaterra em fins de 87 e que traz uma retrospectiva da produção do quarteto, herdeiro do emblemático Joy Division. São doze longos singles, remixados, que cobrem desde "Ceremony" (o primeiro compacto, lançado em 1981) até "True Faith", editado após o último trabalho de estúdio do grupo, o LP *Brotherhood*.
Depois de entortar o cangote uma boa dezena de vezes, basta praticar uma audição analítica do vinil para sacar algo já bastante manjado: contando com uma produção impecável e domínio pleno de estúdio (conseguido ao longo de sete anos de carreira), a banda perpetrou alguns dos maiores biscoitos finos do rock tecnotrônico-dançante desta década, delícias substanciosas como "Blue Monday", "Shellshock" ou "True Faith". Concomitantemente, mesmo os mais infernais mix e overdubs sônicos não impediram que Bernnie Sumner e cia. parissem faixas abomináveis, *remakes* da pior música *disco* (caso de "Subculture", "Bizarre Love Triangle" e outras). De qualquer forma, vale a pena arriscar e ter a bolacha na discoteca — ainda mais quando correm rumores (desde o início deste ano) de que o New Order também já era.

Humberto Finatti

reprodução shoh hon/sundek

A BIBLIA EM DISCO

Quem dera todos os aniversários tivessem tanta pompa na comemoração.. O selo Atlantic (EUA) está completando 40 anos de existência. Bem mais do que existência: são 40 anos de interferência cultural, histórica e musical. A WEA, que representa a *maison* aqui, lançou agora uma coleção que passa a limpo o papel da Atlantic dentro do rythm 'n' blues, entre 1947 e 1974.
Não há adjetivos terrenos capazes de emoldurar as coisas lindas que aparecem nesses discos. The Coasters, Ray Charles, The Drifters, Otis Redding, Wilson Picket, Professor Longhair, Aretha Franklin e outros anjos da música do Século 20 justificam qualquer entusiasmo e todo investimento.

Otávio Rodrigues

THE BEST

As "Cabeças Falantes" estão nuas! Se despiram para materializar a cruza sonora dos sonhos de muitos rock'n'rollers e ratos de estúdio. É a conclusão que se chega ao ouvir *Naked*, o último desbunde musical dos Talking Heads.
David Byrne desta vez mergulhou fundo naquilo que se convencionou chamar de "ritmo do Terceiro Mundo": são dez músicas, a maioria plena de tons e sobretons negróides, onde todas as misturas são válidas (como salsa, calipso, mambo, rumba, etc., etc.). Para conseguir este efeito e deixar a química no ponto, os Heads arregimentaram uma super seção de sopros e percussão. O resultado ficou explosivo, sendo que a única faixa que destoa um pouco do clima "negro" do álbum é "The Democratic Circus", também excelente e onde a banda teceu alguns efeitos meio à la psicodelia dos *sixties*. A letra é curiosa: fala da oligofrênica campanha presidencial que está se desenrolando este ano, lá na terra de Tio Sam.
E Byrne não pára por aí. Não satisfeito com *Naked* (desde já, um dos melhores discos de 88), o homem ainda quer vir novamente ao Brasil, para filmar o candomblé baiano, como parte de um especial sobre o assunto, que ele pretende realizar para a TV norte-americana.

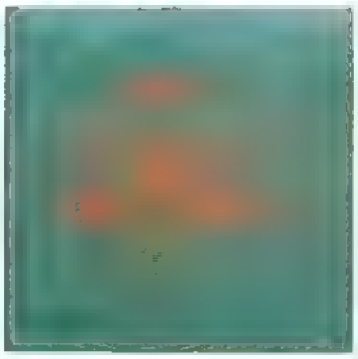
H.F.

reprodução shoh hon/sundek

BUDDY "GUITAR" GUY

Stone Crazy é o nome do LP do bluesman Buddy Guy lançado agora no Brasil. O guitarrista maior do blues é um dos mais conhecidos habituês aqui da República: quase que anualmente, o negão cumpre expediente na noite de São Paulo. Como sempre, e com todo direito, um batalhão acompanha cada passo e cada dedilhada de Buddy Guy na guitarra.
A Jazz & Blues, meio gravadora, meio casa de shows, deu mostras de iniciativa e bom gosto com esse lançamento. É que, por incrível que pareça, até agora não havia um disco sequer de Buddy Guy nas prateleiras verdamarelas. Melhor tarde que nunca. E não perca *Stone Crazy* por nada, caso queira garantir um lugar no céu.

O.R.



PSICOROCK

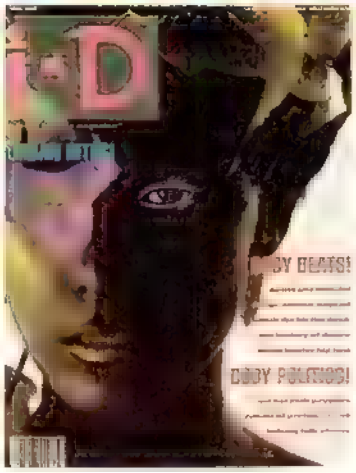
Você sabe o que é Psicoacústica? Bem, é um neologismo que tanto pode definir a "percepção das pessoas através dos sons", como a "inter-relação de dados psicológicos com a acústica, que é uma parte da física".
Psicoacustica é tudo isso e também o título do novo álbum do quarteto paulistano Ira! — o terceiro LP em cinco anos de carreira. O disco foi elaborado durante seis meses, possui oito faixas e é, indubitavelmente, o produto mais bem acabado do grupo até agora, tanto a nível de produção técnica como de qualidade do material gravado.
Edgar Scandurra, Nasi, André e Gaspa decidiram subverter as regras formais de composição, resolveram trabalhar outras estruturas e formas melódicas, incorporaram novas linguagens à sua musicalidade (o disco passeia por rockões, baladas, reggaes e até um *rap*, em "Advogado do Diabo") e, acima de tudo, se mantiveram fortemente ligados à sua principal influência: o rock da década de sessenta. Tudo isso resultou num trabalho inventivo, surpreendente e altamente estimulante. Com ele, após quase dois anos longe dos estúdios, o Ira! é mais do que bem-vindo. Salve os *mods* paulistanos!

H.F.

SÍLVIA

Vinda de Jundiaí, uma pequena cidade do interior paulista, Sílvia Rossi chegou há cerca de um ano e meio a Sao Paulo. Descoberta pela agência de modelos Class e apresentada ao fotógrafo J.R. Duran, Sílvia teve suas fotos encaminhadas à nossa redação há cerca de um ano. A aprovação foi imediata e daí para a conclusao do que ela chamou de "o trabalho mais importante de minha carreira" foi um passo. O ensaio publicado na ***TRIP*** *nº 4 deixou a rapaziada de quatro. Agora, nós da* ***TRIP*** *estamos orgulhosos por termos perdido o posto de trabalho mais importante da carreira de Sílvia.*

É que uma foto sua, parte de um ensaio realizado pelo hipercriativo fotógrafo Willy Biondani sobre lendas do folclore brasileiro,



foi enviada à bíblia das revistas jovens inglesas, ***I-D****, e mereceu nada menos que a capa da edição de março.*

Sílvia antes de ver a revista recebeu a notícia no North Shore havaiano (na casa do shaper brasileiro Heitor Fernandes, onde alugou um quarto por cerca de três meses). Entre um trabalho em Honolulu e outro em Tóquio, disse por telefone: "Será que ficou legal?!"

P.L.

CALCE SEU EGO!

shoiti hori/sundek

NOVIDADE INJETADA

A Circuit, uma empresa especializada em plástico injetado, resolveu fazer valer sua experiência de cinco anos no mercado. Agora, a idéia é renovar os lançamentos na área de surf e skate aqui no Brasil, com acessórios e designs exclusivos.

Através da marca Oakley, esse fabricante está trazendo produtos especiais, como o raspador de parafina modelo Wax, já apontado como um dos mais eficientes do mercado. A Circuit pode dar mais informações nos telefones (011) 299-5308 e 950-9156. O endereço é av. do Guacá, 1.303, São Paulo (SP), CEP: 02435.

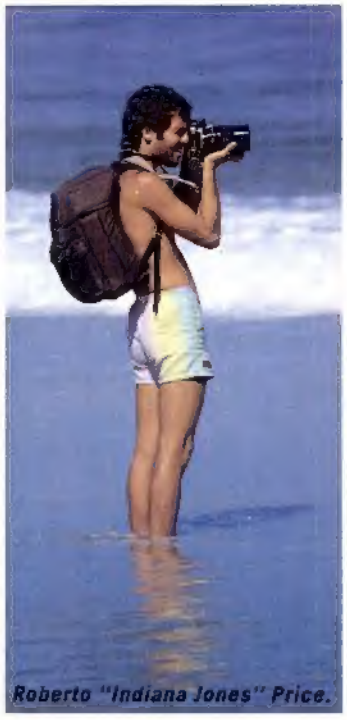
BURRICE É ESSA ÁGUA...

Ter cuidado com o design é, além de embelezar o produto, torná-lo mais funcional. A ignorância desta regra por parte de alguns empresários traz conseqüências irreparáveis à humanidade. O exemplo mais terrível de que se tem notícia na indústria brasileira, recentemente, é o das tampas de garrafas plásticas de água mineral. Provavelmente buscando minimizar custos, alguns dos maiores engarrafadores do País trocaram as antigas tampinhas plásticas compostas por duas metades (uma rodelinha dentada por cima e um êmbolo convexo por baixo) por um terrível novo sistema de tampa fundida em uma única peça de plástico, que uma vez removida da garrafa exige esforço e paciência de monge para ser recolocada.

As conseqüências, como não poderia deixar de ser, são imediatas e o reflexo nas vendas inevitável. O empresário paulista Arnaldo Waligora, proprietário do Projeto SP, uma das mais ativas empresas de espetáculos do país, afirma revoltado:

— Na minha casa, chego a consumir quase uma caixa de água mineral em garrafas plásticas por semana, e pretendo substituí-las em breve por galões ou qualquer coisa do gênero. É impressionante a burrice destes engarrafadores!

P.L.



Roberto "Indiana Jones" Price.

shoiti hori/sundek

A empresa Bits e Bites, de Celso e Mano, desenvolveu programas e técnicas de informática que estão mudando o surf brasileiro atual. Os resultados, notas de baterias, saem instantaneamente. Alguns segundos após o final do campeonato, a imprensa tem um boletim perfeito, com todos os dados que precisa para seu trabalho. Celso e Mano têm dado uma contribuição incalculável para o rápido desenvolvimento do surf no Brasil.

De novo, a *TRIP* consultou alguns profissionais da área de comunicação para saber qual o melhor anúncio da edição anterior (*TRIP* 7). Foram eles: Ercílio Tranjan, vice-presidente de criação da Alcântara Machado Periscinoto; Cláudio Venâncio, vice-presidente e diretor de mídia da Fischer, Justus, Young & Rubican; e Francisco Meirelles, atendimento da DPZ.

Os leitores também podem participar. Além de engrossar mais democraticamente a escolha do melhor anúncio, os participantes incluem no ato nome & endereço na lista de leitores preferenciais da revista, integrando uma linha direta com nosso departamento de promoções. É só escrever pra cá: *TRIP*/Melhor Anúncio – rua Cerro Corá, 1.646, CEP: 05061, São Paulo (SP).

ERCÍLIO TRANJAN: General Motors, página 67
CLÁUDIO VENÂNCIO: Op, página 21
FRANCISCO MEIRELLES: Op
LEITORES: Sundek, páginas 22 e 23

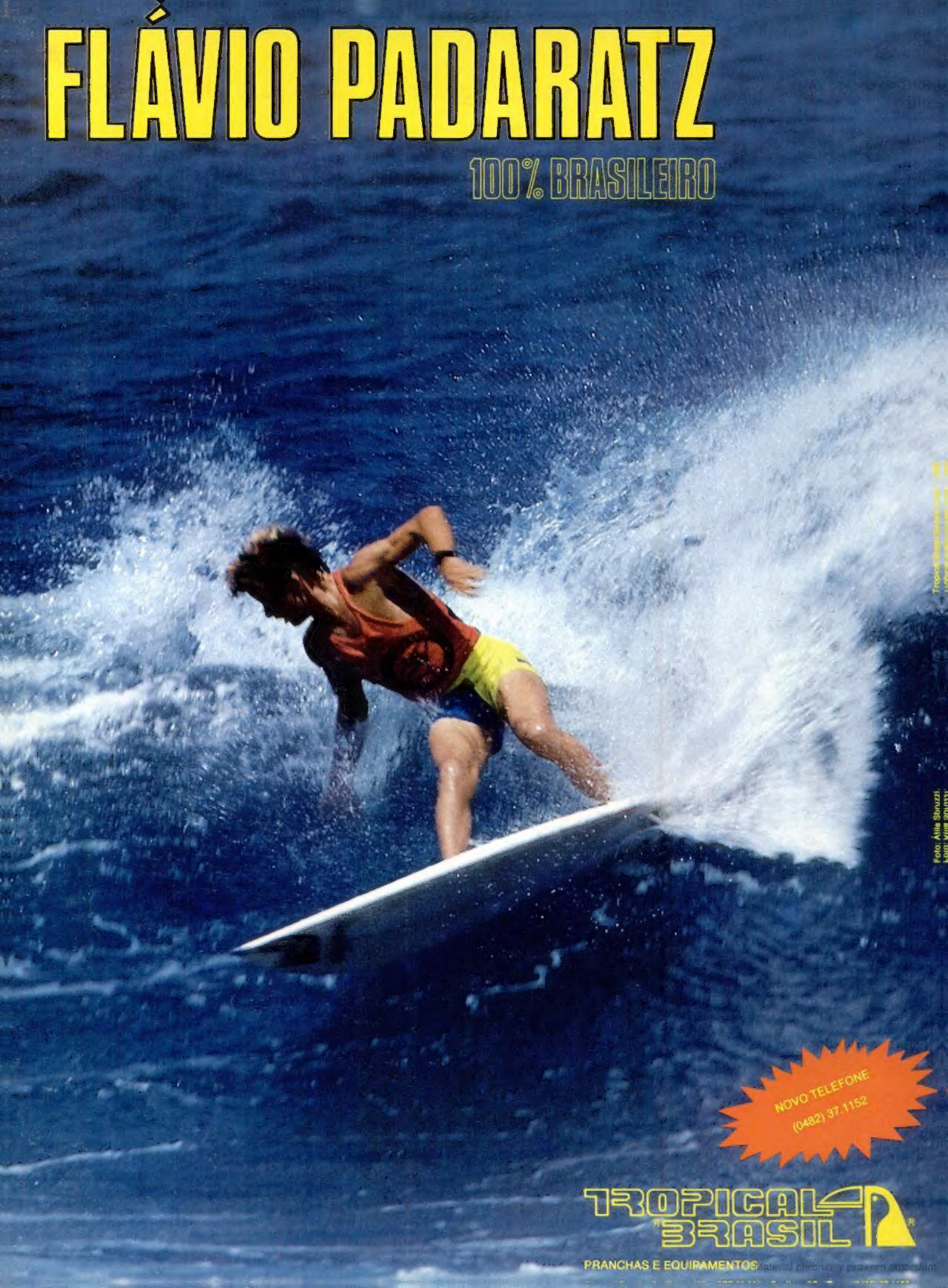
SALVO PELOS GRINGOS

Durante dois meses, o fotógrafo Roberto Price, do staff da **TRIP**, viajou pelo mundo buscando imagens e notícias exclusivas. Tahiti, Austrália, Ilha de Páscoa e Indonésia estavam no roteiro dele. E por mais planejadas que sejam, as viagens de um repórter fotográfico quase sempre esbarram em dificuldades. Na Austrália, por exemplo, Price descobriu que a temperatura da água estava bem mais baixa do que o normal. Foi salvo pela Rip Curl australiana, que gentilmente cedeu roupas de borracha para que um profissional pudesse trabalhar. **Thanks a lot!**

CRIAÇÃO ESPECIALIZADA

Tradição só não conta. É preciso ter qualidade também. O estúdio gráfico 2C tem as duas: são cinco anos de criação de estampas, propaganda e comunicação visual para as principais marcas de surf e skate. Quem segura tudo é Cássio Leitão e Cláudia Briza. O telefone é (011) 531-8477.

Material chroniony prawem autorskim


FLÁVIO PADARATZ
100% BRASILEIRO
NOVO TELEFONE
(0482) 37.1152
TROPICAL BRASIL
PRANCHAS E EQUIPAMENTOS

OCEAN PACIFIC

BILLABONG
REDTUR
(011)815-9678